

JOSÉ SURINACH



LIDIA

*[Handwritten signature]*



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

# LIDIA

(ROMANCE)

## CAPÍTULO I ENCONTRO

Era numa extensão, uma plaga onde flutuavam pequeninas estrelas de várias cores e de formas diversas. Umas grandes, pequenas outras; brilhantíssimas algumas, outras de fulgor esmaecido; porém, todas igualmente belas.

A intervalos, essas estrelinhas deixaram sua anterior aparência para tomar o aspecto semelhante à forma humana. E eram vagas, mas permitiam perceber nitidamente toda a beleza e perfeição de seus traços. Flutuantes e alvíssimas vestes as recobriam,

Uma delas, de rosto bellissimo, se afastava das outras, completamente absorvida em suas reflexões.

— Meu Deus ! — dizia — Quem poderá desvendar o mistério impenetrável que se esconde nesse Cosmos infinito, e que o força a se manifestar em múltiplas e variadas formas, em tão numerosas e infinitas combinações? Quem conseguirá, jamais, encontrar o limite final onde tudo termina, e além de cuja fronteira outros mais já não se possam conceber? Quem poderá dizer: — nunca até aqui vivemos, e agora deixamos de ser para nos confundir no grande Todo, píncaro da perfeição, sintetizando o próprio Deus? Quando, enfim, chegará o momento decisivo de, atingido o Parnaso da glória, igualarmos ao mesmo Deus? Igualarmos a Deus! Pretensão vã que se aproxima da maior das iniquidades!. A Alma que se atreve a conceber semelhante ideia comete quase uma profanação. Igualar-se a Deus! Impossível! Se tal aconteci pudesse, se algum dia pudessemos atingir toda a sua grandeza e poder, então deixaria de ser Deus, pois n'Ele não encontraríamos mais glória, mais onipotência que a nossa. E poderá jamais ser admitida tão errônea ideia? Não, pois nunca abandonaremos a condição de filhos seus, áÉomos atirados no pÉlago do Infinito, ao impulso da sua vontade e amor; átomos, relativamente, comparando-nos com Ele. Poderemos, tomando, no decorrer dos séculos, posse da perfeição, aproximarmo-nos d'Ele; fazermo-nos dignos d'Ele, porém, igualá-lo, jamais! Bem sei, santo Deus! que a nossa imperfeição nos impede avaliar devidamente toda a vossa imensidade e grandeza. Portanto, peço-vos força, Pai Divino, para que, de progresso em progresso, de perfeição em perfeição, possa pagar a grande dívida de amor puríssimo que convosco contraí no dia em que, animada pelo vosso sopro vivificante, acordei do triste sono daquela profunda e misteriosa noite do Nada.

Sem quase em tal reparar, o angélico ser ia distanciando-se mais e mais daquela multidão de Almas bem-aventuradas.

Já se achava bem longe daquele local, e a atmosfera se tornara mais compacta, menos pura.

Sentindo-se oprimido pela densidade de tal ambiente, olhou em volta, exclamando com desalento:

— Deus meu, quanto me sinto triste! Chegou o instante de encontrar-me com ele, e a desanimadora melancolia vem apoderando-se de mim! Porque não possuirá ele aquela força necessária para subtrair-se, furtar-se à atração da Terra? Mais uma existência inútil! Inútil de todo, não; pois sempre alguma coisa avançou; porém, é tão pouco... Ah! se eu pudesse retroceder! Retroceder não posso, mas deter-me no meu caminho, isso posso... Ah! isso sim! Eu o farei para me aproximar dele, e dessa forma impeli-lo a avançar, como deve, pela senda da Perfeição.

Assim, tristemente monologando, aquela ceieste criatura vinha descendo e aproximando-se cada vez mais da Terra.

As atmosferas eram já tão densas, tão persistentes que ela, detendo-se e suspirando, exclamou:

— Meu Deus, que opressão! Não posso mais! Que atmosferas tão pesadas! Unicamente sustentada pela força do meu amor a esse ente querido, é que consigo permanecer neste ambiente materializado. E depois... é forçoso esperá-lo aqui, já que ele não pode elevar-se mais.

Em volta, naquela vastíssima imensidade, um formigueiro de mundos cintilava intensamente, e as faixas luminosas destes desprendidas, incidindo nos nevoeiros etéricos, é, atravessando-os, aqui e ali formavam estranhas e esplêndidas irradiações.

Bem perto, destacava-se a esfera acinzentada da Terra, acompanhada insistentemente pelo disco prateado da Lua.

Um pouco mais longe, Marte, Vénus, Júpiter, Saturno, Mercúrio, Urano, Netuno e outros planetas irradiavam, movendo-se em redor do Sol e constituindo-lhe séquito brilhante.

Mais longe ainda, fulguravam as formosas constelações do Cisne, da Lira, Ursa Maior, Gêmeos e Hércules, da qual fazem parte esplêndidos sóis e que arrastam em volta de si numerosos sistemas planetários, entre os quais se conta o nosso Sol, que, por sua vez, mantém o equilíbrio da Terra e dos planetas do seu sistema.

Num canto, destacava-se a cabeleira de Berenice, a formosa Via-Láctea, e espalhadas, aqui e acolá, milhares de nebulosas, a de Andrômeda, a do Centauro, a do Caranguejo, o escudo de Sobieski e outras muitas que, por inacessíveis aos telescópios, a ciência humana ainda não classificou. Umás, arredondadas; outras, subindo em espirais; outras mais, afetando a forma de enormíssimas serpentes; mas, apresentando, todas, combinações estranhas, bizarras, cintilando na vasta imensidade do Universo.

Ao contemplar tantas maravilhas, aquela Alma exclamou, com entusiasmo:

— Deus, quanto é formosa a vossa Criação! Quanto vos venero!

Em seguida, dirigiu o olhar à Terra, cuja reduzida esfera mal se divisava entre aqueles colossos de luz.

— Ah! — disse — a hora se aproxima. E' necessário auxiliá-lo.

Estendeu os braços, dos quais luminoso raio se desprende, luz que, atravessando as camadas atmosféricas, incidiu no planeta, enquanto murmurava:

— Em nome do Todo-Poderoso, sê livre, meu irmãozinho querido, e sobe até este Espaço... Eu te espero!

Lentamente, e sob o influxo da sua vontade, foi-se elevando por esse nimbo radioso uma Alma adormecida. Ao chegar aos pés daquele anjo, parou, deixando-se ficar imobilizada sob os efeitos de profundo letargo.

Tinha a forma de gentil mancebo, vestido à moda grega<sup>1</sup>.

Com as mãos apertava o peito, como que procurando conter o rubro sangue que parecia jorrar de larga ferida. Séu rosto expressava os sofrimentos de dolorosa agonia.

Ela, espelhando no belo semblante profundo peôar, inclinou-se para ele e, tocando-o suavemente na frente, disse-lhe:

— Desperta, meu irmãozinho, levanta-te. Já deixaste a vida de sonho e acabas de entrar na verdadeira vida. Abre os olhos e admira comigo as belezas e maravilhas do Universo!

O jovem passou a mão pelas pálpebras e, levantando-se, dirigiu olhar estupefacto em volta. Ao ver a donzela, caiu de joelhos, soltando um grito de alegria e surpresa.

— Oh! És tu, irmãzinha querida?

— Sim! Levanta-te e vem a meus braços — exclamou ela. — Só devemos ajoelhar perante a suprema majestade de Deus.

O moço, reparando na aura que envolvia aquele anjo de luz, aura puríssima da qual se desprendiam

<sup>1</sup>(1) Neste grego habitou a mesma alma que hoje anima o meu esqueleto vestido de carne. — Amaury.

celestes reflexos, contemplou-se a si próprio, respondendo, com desânimo:

— Aos teus braços?! Ah!... Vejo que não sou digno ainda de tamanha felicidade! Medeia entre nós dois uma distância enorme.

Inclinou a cabeça como que envergonhado, as lágrimas correram-lhe pelo semblante. Logo, como que falando consigo mesmo, continuou:

— Esta ferida!... Sim, foi ele... Bem vejo que tinha razão. Trai a sua pura amizade! Como fui fraco! Ai de mim... Era tão bela!...

— Cala-te, meu irmãozinho, não cogites mais disso. Foi tudo ilusão. Pensa unicamente em que faliste mais uma vez, esquecendo os propósitos de regeneração. Porventura, em ti já não resta a mais tênue lembrança daquele puro sentimento que há séculos vem aproximando as nossas almas?

— Sim, é verdade! A ti somente é que em verdade eu amo. O teu santo amor me salva. Compreendo perfeitamente que o outro foi um amor de perdição.

— Não, meu irmãozinho! O amor é sempre um sentimento digno, e enobrece todo aquele que ó sente no íntimo do coração. Não havia falta nenhuma em conceberes tão suave afeição. O que se deu, meu irmãozinho, foi que tu a contaminaste, transformando-a em insensata paixão material.

— Uma existência perdida! — exclamou o mancebo desfeito em pranto. — E agora, que devo fazer, minha irmãzinha?

— Tentar novamente a experiência.

— E poderei aproximar-me de ti?

— Sim, se conseguires vencer, isto é, desprender-te finalmente da atração que a Terra ainda exerce sobre ti.

— Ah! isso conseguirei, se me auxiliares!

— Não somente te auxiliarei, mas até retomarei a matéria para ver se, estando a teu lado, consigo apressar tua evolução<sup>2</sup>.

— Quanto és boa, irmãzinha querida! Já me sinto animado a tentar outra vez a arriscada experiência.

— Arriscada?!

— Sim, pois bem podes ver — continuou o rapaz, indicando-lhe o planeta — a nuvem material que envolve a Terra. O Paganismo tudo avassala. A Humanidade se desvia do verdadeiro Deus para as errôneas crenças dos deuses ilusórios e fantásticos. O homem só pensa em gozos, em atordoar-se, mergulhar no turbilhão das paixões humanas, descuidando completamente da alma. Tenho medo!

— Medo de quê?

— De cair novamente vencido.

— Mas tu possuis a convicção de que existe um Deus único e verdadeiro, e de que a nossa absoluta aspiração deve ser sempre aproximarmo- -nos d'Ele.

— Sim, é verdade; porém, sou tão fraco ainda!

— E pensas adquirir forças na timidez e na inércia? Não, jamais! Devemos lutar sempre. A luta, meu irmãozinho, engendra energias que se vão acumulando no santuário da Alma, apressando a sua evolução através dos paramos do Infinito. Como queres vencer as paixões, se não as combates? Só lutando, repito; pois, sem luta, não há vir tórias. E, sem trazer nossas fronteiras cingidas com os louros dessas vitórias, que a nossa Alma é suscetível de conquistar, jamais nos poderemos expandir naquelas olímpicas regiões, onde se ostenta em todo o esplendor excelso a divina majestade de Deus.

— Que mágico poder se desprende das tuas palavras! Que conforto dimanam! Sinto o meu ser estremecer todo ao impulso de uma força desconhecida! Já não desejo outra coisa, senão principiar

<sup>2</sup> (2) O Espírito de Lídia encarnou-se em Alda, minha. irmã material, em Vassouras, onde morreu queimada, conforme a narrativa que forma a segunda parte deste livro. — *Amaury*.

novas lutas, e anima-me a esperança de te reencontrar na Terra. Ah! Se eu pudesse reconhecer-te!

— Terás para isso vaga intuição... Sentirás forte atração que te impelirá a aproximar-te de mim. Estás, pois, disposto, meu irmãozinho?

— Sim — respondeu o jovem, com resolução.

— Que lugar escolhes?

— Roma!

— Apesar de viver o seu povo envolvido nas pérfidas sombras do Paganismo?

— Sim! Quero ver se, finalmente, deixo, no fundo lamacento daquele caos de ignomínia e iniquidades, estas escamas de imperfeições, que tão persistentemente se prendem ainda à minha pobre Alma. Quero ver se, reerguendo-me, posso, enfim, galgar alturas imponderáveis, tornando-me digno de Deus e de ti.

— Muito bem; assim quero ver-te, meu irmãozinho; sempre animado por esses nobres desejos. Vai, pois, meu querido; principia a descer, e, um pouco mais tarde, eu irei reunir-me contigo, para te encorajar e suprir de forças, nas tuas novas provações e lutas. E quando houvermos terminado nossa jornada, reunir-nos-emos neste mesmo Espaço, para contarmos os nossos progressos, manifestarmos nossas impressões e adquirirmos novos elementos, novas energias. Vem a meus braços, e lembra-te sempre de que o Amor é a fonte divinal, cuja linfa, pura e cristalina, atravessa a correnteza bravia das paixões materiais. Cuidemos para que nenhuma das suas benéficas pérolas venha contaminar-se com o lodo da Terra. Vai, pois, irmãozinho mui querido, e que Deus te guie no caminho.

O jovem precipitou-se nos braços que a donzela lhe estendia.

Logo, separando-se, principiou a descer pelo novo nimbo de luz que irradiava dos braços dela, enquanto esta, elevando os olhos, suplicava fervorosamente:

— O' Deus Onipotente, dignai-vos olhá-lo benignamente, dando-lhe a força necessária para que finalmente possa vencer.

# CAPITULO II Chamas, cinzas e lavas!

Pompeia, a voluptuosa, dormia plàcidamente recostada numa das vertentes do Vesúvio, cujos tremores plutônicos periodicamente sacudiam seus próprios alicerces.

As sereias e nereidas acudiam pressurosas a beijar-lhe os brancos pés, retirando-se logo satisfeitas a mergulhar alegremente no netuniano elemento, após haverem rendido aquela homenagem de adoração à rainha dos prazeres, à Vénus pagã, filha predileta dos deuses, tão amada sempre por estes e preferida pelos romanos que ali passavam descuidosa existência.

Sem os receios que a Roma imperial lhes oferecia, por causa dos perigos a que todo instante os expunha a malvadez do imperador tirano, ali passavam a existência na malícia e nos prazeres, sob a sombra protetora de Isis, a falsa divindade pagã, que, naquela época, alcançara grande celebridade, devida aos seus augúrios e predições, nem sempre acertados, porém recebidos com fé por quantos a consultavam.

Naquela noite, reinava profunda calma.

A Lua, ostentando-se num céu sem nuvens, enviava à Terra seus pálidos reflexos, destacando-se, por entre a cor sombria dos rochedos, as alvíssimas e risonhas casas da bela cidade.

Sentia-se o mesmo calor abafadiço que durante o dia reinara, calor persistente, impróprio daquelas paragens, tão favorecidas pelo aquoso Netuno.

Às vezes, rajadas impetuosas de ar quente, perturbando a atmosfera, desciam do Vesúvio, em direção ao mar.

No meio daquela calma aparente, Pompeia estava dormindo. Aparente, porque, a curtos intervalos, rumores insólitos percorriam as entranhas do solo, estendendo-se em ondulações surdas, vagas e tão confusas que mal poderiam ser percebidas pelo ouvido mais sensível.

E, no entanto, alguém as ouvia, e, para esse alguém, não passavam despercebidas as rápidas variações dos ventos que ora desciam do Vesúvio, ora subiam às vertentes, ora redemoinhavam em confuso turbilhão, que, girando vertiginosamente, se elevava em espirais, terminando por se perder, ou em melhor expressão, fundir nas altas atmosferas.

Na praça, onde o Fórum ostentava suas colunatas de pórfiro, erguia-se também suntuosa mansão.

As colunas do peristilo, feitas de mármore de Corinto, brilhavam aos raios da silenciosa Febe. Assim também estátuas de famosas ninfas e sátiros, que, em profusão, se achavam espalhadas pelo jardim, entre festões de flores e maciços de folhagem .

Na parte correspondente ao fundo do palácio, elevava-se pequeno terraço, imitando a forma de templete<sup>3</sup> ou obelisco, em cujo centro se ostentava magnífica estátua de Júpiter Olímpico, tendo nas mãos os raios emblemáticos do seu terrífico poder.

Por entre as colunas que sustentavam a abóbada do obelisco, havia um ente humano que, vestindo rica e alvíssima túnica, ansiosamente contemplava o horizonte do lado em que se erguia a sombria, a granítica elevação do Vesúvio.

Olhando atentamente para uma nuvem parda que pairava sobre o cone do vulcão, murmurava:

— Seria possível, após tanto tempo de calma e silêncio “L.. Por Júpiter, vagos pressentimentos dizem que Ísis não me enganou! Ah! Se assim fôsse, estaríamos perdidos!

E, como que pretendendo a si próprio tranquilizar-se, continuava:

— Talvez tudo se limite a algum ligeiro tremor de terra, aqui tão frequentes... Mas não... Este calor abafadiço... Estas ondas de ar quente, impregnadas de emanações de gases... que pare

<sup>3</sup> (3) Templete, em espanhol, é diminutivo de templo, e corresponde a edifício pequeno ou armação de madeira destinada a abrigar uma estátua, ou para adornar um jardim, pátio ou outro local qualquer. — (Nota do Revisor.

cem queimar... Tudo está indicando que, desta vez, deve tratar-se de alguma coisa muito mais grave. O' deuses! — exclamou de pronto, com espanto, elevando os braços acima da cabeça, como que a implorar a proteção divina. E' que, subitamente, surgira lívido clarão que, emergindo da cratera do Vesúvio, rasgou por instantes aquela nuvem pardacenta, desaparecendo imediatamente.

Quem era aquele homem, que tão assiduamente velava, enquanto os demais dos pompeianos, estendidos em seus triclinios macios, se submetiam à doce influência do taciturno Morfeu? Era Caio Pompei, detentor de avultada fortuna, proprietário de vários imóveis localizados na capital do Império e na encantadora Pompeia, onde nascera.

Uma parte dos seus bens, adquirira-os no comércio de importação.

Sua residência habitual era em Roma; porém, os seus meses estivais costumava passá-los em Pompeia.

Frequentemente demorava-se ali meses e meses, cedendo bõndosamente às instâncias da família, especialmente da esposa, que preferia ocultar-se naquele lugar retirado, a sofrer as exigências e costumes licenciosos da pervertida Roma.

Caio, numa das suas viagens a Alexandria, onde ia frequentemente abastecer-se de sedas, brocados e valiosas pedrarias, que logo vendia às nobres damas romanas, auferindo sempre grandes lucros, apaixonou-se perdidamente pela belíssima Fúlvia, filha única de um dos seus fornecedores, riquíssimo comerciante.

Fúlvia raras vezes saía de casa, e, quando o fazia, era sempre acompanhada de sua mãe, já idosa, ou de alguma escrava. Nessas ocasiões excitava a admiração de todos. E quantos lhe passavam perto se detinham para melhor contemplá-la, tanta era a sua graça e formosura!

Certo dia, Caio, que acabava de chegar a Alexandria, achava-se tratando de negócios com o genitor da moça, cômodamente sentados ambos em duas poltronas, num canto do imenso salão residencial. De súbito, o cortinado, que escondia a porta, afastou-se, e Fúlvia, alegre, saltitando qual pássaro, entrou.

Trazia enorme ramalhete de frescas e perfumadas flores, e, cantarolando a meia voz, foi colocá-lo em grande jarro de prata sobre a mesinha do lado oposto àquele em que os dois comerciantes se encontravam.

Depois, fêz meia volta, disposta a sair do salão, quando seu velho pai a chamou:

— Fúlvia!

— Ah! — exclamou a donzela, soltando pequeno grito de susto; e, dirigindo-se aos dois cavalheiros, disse, com amável sorriso: — Não havia reparado, julgava encontrar-me só. Queira desculpar, cavalheiro!

Caio ergueu-se. O velho, imitando-o, disse, dirigindo-se à filha:

— Fúlvia, é o Sr. Caio Pompei, aquele nobre romano de quem tantas vezes te falei. — E, voltando-se para este, apresentou: — Minha filha única, Fúlvia.

A donzela estendeu a destra ao romano, que a tomou, inclinando-se cerimoniosamente.

— Meu amigo — disse ao velho — eu não sabia que escondíeis em vossa morada tão formosa pérola.

Fúlvia corou e baixou os atraentes olhos, não podendo resistir ao olhar fulgurante, embora rápido, com que Caio a envolvia, enquanto falava.

— São bem poucos os que o sabem, pois quase nunca sai de casa — acrescentou o velho.

— Pois é um crime, meu amigo, ter aqui dentro encerrada tão bela criatura.

A moça, para melhor ocultar sua perturbação, exclamou:

— Podem continuar conversando, enquanto vou dar ordem para que lhes tragam alguns refrescos.

E, após leve reverência, saiu do salão.

Quase imediatamente, apareceram duas escravas brancas, trazendo, em bandejas de prata,

finíssimos doces, espumosos vinhos e finos licores.

Ao mesmo tempo que os dois homens comiam e bebiam alegremente, Caio, deixando em momentâneo abandono os negócios, dizia com entusiasmo:

— E' belíssima vossa filha! Por Vénus, que não existe, em toda a capital do Império, rosto que lhe possa igualar a formosura. Que tipo escultural! Nem a própria Juno possui tanta correção nas linhas, nem tanta majestade no porte!

— E no entanto — ajuntou o egípcio — ainda não festejou o 16\* aniversário.

— Pelas três graças! Está, pois, bem desenvolvida — disse Caio, a quem a beleza de Fúlvia causara grande impressão.

Algum tempo depois, achando-se de regresso em Roma, não pensava noutra coisa senão em voltar a Alexandria, para tornar a ver a encantadora criatura. Constantemente pensava nela. Até com ela sonhava, quase todas as noites.

Procurou distrair-se, atirando-se no turbilhão dos prazeres, atordoar-se nas orgias e bacanais: mesmo assim, não conseguiu esquecê-la.

Desejando terminar semelhante estado quase mórbido, deliberou empreender nova viagem a Alexandria .

Chegando à formosa cidade, a primeira coisa que fêz foi visitar o velho Atarão, declarando-lhe incontinenti a causa da sua visita.

Disse-lhe que não podia por mais tempo resistir à força imperiosa da paixão que sua filha lhe suscitara. Vinha pedir a mão de Fúlvia, pois pretendia desposá-la.

No primeiro instante, o velho ficou surpreendido com aquela inopinada declaração; mas, refletindo em que já estava velho e gotoso, e em que Fúlvia mais tarde pudesse encontrar-se sozinha no mundo, sem arrimo nenhum, achou aceitável a proposta do romano. Acabou por decidi-lo, a certeza, que desde muito possuía, de ser Caio imensamente rico.

Encarando, pois, a este, que esperava pacientemente a resposta, disse:

— Meu amigo, a proposta que acabais de fazer lisonjeia-me bastante; antes, porém, de vos dar uma resposta definitiva, preciso consultar minha filha, pois amo-a muito e, por isso mesmo, não tenciono contrariá-la, caso não esteja de acordo. Portanto, dignai-vos procurar-me amanhã, a esta mesma hora, e tereis a resposta decisiva.

Caio levantou-se, aquiescendo:

— Perfeitamente conforme com a vossa maneira de agir, pois, também eu, apesar de não mais poder viver sem vossa filha, jamais consentiria que ela viesse desgostosa ou contrariada para junto de mim. Até amanhã.

E depois de apertar a mão do velho, saiu.

Atarão chamou Fúlvia. Ela entrou no salão juntamente com a mãe, acomodando-se no sofá, em frente dele.

O velho, sem mais preâmbulos, principiou:

— Filha, neste momento acaba de sair daqui o romano Caio Pompei.

— Sim, papai — exclamou Fúlvia; — vi-o passar pelo jardim quando estava tratando das flores.

— E tu, filha, não adivinhas qual a causa da sua visita?

— Não papai, como poderei percebê-la? Seria certamente para tratar de negócios — terminou a donzela, com indiferença.

.— Não! Desta vez veio para assunto muito mais importante.

— Mas, papai, porque haveriam de me interessar os assuntos do tal romano?

— Minha filha, o assunto que aqui o trouxe, cabalmente te diz respeito...

— A mim?! — interrompeu ela, com precipitação.

— Sim, veio pedir-me a tua mão, pois parece que a tua beleza o fascinou, e quer ardentemente casar contigo.

Fúlvia empalideceu intensamente e pôs a mão sobre o coração, como se nele acabasse de receber mortal golpe. E perguntou, com débil voz:

— E tu, papai, que lhe disseste a esse respeito ?

— Respondi que voltasse amanhã, para sabér nossa resposta definitiva, porque, em primeiro, precisava consultar-te.

Fúlvia calou. Seu peito arfava qual se lhe faltasse alento para respirar. Seu formoso rosto continuava palidíssimo.

Atarão, que a observava atentamente, percebeu-lhe a agitação, e, parecendo-lhe que ela sofrera, perguntou pausadamente?

— Então, que dizes, Fúlvia?

A jovem baixou a vista, como se não pudesse sustentar o olhar paterno, e nada respondeu.

— Então — inquiriu o velho — não gostarias de ser a esposa de D. Caio? Ele é o que se pode chamar um perfeito cavalheiro, e imensamente rico... Ao seu lado, certamente serias feliz, pois, por suas expressões, parece adorar-te.

— Papai — exclamou de chofre Fúlvia, qual se saísse de um sonho — sou muito nova ainda para casar!

A mãe, que até ao momento se mantivera silenciosa, disse-lhe, enquanto a abraçava afetuosamente :

— Por isso não, minha filha. Bem sabes que quase todas as tuas amigas e companheiras da infância já o fizeram... Depois, nós somos já idosos e doentes, teu pai sempre atacado pelo reumatismo... eu, sofrendo do coração... De um momento para outro, podemos morrer e, então, que será de ti, sozinha, sem um arrimo? Achava até acertado, atenderes a teu pai, decidindo-te em favor desse senhor, que, conforme dizem, é tão rico e parece tão bom...

— Mas... eu não gosto dele, nem posso gostar, porque...

E não concluiu a frase. Ocultando o rosto no peito materno, desatou a chorar.

— Por... quê ?! — perguntou o velho, intrigado.

A mãe, acudindo prontamente em auxílio da moça, disse, hesitando:

— Atarão... eu to direi... Ela, há tempos que... ama a outro!

— Pois muito bem! Estou de acordo, mas, por; que não o disseram logo? E porque choras, minha filha?

— Porque teme não dêes o teu consentimento à sua escolha.

— E porque não haveria de consentir? Por ventura não é um homem digno?

— Digno, sim; mas pobre.

O rosto do velho petrificou-se. Fitando a velha Sara com olhar de esfinge, continuou perguntando:

— E quem é ele?

— E' ... Aurélio.

— O de Damasco?!

— Sim.

— Jamais! — gritou Atarão, cujo semblante se tomou iracundo, dando violento murro na mesinha sobre a qual apoiava o braço.

Fúlvia aconchegou-se, assustada, de encontro ao peito materno.

— Dar todos os meus bens àquele miserável? Não! Nunca! E tu, Sara, muito erraste, alentando esse amor impossível.

— Enganas-te, Atarão, jamais o alentei; limitei-me a observar, apenas

— Pois devias tê-lo atalhado!

— Porquê?! Se era um amor inocente! Nunca vi perigo algum nessa recíproca afeição. Aurélio é um rapaz muito respeitoso, delicadíssimo. O único defeito que possui (se é que tal nome merece) é o de

ser pobre.

— Não o defendas, Sara, pois é quase crime o que ele acaba de fazer!

— Não julgo assim.

— Cala-te! Jamais devia fixar tão alto as suas vistas. Vou imediatamente despedi-lo...

— Papai! — gritou Fúlvia, desprendendo-se dos braços da mãe e precipitando-se aos pés do velho, debulhada em lágrimas. — Não faças isso; ele é o único arrimo de sua mãe. Aceito por esposo a D. Pompei, mas deixa, papai, deixa Aurélio no seu lugar.

— Masse tu o amas, não poderás fazer feliz o nobre romano, e criarás a tua própria infelicidade.

— Procurarei envolver meu sentimento nas cinzas do esquecimento, e esforçar-me-ei por fazer-me digna do nome daquele senhor; mas, promete-me não tirar o emprego do pobre Aurélio.

— Tu, porém, não sofrerás, minha filha? — perguntou o velho, passando afetuosamente a mão pelos formosos cabelos da filha.

— Não! — respondeu Fúlvia, secando rapidamente as lágrimas.

Esboçando nos lábios um amargo sorriso, ajuntou, enquanto se levantava:

— Vê, papai, já não choro... Pelo contrário; sinto-me até feliz... sim, feliz... Podes dizer ao romano que o aceito por esposo.

E após haver depositado um beijo na fronte do velho, enlaçou o braço no de sua mãe, que também se levantara, e lentamente saíram do salão.

Entraram nos aposentos da donzela. A anciã, deixando-se cair num sofá ao lado da filha, disse com voz aflita, enquanto dos seus fatigados olhos desciam duas lágrimas de comiseração:

— Pobre filha! Acabas de ser sacrificada ao egoísmo de teu pai.

— Psiu! — fêz a moça, colocando-lhe o dedo nos lábios. — Não fales assim, mãezinha... eu me considero feliz!

— Não! Tu pensas enganar-me, Fúlvia? Bem sei que esse sorriso amargo esconde o triste sofrimento do teu coração, que acaba de ser lacerado... Não, tu não me enganas! Sei, melhor de que ninguém, conhecer esses sentimentos que não podem ser ocultados. Também, na minha mocidade, passei por idênticas torturas. Estava escrito que devias seguir o mesmo fatal destino de tua resignada mãe!

A donzela, sem poder conter-se, precipitou-se nos braços da pobre senhora, e, descansando o rosto no seio dela, deu largas à sua aflição, exclamando entre soluços:

— Ah, mãezinha, quanto sofro! Meu coração parece querer estalar; mas, mesmo assim, hei-de ser forte, pois estou disposta ao sacrifício pelo seu bem.

Logo, enxugou as lágrimas, e, levantando-se, solicitou:

— Prometes, mãezinha, velar por ele?

— Ah, sim! Disso cuido eu, embora teu pai chegasse a dispensá-lo dos seus serviços, ocultamente eu o protegeria, pois sempre estimei sua pobre mãe como se fôsse minha irmã.

— Pois bem, com essa certeza, afrontarei im- pavidamente o sacrifício.

Dois meses depois, da casa do velho Atarão saiu nupcial cortejo, que se dirigia ao templo de Vénus. E, perante a falsa deusa, a bela Fúlvia jurava eterna fidelidade a Caio Pompei.

Eterna fidelidade! Infeliz, quanto se iludia! Julgava poder dominar o coração, quando este já lhe não pertencia, pois o deixara no amor de Aurélio.

Naquele mesmo dia, Aurélio abandonava o emprego de guarda-livros que, havia tempos, exercia em casa do pai de Fúlvia; e, apesar das súplicas de dona Sara, acompanhadas das de sua própria genitora, afastava-se de Alexandria, dirigindo-se a Damasco, sua cidade natal.

Tal fato foi um novo golpe para o sensível coração de Fúlvia. Ela ainda achou ocasião de lhe mandar um bilhetinho, explicando que se casara com o milionário Caio contra a vontade, forçada pelo pai, e que jamais se esqueceria dele enquanto um sopro de vida a animasse. Mas, não soube do efeito

que tais palavras teriam produzido no seu jovem enamorado.

Caio, acompanhado da esposa, foi para Roma.

Ali, excedia-se, multiplicava-se para tornar feliz e prazenteira a vida da consorte, a quem amava sem limites.

Fúlvia, movida pela gratidão (nem poderia ser por outra causa), procurava corresponder dignamente às demonstrações de afeto do esposo; porém... não se sentia feliz.

A lembrança de Aurélio não se apagava da sua mente; tinha a sua imagem sempre presente, apesar dos contínuos esforços para esquecê-lo.

Esse estado de ideia fixa de sua alma acabou por transparecer para fora do íntimo. Sua saúde se ressentiu. Uma nuvem de infinita melancolia difundiu-se-lhe pelo rosto, outrora sempre alegre. Seu sorriso se tomara amargo e triste.

Caio, atribuindo aquele estado à tristeza que lhe teria causado a inopinada separação dos pais, propôs-lhe passar um ou dois meses em companhia destes.

Fúlvia teve um impulso de verdadeira alegria ante a ideia de rever os pais; porém, acudindo-lhe o pensamento de que talvez pudesse encontrar de novo Aurélio, deteve-se, contendo os entusiasmos. Tal encontro poderia trazer-lhe funestas consequências; sobejamente conhecia quanto Caio era ciumento. Respondeu assim:

— Não vale a pena, Caio; poderemos ir mais tarde... Gostaria muito viver algum tempo em Pompeia, da qual tanto me tens falado. Talvez a brisa do mar, o espetáculo das ondas espreguiçando-se na reluzente areia das praias, a passagem dos navios, conseguissem animar-me.

— Ah! E' teu desejo viver em Pompeia? — exclamou Caio, entusiasmado com a ideia de poder tirá-la da sua tristeza.

— Sim, pelo menos ali poderia viver retirada do reboliço mundano, sem me ver forçada a presenciar a vida escandalosa desta pervertida Roma, cidade de perdição.

— Não penses, minha Fúlvia, que os habitantes de Pompeia sejam melhores do que os romanos; não, pois ali também reina a mesma libertinagem e idênticos costumes licenciosos. Desde, porém, que desejas viver em Pompeia, seja! Teu menor desejo é uma ordem terminante para mim. Passaremos uns tempos lá, outros aqui, visto que meus negócios não permitem que me ausente totalmente da capital do Império. Afortunadamente, possuo ali uma casa formosa e confortável, sempre pronta e bem disposta para nos receber. Vou expedir imediatamente um escravo a fim de que o meu liberto Zadias prepare tudo para seguirmos amanhã.

— Como deliberares, Caio.

Fúlvia ficou encantada pela disposição da pequena, porém formosa cidade.

Dava frequentes passeios pela praia, de braço dado com o marido, e a lembrança de Aurélio, pouco a pouco, ia-se afastando da sua mente, ao sentir-se alvo da ternura e dedicação de Caio.

Os habitantes de Pompeia, admirados de sua beleza excepcional, procuraram inteirar-se da sua procedência, acabando por batizá-la com o nome de «Rosa de Alexandria».

Nos primeiros dias, seu aparecimento foi o tema de todas as conversas, e até houve mais de um que deu voltas e mais voltas, nas proximidades da casa, para ver se conseguia aproximar-se e melhor admirar a formosa criatura. Vendo, porém, que naquele 'corpo de «níobe» encerrava-se uma alma virtuosa, insensível às seduções, o que, aliás, era bem raro naquela época de corrupção, acabaram por desistir dos seus propósitos, contentando-se em contemplá-la, extasiados, devorando-a com a vista, quando nas ruas deparavam com ela.

Um ano depois, Fúlvia dava à luz formosa menina, que recebeu o nome de Lídia.

Fúlvia concentrou naquele anjinho todo o afeto de que é capaz o coração maternal. Converteu-se em sua verdadeira escrava, não consentindo que, além das suas, mãos estranhas às de Caio a tocassem.

Qual nuvenzinha suave que rapidamente se desvanecesse aos cálidos raios do Sol, o aparecimento

da criancinha conseguiu dissipar as reminiscências do amor de Aurélio.

Enfim, acabou por dedicar ao marido o verdadeiro afeto de uma esposa exemplar.

Escoou um lustro, sem que coisa alguma viesse perturbar a paz e a felicidade reinantes naquele lar.

Lídia crescera, desenvolvendo-se maravilhosamente. Eira o encanto dos pais e a admiração de quantos a viam. Muito viva, todos os seus atos e palavras demonstravam inteligência rara em tão tenra idade. Possuía todos os traços, fielmente reproduzidos, da beleza materna; talvez fosse ainda mais bela, pois o ouro dos cabelos formava-lhe em volta da cabeça como que uma aura celeste.

Na época em que têm começo estas memórias, achavam-se todos ferindo alguns meses em Pompeia, que, conforme sabemos, se tornara local predileto de Fúlvia.

Quando Caio viu aparecer aquele clarão espectral no cone do vulcão, arrancando-lhe um grito de súplica aos deuses, desceu do obelisco e dirigiu-se precipitadamente a determinado recanto do jardim, onde se elevava um pavilhão independente do resto do edifício. Constituíam o recanto destinado aos cavalos e matilhas de caça. Caio abriu a porta vio- Jentamente e precipitou-se para dentro.

O pavilhão achava-se vagamente iluminado por uma lâmpada que pendia do teto. Nem bem acabava de entrar, quando os cães, que se achavam soltos, precipitaram-se para ele, lambendo-lhe as mãos e as pernas e latindo angustiosamente.

Os cavalos também faziam desesperados esforços para arrebentar as grossas cordas que os amarravam aos postes, e, levantando os focinhos, farejavam o ar, dando mostras de grande pânico.

Caio, desvencilhando-se dos cães que lhe pulavam em volta, dificultando-lhe os movimentos, aproximou-se de pequeno departamento num dos cantos do pavilhão e chamou em alta voz:

— *Herxes!*

— Senhor! — respondeu imediatamente uma voz, enquanto a cortina que cobria o limiar do pequeno aposento se afastava e um escravo etíope saía, indo inclinar-se respeitosamente a seus pés.

— Já reparaste no estado de inquietação em que se encontram os nossos animais?

— Sim, senhor. Há muito que eles se acham assim agitados. Três ou quatro vezes saí para verificar o que lhes poderia causar isso, porém, não vi coisa alguma de anormal que pudesse justificar quaisquer sobressaltos.

— E não imaginas o que poderá significar essa agitação ?

— Não, senhor!... Só se pressentem algum abalo... algum tremor do solo... Sim, agora lembro ! Sem dúvida será isso... sim, pois os animais são sempre os primeiros a perceber esses cataclismos. \*\*

E o escravo principiou a tremer, enquanto o seu bronzeado rosto tomava uma expressão angustiosa.

Caio, sacudindo o braço do criado, disse, impaciente : •

— Se sabes alguma coisa, Herxes, conta depressa, pois não temos tempo a perder.

— Pois, senhor... anteontem, juntamente com o meu companheiro, conduzíamos os cavalos ao pasto. Chegámos perto das vertentes do Vesúvio, onde sempre existem abundantes pastagens... Havia pouco tempo que ali nos encontrávamos, quando os cavalos, que se haviam espalhado, subitamente se reuniram todos num mesmo lugar, aos pulos, dando mostras inequívocas de grande pânico.

— Que têm eles? — perguntou-me o companheiro .

— Vamos até lá e sabaremos — respondi. — Chegámos junto dos cavalos e, embora procurássemos pela mata, não encontrámos animal algum, nem qualquer coisa que justificasse tal espanto. Subitamente, senti, mesmo debaixo dos pés, uma trepidação, tão tênue que não foi percebida pelo meu camarada. Sinistra ideia atravessou-me o pensamento e, debruçando-me no chão, aproximei o ouvido da terra esquecida... Surdo, mas persistente rumor vinha repercutindo das

profundezas do solo, subindo e dirigindo-se à montanha fatal... Meu pensamento se confirmara... Aquilo era um tremor de terra que, embora ligeiro e librando-se de grande profundidade, não deixava de ser pressentido pelos cavalos; e esta era a causa do seu espanto... Durante uma boa meia hora, foi-me chegando aos ouvidos aquela trepidação, que, a intervalos, sofria breves interrupções, para em seguida continuar mais forte e persistente, acompanhada de certas detonações. Depois, foi diminuindo de intensidade, até que acabei por não ouvir mais nada; então, levantei-me, e os cavalos, já tranquilizados, pastavam sossegadamente. Reunindo-os novamente, regressámos e esqueci o incidente.

— Porque não me avisaste? — perguntou Caio.

— Ah, senhor!... Este fato é naturalíssimo e, como sabeis, tão frequente nestas paragens, que não julguei pudesse interessar-vos.

— Estas coisas me interessam sempre, pois se trata de fatos dos quais pode depender a nossa vida.

— Senhor, perdoai-me! — disse o escravo, curvando-se humildemente.

Os cavalos continuavam agitadíssimos e os cães, encostados às pernas de Caio, rosnavam, dirigindo olhares amedrontados em volta.

Repentinamente, o aposento ficou todo iluminado por uma luz espectral, que penetrou por largas aberturas existentes nos muros do pavilhão, e que serviam para renovar o ar no interior.

Os dois interlocutores se olharam com espanto.

Os cães encetaram agudos uivos, procurando a porta para fuga.

Caio e o escravo precipitaram-se fora do aposento e, já no jardim, deparou-se-lhes grandioso e imponente espetáculo.

Do cone do vulcão emergia como que um leque meteórico, cuja luz, de um branco amarelado, iluminava fortemente a cidade inteira, dando-lhe sinistro aspecto.

Em seguida, a luz foi diminuindo e acabou por perder-se nas mais altas atmosferas. De repente, a Terra moveu-se em ziguezague, seguindo-se-lhe um estrondo pavoroso e aparecendo novamente o leque no cone do Vesúvio, porém, desta vez, apresentando uma cor arroxeada.

Vários edifícios caíram com grande estrépito.

— Corre, Herxes! — exclamou Caio, em desespero. — Atrela-me as liteiras, pois parece termos uma nova erupção deste fatídico Vesúvio. Não te demores, vou chamar todos! Talvez ainda nos possamos salvar, escapando ao perigo.

O escravo entrou precipitadamente no pavilhão, onde, auxiliado pelo companheiro, que acordara sobressaltado ao estrondo dos edifícios aluídos, tirou dali as três liteiras de que o amo dispunha.

Aparelharam quatro cavalos em cada liteira, para que estas seguissem mais velozes, e ficaram esperando ordens.

— Acordai! Levantai-vos! Temos o Vesúvio em erupção! Despertai, e que os deuses nos sejam propícios!

Houve grande reboliço, pois, aqueles que não haviam despertado com o terremoto, o fizeram aos gritos de Caio.

A porta da câmara de Fúlvia abriu-se e esta, palidíssima, apertando Lídia ao peito, apareceu rodeada dos escravos, que faziam alarido, assustados.

Fúlvia, cujo sono era leve, acordou ao ruírem os edifícios, e, vestindo rapidamente uma simples túnica, tomou Lídia nos braços, vestindo-a à pressa e chamando as escravas, que, sobressaltadas, acudiram, algumas seminuas.

Pronto! — gritou Caio, ao avistar a esposa. — Sigam-me todos quantos queiram salvar-se, pois, se o terremoto se repete, o que é muito provável, a casa pode desmoronar.

E, tomando Fúlvia pelo braço, correram até ao jardim, onde as liteiras esperavam... Os cavalos faziam esforços desesperados para se desprenderem das mãos dos escravos e fugir pelos campos

fora.

Disponham-se a transpor o vestíbulo, quando o clarão que emergia do cone do vulcão se apagou subitamente, ficando tudo em completa escuridão.

— Acendam as lanternas — gritou Caio, detendo-se e abraçando Fúlvia, que tremia de susto.

Obedecendo a essa ordem, brilharam imediatamente no jardim as luzes de muitas lanternas trazidas pelos escravos.

Caio dirigiu-se à liteira, e, no mesmo instante em que Fúlvia subia, ouviu-se fragoroso estrondo formado por milhares de estampidos estrugindo ao mesmo tempo, enquanto que da cratera do vulcão emergia um jacto de fogo que se elevou a grande altura.

Principiou então a cair sobre a cidade insistente chuva de cinzas, pedra-pome e matérias inflamadas, enquanto que pelo leito de duas das vertentes da montanha desciam vertiginosamente duas correntes de lava que se dirigiam ao mar, precipitadas pelo declive.

Fúlvia soltou um grande grito de pavor, e Caio, tirando-a novamente da liteira, a levou quase nos braços, ao vestíbulo que num instante ficou cheio da criadagem, pois todos correram para ali, a fim de se refugiarem, fazendo espantosa algazarra.

Caio, o único a conservar o sangue frio, reparou que, no primeiro momento de o vulcão explodir, o jardim ficara cheio de cinzas e resíduos calcinados e fumegantes. Porém, foi apenas um instante.

A chuva cessou logo, apesar de o vulcão continuar vomitando chamas.

Compreendendo o que aquilo significava, soltou uma exclamação de alegria.

— Ah! Os deuses nos protegem... O vento mudou de direção... Sim, está agora atirando tudo para o lado oposto ao caminho que devemos seguir para escapar e subtrairmo-nos ao poder das harpias do Averno! Minha gente, todos às liteiras! Convém aproveitar antes que o vento, tomando novo rumo, venha a impedir a nossa fuga da cidade!

Seguidamente, atravessou o pátio, arrastando Fúlvia, que, meio desmaiada e trazendo Lídia nos braços, subiu à liteira, deixando-se cair exausta nas almofadas.

Caio sentou-se-lhe ao lado.

E porque as liteiras não fôsem suficientes para toda a criadagem, as escravas tomaram assento e os homens seguiram a pé, ladeando-as, em marcha graduada com a velocidade dos veículos.

O liberto de Caio abria a marcha, montado a cavalo, na frente da caravana.

O romano, assomando a cabeça fora da liteira, gritou-lhe:

— Zadias!

— Senhor!

— A caminho de Roma!

— Sim senhor — disse o liberto, rompendo a marcha e afastando-se rapidamente dos limites da cidade, seguido da caravana, cujos componentes promoviam grande vozearia de lamentos e gritos entremeados de exclamações de espanto, imprecações e súplicas aos deuses.

Achavam-se bem distantes da cidade quando a Terra oscilou novamente em extensas ondulações, semelhando-se o solo à superfície de um mar agitado por vagas enormes.

A caravana parou... Os cavalos estacaram assustados... As escravãs soltaram estridentes gritos de pavor... Os cães uivaram terríveis. E toda essa celeuma foi um tanto abafada por um estrépito ensurdecedor, proveniente dos prédios que desabaram, levantando nuvens de poeira, que se elevavam no ar justamente com os gritos de dor dos infelizes que morriam esmagados sob as ruínas.

Uma parte da cidade ficou reduzida a escombros.

Caio olhou pela janela da sua liteira em direção à cidade.

— Voto a Júpiter! — exclamou, puxando os cabelos num gesto de desespero.

— Que foi? — perguntou Fúlvia, quase morta de susto.

— A nossa bela vivenda é um monte de ruínas! Hoje perdi metade da minha fortuna!

— Ah! — disse Fúlvia, olhando extasiada para o firmamento pontilhado de luzentes

estrelinhas — graças vos dou, ó Deus, pois acabais de ter misericórdia de nós, salvando-nos de tanta destruição!

— Dizes bem — ajuntou o romano. — De boas acabamos de nos salvar, pois, se ficássemos ali, a esta hora que seríamos?

E voltando para o servo ordenou:

— Zádias! Prossegue; o vento pode variar de um momento para outro, e convém afastarmo-no» o mais depressa possível de todos estes contornos tão agitados pelas fúrias do Orco.

A caravana continuou avançando dificultosamente pelos ab-ruptos atalhos em direção à cidade imperial.

A cada momento engrossava o êxodo, sempre aumentado pelos fugitivos de Pompeia, que, com os rostos desfigurados pelo terror, e no meio de grande confusão e desordem, se dirigiam a Roma.

O Vesúvio continuava vomitando pela cratera enormes chamas, fogo e densos rolos de fumaça, qual plutônica fornalha, enquanto por suas vertentes desciam dois rios de lava, que, ao se dirigirem para o mar, qual funerária mortalha, deixavam atrás de si a desolação e a morte.

Aquela erupção destruiu boa parte da cidade, mais pelos efeitos dos terremotos do que pelas fúrias do vulcão. Ela foi reconstruída; mas, - ai! a sua sorte estava prevista.

Tempos depois, a dissoluta Pompeia, a filha diletta dos deuses, retorcia-se convulsivamente sob os efeitos da tremenda hecatombe que a sepultou para sempre sob o fatídico manto de lavas, sendo seus filhos forçados a permanecer no letárgico sono de quase dezessete séculos.

## CAPITULO III A rosa de Alexandria

Na via Selerada erguia-se uma casa de moderna aparência, na qual o próprio dono instalara, havia tempos, uma loja de fazendas e quinquilharias.

Arcádio, seu proprietário, rapaz aproximadamente de seis lustros de idade, solteiro, oriundo de Damasco, havia muito tempo auferia bons lucros do modesto negócio.

Mantinha boas relações com Aurélio Aliátur, o qual, desde Damasco, vinha abastecendo-o de fazendas e outros objetos pertencentes ao ramo que estava explorando.

Arcádio, vendo que prosperava cada vez mais, e já incapaz de atender a tudo sozinho, escreveu diversas vezes a esse amigo para que viesse trabalhar com ele, repartindo os lucros qual o fariam bons irmãos.

Aurélio respondia às missivas agradecendo, pois lhe apreciava verdadeiramente a amizade, mas não podia ir por enquanto, por não querer expor sua mãe, já velhinha e doente, aos incômodos da longa viagem.

Arcádio resignara-se, acabando por comprar um escravo que o ajudasse nas transações, enquanto duas escravas etíopes cuidavam dos serviços domésticos.

Certo dia, entrou na loja um mensageiro trazendo-lhe uma carta proveniente de navio que acabava de chegar de Alexandria. Arcádio, apressadamente, rasgou o envelope, pois reconheceu a caligrafia de Aurélio. Essa carta era concebida nestes termos:

“Querido Arcádio.

“Há poucos dias, faleceu minha pobre mãe, e o seu desaparecimento encheu de tristeza a minha alma, que se afoga num merencório insulamento. Sinto-me, pois, tentado a deixar minha Damasco para compartilhar a tua preciosa companhia nesse deslumbrante Império, cujas grandezas e maravilhas tantas vezes me contaste. Espero tua grata e pronta resposta. Recebe um apertado abraço do teu fiel e dedicado amigo

*Aurélio*

Arcádio, cheio de alegria pela boa-nova que tanto almejava, sentou-se prontamente e, pegando uma folha de papel, escreveu rapidamente a seguinte resposta:

"Querido Aurélio.

"Dou-te pêsames pela morte de tua mãezinha. Que os anjos lhe sejam propícios. Não podes imaginar a alegria que me causaste com a tua grata missiva! Vem, meu bom Aurélio; viveremos juntos qual dois irmãos. Não te demores, pois há um decênio que não te vejo. Estou impaciente por apertar-te em meus braços. Avisa-me com antecedência o dia de tua chegada. Espero-te de braços abertos.

*Arcádio.*"

O rapaz fechou a carta, entregando-a ao escravo e ordenando levá-la à Agência do Correio para que seguisse pelo primeiro navio.

Feito isso, muito satisfeito principiou a dar ordens às escravas para que arrumassem o interior da casa, a fim de que Aurélio encontrasse tudo em ordem e bem disposto.

O mensageiro que havia trazido a carta de Aurélio, ao sair da loja de Arcádio, seguiu pela mesma rua, indo parar em frente de outro estabelecimento de luxuosa aparência, onde se via riquíssimo sortimento de sedas, brocados e damascos. Entrou, ali deixou outra carta e saiu incontinenti.

Um rapaz, que estava por detrás do mostrador, pegou-a e, olhando o endereço, exclamou:

— Ah! E' para o senhor Caio, e vem de Alexandria .

Chamou um escravo, e, dando-lhe a missiva, disse:

— Vai à casa do patrão e entrega-lhe esta carta que acaba de chegar.

O escravo partiu célere em direção à morada de Caio. Após percorrer várias ruas, entrou pela de Apoio, onde se erguia o Capitólio, chegando ao vestíbulo de suntuosa mansão. Entregou a carta ao porteiro, o qual, por sua vez, a apresentou ao liberto Zadias, que naquele momento atravessava o vestíbulo.

Caio e Fúlvia achavam-se no tablínio rodeado de portas envidraçadas, através de cujas vidraças divisava-se o pátio, no centro do qual o implúvio ostentava as cristalinas águas, agitadas pelo espandiar das asas dos alvíssimos cisnes que disputavam os pedacinhos de biscoitos que a gentil Lídia lhes atirava, por entre risos e gritos de alegria.

Os dois esposos contemplavam aquela interessante cena, trocando impressões a respeito dos acontecimentos que, um decênio antes, haviam determinado a sua instalação em Roma.

— Ah! — exclamava Fúlvia, com aflitiva entonação. — Tenho pressentimentos de que talvez brevemente nova desgraça nos venha ferir...

— Não fales assim, minha bela. Afasta esse receio... Que nos poderá acontecer aqui? Gozamos dos favores de César, o único de quem poderíamos temer...

— No entanto — acrescentou Fúlvia —, meu coração se oprime dolorosamente, como que me renunciando algum novo infortúnio...

— Vamos, não sejas supersticiosa...

Nesse instante, bateram à porta do tablínio e ouviu-se a voz do liberto dizer:

— Senhor, acaba de chegar esta carta de Alexandria.

— Ah! — exclamou Fúlvia, animando-se. — Deve trazer notícias de meus pais. Há bastante tempo não os temos...

— Entra, Zadias — ordenou Caio.

O liberto entrou, e, deixando a carta nas mãos de Fúlvia, retirou-se.

Fúlvia rasgou o envelope, e, ao percorrer ansiosamente as primeiras linhas, soltou um grande grito, caindo desfalecida nos braços de Caio, que, então, se aproximara para ler também a missiva.

O romano, sem se perturbar, depositou a esposa num próximo triclínio, borrifando-lhe as faces com um pouco de água fresca, finamente perfumada.

Sob a impressão da frialdade do líquido, Fúlvia estremeceu e abriu os olhos, perguntando:

— Que se passou, Caio?

Mas, ao ver a carta sobre a mesa, desatou em pranto desconsolador, dizendo com desespero:

— Ah... Sim... Lembro... Coitados, morreram! Sozinhos, abandonados, sem que eu, filha única, lhes

pudesse fechar os olhos. Triste de mim!

— Vamos, sossega — disse-lhe Caio. — O acontecido não pode ser remediado. Era o destino!

— Triste destino! Morreram sepultados sob as ruínas da própria casa.

— Resigna-te, minha Fúlvia... De certo a hora deles tinha chegado. Pensa que no Parnaso dos deuses estarão agora fruindo a imortalidade.

— Ah, morressem de morte natural, e eu não me afligiria tanto assim... — E não pôde continuar, tanta era a sua agitação.

Caio, procurando consolá-la, disse, entre afagos:

— Não te desespere, assim; escuta: vamos até lá, e poderás, se assim te aprouver, rezar sobre a sua campa.

— Ah, meu Caio, isso não. Lá não desejo ir, pois a contemplação daqueles lugares far-me-ia sofrer mais ainda.

— E, no entanto, devemos ir...

— Porquê?

— Então não reparaste bem no conteúdo dessa missiva?

— Li apenas o início, noticiando que meus pais haviam falecido.

— Pois esta carta nos é enviada por um antigo amigo de teus pais, o qual participa que, após o lamentável acontecimento que os vitimou, o intendente de tua casa, então ausente, ao saber do fato, correu a apoderar-se da fortuna que só a ti pertence, e da qual vem desfrutando impunemente. Devemos, pois, tomar posse desses haveres que são absolutamente teus.

— Esses bens que me importam, se perdi meus pais, para sempre?

— Convenho, Fúlvia, que neste momento, dada a tua aflição, não queiras pensar nisso; porém, assim já não acontece comigo. Bem sabes que o malfadado Vesúvio roubou-me, há dois lustros, uma boa parte da nossa fortuna, e essa perda, da qual não consegui refazer-me, vitia a ser notavelmente compensada com a nova herança. Não é por mim, bem o sabes. E' por nossa Lídia que devemos procurar reaver essas riquezas, às quais legalmente tens direito. Algum dia havemos de morrer e, quanto mais dinheiro possamos deixar, tanto mais garantido ficará o futuro dela.

— Dizes bem — respondeu Fúlvia, que, em se tratando de Lídia, se deixava facilmente convencer —, mas, vai tu sozinho, pois eu sei que ficaria consternada à vista daqueles lugares, onde tudo forçosamente deveria falar-me de meus pais.

— Mas, repara que talvez minha ausência seja demorada, pois o intendente de certo fará resistência em largar a herança. E depois precisarei vender os imóveis, liquidar tudo, e isso não se faz num dia. Provavelmente tal assunto me forçará à demora de alguns meses.

— Não faz mal.

— E ficarás assim, tão sozinha?

— Sozinha! Ah, não digas... Acaso não temos o nosso liberto Zadias, que, como sabes, nos quer tanto bem? Vai tu; eu não me acho em condições de empreender tão longa viagem. Falta-me o ânimo.

— Pois bem, já que assim o queres, seja! Indo lá sozinho, e sabendo que estão aqui à minha espera, voltarei decerto mais depressa.

Dois dias depois, Caio, após haver beijado Fúlvia e Lídia, que, pendurando-se-lhe ao pescoço e chorando, quase o impedia de as deixar, subia a uma liteira que devia conduzi-lo até Ōstia para, no porto da bela cidade, embarcar no primeiro navio que saísse rumo de Alexandria.

Após longa viagem, ao descer no porto, a primeira coisa que fêz foi visitar o amigo do velho Atarão, que lhe escrevera a missiva de aviso do acontecido.

Esse amigo, homem já velho, o recebeu afetuosamente, hospedando-o na própria casa e informando-o minuciosamente de tudo quanto ocorrera.

A casa de Atarão, desde muito, carecia passar por sérias reformas. Era um prédio antiquíssimo, de paredes onde se abriam numerosas fendas. Por diversas ocasiões, amigos lhe fizeram ver a neces-

sidade de reformar o casarão, cujas paredes pareciam oscilar ao embate do vento; mas o velho, cuja avareza recrudescera com a idade, vinha adiando para mais tarde a restauração; doía-lhe na alma o dinheiro a gastar. Seu egoísmo foi, porém, bem castigado. Certo dia, em que soprava violenta vehtania, a casa, furiosamente batida por uma rajada mais impetuosa, ruiu, sepultando a todos, juntamente com as riquezas ali amontoadas, sob os escombros. O seu intendente, felizmente para ele, havia saído a compras na cidade.

O desastre não o atingiu, e quase pôde pre- senciá-lo, visto achar-se nas proximidades. Quando ouviu o estrondo, correu, pois imaginou logo que ocorrera o débastre tantas vezes prognosticado por ele próprio. Chegou ainda a tempo de ver a nuvem de pó que se elevou a grande altura, para depois, dissipada, deixar ver o antigo e suntuoso casarão convertido em irremediáveis ruínas.

Dirigiu-se imediatamente à rua próxima, onde havia uma casa desocupada e a arrendou, sem discutir preço. Em seguida, contratou alguns escravos de inteira confiança para remoção dos escombros, em busca das imensas riquezas que ali estavam soterradas.

- O trabalho não foi difícil, pois dirigia pessoalmente os escravos, sabendo muito bem os lugares onde as riquezas se achavam localizadas. X medida que os tesouros eram descobertos, iam sendo transportados à casa em questão, onde ficavam convenientemente guardados. Foram também encontrados os cadáveres dos velhos proprietários e da criadagem, .os quais tiveram sepultamento imediato a ex- pensas do infiel mordomo.

A quantos acudiram para presenciar as escavações, ele declarava agir à conta de Fúlvia, única e absoluta herdeira da fabulosa fortuna.

Sabendo todos ser ele o intendente do velho Atarão, ninguém o incomodou, nem mesmo o próprio amigo dos pais de Fúlvia. Mas, este, apesar das afirmativas do mordomo, desconfiou, e decidiu- -se a espia-lo atentamente, para ver se cumpria o seu dever. Bem depressa percebeu as criminosas intenções do dito intendente, o qual, terminada a remoção dos escombros, mandou mobilar esplên- didamente a nova casa que alugara, principiando a gastar somas exageradas para a sua condição social.

Todas as noites recebia em seus salões numerosos amigos, que ali acudiam acompanhados de mulheres de vida equívoca, e assim o dinheiro do velho Atarão vinha sendo gasto em rumorosas or- gias, que se prolongavam até ao amanhecer.

O nobre egípcio, para melhor certificar-se, hà- bilmente teve ocasião de se intrometer entre os convidados, e presenciou várias daquelas bacanais, onde a fortuna dos pais de Fúlvia ia rolando, convertida tristemente em delicados e custosos manjares e profusão de vinhos e licores.

Verificando, direta e pessoalmente, a desonesta conduta do mau zelador, que não tinha escrúpulos em dissipar o que não lhe pertencia, escreveu imediatamente aquela carta que tanto desgosto causou à pobre Fúlvia e daria motivo para mais tarde hospedar Caio.

Caio, diante das revelações, depois de agradecer muito ao dedicado amigo, retirou-se a descansar das fadigas da longa travessia.

No dia seguinte, acompanhado do egípcio, iniciou a necessária ação junto ao juiz respectivo, o qual o aconselhou amavelmente, prometendo interessar-se no caso, encetando os primeiros passos para instaurar o necessário processo contra o infiel intendente.

Decorrido um mês depois que Arcádio enviara resposta à carta de Aurélio, dizendo-lhe que o esperava com ansiedade, sem prévio aviso este surgiu na loja, com uma maleta na mão, precipitando-se nos seus braços.

Arcádio, numa explosão de alegria, apertou-o de encontro ao peito, exclamando:

— Como! És tu? Que agradável surpresa! Porque não avisaste? Esperava tua resposta para ir a ôstia ou até Atium a fim de te receber.

— Quis fazer-te a surpresa, caro Arcádio. Quando te escrevi minha última carta, já havia tudo aprontado, e, por isso, imediatamente encetei a viagem.

.— Vem, meu Aurélio — disse Arcádio —, tomar alguma coisa e depois descansarás, pois deves estar bem fatigado.

— Sim, realmente me sinto cansado — respondeu Aurélio, entregando a maleta a uma escrava e deixando-se levar pelo amigo.

Entraram no refeitório, e ali, recostados em macios triclinios, fizeram as devidas honras a apetitosas iguarias, enquanto se entretinham em animada palestra.

Em dado momento, Arcádio, olhando afetosamente para o amigo, exclamou com admiração:

— Por Apoio! Estás ainda um belo rapaz, Aurélio!

— Não digas tal lisonja!... Estou ficando meio velho!

— Ah, meu amigo! Acabo de ouvir a minha sentença, pois bem sabes que conto mais cinco anos de idade do que tu. Se te consideras meio velho, que direi então?

I — E' que tu não és meio velho, e sim velho e meio! — ajuntou Aurélio, soltando alegre gargalhada.

— Não me assustes! Casualmente agora, que ando à procura de uma donzela para desposar. Há dois meses completei os quarenta... Serei, por acaso, velho demais para o matrimônio?

— Não, meu Arcádio. Estive gracejando, e admiro-me até de que já não o fizesses. Devo pensar, por isso, que não existem mulheres bonitas em Roma?

— Por Vénus, se as há! O caso, porém, é que a maior parte delas são mulheres de sete maridos, e eu quero uma só para mim!

— Cáspite! Estás a pintar-me a mulher romana em sombrias tintas...

— Oh, não! Não julgues que sejam todas iguais. Há algumas, Diana por exemplo, de uma honestidade a toda prova, especialmente as estrangeiras.

— Caro Arcádio, em Alexandria correm opiniões afirmando que a mulher romana é de beleza clássica...

— São formosas, sim, e todavia possuem a perfeição na arte de se embelezarem; porém, são sempre superadas pelas gregas, que, com a sua graça natural e sem enfeites, ajustam um perfil puramente clássico. Isso sabes tu, meu amigo, pois em nossa pátria existem muitas belezas helénicas. Amanhã, à tarde, quando estiveres mais feito da viagem, à hora em que o Sol principiar a descer para ocultar-se detrás do templo de Júpiter Capitolino, sairemos a dar um passeio pelas grandes avenidas. E' essa a hora em que as damas romanas saem a exhibir seus encantos. Hás-de ver belezas que te farão desorientado.

— Posso garantir que, embora desfilem por mim as maiores belezas do mundo, a minha calma não será perturbada, absolutamente. Nem a própria Vénus de Milo, descendo do Olimpo, rodeada de sua corte de cupidos e graças, conseguirá produzir-me efeito algum.

— Que estás dizendo? Não acredito... Ah! compreendo: terás deixado, talvez, o coração preso nas redes de alguma sílfide ou vestal...

— Não — respondeu Aurélio com tristeza —, não penses assim, meu amigo.

— Tu me ocultas alguma coisa; mas, fazes mal, porque bem sabes quanto te aprecio. Creio notar na tua negação um tom de tristeza que, qual sombrio véu, parece querer esconder alguma contrariedade amorosa. Não estarei acertando, — meu amigo? Vamos, deposita em mim a tua confiança, pois sempre traz conforto confiar nossas mágoas a um coração amigo.

Aurélio, depois de um suspiro, respondeu:

— Para o meu coração não pode haver lenitivo. Incessantemente suspira por um amor sem esperanças.

— Sem esperanças, porquê? Aquela a quem amas não te corresponde?

— Suponho que me ame ainda. Se o seu jurado amor era verdadeiro, conforme mo demonstrava, não pode haver-me esquecido; mas... é casada!

— Bem. .. Isso, porém, não importa; quantas há que...

- Não! Ela era honesta e virtuosa. Três lustros são decorridos, e ainda não consegui esquecê-la.
- Mas, quando a conhecestes já estava casada?
- Não. O pai, tirano, forçou-a a renunciar ao nosso amor, para casar com um romano, pela simples razão de ser eu pobre e o outro rico.
- Compreendo. Então, devias esforçar-te por esquecê-la, pois ela, assim procedendo, demonstrou que o seu amor não estava à altura do teu afeto.
- Esquecê-la! Bem o procurei; mas, com a sua ausência, meu amor, ao invés de diminuir, foi aumentando cada vez mais.
- Tu vais ver, querido Aurélio, que aqui em Roma consegues esquecê-la.
- Talvez...

No dia seguinte, à hora aprazada, os dois amigos, elegantemente vestidos, passeavam pela rua Augusta, repleta de patrícios romanos.

Aurélio atraía poderosamente a atenção das nobres damas que, vestindo túnicas orientais resplendentes de pedrarias, passavam sorridentes, na exuberância das suas plásticas ostentadas seminuas, perturbando os patrícios com a cadenciosa ondulação do passo estudadamente ritmado.

Aurélio, em pleno apogeu da sua mocidade e varonil beleza, via passar aquele fantástico préstito de níobes e ninfas, completamente indiferente aos olhares ardentes com que elas o envolviam.

Arcádio, vendo-o abstrato e como se o seu pensamento flutuasse bem longe dali, procurava distraí-lo com as suas exclamações de surpresa.

— Olha, Aurélio, que beleza! Poderás passar indiferente, quando ela te mimoseia com o seu olhar?

— Quem é? — perguntou ele com ar distraído e sem quase reter os olhos na arrogante mulher que acabava de passar.

— É Adriana Damos... uma das mais altivas e formosas cortesãs que frequentam a Corte de Nero.

— Que me importa — respondeu Aurélio, com um ligeiro sorriso de desprezo nos lábios.

Arcádio travou o braço do mancebo, dizendo- -lhe em voz baixa:

— E\* preciso, meu Aurélio, que te interesses por alguma dessas ninfas, para esquecer...

Deteve-se, porque, de súbito, Aurélio estacara. Parecia haver sofrido violento choque. Leve tremor agitou-lhe todo o corpo, repercutindo no braço de Arcádio, que o olhou, procurando inquirir o que se passava.

Vendo o rosto do amigo empalidecer intensamente e que seus olhos, animados de viva chama, estavam fixos com persistência num mesmo ponto, perguntou:

— Que é isso, meu amigo?

Aurélio não respondeu. Parecia nem mesmo se aperceber do lugar em que se achava.

Arcádio, intrigado, sacudiu-lhe fortemente o braço, repetindo a pergunta.

Encarou-o assustado e, por única resposta, perguntou por sua vez:

— Conheces aquela dama?

— Qual?

— A que vem descendo do lado da estátua de Cibele, acompanhada daquela formosa menina.

— É a *Rosa de Alexandria*... Mas, meu amigo, estou vendo que a deusa da Fortuna te abandonou completamente, porque essa dama é talvez uma das poucas que, em todo o Império, rende culto a Diana. É uma invencível virtude, apesar de que a sua maravilhosa beleza atrai sempre os olhares dos romanos, que lhe formam numerosa corte de adoradores. Ela, no entanto, não dá a mínima importância à admiração que suscita, e até estranho muito vê-la passeando, o que bem poucas vezes acontece.

— E quem é aquela preciosa criatura que a acompanha ?

— É Lídia, sua filha.

Aurélio revelou estar muito impressionado. Arcádio expandiu-se em alegre risada.

— Como? — exclamou. — Acaso és tu aquele mesmo que, há bem poucos momentos, vinha gabando-se de resistir às nossas Vénus?! Bem pouco tempo durou a tua resistência... Mas, que estou dizendo? Tanto melhor, gosto que sejas assim. Talvez esta *Rosa de Alexandria* consiga fazer-te esquecer a vestal que, durante tanto tempo, sustenta o fogo do amor no teu coração.

— Impossível...

— Porquê? Ela é virtuosa, é certo; mas, em compensação, tu és belo, atraente... Um verdadeiro Apoio e...

— Cala-te, infeliz! Não avances mais em tuas suposições! A sua visão veio atear mais ainda a chama da minha paixão.

— Porquê?

— Sim! Essa é a vestal que, durante tanto tempo, vem alimentando o sacro fogo no templo do meu coração.

— Oh, deuses! Que estás dizendo? Fúlvia Pompei í... Será possível?

Ambos calaram-se. Mãe e filha se aproximavam.

Fúlvia, envolvendo o belo corpo em uma túnica de azul muito vivo, recamada de arabescos de ouro, vinha a passo miúdo, apoiada no braço de Lídia, alheia completamente à admiração que a todos causava.\*

Seu formoso rosto se mostrava triste, o que lhe realçava ainda mais a beleza. Parecia irmã mais velha de Lídia. Esta, graciosa e gentil, visivelmente procurava, com a sua verve encantadora, tirá-la de *tristes* pensamentos.

Havia dias instara para dar *aquela* passeio, no intuito de a distrair. Fúlvia, que sempre se recusava, acedeu afinal, naquele mesmo dia, ao *inocente desejo da* filha.

Lídia vinha sorridente, falando com vivacidade, criticando as vestes e penteados das romanas. Alguns *destes* pareciam mitras.

Assim procedia, no intuito de afastar o véu de *tristeza* que envolvia o rosto de Fúlvia. Em parte o conseguira, e vinha satisfeita, sem prestar a mínima atenção às exclamações dos patrícios, que rendiam culto à sua célica e quase infantil beleza.

Realmente, estava encantadora, e o que mais prendia o olhar era uma indefinível aura brilhante que a circundava todá, dando-lhe angelical aparência. Achava-se envolta simplesmente em uma túnica de gaze branca, entre cujas finíssimas malhas podia ver-se brilhar a seda de um fundo-sombra azul celeste.

Segundo a moda oriental, trazia os exuberantes cabelos presos por delicada redezinha de ouro, que cintilava aos mortíferos raios do Sol.

Ambas vinham avançando, pausadamente, em direção dos dois amigos, que se detiveram numa esquina da grande avenida.

Aurélio estava palidíssimo. Toda a sua alma e vida se concentravam no olhar apaixonado que envolvia Fúlvia.

Arcádio, impressionado também, permanecia silencioso, e seus olhos passavam de Fúlvia para o amigo.

Subitamente a dama levantou os olhos, que até então tinha quase semifechados, e *esse* olhar cruzou' com o de Aurélio, que se inclinou profundamente diante dela, conforme o teria feito a uma deusa.

Fúlvia não pôde reprimir um grito abafado, e, oprimindo o peito com as mãos, como se pretendesse conter os impulsos do coração, deteve-se, qual se se sentisse impossibilitada de dar mais um passo.

— Que tens, mamãe? — acudiu-lhe Lídia prontamente, sentindo o estremecimento que lhe percorreu o braço.

— Nada, minha filha — respondeu Fúlvia procurando esboçar um sorriso nos carminados lábios.

— Conheces esse cavalheiro, mãezinha? Vê, ele te estende a mão para te cumprimentar. Efetivamente, Aurélio oferecia-lhe a mão, dizendo :

— Como vai passando a mais bela flor do jardim de Vénus?

Fúlvia, quase inconsciente, lhè deu a mão, que Aurélio levou aos lábios, respondendo:

— Bem, obrigada. E o senhor?

— Com muitas saudades...

Fúlvia, temendo ver-se comprometida, interrompeu-o com uma inclinação de cabeça, e disse:

— Até mais ver, cavalheiro.

Aurélio, fazendo profunda reverência, segredou-lhe quase ao ouvido:

— Esta noite... no jardim de sua casa... Preciso falar-lhe.

Fúlvia afastou-se com o espanto na alma, acompanhada de Lídia, que não percebera o sigiloso aviso.

Havia tempo que as duas tinham já desaparecido da grande avenida, e Aurélio continuava de olhos fixos como se o seu Espírito tivesse abandonado o corpo para seguir mãe e filha.

Arcádio tirou-o da sua abstração, tocando-lhe no braço e dizendo:

— Em que estás pensando, Aurélio?

— Ali! — exclamou este, como se acordasse de um sonho. — Sabes tu onde reside?

— Quem?

— Quem há-de ser? . . . Fulvia. . .

— Sei. Na Avenida Apoio. Queres, então, visitá-la ?

— Desejava poder falar-lhe. . . Dizer-lhe que, apesar do tempo transcorrido, não tenho podido esquecê-la. . .

— Mas, será possível, meu amigo? Tão grande é a fascinação sobre ti, que, apesar de te abandonar por outro, continuas amando-a por essa forma?

— Sim! Ao vê-la agora, mais formosa do que nunca, sinto que meu amor por ela vai crescendo de momento a momento. Tenho a intuição de que a minha imagem não se apagou totalmente da sua memória, e que, no relicário do seu coração, ainda guarda alguma reminiscência da afeição que outrora me dedicava e tão feliz me fazia.

— Pode ser conforme dizes, Aurélio; porem, já te disse que ela é de virtude irredutível, e certamente jamais será perjura ao marido.

— Neste caso, quero ouvir dos seus próprios lábios a minha sentença.

— Ah! .. Agora lembro que o marido, há pouco mais de um mês, foi a Alexandria, para reaver a herança de Fúlvia, deixada por seus pais, áli falecidos recentemente.

— Razão de mais para que eu procure falar- -lhe, estando sozinha.

— Cautela, caro Aurélio, pois sempre que ele viaja, deixa a casa ao cuidado do liberto Zadias, que é um verdadeiro carcereiro.

— Tomarei cuidado.

## CAPITULO IV A rosa perde o seu perfume

Eram nove horas da noite. Febeia envolvida no seu véu diamantino ostentava-se desde o Olimpo até a Roma pagã, enviando-lhe puríssimos reflexos que incidiam nos marmóreos dorsos dos silenciosos e falsos deuses. A calma daquele ambiente, saturado de essências de flores, era frequentemente perturbado pelo incerto esvoaçar dos morcegos e aves noturnas.

No palacete de Caio reinava o mais completo silêncio. Somente nas cozinhas se ouvia o rumor da criadagem, ali entregue aos últimos serviços do dia.

Fúlvia e Lídia já se haviam retirado aos aposentos de descanso.

Lídia dormia profundamente, entregue aos seus suaves sonhos de virgem.

Fúlvia, reclinada num triclinio, permanecia junto ao leito da filha.

Não podia conciliar o sono e nem pensava em tal. Estava muito pálida. Nos seus grandes e negros olhos se espelhava espanto. Seus lábios murmuravam quedamente:

— Deus meu, quanto é ousado! Atrever-se a isso!... Sim, virá; conheço perfeitamente a sua temeridade; mas poderá ser percebido por Zadias ou algum dos escravos e... então... Preciso acudir para lhe dizer que se afaste... Que é loucura o que pretende fazer... Que entre mim e ele já não pode haver ilusão alguma... Que não posso ser perjura. Ah! Malfadado encontro, que tão inconvenientemente veio perturbar a paz do meu viver! Eu lhe direi que se retire destes lugares, pois já não o amo, nem o posso mais amar! Disse-me que estava com saudades. .. Então não me esqueceu ainda? .. Já o sabia! Também eu. . . Mas, que estou dizendo? Estarei louca para assim pensar? Não. . . Não posso mais amá-lo! Pertengo a outro e não devo faltar ao juramento que fiz perante Deus. Chegou a hora, e, antes que a sua presença no jardim possa ser notada por alguém, vou fazer-lhe compreender a sua inconveniência e dizer- -lhe que jamais deveria. aproximar-se de mim.

Levantou-se, após haver dirigido um último olhar a Lídia, que continuava dormindo plácida- mente, e saiu do quarto, pisando de leve para não ser percebida.

Pobre Fúlvia! Confiava muito nas suas forças, insciente de que caminhava para um precipício, no qual infalivelmente afundaria, se alguma força superior não acudisse a salvá-la.

Chegou ao cubículo, vagamente iluminado por uma lâmpada fosca que pendia do teto, e abrindo, sem ruído, uma das portas envidraçadas, saiu ao jardim.

Deteve-se por um momento, assustada, pois a Lua ostentava-se no zénite em todo o esplendor.

Achou-se envolvida pelo nimbo de luz que o astro enviava à Terra, e teve medo de que a sua túnica- branca a denunciasse a qualquer escravo que por casualidade se encontrasse naquele recanto da casa.

Deplorou não haver trazido sobre os ombros um manto escuro. Hesitava. . . e achava-se quase disposta a retroceder, quando ouviu um primeiro chamado que partia dos fundos do jardim e parecia haver saído de pequeno pavilhão ali existente.

Já não duvidava! Tremendo de espanto e palpitante de receio, aproximou-se do pavilhão. Através das colunas, percebeu Aurélio, de pé, braços cruzados, vestido todo de branco. Parecia um mitológico Apoio descido do seu pedestal.

Estacionou, sem poder dar mais um passo, no meio dos vãos existentes entre uma e outra coluna.

— Minha Fúlvia! — exclamou Aurélio a meia voz, correndo ao seu encontro, abraçando-a e puxando-a para dentro do pavilhão, meio envolvido na sombra que a abóbada nele projetava.

— Ah! com quanta ansiedade te esperava... O coração bem me dizia que não faltarias. ..

Fúlvia, desvencilhando-se daquele abraço, re- peliu-o, sem violência, dizendo-lhe com voz incerta, embora procurasse afetar um certo ar de severidade :

— Cavalheiro, grande foi a vossa ousadia em profanar a casa alheia, conforme o teria feito qualquer malfeitor vulgar... Eu JI. acudi, sim, mas no intuito de pedir que vos retireis imediatamente, a fim de que não possa a vossa presença neste lugar comprometer-me.

Aurélio empalideceu e, sem insistir em a acariciar de novo, disse, com amargura:

— Tendes razão, senhora. Penetrei aqui, escalando o muro qual o teria feito um ladrão vulgar... Perdoai-me, senhora; a paixão me cegou. Considerai que já se escoaram três lustros sem que, por um só momento, a vossa imagem fascinante se afastasse do meu pensamento. Vossa ausência, e também a ideia de que me desprezastes por outro, não conseguiram apagar a chama que arde em meu coração. Bem ao contrário!

Fúlvia oprimiu o peito com uma das mãos, enquanto com a outra se apoiava a uma coluna, para não cair, tão forte fora a impressão causada por aquelas palavras!

Aurélio bem o percebeu, porque se deixou cair de joelhos a seus pés, tomou-lhe a mão, beijando-a respeitosamente e dizendo:

— Fúlvia! Meu amor não tem limites, e durará enquanto um átomo de vida me sustentar... Despreza-me, se é que não me podes mais amar, dada a tua situação atual; porém, quero ouvir de teus próprios lábios a minha sentença... Sim! Diz-me ainda uma vez que não me amas. .. que não me podes mais amar, e eu fugirei para longe, bem longe, a chorar na mais triste solidão a perda da minha última esperança.

Aguardou a resposta. Fúlvia continuava em mudez que traduzia intenso sofrimento. O peito lhe arfava penosamente, como se lhe faltasse o alento. O rosto empalidecera até à lividez. Seus olhos se tornaram lânguidos qual se estivesse prestes a desfalecer. Animando-se, no entanto, respondeu :

— Sim! Afastai-vos! Ide para longe, bem longe, onde jamais nos possamos encontrar. Se sois livre, eu não o sou!

— Bem o sabia, Fúlvia adorada, que tu me amavas.. . Que não te esqueceste ainda de mim... Que a tua alma continua abrasando-se no mesmo fogo sagrado que inflama o meu coração.

— Cala-te, Aurélio, pois me matas!. .. Por favor, fuge! Podemos ser vistos.. . e então eu estarei irremediavelmente perdida!

— Se assim o queres, Fúlvia, afastar-me-ei — disse o mancebo levantando-se —, antes, porém, quero ouvir dos teus lábios que jamais me esquecerás .

— E como hei-de esquecer-te? Pensarás, por ventura, que juro falso? Não! Eu só tenho um coração e não posso amar a dois. Tu, somente tu, foste o meu primeiro e único amor... Por meu marido tenho apenas a veneração e estima respeitosa, que nos inspiram aqueles entes que constantemente nos envolvem na benéfica atmosfera de acendrado carinho e toda a sorte de atenções. . . Mas. .. compreenderás perfeitamente, Aurélio, que não lhe posso ser perjura; não devo trair a confiança, a fé cega que deposita na minha honestidade ...

— Tens razão, minha Fúlvia, o destino assim o quis; portanto, ausento-me, senão feliz, ao menos satisfeito, por haver podido ouvir dos teus lábios que jamais me esquecerás. Tua lembrança jamais se afastará de minha mente, e o pensamento de que continuas amando-me, sempre me dará forças para prosseguir na minha triste existência... Adeus, pois, querida Fúlvia, adeus!

Aurélio, após pronunciar estas palavras, com acento dolorido, beijou-lhe respeitosamente as mãozinhas, e avançou um passo para se afastar; mas, deteve-se, sentindo no coração alguma coisa que não pôde definir, se era dor ou alegria.

Talvez fossem ambos os sentimentos ao mesmo tempo.

Ao pretender, então, libertar as mãos, de Fúlvia, não o pôde fazer, pois ela o reteve, soltando um forte e triste suspiro, enquanto seu belo corpo principiou a tremer qual folha fortemente sacudida pelo vento. Vacilou!. e teria caído, se Aurélio não a tivesse amparado nos braços.

Soltou um débil gemido e a formosa cabeça pendeu no ombro de Aurélio, que, perturbado pela alegria, cego de paixão, principiou a beijar-lhe a fronte pálida, como se, com o calor dos seus beijos, pretendesse fazer retornar a vida àquele tão frágil corpo.

Uma hora mais tarde, Fúlvia deixava o pavilhão, depois de terno "*até amanhã*", proferido em voz cariciosa, dirigindo-se apressadamente ao cubículo.

Subiu os degraus, abriu a porta envidraçada e desapareceu na penumbra do aposento.

Dois minutos se passaram, e Aurélio surgiu entre as colunas. Atravessando o jardim a grandes passos, aproximou-se do muro, galgando-o àgilmente, para desaparecer do lado exterior.

No mesmo instante, destacava-se, por detrás de uma estátua de Minerva, uma silhueta escura... Era Zadias, o liberto, que, cruzando os braços ao peito e com um sorriso de escárnio a brincar-lhe nos lábios, monologou, enquanto nos olhos cintilava um raio de maldade e ódio:

— Ah! Então a *Rosa de Alexandria*, na ausência do marido e pela calada da noite, concede entrevistas amorosas? Maldito estrangeiro, que vieste de longínquas terras para me roubar o tesouro que mais prezava... Mas, assim não será, porque, agora, poderei envolvê-la nas minhas seduções, valendo-me do terrível segredo que surpreendi, e assim hei-de a render aos meus galanteios... Se resistir ou se mostrar irredutível, sempre me resta um último recurso — vingança! Hei-de matar-te, infame egípcio! Mas não... Não precisarei tingir as mãos com o teu sangue! Não! Denunciar-te-ei ao marido, e ele se encarregará de te liquidar! Primeiro, porém, empregarei todos os meios possíveis para ganhar o coração de Fúlvia. Ah!... Quinze anos de amor em silêncio, sofrendo as mais terríveis torturas ao vê-la em poder de Caio... Não tinha mais esperanças de me fazer amado; a sua virtude me amedrontava, afigurando-se-me invencível fortaleza... Agora, tudo mudou... Com a posse deste segredo, minhas esperanças renascem...

Olhou para a estátua de Vénus, que surgia por entre um maciço de flores, ali bem perto, e, levantando os braços para o alto, imprecou:

— Sê-me propícia, ó Vénus, e ofertar-te-ei um valioso sacrifício!

E, em meia-volta, dirigiu-se aos seus aposentos.

No dia seguinte, Fúlvia passeava entre os floridos canteiros do jardim; seu belo rosto adquirira o alegre aspecto de outrora; já não aparecia mais anuviado pela tristeza.

Lídia, a brincar com dois soberbos galgos que disputavam as carícias da gentil Fúlvia, acabava de passar, e, desembaraçando-se dos inteligentes animais, correu a pendurar-se no pescoço de sua mãe, beijando-a efusivamente e dizendo:

— Estás vendo mãezinha, quanto o passeio te fêz bem? Teu rosto já não está tão triste, teu sorriso já não é amargo; bem ao contrário, é suave... doce. . . Assim te quero ver sempre, ó mãezinha! Hoje voltaremos ao passeio!

— Não, minha Lídia.

— Cala-te! — exclamou a menina, fechando-lhe a boca com um beijo. E, adotando um ar de gravidade cômica, ajuntou: — Sou o teu médico e deves obedecer-me, sem faltar a uma só das minhas prescrições, se é que queres sarar; caso contrário, declino dos meus cuidados.

Púlvia, sorrindo, devolveu-lhe beijo por beijo, respondendo:

— Pois bem, obedecerei. Iremos ao passeio.

E, com ligeiro tremor na voz, continuou:

— Mas. . . disse-me, *senhor doutor*, não será - o remédio pior talvez do que a moléstia?

— Não creia *meu doente*; só receita ingredientes aprovados pela Ciência. . .

E, soltando gárrula risada, saiu a correr em \_ direção a uma porta ae terro, que se abria no muro. Aproximando-se dos varões, ficou a contemplar a rua, que, naquela hora, estava quase deserta.

Fúlvia sentou-se num dos bancos, e quedou-se, por muito tempo, a cismar. . .

Poucos minutos haviam passado que Lídia aproximara o angélico rosto através das grades da férrea porta, quando coincidiu passar um belo jovem, o qual se deteve por momento, como que fascinado pelo encanto que se desprendia da formosa criatura.

Seus olhos, ao contemplá-la, despediram um raio misterioso, que foi chocar-se com o sereno olhar de Lídia, o qual, por sua vez, se perturbou estranhamente, fazendo-a inclinar a cabeça para o eão, enquanto suas alvíssimas e delicadas faces se coloriam com a cor de rubras rosas.

O moço levou a mão ao coração e, como que temendo havê-la magoado, implorou timidamente:

— Perdoai-me, senhorita, se vos ofendi. . .

Lídia levantou a cabeça e respondeu com celestial sorriso:

— Perdoar-vos! Porquê, cavalheiro, se em nada me ofendestes?

E acompanhou estas palavras com um olhar tão profundo que o jovem estremeceu.

Daquele olhar se desprendeu reflexo que, deslumbrando-o, foi provocar em sua mente uma estranha metamorfose. Imediatamente, viu passar pelo pensamento uma transcendente fantasmago-

ria, idealizada pelos quadros etéreos de celestes reminiscências .

Aqueles quadros, cujo significado não podia ser totalmente compreendido no momento, traziam-lhe estranhas recordações.

Viu imenso espaço brilhante, formado por um fundo azul-turquesa, no qual efetuavam evoluções milhares de estrelinhas multicores.

Diferenciavam-se entre si, em formas, dimensões e intensidade de luz e cor. Umas, eram de verde-esmeralda; outras, da cor do rubi; outras ainda, no tom de ametistas, topázios e safiras. As maiores de todas, porém, as mais fúlgidas e formosas, abrihantavam aquele vasto cenário, despedindo os vívidos reflexos do mais puro diamante.

Subitamente (coisa assombrosa!), as estrelas perdiam o brilho, aparecendo transformadas em lindas criaturas humanas.

Uma daquelas estrelas, destacando-se das outras, foi lentamente retrocedendo e transformando- -se tal qual o haviam feito outras.

Viu apagar-se o seu foco luminoso, aparecendo logo o rosto belíssimo de angélica criatura. Rosto oval perfeito, animado por uns olhos de cor azul- -celeste, cintilando intensos, sob alvíssima fronte artisticamente emoldurada com o ouro dos amarelados cabelos. Esboçando suave sorriso, aqueles lábios lhe perguntaram:

— Cavalheiro, sois, talvez, estrangeiro em Roma?

Esta pergunta desfez o encanto.

Ele ficou perplexo, sem poder compreender que significava tudo aquilo.

A estrela em questão acabava de fundir-se na esplêndida donzela que estava à sua frente, e cuja pergunta o chamara ao mundo da realidade.

— Não, senhorita, já residi nesta cidade — respondeu ele.

— Pois o vosso aspecto nada tem de patrício romano; pareceis mesmo algum nobre da longínqua Palestina.

— Efetivamente de lá venho, senhorita. Desde minha mais tenra idade meus pais foram estabelecer-se em Jerusalém, fi, pois, natural que tomasse o semblante e os costumes da terra onde fui educado e da qual jamais me afastei. Considero a formosa Jerusalém por minha própria pátria.

— E há muito tempo que estais em Roma? — perguntou Lídia, interessando-se pela conversa do jovem, a ponto de se alhear de tudo quanto a rodeava .

— Há dois meses, mais ou menos. No ano transato, minha mãe faleceu, e meu pai, tomado por profundíssima tristeza, teve a saúde sèriamente comprometida. Seu médico o aconselhou viajar, afirmando que a simples mudança de clima bastaria para restabelecê-lo. A meu pedido, efetuamos uma viagem que durou vários meses. Visitámos os lugares santos, a Armênia, a Assíria, e, finalmente, montamos casa aqui, em Roma. Dificilmente sairemos deste império, porque meu pai parece estar recuperando a saúde.

— Cavalheiro, dissestes... os lugares santos... Que lugares são esses?

— Ah!. .. E\* verdade! Não sabeis, senhorita, e nem podeis sabê-lo, pois entre os romanos impera o Paganismo.

— Sim, é certo — exclamou a donzela baixando a cabeça, após haver olhado receosamente atrás de si. — Pensais, porém, senhor, que por ser esta a crença geral entre os romanos, eu a professe também? Estais plenamente equivocado. Já na minha infância, eu não podia ajeitar-me à ideia de que os nossos destinos ficassem dependendo de tantas e tão ridículas divindades. Depois, minha querida mãezinha infiltrou-me a crença em um Deus único e verdadeiro.

O jovem, admirado sobremaneira, estendeu a vista pelo jardim, e, esboçando nos lábios um sorriso de incredulidade, ajuntou:

— Permitti-me e perdoai-me, senhorita, que duvide um pouco das vossas palavras.

— Porquê, senhor? — perguntou Lídia um tanto decepcionada.

— Por motivo de ver todos esses deuses —, respondeu timidamente o rapaz, indicando-lhe os diversos mármorez que ornamentavam o jardim, surgindo entre a verde folhagem.

— Ah!... Meu pai é quem acredita neles; eu, não; até os acho detestáveis com os seus rostos sem vida, sem expressão. E vós, senhor, não tendes fé nos deuses?

— Ah! Senhorita! Eu... sou cristão!

. — Cristão! dizeis ?...

— Sim, cristão.

— Meu Deus, que ouço? — exclamou a donzela batendo palmas entusiastas. E, estendendo-lhe a destra por entre as grades do portão, acrescentou com grande alegria:

— Apertemos nossas mãos, cavalheiro, pois, pela crença, somos irmãos.

O moço, depois de apertar efusivamente a delicada mãozinha de Lídia, levou-a aos lábios, depositando nela um demorado beijo.

Enrubescendo, Lídia falou com precipitação:

— Falai-me sobre os lugares santos que visitastes.

— Agora sim, posso falar; vejo que podereis compreender-me. Fui ver, em Belém, o estábulo onde Jesus nasceu. Também o rio Jordão, onde Ele recebeu o batismo das águas, por intermédio do seu primo João Batista, mais tarde criminosamente decapitado para satisfazer ao desejo de Salomé, filha da ímpia Herodíade. Visitei o santo sepulcro; o monte Tabor, onde Jesus se transfigurou; o monte Calvário, onde foi cruel e injustamente crucificado entre dois ladrões. Fui, também, ao horto de Getsemani, e ali meus joelhos tocaram a terra sagrada que naquela noite angustiosa os augustos pés do Mestre pisaram.

Ao pronunciar estas palavras, aproximado no máximo, o rosto do rapaz parecia transfigurado pelo célico ardor da sua fé religiosa. Seus olhos brilhavam como que animados por divina chama. Suas faces enrubesceram e a voz tinha suavíssimas modulações.

Como se fôsse traída pelo encanto místico daquelas palavras, Lídia, embora sem o perceber, também se aproximou do moço, ao ponto de, apesar da grade, com os seus cabelos roçar o rosto dele. Este calou como se revisse, pelo pensamento, as encantadoras paisagens que acabava de descrever revestidas de tão comunicativa emoção.

— Ah! — exclamou Lídia entusiasmada. — Quanto seria feliz, se pudesse percorrer os mesmos caminhos trilhados por Jesus! Subiria o Calvário, mesmo de joelhos e perdendo as minhas carnes entre as urzes do caminho, e julgaria bem recompensados todos os sacrifícios, se pudesse deixar cair minhas lágrimas nos cálices daquelas espécies de flores, mais felizes do que eu, que contemplaram o rosto excelso do divino Redentor.

E envolvendo o jovem com o seu luminoso olhar, ajuntou:

— Prossegui, cavalheiro, falai... continuai vossa descrição; deixai que eu continue a fruir o suave néctar espiritual, divino, que se desprende da vossa narrativa.

Nesse instante se desfez o encanto que prendia aquelas duas almas e as transportara a um paraíso de venturas inexprimíveis por sua elevação e sublimidade :

— Lídia! — chamou Fúlvia, levantando-se do banco onde se assentara.

Saíra da sua abstração. Não vendo a filha perto de si, percorreu o jardim com a vista, e, deparando com ela por detrás das grades do portão, em intimidade com um desconhecido, chamou-a, sobressaltada .

Lídia voltou-se rapidamente, e, vendo a mãe, regressou ao mundo da realidade.

— Espere um pouco cavalheiro — disse ela, e célere foi ao encontro de Fúlvia, atirando-se-lhe nos seus braços e beijando-a carinhosamente.

— Que significa isso, Lídia? — perguntou-lhe com estranheza.

— Ah! mãezinha, que felicidade! Sabes, aquele senhor falou-me de Jesus, do nosso divino Redentor !

— E' cristão? — perguntou Fúlvia em voz baixa.

— Sim; vem, mãezinha, vem ouvi-lo, e ficarás encantada com as suas palavras. Sabes? ele visitou todos os lugares que ainda guardam a lembrança do nosso querido Jesus. Quero que o conheças! Vem, mãezinha, vem.

E, tomando-lhe o braço, arrastou-a até junto da porta gradeada, onde o mancebo esperava. Ali chegando, disse:

— Senhor, apresento-lhe minha mãezinha.

O rapaz inclinou-se profundamente perante Fúlvia, que o contemplava entre admirada e sorridente. Lídia continuou, dirigindo-se a esta, e indicando-lhe o jovem:

— Mãezinha, apresento-lhe o Senhor...

E, perturbada, baixou os olhos.

Fúlvia riu alegremente do embaraço da filha.

— (Como se explica que me apresentes esse cavalheiro, se nem sequer lhe sabes o nome?)

— Virgílio Catius... servo de V. Excia. — apressou-se a responder o rapaz, inclinando-se novamente, para melhor ocultar a própria confusão.

— Obrigada! — disse Fúlvia, estendendo-lhe a mão, que Virgílio levou delicadamente aos lábios.

— Então o senhor é cristão?

— Sim, minha senhora, e orgulho-me em poder declarar-me tal — respondeu com entusiasmo.

— Há muito que vos conheceis? — perguntou Fúlvia, dirigindo-se a Lídia.

— Não, mamãe, apenas há meia hora.

— E' possível?! — exclamou a mãe, com espanto.

— Sim, minha senhora, ainda que difícil de explicar e crer. Eu passava na rua, e, dirigindo o olhar para este portão, vi o anjo que Deus vos concedeu por filha... Atrevi-me a cumprimentá-la, com a nítida impressão de havê-la conhecido noutros tempos. Ela respondeu amavelmente à minha saudação... Aproximei-me, impelido por essa força atrativa que se desprende dela... Entabulámos conversa... E... eis tudo, minha senhora.

— Ah! mamãe, se tu ouvisses as coisas formosas que ele conta! Já não te disse que ele visitou todos os lugares percorridos por Jesus?

— E\* possível? — perguntou Fúlvia com admiração.

— Sim, minha senhora — disse Virgílio, com grave acento. — E' certo que também amais o nosso divino Mestre?

— Se o amo?... Sim, com toda a minha alma. E o meu amor por Ele eu o julgo mais profundo ainda, por não o poder externar, forçada que sou a guardá-lo no íntimo do coração.

— Qual o motivo, minha senhora?

— Meu marido professa a religião pagã. As mitológicas divindades se apossaram dele, e, apesar de que talvez não recriminasse minha santa crença, sinto que jamais me atreveria a declarar-lha abertamente; temo que isso perturbe a paz que sempre reinou em nosso lar.

— Acaso desejaria a senhora possuir uma imagem do Redentor?

— Muito! — exclamou Fúlvia, com entusiasmo. — Tereis, porventura, alguma em vosso poder?

— Sim, minha senhora — respondeu *Virgílio*, com amável sorriso e levando a mão a um bolso.

— Esperai que eu abra esse portão — disse Fúlvia, correndo os ferrolhos.

Logo, indicando-lhe o templete, ajuntou:

— Vamos, lá, cavalheiro; não convém que a criadagem saiba que sois cristão; talvez isso nos trouxesse algum contra-tempo.

Lídia, radiante de alegria, aceitou o braço que Virgílio gentilmente lhe oferecia, e avançaram lentamente em *direção* ao templete, seguidos de Fúlvia, que, estranhamente comovida, os contemplava

sorrindo.

Entraram no pavilhão, indo sentar-se em um dos bancos de *mármore* ali existentes.

Fúlvia foi a última a entrar, e, após dirigir um olhar pesquisador pelo jardim, para certificar-se de que nas janelas da casa não havia ninguém, *foi* sentar-se junto deles, ficando Virgílio ao centro.

O jovem, muito emocionado com o desenrolar daquela inesperada e rápida aventura, meteu a mão no bolso, tirando um rolo de papeis. Desdobrou-o, apresentando às suas interlocutoras uma primorosa gravura de Jesus.

No primeiro instante, ficaram atônitas, contemplando com admiração aquele rosto suave, de olhos profundos e doces, cujo olhar parecia penetrar até ao íntimo da alma.

Lídia juntou as mãos, permanecendo muda e como que extasiada com aquela imagem emocionante.

Fúlvia contemplava-a com arroubo, exclamando, enquanto as lágrimas lhe brilhavam nos olhos:

— Que rosto formoso! Que olhar meigo e suave! Parece que desse olhar se desprende um manancial de consolações! Quanto vos amo, ó Jesus! E pensar que vos crucificaram, quando pela aura que vos circunda deixais bem perceber que éreis o filho de Deus!

Lídia, num impulso irrefletido, pegou na gravura e principiou a beijá-la com sincero fervor.

— Cuidado, filha, pois assim poderás estragar a imagem — interveio Fúlvia, contendo-a.

— Ah! disse a menina com enlevo. — E\* tão bela! Irradia um encanto tão celeste, tão divino!

E, contemplando-a novamente, acrescentou:

— Como gostaria de a possuir para poder admirá-la eternamente!

— Deveras o desejais, senhorita? — perguntou Virgílio, sorrindo amavelmente.

— Seria a minha maior felicidade possuir esta imagem adorável.

— Podeis, pois, tomá-la: é vossa.

—r Meu Deus, que alegria! Obrigada, mil vezes agradecida!

Instantes depois, os três saíram do pavilhão, ligados por estreita simpatia.

Rostos alegres e sorridentes, demonstravam a paz e o sossego de suas almas, que em tão breves momentos se haviam sabido compreender.

A mesma santa crença acabava de os ligar para sempre.

Prometendo-se mútua estima e auxílio recíproco, os três se aproximaram do portão.

Ao abri-lo, Fúlvia disse ao jovem que as visitasse frequentemente, ao que ele acedeu prontamente, agradecendo.

Apertaram-se as mãos, feitos bons amigos, e, após profunda reverência, o moço afastou-se, desaparecendo numa próxima travessa.

Fúlvia fechou o portão, e, dando o braço à filha, , seguiram ambas agradavelmente impressionadas para o interior da casa.

Nem bem a porta do cubículo, pela qual entraram, acabava de se fechar por detrás delas» quando, dentre espessa moita de folhagem, apareceu a cenhosa figura do liberto Zadias. Com os braços cruzados ao peito e o rosto contraído pelo ciúme, exclamou:

— Por Baco! De há bons tempos para cá, acontecem nesta casa certas coisas esquisitas! Quem será este pássaro, que acaba de obter duas boas horas de intimidade? Se veio aqui atraído pela filha, menos mal; Lídia não me interessa; mas, caso contrário, ai dele! Cairá fatalmente, abatido pelo meu punhal!

## CAPITULO V Amor de um anjo

Passaram-se dois meses, durante os quais o formoso jardim de Caio Pompei se tornou teatro do mais inocente idílio.

Todos os dias, apenas soavam duas horas da tarde, Lídia, acompanhada de uma escrava branca, descia os degraus da pequena escada que do cubículo ia ao jardim. Sentava-se num banco, enquan-

to a escrava permanecia em pé, por detrás da porta, à espera de Virgílio. Logo que este aparecia, ela abria a porta e o jovem entrava, indo ajoelhar-se aos pés de Lídia, em cuja pequenina mão depositava respeitoso beijo.

Levantando-se, depois de lhe oferecer precioso ramalhete de flores, formosas e raras, sentava-se a seu lado, e o idílio principiava. Idílio santo, todos os dias renovado!

A escrava, sentada em banco próximo ao ocupado pelos dois namorados, contemplava-os extasiada; e, ao ver a formosa e angélica figura de Lídia, vestida com flutuante e alvíssima túnica de gaze, cingida por um cinto de ouro, com os cabelos dourados a cobrir-lhe as costas, qual um manto, afigurava-lhe achar-se em presença de uma das tantas ninfas espalhadas pelo jardim, descida do seu pedestal para prodigalizar conforto àquele afortunado mortal.

As vezes, Fúlvia vinha fazer parte do grupo, e a conversa generalizava-se.

Fúlvia, com grande contentamento da parte de Lídia, fazia ao moço reiteradas perguntas a respeito de Jesus e da difusão da sua doutrina.

O rapaz, embora preferindo estar a sós com Lídia e falar-lhe do seu amor, sempre respondia delicadamente às perguntas, estendendo-se em detalhes que entusiasmavam a donzela, a ouvir com enlevo as passagens da vida do Redentor.

Bastava que em sua presença se pronunciasse o nome de Jesus, para ficar como que tocada por um meio êxtase.

Quando se achava sozinha com o jovem, e quando mais se empenhava ele em lhe demonstrar a sua paixão, frequentemente o interrompia para perguntar alguma coisa de Jesus.

Por vezes eJe se perturbava, perguntando um tanto enciumado:

— Mas, Lídia, será que tu o amas mais do que a mim?

— Muito mais! Meu amor por Ele não conhece limites; vai além da percepção humana. E' um amor divino, somente comparável ao sentimento que nutro por Deus.

Falando desta forma, o fascinante rosto de Lídia se transfigurava. Seus olhos cintilavam qual estrelas, despedindo celestes fulgurações. Indefinível aura a circundava, dando-lhe aparência verdadeiramente angelical.

O rapaz ficava, então, mudo, contemplando-a extasiado, parecendo-lhe que essa aura que a envolvia aumentava de intensidade luminosa, e aos poucos afetava a forma de brilhante estrela, em cujo foco desapareciam os contornos da donzela.

Quando isso se dava, acudia à mente de Virgílio a vaga reminiscência de já ter visto aquela estrela noutra lugar, em bem remotas eras. Então, um sentimento de adoração e respeito se apossava dele, e tinha ímpetos de precipitar-se a seus pés. Mas... subitamente, aquela aura se diluía e ficava novamente a seus olhos admirados apenas a gentil figura de Lídia.

Uma tarde, logo de chegada, perguntou:

— Sabes o que se passa, Lídia? Dentro de poucos dias, vai chegar a Roma o grande apóstolo Pedro, chefe da nossa religião, ao qual o Mestre escolheu como sendo o seu sucessor, o seu representante na Terra.

— Que dizes? — exclamou Lídia com vivo interesse .

— Sim, ele vem propagar nossa doutrina, esse farol sublime da fé que, no futuro, dissipará as trevas do Paganismo.

— E' tão grande, então, a coragem desses homens que, apesar da perseguição iniciada pelo tirano e pérfido Nero, se atrevem aos riscos de cair na boca do lobo?

— Assim é, minha Lídia. Eles arrostam os maiores perigos e vexames para cumprir os preceitos impostos pelo Mestre.

— Coitado! Talvez vá ao encontro do sacrifício !

— Ele bem o sabe, e, mesmo assim, para aqui se dirige. Está disposto a tudo, até a abraçar a gloriosa palma de mártir, desde que com isso possa ser entendida pelo orbe inteiro a luz divina do

Cristianismo. Ele vem pregar o amor e a caridade entre os homens; vem repetir-nos as palavras do Mestre, e inculcar em todos os corações os princípios salutares da nossa crença.

— Queira Deus dar-lhe força e resistência para cumprir, em todos os pontos, a sagrada missão que lhe foi confiada. E qual o lugar onde irá pregar, Virgílio ?

— Nas catacumbas.

— Deus do céu! Em tão tétrico lugar?

— Sim; e foi escolhido por nós, para que justamente ninguém nos possa surpreender. Ali estaremos a coberto de qualquer cilada por parte dos sequazes de Nero.

— Dize-me, Virgílio, como sabes de tudo isso?

— Pois ignoras que sou cristão?

— Sim, mas...

— Bem. Vou dizer claramente, pois é necessário que o saibas. Nós tomamos parte muito ativa no movimento cristão... Meu pai é um dos chefes encarregado de espalhar pelo mundo a doutrina do Cristo. É um dos seus mais fervorosos discípulos. Essa foi a causa principal das nossas viagens pelos santos lugares, dos quais te falei em nosso primeiro encontro.

— Então, não é definitiva a vossa permanência em Roma?

— E\ Meu pai, sentindo-se velho, alquebrado, pediu ao santo conselho para fixar residência aqui, onde temos campo vasto para desenvolver nossa atividade. Seu desejo foi atendido. Agora, faz ele parte da comissão diretora do movimento cristão nie, embora ocultamente, se vem desenvolvendo em \*Roma. Nossa casa é ponto de reunião dos chefes e delegados da sagrada causa.

Dali partem todas as ramificações que se estendem pelas províncias e aldeias do Império. Agora, peço-te, minha Lídia, não deixes transpirar coisa alguma de quanto acabo de te contar, pois, se o souberem, chegando aos ouvidos desse malvado Nero, estaríamos irremediavelmente perdidos.

— Perde tal receio, Virgílio; da minha parte nada haverá que possa comprometer-vos.

— Dia virá em que estenderemos a luz divina do Mestre por este vasto Império, à plena vista dos próprios romanos, que ficarão deslumbrados, sucedendo, então, coisas assombrosas, entre as quais se destacará a queda definitiva do perverso tirano. Ao seu reinado de devassidão e iniquidade, sucederá o reinado de amor e caridade tão da essência da doutrina do excelso Crucificado.

— Deus o permita, Virgílio. Queira Ele conceder-me a graça de assistir a esse grande dia, decerto o mais feliz de toda a minha existência! Quando o Apóstolo pregará?

— Ainda não se sabe, pois depende da chegada da nave que deve conduzi-lo; provavelmente será dentro de três dias. Eu te avisarei.

— Estimaria imenso ouvi-lo!

— Tu não o podes, minha bela.

— Porquê?

— O auditório será todo de gente do povo, com vestes humildes, e a tua presença seria logo percebida.

— Mas... então... tu não vais? E não és do poviléu.

— Mas... nós... nos ocultamos debaixo de humildes trajés. Escondemos o rosto sob as abas de grandes chapéus, que nos dão aparências plebeias. Caracterizamo-nos até com barbas compridas, de forma que ninguém nos conheça. Às vezes é difícil identificar a nós mesmos...

— E porque não poderia eu comparecer, caracterizada também em filha do povo?

— Podes... sim, mas terás que te misturar e acotovelar com gente plebeia e...

— Que importa! Serei, por ventura, melhor do que eles? Quem sabe, Virgílio, se aqueles míseros farrapos não escondem almas mais puras, mais elevadas que as nossas! Não vestia também humildemente o Mestre Jesus? Alma puríssima por excelência, elevada e sublime, desdenhava por acaso a convivência com os mais humildes? Quero ir, Virgílio. Quero ouvir as palavras divinas do Mestre, pela voz do seu autêntico discípulo... Olha, aí vem mamãe! Vou pedir seu consentimento; se

ela aceder ao pedido, tu deves acompanhar-me às catacumbas.

— Se ela o permitir, não deixarei de o fazer, querida Lídia.

Efetivamente, a porta do cubículum acabava de se abrir, e Fúlvia, descendo os degraus, aproximou-se do par, com um sorriso nos lábios.

— Mãe — disse Lídia em voz baixa, logo que ela se sentou a seu lado —, Virgílio diz que breve chegará a Roma, para pregar a doutrina de Jesus, o grande apóstolo Pedro. Eu quero ir à reunião, mãe... Desejo ouvi-lo.

— Impossível, filha.

— Porquê, mãezinha?

— Estás louca, para fazer semelhante proposta? Pois não pensas que seríamos descobertas e cairíamos no desagrado da Corte? Ai de nós todos, se tal coisa acontecesse!

— Mas... mãe, ninguém nos verá, ou, para melhor dizer, embora nos vejam, ninguém nos reconhecerá.

— E como conseguir isso?

— Disfarçando-nos com uma túnica das escravas, revestiremos um desses grandes e sombrios mantos que a gente do povo costuma usar, e, assim, ninguém perceberá quem somos.

— Louquinha! — exclamou Fúlvia, sorrindo.

— Então, não gostarias também de ouvi-lo, mãe?

— Gostaria, sim, mas... tenho receio... As consequências nos podem ser fatais.

— Deixa isso por minha conta, mãezinha; hás-de ver como ficaremos irreconhecíveis.

Fúlvia dirigiu-se ao jovem, perguntando-lhe:

— Seria então possível, Virgílio, dar satisfação aos desejos desse diabrete?

— Possível é, mormente pelas circunstâncias em que se deve realizar a assembleia, isto é, num lugar retirado e a horas tardas.

— Onde será?

— Nas catacumbas, à meia-noite em ponto.

— Que dizes a isso, mãezinha?

— Concedido, minha filha, mas será preciso que Virgílio nos acompanhe, pois...

— Naturalmente, minha senhora; não devem ter receio algum... Eu as restituirei a esta morada, conforme as venha buscar. Podem estar certas de que, indo comigo, nada desagradável lhes acontecerá. Saberei defendê-las.

— E quando será isso, meu amigo?

— Ao certo nada se sabe, pois o navio que conduz o Apóstolo não chegou ainda; esperamos, no entanto, poder ouvi-lo dentro de três dias.

— Ah! com quanta ansiedade eu o espero. Estás vendo, mãezinha, tudo nos favorece. Até a ausência de papai!

— A propósito — inquiriu Virgílio —, ainda não se sabe quando regressará?

— Não — respondeu Lídia. — Na última carta dizia que talvez fôsse forçado a demorar mais alguns meses, pois o homem que se apropriou dos bens de meus avós não os quer ceder, e necessário foi requerer perante o tribunal de justiça, e bem se sabe que todos esses senhores da Justiça nunca têm pressa.

— E' possível então que a pendência venha a roubar-lhe um ano.

— Talvez — disse Lídia, suspirando. — Não sei para que papai foi lá...

— Justamente por ti, minha filha; para poder dar-te um porvir mais seguro.

— Mãe, por mim, poderia ter desistido. Para que tanto dinheiro? Porventura já não nos sobra bastante daquilo que atualmente possuis? Acho que não chegarei a desfrutá-lo.

— Porquê, Lídia?

— Porque tenho o pressentimento de que morrerei muito nova ainda...

— Não fales assim, minha filha, essas palavras despedaçam meu coração. Porque dizes tais coisas? Não estás na flor da mocidade, no esplendor da tua beleza? Será que alguma coisa te faz sofrer na vida?

Assim falava Fúlvia, apertando a filha nos braços, e beijando-lhe as formosas faces.

— Não, mãezinha — respondeu, devolvendo-lhe beijo por beijo —, nada me faz sofrer, sinto-me até muito feliz; mas, às vezes me assaltam esses pressentimentos e... Mas, deixemo-nos disso!

Na noite daquela mesma data, a porta do cubículo abria-se, e uma forma feminina, envolta em escuro e amplo manto, cautelosamente descendo os degraus, encaminhava-se ao templete, desaparecendo entre as colunas do pórtico.

Quase no mesmo instante, a passagem do fundo do jardim abria-se silenciosamente, e uma silhueta de homem por ela entrava. E, após encostar a porta, dirigia-se cauto ao local, desaparecendo na penumbra do seu interior.

À mesma hora, outra sombra, também de homem, saindo detrás de uma estátua de Vénus, aproximava-se, com a maior cautela, do pavilhão e ia confundir-se entre as colunas.

Nuvens densas toldavam o firmamento, estendendo no jardim um véu de sombra e mistério.

Subitamente, a formosa Selene conseguiu rasgar o escuro e compacto velário, assomando pela abertura o seu redondo e prateado disco.

Um dos seus raios foi incidir no templete e, coando-se por uma das estreitas ogivas, iluminou o interior.

Num banco achavam-se sentados dois seres embevecidos, absortos completamente em amoroso colóquio.

Eram Aurélio e Fúlvia. Ela vestia uma túnica de gaze, cuja alvura se confundia com a sua delicada epiderme de lírio. Tinha tirado o manto.

Aurélio trajava roupa escura.

O vulto, que permanecia espiando por entre as colunas, avançou um pouco a cabeça, devorando com os olhos o elegante par, enquanto seus punhos se crispavam com raiva, murmurando odiento:

— Maldito! tu me pagarás com a vida o que acabas de fazer. Tua presença neste Império foi a derrocada de todas as minhas mais caras ilusões, porque ela te ama. Minha vingança será terrível. Hei-de beber-te o sangue...

Naquele momento, Fúlvia dizia:

— Queres pois acompanhar-nos, Aurélio?

— Pois não! Já tenho ido lá, pois bem sabes que também sou cristão; porém, agora, irei às catacumbas com maior júbilo, porque irás comigo.

— Já sabes que deves disfarçar-te?

— Naturalmente...

— E como te conhecerei?

— Usarei barbas brancas bem compridas, as quais me darão uma aparência de velho. Esperar-te-ei na portinha do jardim... do lado de fora.

— Sim.

— Quando passares, chamar-te-ei.

— Não, Aurélio! Não. me chames pelo nome, pois poderias ser ouvido por algum escravo... Talvez pelo próprio liberto e então...

— De acordo... também, em que não precisa chamar-te.

— Já é hora de nos separarmos — disse Fúlvia, levantando-se e cobrindo-se com o manto.

Aurélio imitou-a, e ambos, de mãos dadas, saíram do pavilhão.

Fúlvia encaminhou-se apressada na direção do cubículo, enquanto Aurélio se dirigia apressadamente à pequena porta aberta no muro e habilmente dissimulada entre as heras. Abriu-a, transpôs o limiar, fechando-a e desaparecendo na penumbra da noite.

O vulto saiu do labirinto de colunas onde se escondera, e, estacando, braços cruzados no peito, regougou, com concentrada ira:

— Deuses! São cristãos! Agora, sim, caístes nas minhas mãos. Sem o quererem, eles próprios a mim se entregam! Vão às catacumbas! E quando? Ah!... Sim... Sabê-lo-ei... Lá devo ir também... Que se amam, já não posso duvidar. Não devo, pois, perder tempo. Qualquer dia destes... sim... aproveitarei a primeira ocasião favorável para sitiá-la... Declarar-lhe-ei minha veemente paixão; se me repelir, tanto pior para ambos, porque avisarei logo o patrão do que se passa e os denunciarei à polícia de Nero. Se escaparem ao castigo do senhor Caio (o que me parece difícil), não poderão furtar-se à perseguição de César! Primeiro, porém, empregarei todos os meios possíveis para fazê-la cair nos meus braços...

Entusiasmado com esta delituosa ideia, dirigiu-se à estátua de Vénus, exclamando:

— O' deusa! Sê-me propícia!

E, gargalhando surda e satânicamente, desapareceu no jardim.

## CAPITULO VI Nas catacumbas

Faltavam apenas dez minutos para meia-noite.

O céu estava sombrio. A Lua desaparecera. A luz rutilante das estrelas não bastava para dissipar a densa treva que se estendia, qual triste e fúnebre mortalha, sobre a campina romana.

Pelo caminho que levava às catacumbas, passava um estranho cortejo. Imensa multidão se dirigia, a passo lento, para aquele recôndito lugar.

Eram grupos de cinco ou seis pessoas, vestidas todas pobrememente. Um andavam silenciosas, mais parecendo sombras do que seres humanos; outras, conversavam animadamente, mas em voz tão baixa, que a custo se lhes poderia ouvir o leve cochicho.

Para iluminar o percurso, cada grupo trazia um archote ou simples lanternas.

A cada instante apareciam, pelos caminhos afluentes, novos grupos que iam engrossar a multidão.

À meia-noite em ponto, o local das catacumbas já não comportava mais ninguém. O tétrico recinto ficava iluminado apenas pelas luzes incertas dos archotes e lanternas.

A turba, apinhada, comprimida, acomodava-se toda no chão. Uns, sentados; outros, de joelhos, cobrindo totalmente as lousas funerárias, em baixo das quais os mortos "dormiam o último sono"...

À primeira vista, aquele cardume de gente parecia ser todo composto de seres paupérrimos, saídos das mais ínfimas camadas sociais; porém, a um observador perspicaz, não teria passado despercebido o fato de que, por debaixo daqueles farrapos, assomavam mãos aristocráticas, de alvíssima e acetinada epiderme.

No meio de tanta aparente miséria, adivinhava-se mais de um nobre patrício romano, cujas vestimentas plebeias não conseguiam ocultar totalmente o ar distinto, o porte elegante.

Durante quinze minutos, foi-se elevando um murmúrio de preces.

Súbitamente, houve grande silêncio, e aqueles que ainda se conservavam de pé, ajoelharam rapidamente. Todas as cabeças se levantaram e os olhares se concentraram num determinado ponto.

Acabava de aparecer um velho venerável, embuçado em grande manto escuro.

Era o apóstolo!

Ao entrar, trazia um suavíssimo sorriso de bondade nos lábios, cumprimentando a todos os circunstantes com acenos de cabeça.

Vinha acompanhado de três ou quatro cristãos, envoltos também em grandes mantos.

— E' Pedro — diziam todos. — E' Pedro, o apóstolo que acompanhou o Mestre Jesus em sua peregrinação.

E, sem deixar as suas posições, erguiam a cabeça para melhor contemplá-lo.

Um dos acólitos levantou a mão recomendando atenção, pois o apóstolo ia falar.

Seguiu-se novo e profundo silêncio.

Pedro abençoou a multidão e, em seguida, com voz fraca, porém compreensível, começou a expressar-se assim:

— "Glorificado seja Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus-Cristo, o qual, por sua grande misericórdia, reanimou nossa esperança, por causa da ressurreição de Jesus-Cristo dentre os mortos.

"Paz seja convosco que sois conservados na virtude de Deus, por intermédio da fé, para alcançardes a salvação que vos está reservada, e que deve manifestar-se nos últimos tempos, para atingirdes a herança imperecível, que não pode contaminar-se, conservada nos Céus para todos vós.

"A prova de nossa fé é muito mais preciosa que ouro perecível.

"Seja, pois, ela encontrada em vossos corações em honra e glória do Mestre, a quem amais e no qual acreditais, embora não o possais ver.

"No fim, recebereis, cheios de gozo, o prêmio da vossa fé com a salvação da vossa alma.

"Filhos obedientes, não vos deveis deter nas concupiscências anteriores, as quais vos podem ser perdoadas por causa da vossa ignorância de então.

"Bem ao contrário, esforçai-vos na santidade e semelhança daquele que vos chamou e que é santo também, pois escrito está: — "Sede santos porque eu sou santo." E se invocais por Pai aquele que julga a todos sem exceção, conforme as obras de cada um, conservai-vos no santo temor de Deus, durante todo o tempo que durar a vossa peregrinação pela Terra.

"Sabeis muito bem que acabais de ser resgatados da vossa escravidão, a qual herdastes dos vossos avós, e não foi feito mediante coisas efêmeras iguais ao ouro e à prata, mas com o precioso sangue do Cristo, cordeiro imáculo e certamente predestinado, desde muito antes da fundação do mundo, para se manifestar nos últimos tempos, por amor de todos vós.

"Por seu intermédio, acreditais em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu imensa glória para que firmeis a vossa fé e a esperança em Deus.

"Já que pela palavra de Deus renascestes, amai-vos todos uns aos outros; amai-vos' entranhadamente e de coração puro; porque toda carne é qual a ervada dos campos, e as glórias deste mundo são quais as flores da erva: esta seca e as flores fenecem.

"Mas a palavra do Senhor permanece eternamente; eis aí a palavra que pelo Evangelho vos é transmitida.

"Portanto, afastareis de vós todo o engano, toda a malícia, a inveja e toda a palavra pecaminosa.

"Sede pedras vivas para que, entre todos, possais levantar a casa espiritual, onde se ofereçam sacrifícios espirituais agradáveis a Deus, por mediação de Jesus.

"Ouvi as palavras da antiga escritura: — Eis aí que eu colocarei em Sião a pedra angular, escolhida, preciosa, e todo aquele que nele acreditar jamais será confundido."

"Amados! Eu vos peço, estrangeiros e caminantes que sois, desviái-vos dos desejos carnis que combalem a alma.

"Sejam sempre honestas as vossas conversas com os Gentios, para que, em lugar de murmurarem de vós como de malfeitores, glorifiquem a Deus, estimando-vos pelas vossas boas obras.

"Honrai a todos. Amai a fraternidade. Sede sempre temerosos de Deus. Amai, não somente os bons e humanos, mas também os rigorosos e desumanos, porquanto — que glória tereis se, pecando, sois esbofeteados e o sofreis humildemente?

"Mas, se fazendo o bem sois injuriados e sofreis com resignação, certamente sereis agradáveis à vista de Deus.

"Porque para isso fostes chamados, pois que também o Cristo sofreu por nós, deixando-nos um modelo para lhe seguirmos nas pegadas.

"Ele não pecou, nem jamais de sua boca saiu engano.

"Quando era amaldiçoado, abençoava; e, quando injuriado, nunca ameaçava; remetia sua causa ao Juiz Supremo, que julga tudo justamente.

"Por causa dos nossos pecados, chegou até ao infamante madeiro, para que nós, mortos pelo pecado, ressuscitássemos pela justiça.

"O sangue que brotou das suas feridas lavou a nossa contaminação.

"Porque todos éramos qual ovelhas transviadas; mas agora fomos restituídos ao Bom Pastor.

"E vós, ó mulheres, sede fieis aos vossos maridos, para que se alguns não acreditarem na palavra, sejam ganhos sem a palavra pela conservação das mulheres.

"Seja vossa conversação honesta e pura.

"Não vos atavieis exteriormente com encrespamento de cabelos, enfeites de ouro e custosos estojos.

"Ornamentai vossas almas com o galardão das virtudes.

"Sejam os vossos corações puros e sem corrupção .

"Porque assim se ataviavam, nos tempos antigos, aquelas santas mulheres que confiavam em Deus, estando sujeitas ao marido pelos laços de um amor lícito e puro.

"E vós, ó maridos, honrai a mulher como vaso mais frágil que é; sede a sua proteção, para que vossas orações não sejam impedidas.

"Não devolvais mal por mal, nem maldição por maldição; mas, ao contrário, devolva sempre bem por mal, e bênção por maldição.

"Porque aquele que ama a vida e deseja sejam todos os seus dias bons, afaste-se do mal e faça o bem, procure a paz e siga-a.

"Os olhos do Senhor pairam sempre sobre os bons e seus ouvidos estão atentos às suas preces.

"E se alguma coisa vierdes a sofrer por amor à Justiça, sereis por isso mesmo bem-aventurados.

"Portanto, não vos conturbeis; santificai a Deus em vossos corações e procurai estar sempre bem aparelhados para responder e confundir todos aqueles que caluniarem o vosso proceder em Cristo.

"Já que Cristo sofreu por nós na carne, armai-vos também vós próprios do mesmo pensamento.

"Não vades juntamente com os Gentios em concupiscências, glotonerias, embriaguez e abomináveis idolatrias.

"Vêde que o fim de todas as coisas se aproxima; usai, pois, de temperança, orai e vigiai, e, acima de todas estas coisas, animai-vos de fervorosa caridade, pois a caridade cobrirá sempre multidão imensa de pecados.

"Auxiliai-vos uns aos outros, sem murmurações.

"Cada um de vós deve repartir com os outros uma parte daquele dom que recebeu, como bons ministradores das diversas graças de Deus.

"Se sois escarnecidos por causa do nome do Cristo, sois bem-aventurados, porque o Espírito de glória e de Deus repousa sobre vós.

"Que nenhum de vós seja tido por homicida, ladrão ou malfeitor; porém, se algum for atingido por ser cristão, não deve envergonhar-se de tal; mas, ao contrário, deve glorificar a Deus.

"Agora, eu digo a todos os anciões que se acham no meio de vós, ancião que também sou, e testemunha dos sofrimentos do Cristo: Apascentai o rebanho de Deus que se encontra entre vós, mas não usando da força, nem da violência, e sim por meio da persuasão, da benevolência, desinteressadamente, e assim, quando aparecer o Príncipe dos pastores, receberéis a imarcescível e duradoura coroa de glória.

"E vós, ó mancebos, procurai sempre sujeitar-vos aos anciões, de maneira que sejais todos uns para os outros. Vesti-vos da humildade de ânimo, porque Deus resiste aos soberbos e derrama sua graça sobre os humildes. Humilhai-vos, debaixo da poderosa mão de Deus, para que Ele vos exalte quando for tempo. Deixai todo receio, pois Ele cuida solícitamente de todos vós. Sede sóbrios e comedidos; acautelai-vos, porque vosso adversário, o espírito do mal, anda constantemente em volta de vós, qual leão faminto disposto a devorar algum."

Aqui, o apóstolo calou, para se refazer um pouco da fadiga.

Sentou-se no chão, e um dos seus acólitos lhe ofereceu uma concha cheia de água, para que apagasse a sede. Pedro aproximou-a dos lábios, bebendo de uma só vez o conteúdo.

Da multidão principiou a elevar-se um leve murmúrio. Comentavam as palavras do apóstolo.

Muitos choravam. Podia-se ver, perfeitamente, o movimento dos peitos agitados, sacudidos pelos soluços. Lágrimas benéficas de arrependimento. Lágrimas arrancadas pelos remorsos de faltas pretéritas; remorsos que as palavras do apóstolo despertaram nas consciências.

Após um intervalo de silêncio por parte de Pedro, ele de novo se ergueu, levantando a mão direita por sobre a compungida multidão, e continuou:

— “Graças e paz vos sejam multiplicadas no santo conhecimento de Deus e de Jesus-Cristo. Que todas as coisas pertencentes à vida piedosa nos sejam dadas da sua divina onipotência, pelo conhecimento daquele que nos chamou pela sua glória e virtude.

“Grandes e preciosas promessas vos são feitas para que por elas sejais partícipes da natureza divina, após haverdes fugido da corrupção, que está no mundo da concupiscência.

“Vós, exercendo toda a vossa vontade a esse respeito, demonstrais em vossa fé — virtude; e na virtude — ciência; na ciência — temperança; na temperança — paciência; na paciência — temor a Deus — amor — fraternidade; e no amor fraterno — caridade.

“Porque se em vós existirem todas estas coisas, elas não vos deixarão ficar ociosos no conhecimento de Jesus-Cristo.

“Portanto, irmãos, trabalhai firmemente e com convicção, e, assim ocupados nestas práticas, jamais caireis.

“E, desta forma, vos será permitida a entrada no reino eterno do Nosso Salvador, por causa do qual não esquecerei de vos lembrar sempre estas coisas, porque acho justo excitar-vos as lembranças, enquanto eu estiver neste tabernáculo, o qual sei, brevemente, devo deixar, pois assim me foi declarado pelo próprio Jesus-Cristo.

“Também eu envidarei para que, após meu desaparecimento, possais ter sempre presentes estas lembranças.

“Porque não vos damos a conhecer o poder e vinda de Jesus-Cristo por intermédio de fábulas; mas por testemunha que fomos da sua majestade, contemplada por nossos próprios olhos.

“Porque Ele recebeu de Deus honra e glória, quando desde a própria glória lhe foi enviada aquela voz que disse: — *Eis aí o meu Filho amado em quem tenho contentamento.*

“E nós ouvimos esta voz descida do céu, quando com Ele nos encontrávamos no monte santo.

“Nós temos palavras de profecia, porém, firmes, verdadeiras, e vós obrareis o bem, estando atentos à nossa palavra, que vale pelo farol que ilumina os lugares escuros até o dia amanhecer, até que o luzeiro matutino surja a derramar a sua claridade em nossos corações.

“A profecia não vos é dada pela palavra humana. Não foram os santos homens de Deus que nos falaram inspirados pelo Espírito Santo?

“E, todavia, houve entre vós falsos profetas, assim como também se levantarão do povo falsos doutrinadores que, a esconsas, introduzirão heresias de ruína e negarão o próprio Senhor que vos resgatou.

“E muitos seguirão os seus caminhos de ruína, e o caminho da Verdade será contaminado.

“E impelidos pela torpe avareza, com palavras fingidas, farão mercadoria de vós, mas a sua condenação não se fará esperar.

“Porque, como poderiam eles fugir às penas? se Deus condenou à destruição as cidades de Sodoma e Gomorra, transformando-as em cinzas e deixando-as para escarmento daqueles que vivem ainda na iniquidade?

“Pois não preservou Deus a Noé, oitava pessoa, pregador da Justiça, e não precipitou o dilúvio sobre o mundo dos malvados?

“Ah! Sabe o Senhor libertar da tentação os piedosos e condenar os injustos, para que estes se-

jam atormentados no dia do julgamento.

"E, muito especialmente, todos aqueles que, obedecendo aos impulsos da carne, andam na concupiscência e desprezam as potestades, sendo tão atrevidos e contumazes que nem temem falar mal das dignidades.

"Estes, porém, que falam mal daquilo que não compreendem, quais seres irracionais que assim se tornam, são, naturalmente, criados para presa e ruína, e perecerão completamente em sua própria treva.

"Considerando felicidade o poderem diàriamente gozar, recreiam-se em seus próprios erros; seus olhos estão cheios de adulteração e não se sabem sustar no pecado; exercitam seu coração somente na cobiça; estes, são filhos da maldição, os quais deixam o caminho reto para seguir as sendas tortuosas de Balaão.

Estes, são fontes secas, sem água; nuvens arrastadas pelos turbilhões dos ventos.

"Para eles estão reservadas as trevas e a escuridão .

"Pois havendo-se já uma vez afastado das contaminações do mundo, pelo conhecimento de Jesus-Cristo, voltaram a elas novamente vencidos, sendo as suas postimárias piores do que os princípios.

"Portanto, melhor lhes fora não haverem jamais conhecido o caminho da justiça, porque, depois de o terem conhecido, retornaram, desobedecendo ao santo mandamento que lhes foi dado.

"Irmãos, para que *Vos* lembreis daquelas palavras que vos foram dadas pelos santos profetas, e dos nossos mandamentos de apóstolo do Senhor e Salvador, dir-vos-ei que, nos últimos dias, se levantarão falsos e mentirosos, os quais, andando em concupiscência, dirão: "Onde está a promessa do seu advenimento? Pois que todas as coisas vão perseverando qual o eram desde o princípio da Criação ?"

"Ah! Eles ignoram o que os céus e a terra são desde o princípio dos tempos, e se já o mundo antigo pereceu em parte, afogado pela água, os céus e a terra foram conservados para o fogo do dia do julgamento, para a perdição dos homens ímpios.

"Mas vós, ó amados, não ignorais uma coisa, isto é: um dia perante o Senhor corresponde a dez séculos, e dez séculos se igualam a um só dia!

"O Senhor não falta à sua promessa qual muitos pensam. Ele é apenas paciente para convosco. Ele não quer que ninguém pereça, e sim que todos venham ao arrependimento. Porém, o dia do Senhor chegará sutil qual o ladrão em noite sombria. Então, os céus passarão no meio de grande estrondo; os elementos arderão desfeitos, e a terra, e tudo quanto nela se acha será completamente queimado.

"Então, vereis surgir céus novos e uma terra nova, conforme a promessa do Senhor. Portanto, ó amados, vós que estais na esperança destas coisas, procurai que a sua realização venha encontrar-vos sem mácula e sem repreensão.

"E ficai certos de que a paciência do Senhor é demorada por motivo mesmo da vossa própria salvação.

"Nas Sagradas Escrituras há muitas passagens difíceis de compreender, as quais são torcidas e desviadas da veracidade pelos indoutos e inconscientes. Isso lhes é permitido para perdição deles próprios.

"Portanto, vós, ó amados, precatai-vos, e já que estais sendo prevenidos, procurai resguardar-vos do erro dos abomináveis, para que não sejais enganados, caindo da vossa própria ciência juntamente com eles.

"Mas, cresci na graça e conhecimento de Jesus-Cristo. A Ele seja dada toda a glória pelos séculos dos séculos.

"Amados, um mandamento vos dou. Não é novo, mas simplesmente repetição daquele que o Mestre nos legou, antes de subir ao Pai: — Amai -vos todos uns aos outros, pois aquele que diz que está na luz e aborrece o seu irmão, o tal está nas trevas ainda. E aquele que ama o seu irmão está na luz, e nele não há escândalo nenhum.

"Mancebos! Não ameis o mundo nem as coisas que nele estão, pois se algum ama o mundo, o amor do Pai não está nele.

"Tudo quanto se acha no mundo é concupiscência da carne, soberbia da vida; não é do Pai, e sim do mundo. E o mundo passa e a concupiscência também, mas, aquele que vem fazendo a vontade de Deus, esse permanecerá sempre.

"Amados! A hora chegou, e antes de nos separarmos quero repetir-vos os mandamentos que o próprio Jeová entregou a Moisés, no alto do monte Sinai, mandamentos cuja observância vos asseguraram a paz e a vida eternas. Assim disse Jeová:

- Não matarás.
- Não cometerás adultério.
- Não falarás mal do teu próximo.
- Não cobiçarás a casa do teu próximo, nem a mulher do teu próximo, nem coisa alguma do teu próximo. "

"Agora, meus amados, chegou a hora de deixar-vos. "

E Pedro estendeu a mão esquerda por sobre a comovida multidão, e com a direita fêz o sinal da cruz, dizendo: "Eu vos abençoo a todos, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!"

— Amém! — responderam todos a um mesmo tempo.

Em seguida, o apóstolo, deixando vagar pelos lábios um sorriso de paternal proteção, cumprimentou a todos, agitando as mãos; e, seguido por seus companheiros, abandonou o recinto.

Eram duas horas da madrugada.

Os cristão levantaram-se, e, empunhando archotes e lanternas, foram saindo na mesma ordem da entrada.

Alguns choravam, outros murmuravam preces, mais outros cantarolavam, a meia voz, hinos de culto dedicados a Jesus.

Toda aquela multidão se foi dispersando e perdendo pelos caminhos, que, partindo daquele que se dirigia ao centro da cidade, iam ter aos subúrbios mais afastados.

Muitos se dirigiam à metrópole, rompendo a densa treva com a luz indecisa das lanternas, que mal chegava para lhes iluminar os sítios onde deviam pôs os pés.

Um grupo formado por duas mulheres e dois homens, procurando distanciar-se dos demais, foi avançando cidade a dentro, entrando finalmente na via Celerada.

As mulheres davam mostras de não estar acostumadas a percursos a pé, pois pareciam bastante fatigadas.

Os dois homens as ladeavam um em cada extremo, falando em voz baixa e carinhosamente, àquela que lhe ficava próxima.

Seguia atrás dos quatro, a bem pouca distância, um desconhecido, embuçado em ampla capa e com a cabeça coberta por grande chapéu, sob cujas largas abas brilhavam, com inusitado fulgor, olhos que fitavam, com insistência, o par que, pela corpulência, demonstrava ser o de mais avançada idade.

— Ah! maldito! — murmurava o embuçado com raiva concentrada, fechando ameaçadoramente os punhos.

O grupo deteve-se, finalmente, em frente da casa de Caio.

Depois da permuta de algumas palavras, deram volta ao edifício e detiveram-se novamente em frente à portinhola do jardim, alheios à espionagem de que vinham sendo alvo por parte do desconhecido, que, para não ser visto, se ocultou por detrás de grande árvore próxima.

Os dois homens cumprimentaram afetosamente as mulheres, que, apesar dos mantos de escravas nos quais se envolviam, revelavam, por seus modos aristocráticos, a condição de nobres damas.

A mais alta empurrou a portinhola, que cedeu, abrindo-se; ambas entraram. Os dois cristãos se afastaram.

O espião, deixando o esconderijo, a grandes passadas se dirigiu à mesma portinhola.

Empurrou-a, mas esta não cedeu, por ter sido fechada do lado de dentro. Então, praguejando, tirou do bolso uma chave com a qual a abriu. Entrou, fechando-a de novo, atravessou o jardim e dirigiu-se ao vestíbulo que dava acesso às habitações da criadagem. Antes de entrar, tirou o chapéu e, à frouxa luz do satélite da Terra, deixou ver o carrancudo rosto. Era Zadias!

## CAPITULO VII Vilania

Eram oito horas da manhã. Apoio, montado no seu esplêndido carro de fogo, desdobrava o manto de púrpura e ouro, do qual se desprendiam reflexos deslumbrantes, que, ao incidir nas nuvens, forjavam cambiantes luminosos de opala, rosa, e da mais bela cor de rubi.

Em tal momento, árdua tarefa seria para uma artista trasladar à tela o maravilhoso espetáculo daquele céu, pois na palheta de um pintor dificilmente se poderiam encontrar cores tão belas e delicadas, tão etéreos matizes.

Na câmara de Fúlvia reinava profundo silêncio.

Em uma das janelas que davam para o jardim estavam fechadas apenas as vidraças, de modo que a luz, escoando-se através do rendilhado da cortina, desenhava sobre aveludado tapete da Pérsia luminosas e fantásticas combinações.

Junto à janela, sentada diante da mesinha de cedro do Líbano, na qual apoiava os braços, Lídia contemplava uma estampa. Era a imagem do Redentor. Como que em êxtase, seus olhos permaneciam fixos naquela figura suave. Seus lábios se moviam quase que imperceptivelmente, como se orasse ou dirigisse ao Salvador suavíssimas palavras de adoração.

Toda a sua vida parecia concentrada nessa contemplação mística.

Tão absorvida, tão concentrada em si mesma, tão desprendida das coisas terrenas, que não percebeu Fúlvia levantar-se do leito e envolver-se rapidamente num alvíssimo *peignoir*.

Surpreendida pela imobilidade de Lídia, que lhe ficava de costas, e querendo saber o que estaria a contemplar com tanta abstração, aproximou-se na ponta dos pés, para não ser pressentida.

Afortunadamente, seus passos eram abafados pelo macio tapete que cobria o soalho do dormitório. Chegou junto da filha, e, retendo a respiração, olhou por cima do ombro.

Suave e amoroso sorriso lhe aflorou nos delicados lábios, ao ver do que se tratava. Abaixou-se um pouco e depositou um ósculo no acetinado pescoço da donzela. Esta soltou pequeno grito de susto, voltando-se rapidamente.

— Meu Deus! mãezinha, assustaste-me — disse, levantando-se prontamente e abraçando-a por entre beijos nas faces rosadas.

— Ah! louquinha. Porque te assustaste? Quem podia ser senão eu?...

— E' certo!

— Tanto o amas, Lídia, que até te esqueces de mim? — perguntou, indicando-lhe a imagem de Jesus.

— Se o amo! Com todas as forças da minha alma! Mas não penses, mãezinha, que me esqueço de ti. Tu sempre serás a minha mãezinha querida, minha irmã, meu anjo protetor. Olha, mamãe, que expressão tem o rosto dele, tão sedutor — prosseguiu, mostrando-lhe a gravura. — E' impossível vê-lo e não o amar. E a sua doutrina como é pura e santa!

— Por demais exigente! — respondeu Fúlvia, soltando um suspiro, como se a sua alma estivesse sob o peso de algum remorso.

— Porquê, mamãe? — perguntou a menina, ingênuamente.

— Porque a alma humana não pode, embora queira, seguir fielmente aqueles preceitos... Somos muito imperfeitos ainda. Tu sabes, minha filha... as exigências do mundo, o ambiente em que vivemos, tudo nos inclina a alimentar certas paixões, que não podem, de forma alguma, adaptar-se à perfeição daqueles ensinamentos sublimes.

— Pois eu creio, mãezinha, que tudo depende da força de vontade.

— Ah!... Não o digas, minha filha; muitas vezes a alma é arrastada pelo destino... pelas circunstâncias que a rodeiam; e tudo isso, soprando qual violento simum dos desertos, destrói, num dado momento, o castelo de bons propósitos e santas aspirações, levantado a custo de grandes esforços durante muito tempo, não raro através de muitos sofrimentos. Tu não podes sabê-lo, minha filha, pois apenas principias a entrar no mundo...

— Será como dizes, mãezinha; mas, eu sei que, tomada uma decisão, coisa alguma conseguirá demover-me .

— Deus permita sejam sempre assim, Lídia! — disse Fúlvia, emitindo doloroso suspiro.

Continuando, perguntou, para dar novo rumo à conversa:

— Dize-me, Lídia, a quem mais amas: a Jesus ou a Virgílio?

— A Jesus — respondeu prontamente a donzela, cujos olhos brilharam com misterioso fulgor.

— Mas, se te visses forçada a deixar um dos dois, qual preferirias?

— Ouve, mãezinha: amo a Virgílio com todas as forças do meu coração; mas, se fôsse forçada, por uma causa qualquer, a abandoná-lo, eu o deixaria, embora com intenso pesar; a Jesus, porém, jamais abandonaria, e por ele estou disposta até ao sacrifício da própria existência.

— Amas-lo tanto assim?

— Sim! e não encontro palavras nem expressões bastante elevadas para manifestar o sentimento que Ele me inspira!

— Filha, tu assim dizes, agora; mas, desconfio que o teu entusiasmo esfriaria logo, em face de um fim desastroso, no meio das feras do Circo... por exemplo.

— Que dizes, mamãe? Recuar, eu, perante o sacrifício?! Renegar minha crença sublime, por temor da morte?! Jamais!

— Lídia! Tão horrível morte!...

— Horrível? Não! Gloriosa é que deves dizer! Que felicidade! Morrer por Jesus, conforme Ele morreu por todos nós!

Fúlvia empalideceu.

— Não insistas em falar assim, ó Lídia — exclamou. — Serias tu capaz de chegar até ao martírio ?

— Para mim, seria a maior ventura... Poder abraçar a palma do martírio!

Fúlvia soltou um grito e cobriu o rosto com as mãos, pois acabava de ver a filha numa sinistra e rápida visão, terrível, espantosa! Com a instantaneidade do raio, a donzela sofrera uma transformação que abalou profundamente o seu coração materno. Então, viu aquele corpo formoso vergar sobre si próprio, qual débil açucena violentamente batida pelo furacão, e ficar estendido, sem vida, no chão, derramando sangue por inúmeras feridas, rasgadas à feição das produzidas pelas garras de algum felino.

— Que é isso, mamãe ? — exclamou Lídia abraçando-a e procurando tirar-lhe as mãos do rosto. Quando o viu inundado de lágrimas, inquiriu com aflição:

— Choras? — Será talvez por minha causa!

Bastaram essas palavras para que Fúlvia desatasse em pranto convulsivo.

A donzela, movendo os braços com desespero, ajuntou:

— Não chores mais, mãezinha querida. Talvez te ofendesse com alguma palavra involuntária? Se assim é, perdoa minha falta; não tive tal intenção.

A mãe, enxugando as lágrimas e procurando esconder a impressão que lhe causara a sinistra visão, disse:

— Bem avalio, minha Lídia, que o teu amor por mim não chega ao alcance do sentimento que nutro por ti.

— Porquê, mamãe?

— Porque, das tuas palavras, depreende-se o seguinte: serias capaz de abandonar-me, quando a mim-me falta até a coragem de pensar que algum dia havemos de nos separar...

A donzela sentiu oprimir-se-lhe o coração, ouvindo tais expressões, e, como que tomando súbita resolução, disse:

— Perdoa, mãezinha. Os meus entusiasmos pela causa do Cristo levaram a exceder-me. Amo-te mais do que a minha própria vida, e coisa alguma conseguirá afastar-me de ti.

Sem poder olvidar a sangrenta visão, disse Fúlvia, com dolorido timbre de voz:

— Tu sabes, filha, que os cristãos são perseguidos cruelmente pelo bárbaro Nero... e aí de nós se a nossa crença vem a ser conhecida! Aí de ti, minha filha, se o tirano te puser a vista em cima!

— Disso não tenhas receio, mãezinha; nada nos acontecerá; não há necessidade de se saber que somos cristãos.

— Mas eu temo que os teus entusiasmos venham a denunciar-te.

— Procurarei conter-me...

— Nem teu pai deve saber

— Certamente... E, a propósito, lembro que papai está demorando muito em regressar.

Fúlvia empalideceu novamente, e, perturbada, contestou:

— É verdade. Há alguns dias que não recebemos notícias. Talvez o navio a chegar por estes dias nos traga alguma carta.

— Deus o permita!

Nesse momento, uma escrava veio avisar que a refeição da manhã, constituída de chocolate e leite fresco, estava servida, esperando-as no cubículo.

Finda a pequena refeição, saíram para o jardim, onde Lídia se ocupou em tratar das suas flores prediletas, enquanto Fúlvia, sentada num banco de mármore, se entregava a bem tristes e amargas reflexões.

Acudiu-lhe a lembrança das palavras ouvidas nas catacumbas, na noite anterior.

Ainda ecoavam nos seus ouvidos as advertências do apóstolo Pedro, palavras cheias de misticismo e unção, e que lhe penetravam profundamente no íntimo da consciência, enchendo-a de sobressaltos, receios e remorsos.

— Ah! — pensava a infeliz — como pude ser tão leviana? Como resvalei tão facilmente assim? quando era meu dever conservar a virtude firme, inabalável! E eu que me considerava com a resistência da fortaleza inexpugnável! Meu Deus, que será de mim? Como esconder a Caio a minha falta?

Suicidar-me-ia, se não amasse tanto a minha Lídia... não tenho coragem de a abandonar... E, no entanto, que torturas! Às vezes, quando me fixa com os seus olhos carinhosos e puros, não tenho forças para resistir a esse olhar, que penetra no recôndito da minha consciência, e temo que venha a descobrir a mácula que empana o cristal da minha consciência, antes tão pura! Oh! vergonha que sinto! Triste destino o meu! Sou a mais perversa das mulheres; enganei o mais amoroso e confiado dos maridos. Contaminei a pura fronte desse anjo que Deus me concedeu por filha, pousando nela os meus lábios manchados pela traição. Porque não fizeste, ó Deus poderoso, que a meus ouvidos chegassem as palavras do Apóstolo da verdade, antes da falta? Talvez agora não tivesse que sofrer o incruento espicaçar dos remorsos por haver vilmente traído o esposo que me confiou a sua fé, a sua honra e o seu amor! Quanto me considero culpada, meu Deus! Serei apontada, chamar-me-ão adúltera... para mim não haverá perdão!

E, sem poder conter por mais tempo a dor, a amargura, a infeliz, cobrindo o pálido rosto com as mãos, desatou em inconsolável pranto.

Lídia, que se achava entregue totalmente à sua ocupação favorita, cuidar das suas queridas plantas, deteve-se surpreendida, atônita mesmo com aquela explosão de lágrimas, e logo correu em auxílio da mãe. Afastou-lhe as mãos do rosto e com o lenço principiou a enxugar-lhe as lágrimas, enquanto perguntava com trêmulo acento:

— Que é isso? Poderás dizer-me a causa desse inopinado pranto?

Vendo que Fúlvia baixava os olhos, sem responder à pergunta, insistiu:

— Será por causa do papai demorar tanto... Não é, mamãe? Não sei porque nos abandonou assim, quando não havia necessidade alguma de sermos mais ricos...

— Não, minha filha, não é a ausência de teu pai que me faz chorar. Sei perfeitamente que vai voltar...

— Então, qual o motivo dessas tuas lágrimas?

Novo silêncio da parte de Fúlvia, que se mostrava perturbadíssima.

Lídia, vendo-lhe a confusão, continuou:

— Será que eu não posso saber?

Fúlvia continuava muda.

— Se assim é, mãezinha, guarda o teu segredo. Todavia, penaliza-me não poder confortar-te.

E lhe deu prolongado beijo na fronte.

Fúlvia explodiu novamente em pranto.

A menina contemplava-a em silêncio e com angústia expressa no formoso semblante. Quando a mãe se acalmou um pouco, Lídia lhe disse:

— Vamos, sossega, mãezinha; não será tão grande a desventura que não possa ter remédio.

— Para a minha aflição não há remédio. Há coisas que tu não podes ainda saber, minha filha; a tua pureza te impede de as compreender. Algum dia, bem próximo talvez, saberás que tua mãe é atualmente a mais desgraçada das mulheres.

— Meu Deus! — disse a menina, juntando as mãos — desgraçada, disseste? Dize-me, quem te faz sofrer? Dize-me, e eu serei capaz de o exterminar para sempre.

— Mais tarde, tudo saberás. Agora, vamos entrar. Talvez um pouco de descanso tonifique meus nervos.

Dirigiram-se ao dormitório; Fúlvia deitou-se no triclinium.

Lídia deixou-se ficar a seus pés, sentada no tapete, espreitando os seus menores movimentos.

Pouco a pouco, Fúlvia foi adormecendo, até cair em profundo sono, que se prolongou até à tarde..

Lídia permaneceu velando-lhe o repouso durante todo aquele tempo, perdida em conjeturas.

Forçava a juvenil imaginação, procurando desvendar a estranha anomalia de sua mãe, que, até então, vira sorridente, parecendo feliz.

Finalmente, Fúlvia despertou, levantou-se do triclinium e, vendo Lídia ali, indagou:

— Minha filha, já deve ser tarde...

— São duas horas.

— E permaneceste todo este tempo a meu lado?

— Sim, mãezinha.

— Sem tomar alimento algum?

— Agora vamos refazer-nos. Já te sentes melhor, mamãe?

— Sim. Este descanso me reequilibrou um pouco os nervos. Vamos ao cubiculum, pois se aproxima a visita de Virgílio, e não é justo sofras as consequências da minha melancolia.

À hora habitual, os dois namorados estavam no jardim, na forma costumeira. Virgílio sempre apaixonado; Lídia, porém, parecia prestar-lhe pouca atenção; seus olhos se dirigiam constantemente a Fúlvia, que se achava sentada noutro banco, um pouco afastado daquele que os jovens ocupavam.

O rosto de Fúlvia, sempre rosado, naquele dia se mostrava pálido e triste, e a sua tristeza parecia transmitir-se ao semblante formoso da donzela, que respondia friamente ao apaixonado Virgílio.

As atitudes de Lídia, um pouco esquisitas e tão contrárias ao seu carácter expansivo e alegre, não deixaram de ser percebidas pelo moço.

— Minha Lídia, que se passa hoje neste lar? Tu estás triste, quase indiferente comigo... Tua mãe tem o aspecto de quem sofre. Parece até

que neste jardim paira uma aura densa, compacta, que asfixia. Estarás, porventura, passando por algum grande desgosto, meu amor?

— Eu — respondeu Lídia, como que acordando de um sonho — estou triste porque mamãe também está.

— E qual a razão?

— Não sei.

— Isso não é possível.

— Hoje, pela manhã, mamãe teve uma crise de lágrimas. Perguntei-lhe a causa do seu desgosto, e respondeu que eu não a podia saber... Que, talvez mais tarde, viria a conhecer quanto ela está sofrendo. Depois, seu pranto cessou, ficando no estado de melancolia em que a vêes.

— Talvez a demora de teu pai lhe infunda receios de que lhe possa ter acontecido qualquer acidente...

— Também penso assim — respondeu a moça para dizer alguma coisa, embora tal não fôsse o seu verdadeiro pensamento.

Chegando a hora de se separarem, os dois caminharam rumo do portão.

Após os adeuses costumados, Virgílio afastou-se, e Lídia, fechando a grade, aproximou-se de Fúlvia, que se levantou do banco.

— Vamos, que a refeição nos espera — disse a menina.

Ambas se dirigiram para o cubículum, e, sentando-se, encetaram a refeição, constituída de variadas iguarias que lhes eram servidas por escravas brancas.

Lídia falava constantemente, procurando alegrar a mãe. Esta, esforçando-se em se mostrar alegre, sorria às suas palavras; mas, o constrangimento do seu sorriso obrigava Lídia a pensar, no íntimo: Tu não me enganas, mãe querida; teu sorriso está encobrendo o pranto que te enche o coração. Que terás? Hei-de descobrir.

Terminada a ceia, entretiveram-se durante duas horas, no salão, conforme era costume.

Lídia pegou na harpa, e seus delicados dedos percorreram as cordas do harmonioso instrumento.

As notas suavíssimas de bela melodia de estilo oriental encheram o vasto salão, enquanto Fúlvia se absorvia na leitura de um livro.

Após aquela melodia, Lídia fêz uma pausa na execução de trechos musicais.

Entre harpejos, seus olhos se dirigiram furtivamente a Fúlvia, que permanecia (ou aparentava) abismada na leitura do livro; mas bem depressa percebeu que ela não lia, parecendo mesmo nem se lembrar de que tinha o livro entre as mãos.

A donzela suspirou, e os tristes acordes de melancólico noturno se fizeram então ouvir no salão.

Quando terminou, viu brilhar nos olhos de Fúlvia duas lágrimas que cintilavam qual diamantes líquidos.

Deixando a harpa, aproximou-se de sua mãe, e, secando com um beijo aquelas lágrimas, murmurou docemente:

— Mãezinha, sem querer, eu te entristeci e até te fiz chorar. Que estouvada eu sou! Queres, mãezinha, que toque alguma coisa alegre?

— Não, minha filhinha; vamos dormir, porque já é tarde — respondeu Fúlvia, abraçando-a.

A menina sorriu tristemente, e ambas se dirigiram ao dormitório.

Eram dez horas. Lídia não podia conciliar o sono. Apesar de fechar os olhos e permanecer quieta, Morfeu não quis envolvê-la na sua sonolenta influência.

Nem um só momento a deixava aquela ideia de que sua mãe sofria, e essa ideia, tornada fixa, a afligia, afugentando-lhe o sono. Assim, pensava: Pobre mãe! Que terá ela? Não descansarei enquanto não souber o motivo do seu sofrimento, e ter feito todo o possível para terminar com ele.

Abriu os olhos e quis ver se a mãe dormia. Levantou a cabeça, espiou por cima do encosto do triclinium, e... oh! surpresa! A cama próxima da sua, a de sua mãe... estava vazia!

Surpreendida, com o olhar esquadrinhou o dormitório, que se achava vagamente iluminado, e... não a viu...

Fúlvia desaparecera!

Com um movimento instintivo, desceu célere do leito, e aproximou-se de uma das janelas que davam para o jardim, falando consigo mesma: Talvez fôsse ao jardim respirar a brisa noturna; a temperatura hoje está bastante cálida...

Abriu os batentes e procurou sondar a treva, que, naquela noite, era profunda.

Viu escoarem-se, através das estreitas janelas ogivais do templete, fiozinhos de luz que se iam perder nos maciços de folhagem, produzindo fantásticos efeitos.

Um estremecimento lhe percorreu todo o corpo.

— Deus meu! -murmurou. —Tenho medo; tenho como que pressentimento de alguma coisa sinistra...

Logo, procurando tomar-se de coragem, continuou :

— Louca que sou! Não há nada que venha justificar tanto receio. Certamente, mamãe foi lá chorar desafogadamente, sem ser percebida por ninguém. Se assim for, meu dever é ir lá também consolá-la.

E, resolutamente, abriu o guarda-roupa e vestiu uma sombria túnica de gaze preta, orlada de franjas de ouro. Calçou sandálias de veludo para atenuar o rumor dos passos e, cautelosamente, saiu do dormitório.

Percorreu o corredor, sem fazer ruído algum, e entrou no cubículum.

Deteve-se indecisa, pois nunca se atrevera a sair sozinha a tais horas.

A treva era quase impenetrável, vendo-se unicamente, aqui e ali, estranhas fosforescências provenientes, sem dúvida, dos insetos que se aninhavam entre as folhas.

Assaltaram-na novamente os receios.

O coração principiou a bater desordenadamente; um suor frio começou a cair-lhe da fronte; a massa sombria das árvores, balançando ao impulso da brisa, causava-lhe a impressão de grandes fantasmas abrindo braços imensos para lhe impedir a passagem.

Pareceu-lhe ouvir os ecos de gemidos abafados... Esteve para retroceder, mas lembrou-se de Fúlvia, e reagiu.

Levantou a cabeça, como que desafiando as entidades invisíveis, que procuravam apavorá-la, e pensou enèrgicamente:

— De rétro, perversos fatores do mal; as vossas maquinações não conseguirão deter-me! Jamais recuarei um passo em meus propósitos. Sigo avante, em nome de Deus Todo Poderoso!

E avançou entre os canteiros e estátuas das mitológicas divindades, cujos mármorees manchavam de branco o manto de trevas que sobre o jardim se estendia.

Achava-se já a dois passos das colunas que sustentavam o pórtico do obelisco, quando um grito estridente lhe feriu os ouvidos, ecoando dolorosamente pelo jardim.

Conheceu a voz. Era... de Fúlvia!

Deu um salto, precipitou-se no interior do templete, e aos seus olhos espantados apresentou-se terrível cena.

Sob a luz da lâmpada egípcia, que pendia do teto e espalhava tênue claridade no recinto, viu Fúlvia lutando desesperadamente com um homem cujo rosto não pôde ver, por estar de costas.

Ele a segurava estreitamente abraçada, empunhando na mão direita um punhal tinto de sangue, e procurando dominá-la. Fúlvia, que o mordia desesperadamente nos braços, gritava raivosa:

— Solta-me, infame, escravo vil!

— E' inútil te defendas, minha bela — exclamava o homem. — Juro pelos deuses que hoje serás minha.

Lídia, não viu outra coisa senão sua mãe em perigo, e, julgando que o sangue que corria do punhal

fôsse materno, invocou mentalmente:

— Ajudai-me, bom Jesus!

Imediatamente, sentiu-se possuída de uma força prodigiosa, e, precipitando-se sobre o miserável, pegou-o pela gola da vestimenta e puxou-o com supranormal violência, forçando-o a desprender-se de Fúlvia, que, quase desmaiada, se deixou cair no banco de mármore.

A donzela agiu com tanta energia, que o sátiro caiu de costas nas lajes do pavimento.

Seu rosto foi iluminado pela luz que a lâmpada projetava, e Lídia, que se inclinara para ver quem era, endireitou-se rapidamente, clamando com suprema indignação:

— Ah! vilão! és tu? E nós que depositávamos em ti toda a nossa confiança! Levanta-te, miserável, e abandona este lar, que pretendias desonrar!

Zadias, pois era ele, levantou-se, enquanto a jovem falava, e disse, com raiva, despeitado pela humilhação que a menina lhe infligira, estatelando-o no solo: •

— Não, eu não! Quem desonrou o vosso lar foi esse miserável cristão ao qual acabo de eliminar, vingando, assim, a afronta que atirou ao rosto de vosso pai, manchando o digno nome de seus antepassados .

E indicou-lhe um dos cantos do templete.

Lídia viu um vulto estendido no chão e no qual não havia ainda reparado.

Aproximou-se... Era um homem elegantemente vestido, caído de bruços no pavimento, em meio de grande poça de sangue, que manava de larga ferida aberta nas costas.

Horrorizada, gritou:

— Meu Deus, um homem morto!

Respondeu-lhe um gemido. Voltou-se e viu Fúlvia que, levantando-se do banco para se aproximar do homem estendido no chão, acabava de tombar desmaiada junto dele.

## CAPITULO VIII Horas de angústia

Vejamos o que motivara aquela cena terrível que Lídia acabava de presenciar.

Fúlvia esperava deitada no triclinium a hora estabelecida para a sua costumeira entrevista com Aurélio.

— Será a última! — pensava, resoluta. — Não posso continuar nessa falsa posição. As palavras do Apóstolo ecoam intensamente nos meus ouvidos, recordando-me os meus deveres. Além disso, o libertado Zadias pode, de um momento a outro, descobrir minhas entrevistas e as denunciar a Caio. Já desconfiei até que as haja surpreendido. Às vezes, olha-me de modo particular... incisivo... A expressão do seu olhar... acintoso. Aquela chama que se desprende dos seus olhos... parece falar de alguma coisa incomum... Não sei se será ódio ou amor o que esse homem sente por mim! Há momentos em que parece querer dirigir-me a palavra, mas se detém, como se não se atrevesse. È, afinal, que me importa esse ínfimo libertado?

Naquele momento, ouviu Fúlvia o sinal combinado, vindo ao jardim.

Levantou-se, e, após certificar-se de que Lídia dormia, vestiu rapidamente uma túnica branca de lã, envolvendo-se num manto escuro, e saiu do dormitório, sem fazer o mais sutil barulho.

Instantes depois, encontrava-se no pavilhão, onde Aurélio a esperava.

Fúlvia tirou o manto e sentou-se.

Estava palidíssima. Aurélio sentou-se ao seu lado, e, passando-lhe o braço pelo alabastrino pescoço, perguntou-lhe:

— Estás pálida, minha Fúlvia, sentes-te mal?

Ela, despreendendo-se-lhe do braço e esquivando o corpo, retorquiu:

— Sinto-me triste... Muito triste!

— Sim, já o percebi... Mas, porquê ?

— As palavras do apóstolo Pedro impressionaram-me; penetraram meu coração qual a ponta de um punhal; levantaram terrível tempestade de remorsos na minha consciência. Sou uma pérfida! Uma criatura perdida!

E se desfez em pranto.

Aurélio abraçou-a novamente, dizendo-lhe ternamente :

— Não fales assim, minha Fúlvia; tu és a melhor das criaturas...

— Cala-te, cala-te por Deus. Esqueceste, porventura, que o apóstolo disse: "Não adulterarás"?

Aurélio inclinou a cabeça, sem saber que responder. Fúlvia, afastando-o novamente, continuou com precipitação:

— Foge, Aurélio, foge para longe! Bem longe, onde jamais nos tornemos a encontrar, pois nosso amor é criminoso... é um amor maldito por Deus! Foge, e saibamos os dois sofrer na solidão, no silêncio, as consequências da nossa falta, que é grande demais para que possa ser perdoada. Talvez nossa separação, nossos sacrifícios façam com que Deus tenha piedade de nós, não permitindo que nossas faltas atinjam seres inocentes.

Aurélio retrucou com tristeza:

— Se assim o queres, minha Fúlvia, embora com a morte na alma, afastar-me-ei de ti... porém não vejo a razão de uma reparação, dado o nosso eterno amor, e também não posso compreender os teus receios.

— Porventura esqueces que sou casada, e que meu marido pode chegar de um instante a outro?

— E' verdade, mas...

— Ai de nós, se ele chegar a saber do afeto que nos ligou!

— Guardando sempre o segredo e tomando certas precauções...

— Não, Aurélio, não! Jamais! O nosso segredo pode qualquer dia deixar de o ser, e então... Não podemos, de forma alguma, continuar nesta falsa e perigosa situação! Somos cristãos e devemos obedecer às leis de Deus, cumprir seus santos mandamentos!

Ao pronunciar estas palavras, percebia-se nitidamente o sofrimento que lhe calcinava a alma. O seio da infeliz era sacudido pelos soluços que, em vão, procurava conter.

Dos olhos lhe desciam lágrimas, pérolas líquidas que iam brilhar, retidas, entre as malhas das finíssimas rendas do vestido.

— Está bem, Fúlvia; vejo que tens razão. Além disso, basta o teu sofrimento para que eu cesse de vir aqui. Amo-te muito para que te faça sofrer assim. Dou graças a Deus pelo favor que me concedeu durante este tempo, em que me aproximei de ti, e por saber que fui amado, e... retiro-me. Só um favor te peço, o derradeiro; consentires que permaneça em Roma, para que te possa ver de longe; respirar, pelo menos, a mesma brisa que respiras...

— Isso não! A tua permanência nesta cidade será uma constante ameaça a pairar sobre as nossas cabeças! Eu sei perfeitamente que, continuando aqui, procurarás aproximar-te de mim. Oh, não! Se não me queres ver morta, foge para longe... Bem longe!

— Morta! Jamais! E já que é esse o teu desejo, irei para longe, meu amor. Deixa, porém, que, pela última vez, ouça dos teus lábios que não me esquecerás, que continuarás amando-me; que a brisa levará até à minha triste e amarga solidão o eco suavíssimo dos teus suspiros. Deixa que possa ainda mais uma vez apertar-te nos meus braços e depositar na tua fronte o último, porém, eterno ósculo de amor.

Levantou-se, aproximando-se, estendendo-lhe os braços. Ela se ergueu também, e, ao contemplar o rosto do seu amado, sentiu partirem-se-lhe as fibras do sensível coração.

Aurélio chorava!

Abundantes lágrimas deslizavam por aquele rosto varonil e formoso. Rosto que, naquele instante, tinha alguma coisa de sublime, pois nele resplandecia a chama sagrada do verdadeiro amor!

Fúlvia deixou-se cair nos seus braços, vencida, exausta, sem forças, pedindo a Deus lhe tirasse a existência e respeitasse a daquele ente ao qual sentia amar com todas as forças da sua pobre alma. Aquele amor, ela bem o adivinhava, havia de causar a desdita de ambos.

Um instante permaneceram assim abraçados, confundindo as suas lágrimas, sem reparar que, por entre duas colunas, avançava uma cabeça humana, cujos olhos felinos os fitavam intensamente, e cujos lábios se abriam num sorriso mau, satânico e repugnante.

Finalmente, Aurélio se dispôs a partir, e, depositando um amoroso beijo na alvíssima fronte de Fúlvia, disse, com acento doloroso:

— Adeus, minha Fúlvia! Jamais te esquecerei. Até agora, eu te amei qual mulher alguma poderá ser amada no mundo. De hoje em diante, aprenderei a te amar qual um anjo do Céu... Adeus!

Fúlvia não pôde articular palavra. Sentia-se morrer!

Ele, reparando no seu estado, não teve coragem para prolongar aquela despedida, que era uma agonia para ambos.

Desprendendo-se dos seus braços, andou dois passos, mas, naquele momento, sucedeu uma coisa inesperada e espantosa.

Qual espírito infernal, destacou-se das colunas um ser humano que, num salto ágil, se precipitou sobre Aurélio, que lhe voltava as costas. Ergueu o braço, e brilhou em sua mão direita a lâmina de um punhal, que, rápida, cravou nas costas do mancebo, fundo, até ao cabo.

Fúlvia soltou um grito de horror, enquanto Aurélio caía de bruços, sem pronunciar palavra, esvaindo-se em sangue.

O assassino, ao ver cair o rapaz, precipitou-se sobre Fúlvia, enlaçando-a brutalmente nos seus musculosos braços, dirigindo-lhe frases de repug- úante paixão e tentando contaminar-lhe o belo rosto com os seus asquerosos lábios!

Fúlvia, desesperada, lutou encarniçadamente, disposta a resistir-lhe até à morte.

A continuação da trágica ocorrência já a sabemos. A chegada providencial de Lídia impedira que o infame consumasse seus instintos de bruto.

Quando Lídia viu Fúlvia estendida no pavimento, pegou-a com incrível força e a depositou assim no banco.

Logo, chamou-a carinhosamente.

— Mãezinha, volta a ti!

Zadias, permanecia de pé, na atitude favorita, de braços cruzados ao peito, no canto do templete, sem se mover, como se um poder sobrenatural o tivesse pregado ao solo.

Vendo que Fúlvia não recobrava os sentidos, a moça lhe pôs a pequenina mão sobre o peito, e, elevando os formosos olhos ao Alto, ordenou:

— Em nome do Todo Poderoso, mãezinha, volta a ti!

Fúlvia suspirou e abriu os olhos.

Lídia, dirigindo um novo olhar de agradecimento ao Céu, ajudou-a a erguer-se e sentar-se.

Logo, beijando-lhe o pálido rosto, perguntou:

— E' verdade, mãezinha, o que o Zadias acaba de dizer?

Fúlvia, sem responder, inclinou a cabeça com ar abatido.

A donzela não precisou de mais detalhes, e continuou acariciando-a novamente.

— Nada temas, mãezinha querida; nem te envergonhes de mim, pois eu jamais serei teu juiz; ao contrário, estou disposta a sacrificar-me para te salvar. Agora que sei a razão dos teus prantos e tristezas, sinto-me forte para lutar pela tua salvação. Portanto, deixa-me agir.

Levantou-se do banco e dirigiu-se ao canto onde Aurélio permanecia ainda estendido, sem dar sinais de vida. Os olhos de Fúlvia e Zadias acompanharam-na .

Ela procedia qual sonâmbula, ou inspirada, parecendo mesmo que da sua figura emanava um halo que iluminou o vulto estirado no chão.

Parecia o anjo da caridade, prodigalizando seus cuidados à infeliz vítima do infortúnio.

Fúlvia e o liberto a contemplavam silenciosamente. Lídia curvou-se, colocou o ouvido nas costas do ferido. Percebeu tênue latejar do coração. Soltou um grito de alegria:

— Grande Deus! Ainda vive! Torna-se necessário salvá-lo.

Ergueu-se e se aproximou do liberto, ao qual disse imperiosamente, com voz forte, que não era a da frágil criança:

— Acabas de cometer um grande crime na minha casa, comprometendo o nome, sem mancha, do meu pai, pois não é a ti que pertence defender a nossa honra e muito menos após haver tentado contaminá-la de modo torpe e imperdoável. Poderia denunciar-te à justiça, que te castigaria pelo assassinio que pensaste perpetrar. Não o faço; porém não julgues que deixo de o fazer em consideração a ti. É que até hoje o nome de meu pai foi sempre pronunciado com respeito, e não quero que seja coberto de opróbrio, nem que a maledicência o aponte a comentários malsãos. Por isso, não te arrojio para fora da minha casa; quero que permaneças, mas para cumprir religiosamente as minhas ordens.

Zadias inclinou-se humildemente perante a donzela, tremendo, e, como que subjugado por invencível vontade, disse:

— Falai, senhora, obedecerei; os vossos menores desejos serão ordens para mim.

— Meu pai é o primeiro que deve ignorar tudo quanto acaba de ocorrer. Não consinto que a sua paz seja perturbada de forma alguma. Minha proibição é extensiva a todos, em geral. Agora, pega o ferido e transporta-o à estância contígua à nossa, onde eu o curarei.

— Senhora í Ele está morto — replicou o liberto, aproximando-se de Aurélio e observando-o atentamente.

— Não está; respira, e viverá! Obedece-me!

Zadias deixou cair o punhal ensanguentado, que ainda conservava na mão.

Erguendo o ferido, carregou-o, e já se dispunha a sair do templete, quando Lídia lhe disse:

— Zadias! Aos nossos escravos e a quantos perguntarem pelo ferido, deverás dizer que se trata de um pobre homem a quem encontramos caído nas proximidades desta casa, entendeste?

— Sim, senhora — respondeu o subjugado liberto, conduzindo a preciosa e pesada carga.

Lídia pegou o punhal deixado por Zadias e o escondeu rapidamente nas vestes. Depois, oferecendo o braço a Fúlvia, que a contemplava, entre confusa e admirada, disse:

— Vamos, mãezinha.

— Mas... — titubeou Fúlvia.

— Sim, vamos tratar do ferido; depois falaremos; quero me contes tudo. Esse desprezível Zadias fêz revelações tão graves, que eu desejo saber até que ponto suas palavras são verdadeiras, ou se tudo é produto de infame calúnia.

Fúlvia soltou doloroso suspiro, e, inclinando a cabeça, enlaçou o braço no da filha. Avançando ambas cautelosamente, saíram do pavilhão. Instantes depois, penetraram no aposento para onde Zadias 'rouxera o ferido. Este fora estendido, de lado, sobre o triclinium. O liberto, em pé, contemplava-o, com olhar estuporado.

Fúlvia deixou-se cair meio desfalecida numa poltrona, e, ao fitar o ferido, as lágrimas lhe brotaram dos olhos.

— Zadias, vai buscar uma bacia com água morna e alguns panos de linho.

— Senhora — atreveu-se a dizer aquele — deixai que chame uma escrava para se encarregar desse mister.

Os olhos de Lídia fulguraram num raio fluídico que o perturbou.

— Não discuta as minhas ordens. Faça o que ordenei.

Zadias curvou-se em sinal de obediência e saiu.

A donzela aproximou-se de Aurélio, rasgou-lhe a túnica do lado das costas, pondo a descoberto a

ferida. Esta era bem profunda e continuava escorrendo sangue. A donzela observou-a atentamente e viu que não interessava nenhum órgão importante.

— Aproxima-te — disse ao liberto, que acabava de entrar trazendo quanto lhe havia sido indicado.

Pegou um pedaço de linho e o dividiu em tiras. Logo, molhando-as na água morna, encetou a lavagem do ferimento.

O sangue cessou de correr e os bordos tomaram uma cor rosada, bem diversa do tom escuro que antes apresentavam. Lídia, então, saiu do quarto, dirigindo-se ao dormitório, onde retirou da prateleira envidraçada um vaso de alabastro rotulado: bálsamo. Voltando para junto de Aurélio, tirou um pouco da pomada, colocando-a delicadamente na ferida, que em seguida cobriu com fios de linho.

Aurélio continuava desacordado. Fúlvia contemplava-o com a dor, a angústia estampada no formoso e triste semblante.

— Estás certa, minha filha, de que não morreu? — perguntou em voz baixa e lamentosa.

— Não morreu, não morrerá! Bem depressa terás disso certeza plena — respondeu Lídia.

E, continuando na atitude transfigurada que assumira, estendeu as duas mãos sobre o ferido, e, tocando-lhe levemente na fronte com a ponta dos dedos, ordenou:

— O' alma perturbada, em nome de Deus, retorna ao corpo!

Imediatamente o ferido abriu os lábios, dos quais se escapou ténue gemido, secundado por um queixume. Fúlvia, reanimando-se, levantou-se para ver melhor; mas a donzela, sempre senhora da situação, disse em voz baixa:

— Zadias, retira-te; o ferido não te deve ver.

E, depois, a Fúlvia:

— E tu, mãezinha, também... Ao abrir os olhos, divisando-te, poderia sofrer um choque talvez funesto.

Ambos obedeceram, a seu tempo, saindo da estância, e, quase no mesmo instante, Aurélio erguia as pálpebras. Percorreu o aposento com olhar vago, sem expressão, cerrando-o novamente, enquanto as faces se purpureavam.

— Principiou a febre — murmurou Lídia, tomando uma das mãos do ferido, que sentiu ardente na sua.

Efetivamente, começara a febre, consequência do ferimento. A donzela saiu de novo, e, dirigindo-se ao apartamento das escravas, chamou:

— Raquel, Zunir!

Duas escravas brancas (muito hábeis e dedicadas, ambas) levantaram-se apressadamente dos seus triclinios e correram ao encontro de Lídia, que se detivera no limiar da porta.

— Senhora!

— Estais dispostas a fazer um pequeno sacrifício por mim?

— Decerto!

— Então, deveis passar o resto desta noite velando um ferido.

— O' deuses! — exclamou Raquel.

— E quem é? — perguntou Zunir.

— Não sei — contestou Lídia —, foi encontrado estendido, quase morto, perto do jardim. Mandeí transportá-lo ao aposento contíguo ao nosso dormitório. Já lhe lavei a ferida e fiz os curativos necessários. Agora se manifestou febre muito alta. E...

— Pode ir descansar, senhora! Nós tomaremos conta dele! Vou preparar uma poção, que lhe iremos ministrando a intervalos. Verá a senhora que a febre lhe passa. Zunir ficará velando-o, enquanto eu estiver ausente.

— Muito bem — disse Lídia, sorrindo satisfeita. — Não esperava menos. Amanhã virei fazer novo curativo e velarei para que ambas possam repousar. Agora, tratem dele muito bem.

— A senhora pode ficar descansada; tudo faremos para bem cumprir nosso dever. E inclinando-se humildemente, foram vestir as túnicas.

Logo Raquel se encaminhou à cozinha, enquanto Zunir permanecia junto do ferido.

Lídia, penetrando no seu aposento, foi abraçar Fúlvia, carinhosamente. Esta chorava ainda, silenciosamente, com o rosto apoiado no encosto do sofá.

— Não consinto, mãezinha, que chores mais; isso te pode enfermar. Agora, vamos dormir, e, amanhã, já mais tranquila e refeita das emoções, farás o relato de tudo. Não é, mãezinha?

— Sim, filha — respondeu Fúlvia, enxugando as lágrimas.

— Não penses, mãezinha, que eu deseje saber tudo para me arvorar em juiz da tua causa; conhecendo os fatos, melhor poderei auxiliar-te.

— És um anjo, minha Lídia!

Ambas se deitaram. Fúlvia, exaurida pelas emoções daquela noite, adormeceu em poucos instantes. Lídia, quando, pela respiração, compreendeu que sua mãe dormia, sentou-se no triclinium. Não poderia conciliar o sono. Ficou a considerar todos os sucessos daquele tão agitado dia.

Pensando que talvez a mãe fôsse culpada de alguma paixão criminosa, lágrimas deslizaram pelo seu angélico semblante. Tremeu pelas consequências.

— Meu Deus! Se papai inteirar-se dos fatos, estamos perdidos!

Naquele momento, a força supranormal que a animara horas antes, tinha-se afastado dela; voltara a sentir-se mulher, e, portanto, fraca.

— Santo Deus! — exclamou, elevando os olhos aos céus e juntando as mãos, em atitude de prece. — Apiedai-vos de nós! Bom Jesus! Dai-me a força de poder salvá-la, salvando-nos a todos!

Como se a prece lhe houvesse atraído alguma proteção invisível, sentiu-se encorajada, fortalecida. Ergueu-se do triclinio, dizendo:

— Sim, hei-de salvar-te, mãezinha querida, embora, para isso, sacrifique a própria existência!

Aproximou-se de Fúlvia. Esta dormia ainda, embora seu sono parecesse perturbado por algum sofrimento recôndito. A donzela estendeu-se novamente no triclinio, e, finalmente, conseguiu adormecer também. Veio a madrugada, e, ao renascer do Sol, um dos seus brilhantes raios, passando através das vidraças da janela, foi pousar nos olhos de Lídia, que acordou sobressaltada.

— Jesus! — exclamou, levantando-se. — Dormi, quando devia estar velando! Talvez o doente esteja pior.

E foi espiar Fúlvia. Esta continuava dormindo.

— Pobre mãe! — disse. — O cansaço e o sofrimento venceram-na.

Deu um pouco de ordem no vestuário, alisou à pressa os cabelos, e, silenciosamente, saiu do dormitório, encaminhando-se ao aposento do ferido.

As duas fieis escravas permaneciam à cabeceira do leito de Aurélio, velando-o atentamente, no maior silêncio. Lídia entrou e se aproximou de Raquel, perguntando, a meia voz:

— Que tal passou a noite?

— Bastante melhor, senhora; a febre quase desapareceu.

A donzela aproximou-se do ferido e examinou as pulsações. Logo lhe colocou, delicadamente, a mão sobre a fronte, e disse, sorrindo, com satisfação :

— Realmente, tudo parece marchar muito bem; quase não tem febre... Vejamos agora a ferida.

Levantou as ataduras que a cobriam.

— Grande Deus! — exclamou, elevando agradecida os olhos ao Alto. — Como está bem! Sè continuar assim, em poucos dias estará completamente restabelecido.

Com efeito, os bordos do ferimento apresentavam ligeira coloração rosa muito pálida, parecendo aproximar-se de rápida cicatrização. A vigorosa e sadia compleição de Aurélio reagia valentemente.

Raquel, que estava junto de Lídia, observou:

- Este bálsamo, senhora, é quase maravilhoso!
- Muito me surpreende que a febre desaparecesse tão depressa.
- A febre voltará, para depois desaparecer, e assim sucessivamente.

Permanecerá nessas intermitências, três ou quatro dias, até o restabelecimento completo, salvo se se apresentar alguma complicação, o que os deuses não permitam.

- Ainda não abriu os olhos?
- Sim, senhora; mas, o seu olhar é vago, sem parecer que tenha noção de coisa alguma.
- E' que ainda não lhe voltou o conhecimento pleno.
- Certamente! Quando assim suceder, poderemos considerá-lo fora de todo perigo.
- Vai buscar água morna, Raquel.

Raquel saiu, para voltar trazendo uma bacia cheia.

Lídia, auxiliada por ela, lavou o ferimento, co- brindo-o depois de novas ligaduras de linho.

- Agora — disse — podeis ir repousar um pouco. Eu ficarei cuidando.
- Não, senhora! Por enquanto, não necessitamos descanso. Durante a noite, nós nos revezamos.

Quando uma dormiu, a outra vigiou. E a mesma coisa faremos agora.

- Mas, não estais fatigadas?
- Não, senhora, absolutamente não.
- Nesse caso, vou tratar de mamãe, que está um tanto indisposta.

Saindo do aposento, entrou no seu dormitório. Fúlvia já se havia levantado, e fazia a toalete.

- Mãezinha — disse, abraçando-a. — Já de pé ?
- Sim, minha filha — respondeu Fúlvia, com tristeza, beijando-a.
- Pois agora vamos ao refeitório, para restauração de nossas forças.

Dirigiram-se para lá, onde as escravas acabavam de servir chocolate e leite com biscoitos. Após haverem tonificado o estômago, Lídia disse:

- Vamos ao templete. Contar-me-ás tudo, não é verdade?
- Sim, filha querida.

Qual se fossem boas amigas, e não mãe e filha, dirigiram-se ao pavilhão do jardim. Entraram, sentaram-se no banco de mármore. Fúlvia inclinou a cabeça para o peito, como que a coordenar os pensamentos.

## CAPITULO IX Confissão

Decorreu um breve momento. Depois, Fúlvia, suspirando tristonhamente, ergueu a fronte, e, olhando a filha, bem nos olhos, encetou o seu relato.

Narrou tudo. Seu amor por Aurélio; a oposição do pai, por ser aquele pobre; seu sacrifício em desposar Caio, sem amor; seu sofrimento moral nos primeiros tempos de casada, longe daquele que tanto amava ainda... Contou também como, afastada do homem que fora o escolhido do seu coração, o amor por ele parecera adormecido; que, perante os sacrifícios e demonstrações afetuosas de Caio, se sentira sensibilizada, chegando a dedicar- -lhe estima, e considerar-se relativamente feliz.

Narrou ainda o choque que seu coração sofrera no encontro com Aurélio, durante o malfadado passeio. Disse que aquela chama, quase esmorecida sob as cinzas do esquecimento, revivera mais intensa, mais avassaladora do que nunca.

Contou as suas lutas entre o amor e o dever. Confessou que, perante a insistência de Aurélio, o primeiro venceu o último. Confessou os remorsos que lhe afligiam a alma, pois compreendia o grande crime que estava praticando, porém, não tinha forças para resistir à poderosa influência daquela

intensa paixão. E, então, prorrompeu em pranto inconsolável, pranto amargo, cujos soluços pareciam querer despedaçar-lhe o peito.

— Mãezinha! — exclamou Lídia, penalizada, compadecida daquela alma que se confessava culpada, e impotente para reagir. — Não chores assim; nem tudo está perdido!

— Para mim não haverá perdão... sou a mais vil das mulheres.

— Cala-te, mãezinha, não fales desse modo

— J'lembro as palavras do Apóstolo... Palavras que acordaram a minha pobre alma, deixando-me ver quão baixo caí! Estou perdida, minha filha! Jesus disse, conforme falou naquela noite o apóstolo Pedro: "Não adulterarás".

E, ocultando o rosto nas mãos, se desfez novamente em lágrimas. Lídia, a custo, podia conter as suas, pois, apesar de não ter experiência do mundo, avaliava muito bem a grande desgraça que pairava naquele lar, estendendo sombrias asas sobre as suas pobres cabeças. No entanto, do íntimo da alma, clamou ao Céu:

— Dai-me forças, ó Senhor Deus! Auxiliai-me, bom Jesus!

Subitamente lhe veio coragem, e num gesto rápido, enxugou as lágrimas, dizendo carinhosamente

:

— Vamos, mãezinha, não chores mais; se bem verdade é que pecaste, o teu pranto é uma prova de que estás arrependida. E depois, tudo ainda se pode conciliar. Aurélio, após sarar, abandonará estes lugares; eu lhe pedirei que assim o faça.

— Minha Lídia, isso já não é preciso; justamente a nossa entrevista de ontem devia ser a última. Nós, de comum acordo, combináramos a separação definitiva, e, precisamente quando ele ia afastar-se para sempre, foi que surgiu aquele infame, ferindo-o à traição.

— E' o mesmo mãezinha: ele se restabelecerá, eu sei muito bem. Depois, irá embora. Ninguém saberá a verdade a respeito do acontecido, a exceção de Zadias; mas este permanecerá calado, pelas culpas que lhe cabem. Papai nada saberá. Tu esquecerás esse amor, e procurarás esforçar-te em demonstrar o maior afeto possível a papai, para que ele nada suspeite. Bem vês, mãezinha, o perigo não é tão grande, e será facilmente debelado.

— Impossível, minha filha, que tudo possa ser arranjado como dizes — respondeu Fúlvia, sem deixar de chorar convulsivamente.

— Impossível? Porquê?

— O perigo subsiste... e o castigo pela minha falta não se fará esperar.

— Não vejo a razão, mamãe.

— Dá-me forças, meu Deus! E' que ainda não sabes tudo — exclamou Fúlvia com um grito de alma.

— Conta, então, mãezinha, e ficarás aliviada.

— E' horrível! Pois bem, há algum tempo que sinto palpitar no meu seio... um pequenino ser...

— Um filho!

— Sim, um filho... de Aurélio!

— Jesus! — exclamou Lídia quase a desmaiar.

— Percebes, agora, a causa do meu desespero? Estás compreendendo, minha Lídia, como para mim não há salvação possível? Teu pai pode chegar de um instante para outro...

A voz extinguiu-se-lhe na garganta, tal a imensidade da sua dor. Lídia permanecia silenciosa, como que esmagada também sob o peso daquele segredo imenso e terrível.

Infeliz do seu pai, que partira tão confiante naquela pobre criatura, que acabava de falir fragorosamente!

Que seria daquele lar, outrora tão feliz, se seu pai chegasse e descobrisse tanta ignomínia?

Pobre Lídia! Sentia-se desfalecer. Tudo lhe parecia dar voltas em seu redor, como se fôsse perder os sentidos.

E quanto sofria o pobre anjo! No auge da dor, sua alma se elevou às regiões do Infinito e... reagiu novamente, fortalecida ignotamente.

Com os olhos cintilantes, perguntou:

— Sabe alguém esse teu segredo, mamãe?

— Não; nem ele mesmo o sabe — respondeu Fúlvia, indicando-lhe o aposento de Aurélio.

— Então, nem tudo está perdido! Hei-de rogar a Jesus que demore o regresso de papai... Pedirei tanto, que Ele mo concederá. Logo que Aurélio deixe esta casa, sairemos nós também, para passar meses numa das nossas quintas, levando conosco apenas duas escravas; aquelas das mães fiéis e dedicadas, e ali passaremos o tempo, até a tua libertação. Depois regressaremos, trazendo conosco a criancinha, que será filha de uma tua amiga morta ao lhe dar a vida. Nós, compadecidas, a teríamos adotado. Que te parece a minha ideia, mãezinha?

— E' realizável — disse Fúlvia, admirada. — Mas, se teu pai regressar antes, o que é muito provável ?

— Não! Deus não o permitirá... Tu has-de ver mãezinha. Jesus ouve as minhas preces súplicas.

Fúlvia sorriu. Um raio de esperança a penetrara, serenando-lhe um pouco a alma.

— Será possível, minha filha, que tudo possa vir a arranjar-se?

— Sim, uma voz interior me disse que serás salva. Portanto, fé em Deus e confiança em mim.

|— Ah! Lídia, minha querida, tu me salvas. I. Tu devolves à minha pobre alma a paz que havia perdido!

Ambas se abraçaram, beijando-se amorosamente. Naquele momento, Zadias destacou-se das colunas que sustentavam o pórtico do pavilhão, do lado de fora e, atravessando em carreira o jardim, internou-se pela porta do serviço.

O malvado, vendo as duas entrar no pavilhão, as seguiu de longe, e ficou a escutar, ouvindo tudo.

— Ah! — exclamou então, fechando os punhos, com raiva — este segredo será a tua perdição, Fúlvia, pois, apesar da ascendência que Lídia tem sobre mim, não te posso esquecer! Amo-te e amar-te-ei sempre! Este segredo será a arma que esgrimirei no momento oportuno e com a qual farei que caias nos meus braços, ainda que contra a tua própria vontade!

Um mês depois, Aurélio, com a ferida cicatrizada, decidiu deixar o palacete, e o decidiu para esse dia.

— Mas o senhor se sente bastante forte para abandonar nossa casa? — perguntou Lídia, que se achava sentada em frente, com os cotovelos apoiados sobre uma mesinha de estilo árabe, onde Raquel acabava de lhe servir o chá.

— Sim, graças a Deus e à senhora.

— A mim não; deve agradecer...

— E porque não? A senhora é um anjo; jamais a esquecerei.

— Talvez fôsse útil ao senhor permanecer mais alguns dias; pode sofrer uma recaída e...

— Não há perigo. Foi um anjo que me curou e as obras dos anjos não podem ser imperfeitas.

— Obrigada.

— Ontem dei ordem a Arcádio para preparar uma liteira. Ele prometeu vir. Não deve demorar-se. Deixá-la-ei dentro em pouco.

Quando Aurélio recuperara os sentidos, vendo-se acamado na própria casa de Fúlvia, solicitou da moça fôsse enviado aviso ao seu fiel amigo. Lídia mandou um escravo desempenhar essa missão.

Arcádio apresentou-se imediatamente, e queria levá-lo consigo, porém Lídia se opôs, declarando que, bem cuidado, conforme estava sendo, mais depressa se restabeleceria.

Os dois amigos acederam, e Arcádio todos os dias ia passar algumas horas com Aurélio.

— Então — disse Lídia, prosseguindo no diálogo — fica entendido que ninguém deve conhecer a verdade do que ocorreu.

— Pode ficar sossegada, senhorita; jamais alguém tal saberá por minha boca.

— Outra coisa, senhor Aurélio: cristão que o senhor é, deve evitar o cair nas redes do espírito do mal, e também impedir que os outros caiam por sua causa. Portanto, eu lhe peço abandonar a cidade.

— Sim, a senhorita será atendida! — disse Aurélio, inclinando a cabeça para melhor ocultar a sua perturbação.

Naquele momento, Raquel anunciou:

— O senhor Arcádio chegou, e pergunta pelo senhor Aurélio.

Este levantou-se, e, inclinando-se cerimoniosamente perante a donzela, disse:

— Mais uma vez, apresento-lhe meus agradecimentos .

— Agradeça a Deus, senhor, pois não fiz outra coisa senão cumprir o meu dever.

E sorrindo com amabilidade, estendeu-lhe a pequenina mão, que o damasceno beijou respeitosamente. Arcádio aguardava o amigo.

Logo que Aurélio saiu, Lídia correu ao dormitório onde Fúlvia se encontrava. Esta chorava silenciosamente. A donzela abraçou-a, dizendo:

— Vem, mamãe, vê-lo pela última vez. — E arrastou-a até junto a uma das janelas.

Naquele momento, os dois amigos passavam.

— Adeus! — lhes gritou a menina para chamar a atenção de Aurélio.

Em seguida deixou Fúlvia sozinha na janela, indo sentar-se num sofá, enquanto murmurava:

— Infelizes! E' a última vez!

Aurélio ergueu a cabeça, e, sem se deter, dirigiu um derradeiro olhar a Fúlvia, que se encontrava no parapeito da janela, sentindo-se morrer de angústia.

Naquele olhar, Aurélio acabava de lhe revelar a consumação do seu grande sacrifício.

Afastava-se dela para sempre!

Apesar da distância, viu brilhar naqueles olhos lágrimas dolorosas, epílogo de um idílio e prólogo de uma existência de dores e amarguras. Aquele olhar lhe disse que jamais a esquecería, e que, apesar da separação, as suas almas estariam sempre juntas pelo pensamento, fio transmissor dos suaves e puros sentimentos.

Ao afastar-se Aurélio, sentiu Fúlvia como que se lhe partirem as fibras do coração, coincidindo com uma dolorosa sensação de isolamento, de vácuo, sensação que a invadia completamente; e, incapaz de suportar a própria dor, com um grito abafado, caiu desmaiada nos braços de Lídia, que acudira, ao vê-la combaleante.

Aurélio e Arcádio subiram à liteira que os transportou a casa.

Ali, sentaram-se, e Aurélio revelou ao amigo a resolução — que era compromisso moral — de abandonar Roma e ir-se ainda que aos confins da Terra, para, na solidão, aguardar o término de seus dias.

Arcádio, que tinha conhecimento do grande segredo do amigo, deixou que ele expusesse a sua resolução. Logo, abraçando-o afetuosamente, perguntou-lhe :

— Estás decidido, caro Aurélio, a abandonar-me, e assim quebrar os laços de sincera amizade que até agora nos prendeu?

— Não! Nem é preciso romper a nossa amizade! Não poderia fazê-lo! Tu bem sabes que sempre te estimei no grau de irmão.

— Então, se eu te pedisse para ficares junto de mim? Eu me esforçarei para te consolar na tua triste situação. Aurélio, foste tu, bem o sabes, quem me iniciou nesta senda tão formosa, tão cheia de amor e suavidade. Só por ti me tornei cristão. A ti devo os conhecimentos que possuo a respeito do futuro que me espera no mundo da espiritualidade, onde brilha eternamente o belo Sol da Verdade. Porque, pois, não deixas que te mostre o meu agradecimento pela luz que derramaste na minha pobre alma, ficando sempre a meu lado? Eu me dedicarei a tornar a tua existência, se não feliz, pelo menos resignada com o destino... Eu, te ajudarei a esquecer...

Aurélio suspirou, sem responder. Hesitava.

Arcádio compreendeu a luta que lhe tumultuava no coração, e redobrou de esforços.

— Lembra, caro Aurélio, que me encontro igual a ti, somente no mundo, e preciso ter perto de mim alguém que, amando-me, faça menos triste a minha solidão. Então, não respondes, meu amigo? Será, porventura, tão pequeno o lugar que ocupo em teu coração ?

— Cala-te! — exclamou Aurélio, abraçando-o. E indicando-lhe o coração, ajuntou: Tu ocupas aqui um grande lugar. O meu maior desejo seria estar sempre junto de ti; mas, assegurei a Lídia que me afastaria para sempre de Roma.

— Não te mostres a ela; não vás para aquela parte da cidade, pois, quanto menos a vejas, certamente mais depressa a esquecerás. A palavra que empenhaste não impede possamos passar juntos a nossa existência. Se o julgas necessário, podemos até transferir o nosso estabelecimento comercial para uma rua mais afastada, ou, então, vendê-lo e abrir outro nos subúrbios.

— Não! Não é preciso! Deixemo-nos ficar; não sairei desta casa. Procurarei não as ver, nem me deixar ver.

— Obrigado, caro Aurélio — exclamou Arcádio, efusivamente. — Tu verás que, a meu lado, consegues esquecer as mágoas do coração. Atirar- -nos-emos de corpo e alma à prática e desenvolvimento da nossa doutrina, tão consoladora.

— Sim Arcádio, e Deus te abençoe pelo conforto que acabas de me dar, conforto que de muito me valeu. Tuas palavras salvaram-me, pois eu tinha a intenção de procurar na morte o descanso para a minha pobre alma, e o sossego que há tempos perdera e que, felizmente, voltaram ao influxo das tuas carinhosas palavras. Sim, meu bom Arcádio, viveremos juntos, fraternalmente, conforme até agora o fizemos. E não é necessário deixar esta casa. Sinto-me forte, encorajado para suportar a triste derrocada de todas as minhas ilusões.

Calou-se, suspirando, enquanto duas lágrimas lhe cintilavam nos olhos.

Arcádio, ao percebê-las, ajuntou:

— Lembra, Aurélio, lembra as palavras do Mestre: "Vinde a mim, todos quantos vos achais sobrecarregados; todos quantos vos sentis aflitos e prestes a sucumbir ao peso dos sofrimentos; vinde e sereis reconfortados, pois meu jugo é suave, meu fardo é leve."\*

— Dizes bem, Arcádio. Dedicuemo-nos em espalhar a pura doutrina pregada por Ele. Procuraremos, de alguma forma, aproximarmo-nos d'Ele, pois só d'Ele recebemos o lenitivo para as mágoas do coração!

## CAPITULO X Corações em suplício

Gaeta, banhada graciosamente pelas águas do mar Tirreno, entre Roma e Nápoles, era uma das cidades preferidas pelos romanos que desejavam passar alguns meses afastados da vida mundana.

Ali, na solidão, longe do ruído da vida comercial e do turbulento fervilhar das paixões, os romanos se refaziam do quebrantamento do corpo enfraquecido pela continuada luta social, combatido pelos prazeres fáceis.

Na época em que se passaram os fatos relatados nestas memórias, Gaeta achava-se quase deserta, pois o frio afastara os mais retardados veranistas .

Nessa pacata cidade refugiaram-se Fúlvia e Lídia, que passaram a morar numa formosa casinha, situada na praia e de propriedade de Caio.

Três meses havia que ali se encontravam esperando o livramento da primeira, acompanhadas unicamente de Raquel e de um velho casal de escravos, encarregados da guarda da casa, desde muito tempo.

A velha amava Fúlvia entranhadamente e por ela teria sido capaz de dar a própria vida.

Fúlvia confiou parte do seu segredo a Raquel, na qual sabia poder confiar.

Esta, prontificou-se a auxiliá-la a sair do difícil transe em que se achava.

— Minha senhora — disse-lhe —, com o auxílio dos deuses hei-de conseguir que nem mesmo esses dois velhos venham a inteirar-se de coisa alguma.

Fúlvia ordenara ao liberto Zadias que, por espaço de alguns meses, tomasse conta da casa, pois que ela se via forçada a ausentar-se, a chamado de amiga querida gravemente doente, ameaçada de morte próxima.

Encarregou-o de lhe remeter as cartas à sua casa em Gaeta, que ali as iria buscar, pois a casa da sua amiga era situada próxima daquela sua propriedade. E foram instalar-se na casinha à beira-mar.

Durante esses meses, aqueles três corações passaram por tremendas torturas, das quais destacavam uma única: A possibilidade do regresso de Caio, que podia chegar de um instante para outro. Fúlvia, apesar das palavras confortadoras que constantemente ouvia de Lídia, e que avivavam em sua alma a aureolada esperança, não deixava de sofrer imensamente, reconhecendo-se culpada.

Havia momentos em que a dor era tanta, que chegava a desejar a volta de Caio para se precipitar aos seus pés, confessando-lhe tudo, e pedindo que a matasse; e assim, de uma vez para sempre, ver-se-ia livre do verdadeiro inferno em que caíra e cujas labaredas a torturavam horrivelmente.

Às vezes, a ideia do suicídio lhe acarinhava a mente; mas, a sinistra perspectiva de um Além tenebroso e mais torturante ainda, lhe retirava a coragem necessária para cortar por si própria o fio da existência.

Era crente, e a fé lhe bradava no íntimo da consciência:

— "Ai de ti, se destróis, por ti própria, a existência que Deus te concedeu para remir tuas faltas! Caíste, infelizmente! Procura de novo reer- guer-te... Se tiveste força para pecar, deves tê-la também para arrostar com as consequências da tua falta. Os remorsos te torturam!

"Naturalmente; assim acontece a toda alma cônica dos seus deveres, e que possui a devida compreensão para avaliar todo o negrume do abismo em que a precipitou um fatal e talvez imprevidente deslize."

Nessas considerações, a infeliz sofria dolorosamente, embora procurando justificar-se, mentalmente, a si própria, desta forma:

— Foi a força do destino que me precipitou; tenho a intuição de que nossas almas foram *ligadas por* misteriosa atração, que nos vem aproximando desde há tempos mui remotos.

— Mas tu não sabes — respondia a sua fé, bem no íntimo da alma — que na época atual o teu estado não te permitia tal aproximação? Encerrando o teu amor no âmago do coração, oferecendo-lhe um culto sagrado e puro, não o contaminando com as indignas profanações do mundo, a tua alma ter-se-ia elevado, consideravelmente, purificada pelo sacrifício. Não tiveste força e faliste; agora, mostra-te digna, procura remediar as consequências do teu pecado. Que tuas faltas não venham recair sobre os inocentes, pois, cada alma atingida será uma nova vítima do teu deslize, e sobre ti recairá sempre a responsabilidade dos seus sofrimentos. Sai da tua apatia! Procura! Esforça-te em remediar! Trabalha, ativa a tua inteligência, pois só ao que luta cabe a vitória!

A infeliz sentia, então, novas energias que a reanimavam, mas por breves instantes, para mais tarde recair no desânimo, e deixar que a alma vagasse pelos esmagadores e sombrios èvoeiros do pessimismo.

Infeliz! Essas lutas interiores em que a sua alma se debatia, abalavam-lhe visivelmente o físico. Aquele corpo tão formoso, lentamente ia perdendo os encantos.

E Lídia? O seu sofrimento não se descreve! Sem a força invisível que quase sempre a animava, já teria declinado, qual frágil flor combalida impiedosamente pela violência do furacão.

De um lado, avaliava perfeitamente a afronta atirada à honra do pai, pela falta de sua mãe. Isso constituía para ela tortura imensa, pois sempre considerara o pai o melhor dos homens, e, portanto, digno de toda a consideração e respeito. Amava-o imensamente, e sentia-se como que esmagada ao peso do infortúnio que viera feri-lo. Ele, que depositando cegamente a sua fé em ambas, partira para

longínquas terras, expondo-se a toda sorte de contratempos, unicamente para lhes proporcionar maior conforto, pensando tornar-lhes a existência mais feliz e venturosa!

Por outro lado, mulher que era, compreendia o sofrimento de sua mãe, a quem amava mais do que a si própria.

Uma lágrima, surgida nos olhos de Fúlvia, era qual a gota liquefeita de ferro incandescente penetrando no seu coração de filha extremosa.

Teria dado a existência para que a ordem natural das coisas atuais fôsse transformada completamente, desaparecendo assim a terrível ameaça que pairava sobre todos.

Gostosamente, derramaria até a última gota do seu sangue, se possível fôsse com isso apagar totalmente a mancha que maculava a honra de sua mãe.

## CAPITULO XI Triste destino!

Lídia apercebia-se muito bem de que não seria capaz de presenciar o sofrimento moral do pai, ao inteirar-se de tudo. Também não resistiria à tortura de ver a mãe castigada, embora justa a punição.

Seu único recurso era a confiança na proteção do Alto. Só Deus poderia fazer um milagre! Só Jesus poderia auxiliá-la!

Durante aqueles dias de incerteza, sua alma estava em contacto permanente com as Alturas. Era uma invocação incessante às forças superiores que tanto a vinham auxiliando. Era um grito permanente de alma dilacerada, grito de misericórdia em favor dos seres que tanto amava!

Pobre anjo!

Raquel, escrava dedicadíssima, também sofria intimamente, pois amava seus senhores, e no fervor da sua crença invocava os deuses, pedindo-lhes proteção e auxílio. Via que a gestação de Fúlvia ia avançando e que esta já não podia ocultar, às vistas do mundo, as conseqüências da sua falta, e sentia-se possuída de espanto, só em pensar num intempestivo retomo do amo.

— O' Jove! — exclamava constantemente. — Sê propício! Se o senhor Caio — pensava — chegar após o livramento da senhora, ainda nos poderemos salvar. Caso contrário, não sei que será de todos nós! As harpias do Orco farão erupção neste lar, outrora tão favorecido pelas fadas e gênios.

Assim refletindo, a fiel escrava ia aprontando tudo para o próximo sucesso, que, inexoravelmente, devia verificar-se.

manhã brumosa e triste, em que o Sol, apesar de se erguer no horizonte, não podia ser visto pelos habitantes de Gaeta, velada por som\* brio toldo de nuvens que cobria o firmamento, LÍ\* dia achava-se na praia, sentada na areia húmida.

Levantara-se cedo, e, vendo que Fúlvia dormia plàddamente, vestiu-se silenciosamente e saiu. ~~Aproximando~~ aproximando-se do mar e sentando-se num mon- título de areia, ficou a contemplar o vaivém da\* ondas, que pareciam aquietar-se por momentos. Depois de algum *tempo*, sua vista se estendeu pelo vasto lençol das águas até à linha do horizonte, e se abismou em melancólicas reflexões.

Subitamente, pareceu-lhe ver desenhar-se entre o céu e o mar o perfil de um mancebo. Seu coração principiou a bater aceleradamente.

Era Virgílio! Quanto o amava! Justamente naquele instante em que se via afastada dele, percebia que o sentimento que lhe dedicava enchia todo o seu coração. Absorveu-se na contemplação da imagem do ente adorado, que ficara em Roma, esperando ansiosamente o seu regresso.

Ela lhe dissera que precisava separar-se por alguns meses, pois devia acompanhar sua mãezi- nha, chamada à cabeceira do leito de uma querida amiga, que se achava em perigo de vida.

Ele lhe respondeu:

— Vai, minha Lídia, vai cumprir esse dever de caridade. Eu te acompanharei com o pensamento, que jamais se afastará de ti. Vai, e não demores muito, pois não poderia viver longo tempo sem a luz dos teus olhos.

Abraçaram-se e separaram-se, e ela pôde ver brilharem as lágrimas nos olhos do seu amado.

Naquele instante, contemplava-lhe a imagem, visão suspensa no vácuo, entre o céu e o mar, imagem que a força do seu pensamento conseguira transportar até ali; e ao ver o sorriso que animava os seus lábios, sorriso triste de desconforto, sentiu, no íntimo do coração, uma estranha sensação de melancolia, que a fez chorar.

Subitamente, a imagem pareceu afastar-se, tornar-se vaga e de contornos indefinidos, até quase se confundir com a refração que os raios solares formavam, penetrando através da massa compacta das nuvens. Emitiu doloroso suspiro, pensando tristemente:

— Bem vejo, meu Deus, que ainda o relógio dos séculos não marca a nossa hora; a hora de caminharmos juntos, confundidos no mesmo sentimento, para formar uníssona vibração no conjunto melódico da harmonia universal.

Sentiu um desfalecimento, como se fôsse perder os sentidos. Teve a indefinível sensação de se encontrar muito longe dali. Onde?

— Só Deus o sabe! — pensou infimamente.

Dirigiu um olhar em volta, e, com surpresa, viu que tudo sofrera estranha transformação.

O mar desaparecera. Não mais as ondas espreguiçando-se na areia da praia, que também fugira da sua vista, juntamente com a casinha na qual deixara Fúlvia dormindo.

Tudo fora substituído por alvíssimos nevoeiros, através de cujas massas cintilavam estrelinhas de diversas dimensões e cores variadas.

Fixou bem o olhar e percebeu que algumas adquiriam humanas formas, sorrindo-lhe suavemente.

Reconhecendo-as, como se reconhecem os amigos após longa ausência, correspondeu aos seus sorrisos. Surpreendida, porém, pelo que via, olhou-se a si própria, como pretendendo achar a explicação de tudo aquilo, e, prodígio! não tinha mais corpo humano! O fluido de que se sentia revestida e imitava perfeitamente a sua forma, era resplandecente, qual se ela mesma fôsse formada por átomos luminosos.

Conservava a própria imagem, porém notavelmente aformoseada. Sentia-se leve, e uma felicidade e um bem-estar inefáveis a inundavam. Tinha, ao mesmo tempo, a impressão de que aquele era o seu estado natural. Parecia-lhe que já conhecia aquela sensação venturosa e aquele modo de ser e de viver. No seu íntimo, conservava, meio adormecida, a lembrança de que, em outra ocasião, talvez noutros tempos, já se contemplara assim, radiante, bela e ditosa!

Estaria sonhando? Querendo convencer-se da realidade do que via e experimentava, olhou para Virgílio e viu-o ainda suspenso naquela imensidade, porém a sua imagem se tornara mais escura e vaga.

Era uma sombra destacada, formando doloroso contraste com aquele ambiente luminoso; mancha que empanava tão esplêndida apoteose de luz e cor: nota discordante na harmonia indizível que se desprendia daquele hino de luz do qual ela fazia parte, canto de glória ao Criador!

— Ah! — teria exclamado penalizada —, ainda não podemos caminhar juntos! Considerável distância nos separa! Ele não pode galgar de uma só vez essa culminância! Pois bem, eu me deterei no caminho... Esperá-lo-ei, sim, até que nos possamos reunir e caminhar no mesmo nível.

Naquele momento chamou-a à vida material alguma coisa inesperada!

Um grito ecoara naquela vasta imensidade, e tudo se desvaneceu como se tudo fôsse arte de encantamento.

Encontrou-se na praia, sentada na areia.

— Senhorita Lídia! — chamou Raquel da porta da casinha. — Corra! Venha, por favor!

A donzela, qual se acordasse de um sonho, olhou-a sobressaltada. Rápida chegou junto da escrava.

— Que há? — perguntou.

- Dona Fúlvia caiu desmaiada ao ler uma carta, trazida por um mensageiro chegado de Roma.
- Santo Deus! — exclamou Lídia, dirigindo-se, a correr, para o interior da casa.

Entrou no dormitório, encontrando a mãe estendida num sofá. Raquel entrou juntamente com ela, e fechou a porta por dentro, dizendo em voz baixa:

- Não é conveniente que os dois velhos saibam o que acaba de ocorrer.
- E mamãe? Oh! como está pálida!
- Nada tema — disse a serva.

E tomando uma carta que estava sobre a mesa, entregou-a a Lídia, ajuntando:

- Leia enquanto eu procuro despertá-la.

Á donzela leu o conteúdo da carta, que dizia assim:

Querida Fúlvia.

“Após tantos meses de longa ausência, volto ao nosso querido lar. Quanto tive de lutar! Chegou, porém, finalmente, o momento ansiado de poder novamente abraçar-te, a ti e à minha Lídia querida. De posse da tua fortuna, espero em breve rever-nos. Embarco no navio “Júpiter”. Seja-me Saturno propício!

*Caio Pompei*”

Um raio que caísse junto de Lídia não lhe teria causado tanta impressão quanto aquela carta.

Seu pai chegava! E justamente na ocasião em que sua pobre mãe não podia, de forma alguma, ocultar o seu estado!

— Santo Deus, valei-nos! — exorou, deixando cair a carta e dirigindo um olhar de angústia para o Céu. — Eu amo a meu pai com verdadeira loucura; minha alma sofre pela sua ausência; mas o que em outra ocasião me causaria intensa alegria, neste momento me causa temor, vergonha, confusão!

Uma tênue vibração, de ignota proveniência, lhe tocou o pensamento:

- Sossega, minha pobre Lídia; desta vez o perigo será afastado.
- Ah! — suplicou Lídia —, peço a demora do meu pobre pai.
- Serão satisfeitos os teus desejos — vibrou de novo o mesmo indefinível som.
- Graças, meu Deus! Graças também a ti, ó bom Jesus —, disse com reconhecimento, suspirando confortada.

Raquel borrifava com essência de rosas o rosto de Fúlvia, que principiava a fazer algum movimento. Lídia aproximou-se, perguntando, em voz baixa, ao mesmo tempo que corava:

- Falta ainda muito tempo?
- Não senhora... um mês apenas.

Naquele instante, Fúlvia abriu os olhos.

- Que aconteceu? — perguntou, olhando em volta de si, admirada.
- Nada, mãezinha! Não te sentes melhor?
- Sim, agora me lembro... A carta! Teu pai chega, Lídia; precisamente quando... Ah! minha filha!

A presença dele vem destruir, de modo completo, as nossas combinações! Tudo será descoberto! Para mim já não há salvação possível!

Isso foi dito em convulsões de pranto inconsolável e com acento entemecedor.

Lídia, secando rapidamente duas lágrimas, que a dor de Fúlvia lhe trouxera aos olhos, obtemperou:

- Mãezinha, não te entregues assim ao desespero. Acabo de receber uma inspiração que muito me conforta. Tenho a convicção de que ainda nos salvaremos!
- Mas, como? Teu pai já embarcou. Por ventura não leste a carta?
- Sim, mãezinha, li; mas, uma voz interior me está dizendo que nos salvaremos.
- Por que meio? De que forma?
- Não sei, nem devemos querer investigar. Basta, mãezinha, que nos chegue um auxílio a tempo.
- Lídia, tu reanimas novamente minha esperança! Será Deus tão bondoso, para, apesar da minha

indignidade, usar de misericórdia para comigo ?

— Sim, mãezinha; Deus é grande, sempre perdoa aos seus filhos, mormente diante de um sincero arrependimento! Vem — continuou Lídia, pegando-lhe o braço e levando-a a um canto do aposento, onde se via encaixilhada em ouro a efigie de Jesus: — a Ele, que é o intermediário entre Deus e as criaturas humanas; a Ele é que devemos dirigir neste momento as nossas súplicas, para que se digne interceder a nosso favor, junto do Altíssimo! Reza, comigo, mãezinha, para que Deus tenha piedade de nós e afaste de nossas cabeças a ameaça do castigo!

Mãe e filha caíram, juntas, de joelhos, ante a imagem do Redentor, cujo sorriso divino parecia trazer-lhes a promessa do perdão.

Raquel, a escrava amiga, a um canto, sem conhecer o Deus ao qual elas elevavam suas preces, mas julgando fôsse um Deus superior, uma vez que o adoravam, ajoelhou-se também, elevando-lhe a sinceridade da sua alma.

## CAPITULO XII Salve-se quem puder!

O mar Jônio era agitado, em toda a sua extensão, por violento temporal que punha em grande risco as poucas embarcações que, então, sulcavam as suas águas, e cujos pilotos, na iminência do perigo que os ameaçava, se apressaram a aproar, em retomo, para os diversos portos de onde haviam pouco antes zarpado.

Um grande navio, em cuja popa se podia ler o nome de "Júpiter", conservava-se nas águas de Cândia, grande ilha ao sul da Grécia, na embocadura do mar Egeu.

Saíra de Alexandria, e o capitão, vendo o mau aspecto que o mar apresentava, ao invés de regressar ao ponto de partida, rumara para Cândia, por ser o lugar mais próximo. Procurou contornar Clauda, pequena ilhota a sudoeste de Cândia. Pretendia entrar em Fenícia, em cujo porto esperava encontrar refúgio.

Eram oito horas da noite. Escurecera completamente . O vento passava uivando assustadoramente. Chuva torrencial. Grossos novelos de ondas encapeladas varriam o convés do navio, levando tudo, panos, vergas, cordoalha.

Os passageiros estavam espavoridos ante a violência do temporal.

O capitão, para que seus homens pudessem manobrar mais livremente, dera ordem aos passageiros que descessem à parte inferior do navio.

Estes se negaram a obedecer, pois, diziam, ao menos desejariam morrer a céu aberto. A muito custo, os marinheiros conseguiram recolhê-los nas câmaras.

Foram fechadas as escotilhas para impedir que a água inundasse o interior do navio, cujo cavername rangia a cada novo golpe do mar.

As ondas elevavam a nave qual leve batel na crista das suas líquidas moles, que se erguiam a grandes alturas, para logo precipitá-la velozmente no abismo formado entre uma e outra vaga.

O capitão, de pé no posto do comando, dava ordens em voz de trovão ao piloto, que, empunhando a cana do leme, se esforçava por obedecer à manobra.

— Avante por estibordo! — gritava o homem. — Mais uma braça!!... mais duas!

— Stopí — "respondia-lhe" o mugido do vento e o estrépito das ondas quebrando-se violentamente nas amuradas.

Noite terrível!

O pobre nauta, nos intervalos de uma a outra ordem, pensava na esposa e nos filhos, que deixara em Alexandria.

Quem sabe se os tomara a ver!

De manhã cedo, saíra do porto, após percorrer o espaço com um olhar investigador. Nem uma nuvem, nem o mais leve nevoeiro que empanasse a diafaneidade da atmosfera, pôde ele perceber.

Uma brisa ligeira impelia a embarcação, a deslizar suavemente sobre o líquido elemento que, qual imenso cristal, reproduzia fielmente o panorama celeste.

Um sorriso de satisfação desenhou-se nos lábios do homem do mar. Estava contente, pois tudo lhe augurava uma viagem feliz.

Na hora do meio-dia, quando o Sol se achava justamente no Zénite, e seus raios incidiam verticalmente sobre as águas, arrancando-lhes diamantinas e irisadas cintilações, a brisa repentinamente parou, e, a partir de tal momento, a nave pouco avançava. As suas brancas velas, antes enfunadas, pendiam agora flácidas ao longo dos altos mastros. Bem próximo das duas horas da tarde, ante a irritante calma, o capitão subiu ao castelo de popa para inspecionar o estado do céu, pois tudo lhe deixava perceber que o tempo havia mudado.

Achava-se em águas da ilha de Cândia. Após detido exame, chamou o prático de bordo, e indicando-lhe uma nuvem delgada, que atravessava de lado a lado o disco solar, disse-lhe:

— Que te parece, Isac, aquele "rabo de gato" ?

Fazendo um gesto de contrariedade, o outro respondeu:

— Mau sinal, senhor; talvez antes da noite tenhamos algum temporal.

— Também me parece, pois estes sinais são sempre de mau agouro.

— Os deuses nos valham — exprimiu o prático, coçando a cabeça.

— Em todo caso, tomemos as devidas precauções. Amarra o pano e vergas; avisa o piloto.

— Sim senhor — disse o prático, cumprimentando-o e correndo a executar as ordens recebidas.

O capitão, estranhando sobremaneira a rápida transformação que acabava de operar-se nos elementos, quando pela manhã tudo lhe augurava bom tempo, permanecia de atalaia no alto do castelo de observações, e, pouco depois, pôde convencer-se de que os prognósticos do velho prático não\* eram errados.

A nuvenzinha foi rapidamente alargando, até dominar mais de metade do disco solar, tomando-se densa, compacta, sombria, ganhando em extensão.

À medida que as horas iam passando, a nuvem foi agrandando consideravelmente, até cobrir quase metade do horizonte. As águas do mar perderam a transparência, tomando-se opacas, mas sem qualquer movimento; nem a mais leve ruga quebrava a monotonia do grande espelho. O navio também não se movia; pelo menos assim o aparentava.

A atmosfera tornara-se eletrizada, rarefeita. Nem a mínima aragem a perturbava.

O capitão conservava-se firme no seu posto.

Sombrias apreensões lhe inquietavam o espírito. Principiava a desconfiar, a temer pelo bom resultado da viagem, que, com tão bons auspícios, principiara.

Cinco horas da tarde! A nuvem se transformara num toldo cinzento, que cobria quase completamente a vasta extensão dos céus. Aqui e ali, compactas acumulações de vapores aquosos, de cor plúmbeo-escura, pareciam querer desprender-se em filamentos sombrios sobre as ondas.

A calma do líquido lençol principiou a perturbar-se, vendo-se em diversos lugares levantamentos que, ao rebentarem, se desfaziam em pequenas explosões de branca espuma. A nave principiou a estremecer como se pressentisse o perigo.

Subitamente, onde as concentrações atmosféricas eram mais espessas, zigzagueou uma fita elétrica de vivíssimo e lívido fulgor, seguindo-se-lhe o ribombo de forte trovão. Desencadeou-se, ao mesmo tempo, tempestuoso vento que degenerou em furacão.

As águas, impelidas em todas as direções, sofreram choques terríveis, que as forçavam a se amontoar, elevando-se em aquosos castelos, que atingiam alturas consideráveis, para se precipitarem novamente nos abismos, levantando verdadeiras nuvens de alvíssima espuma.

O navio, colhido naquele turbilhão de forças contrárias, ameaçava soçobrar a todo momento.

O capitão, sempre firme no seu posto, já perdera toda a esperança de salvação. Não via mais

possibilidades de atingir o refúgio que lhe oferecia o porto de Fenícia, e a todo instante temia que um novo golpe de mar mais violento despedaçasse a nave de encontro aos recifes que cortornavam & ilha de Cândia.

Num dado momento, passou forte rajada, que impeliu a embarcação contra uma onda que vinha em sentido contrário. A nave sofreu um movimento de molinete, girando vertiginosamente de popa à proa.

Ouviu-se forte estalido seguido de um grito do piloto, grito que ecoou sinistramente naquela imensidade revolta.

— Capitão, não governamos! Partiu-se a cana do leme!

Efetivamente, a nave não mais obedecia à perita mão do piloto e, sem força que a contivesse, qual débil canoa, vogava à mercê das ondas, que a precipitavam desastrosamente de uma ao encontro da outra.

Vendo as proporções assustadoras que o perigo acabava de assumir, o capitão gritou, com voz atroadora:

— Abram as escotilhas! Deixem os passageiros subir! Salve-se quem puder!

Os tripulantes obedeceram, e a onda humana precipitou-se tumultuosamente no convés.

Foi um momento de pavor e confusão indescritíveis. Os infelizes viajantes atiraram-se ansiosamente aos dois únicos escaleres que o navio possuía, os quais foram cortados das amarras e arriados ao mar.

Em menos de um minuto, ficaram repletos de náufragos, que remavam desesperadamente, procurando distanciar-se do barco para não serem esmigalhados de encontro ao costado.

A bordo, tudo era gritos e lamentos, prantos das pobres mães que apertavam os filhos de encontro ao peito, súplicas ao Céu, exclamações de dor; tudo se confundindo com os mugidos do vento e o estrépito das ondas chocando-se violentamente nas amuradas do desarvorado navio.

Era muito maior o número dos náufragos que ficaram no convés, do que o dos embarcados nos escaleres. Entre os primeiros encontrava-se um que, pela riqueza do vestuário, demonstrava ser personalidade importante.

Era Caio. Estava palidíssimo, porém calmo.

Apertou a fivela do cinto, no qual trazia pendente uma bolsa de couro repleta de ouro, parte da fortuna de Fúlvia. Depois de certificar-se de que a bolsa estava bem presa a uma argola do cinto, encostou-se na borda do navio, esperando o momento oportuno de se precipitar nas águas e atingir, a nado, a costa, que, apesar da escuridão, pressentia próxima.

Alguns passageiros, no auge do terror, abraçando-se aos fragmentos das tábuas esparsas, pela fúria do mar, no convés, precipitaram-se no turbilhão das ondas bravias.

De repente, formidável muralha de água, em forma de onda, investindo o navio pelo costado, atirou-o violentamente de encontro aos alcantilados rochedos da pequena Clauda.

Com estrépito terrível, o navio se espraçou, ficando reduzido a um montão de destroços, que as ondas tumultuosas se encarregaram de espalhar, a uns projetando sobre as pedras do recife e a outros arrastando mar a dentro. Eram tábuas, móveis quebrados, lonas em frangalhos, caixas de mercadorias e seres humanos numa confusão espantosa e babélica.

Daquele caos de luto e dor partiam gritos lancinantes de desespero, cujos ecos o vento levava, quem sabe aonde?

A partir daquele momento, a tempestade começou a declinar, como se a força que excitava os elementos tivesse um único intuito: destruir o grande navio.

Horas depois, reinava o mais profundo silêncio naquele lugar, que acabava de ser teatro de tão emocionante tragédia. As estrelas apareceram a sorrir no firmamento, parecendo querer animar com os seus rútilos luzeiros as perdidas esperanças daqueles que, talvez moribundos, agonizantes nos rochedos, esperavam o momento de abandonar a terra onde tão grande desventura acabavam de

sofrer.

Quando a aurora, precursora do astro radiante do dia, apareceu no horizonte, seus raios desmaiados puseram em relevo o triste e pungente quadro.

Algumas dezenas de naufragos permaneciam estendidos, com os corpos ensanguentados, sobre as escarpas dos rochedos da ilha Clauda.

Em frente, flutuava sobre as águas grande quantidade de madeira, e restos outros do navio.

Dos que permaneciam no solo rochoso da ilha, alguns haviam morrido; outros, feridos pela violência do choque e alcançados por estilhaços do madeirame da nave, gemiam pensosamente, contorcendo-se em espasmos de dor.

Outros simplesmente contundidos permaneciam nas mesmas condições em que haviam sido ali atirados, e contemplavam com terror os companheiros, sem fazer o menor movimento, indiferentes aos lamentos que ouviam, como se a sensibilidade houvesse deles desaparecido.

Apenas um permanecia sentado, contemplando lânguidamente o mar. Seu olhar era vago, como se o pensamento lhe estivesse flutuando muito longe dali, ou como se não tivesse exata compreensão do lugar onde se achava.

Era Caio, que não tivera tempo de se atirar à água e salvar-se a nado conforme pretendia. No momento do choque foi atirado, juntamente com os outros, sobre os rochedos.

Suas ideias pareciam flutuar dispersas, sem ponto de apoio para formar um único pensamento.

Ao cair, sua cabeça batera numa pedra, fazendo-o perder os sentidos.

O ar fresco da madrugada o reanimou depois; porém, a memória ficou perturbada, indecisa.

Tinha uma só sensação, e esta dolorosa, como que localizada na cabeça. Era a repercussão do tremendo golpe, do choque traumático, com a conseqüente perda dos sentidos.

Tal sensação de dor foi tomando vulto, e as suas ideias, assentando em base sólida, determinaram um pensamento de imediatos efeitos.

Levou com alguma dificuldade a mão à cabeça, na parte afetada.

Aquele contacto comunicou vibrações dolorosas ao cérebro, cujas células principiaram a ativar-se, criando imagens das quais germinaram rapidamente novos pensamentos, que, embora incertos e confusos, começaram a vagar em volta dele. Sentou-se, num movimento totalmente instintivo, sem consciência do que fazia, e os seus olhos se fixaram persistentes na linha divisória do horizonte, que naquele momento principiava a tingir-se de vermelho e ouro.

Subitamente, o véu etéreo pareceu incendiar-se, evaporando-se em cintilas fulgurantes, e o Sol apareceu, altivo e formoso, como que emergindo do líquido elemento.

Do cristal marinho brotaram lampejos deslumbrantes, como se naquele momento a própria Vénus sacudisse o manto de esmeralda, recamado de facetados diamantes multicoloridos.

Aquela explosão de luz maravilhosa, aquela apoteose de esplêndidos efeitos, foram a sua âncora de salvação, pois as ideias, fixando-se naquele cenário, consolidaram-se, voltando à completa lucidez.

Tinha naufragado! O navio, colhido de surpresa ao iniciar apenas a viagem, por medonha tempestade, fora estilhaçar-se naqueles inóspitos rochedos, onde desconfortadamente se encontrava com alguns inditosos companheiros.

Que seria agora de todos, naquela perdida ilha, fora dos roteiros comuns às embarcações?

Escaparam de uma espécie de morte para cair noutra, quiçá muito pior.

Caio levantou-se, e, aproximando-se das ondas, para perscrutar o horizonte, olhou, à procura de algum velame que, embora longínquo, lhe deixasse na alma a impressão de um possível salvamento.

Seu olhar estendeu-se, contornando a ilha em toda a extensão do horizonte. Vã pretensão! Não conseguiu avistar, em todo o comprimento do vasto lençol líquido, nem a ponta de um mastro.

Apoderou-se dele a triste sensação do insulamento, e deixou-se cair sentado novamente no chão, desanimado completamente.

Sentiu um peso nas costas; olhou: era a bolsa de ouro, com o ouro de Fúlvia. Então, amargamente

pensou:

— Infelizes! Talvez jamais nos tomemos a ver!

E dos seus olhos caíram duas lágrimas. De

repente, ouviu doloroso gemido; voltou a cabeça, e viu um rapaz que, de olhos muito abertos, parecia implorar-lhe algum auxílio. Tinha o rosto empastado de sangue, que escorria de uma ferida localizada na fronte.

Caio era compassivo, e, esquecendo a sua própria angústia e triste situação, correu para o ferido, ajudando-o a sentar-se. Logo arrancou um pedaço da túnica e, molhando-a na água doce que a chuva depositara em pequena cavidade do rochedo, lavou-lhe a ferida e o rosto.

Depois, tirando outro pedaço de túnica, vedou-lhe a ferida. O rapaz, reanimando-se, exclamou:

— Obrigado! Que os lares e penates vos sejam propícios pelo bem que acabais de me fazer. Sois náufrago também, não é verdade?

— Sim, meu amigo. A sorte nos foi adversa. Netuno nos faz sentir a sua força e poder. Horrenda tempestade!

— E o capitão, ao embarcar, prometeu feliz viagem!

— Eles não o podem saber, com certeza matemática, meu amigo. A viagem apresentava-se boa; mas, quem pode responder pela estabilidade dos elementos? A menor causa faz com que o grande mar perca a sua serenidade.

— E ainda nos devemos dar por bem aquinhoados pela desgraça, em cair nesta ilhota, pois quantos não pereceram tragados, ingloriamente, pelas ondas?

— Não cante vitória, amigo; parece que nos libertamos de Cila para cair em Caríbides.

— Será possível?

— Sim, este recife está fora das rotas dos navegantes, e muito temo que, quando passar por aqui alguma nave, seja tarde demais, e... tenhamos perecido todos!

— Brrr...! Então não valia a pena ficarmos salvos do naufrágio!

— Sempre fica alguma esperança... Talvez os deuses tenham piedade de nós, e nos mandem algum auxílio.

— Pérfidas sereias e nereidas! — exclamou o ferido, levantando-se e dirigindo ao mar os punhos ameaçadores. — Sempre causando a perdição dos míseros mortais; quando não com os vossos enganosos cantos, com as vossas mentidas seduções!

— Meu amigo, em lugar de inúteis imprecações e anátemas, era melhor empregarmos nosso tempo em auxiliar a tantos infelizes que aí estão a gemer.

— E' verdade; creio, no entanto, que muitos já não precisam do nosso auxílio.

— Deixemos os mortos, e cuidemos dos feridos.

— Seja! — ajuntou, o náufrago com triste sorriso.

— Sentis-vos melhor, meu amigo? — perguntou Caio sollicitamente.

— Muito melhor; só uma pequena dor na ferida, mas isso não me impede de secundar a vossa caridade.

— Vamos, pois.

E os dois, feitos dois bons amigos, dirigiram-se ao primeiro vulto que se lhes deparava à frente.

— E' o capitão — disse Caio.

— Infeliz da esposa! Desditosos os filhos! — exclamou o náufrago, compungido. — Eu os conhecia a todos. Nada podemos fazer. Está morto!

Efetivamente, o infortunado capitão do "Júpiter" ali estava, o crânio fendido, sem vida.

— Abra-te Júpiter as portas do Olimpo, pois bem o mereces. Portaste-te qual verdadeiro herói! — disse, estendendo a mão sobre o defunto.

Afastaram-se penalizados e foram aproximando-se daqueles que permaneciam estirados sobre os rochedos. Era um espetáculo contristador.

Uma dezena de mortos foi encontrada. Os dois amigos transportavam os cadáveres, colocando-os juntos, numa anfratuosidade da rocha.

Vinte feridos foram recolhidos, entre os quais dezesseis com ferimentos leves; graves, os dos quatro restantes.

Após haver curado carinhosamente a todos, os dois homens sentaram-se, lado a lado, a cismar tristemente no que o porvir lhes poderia reservar.

— Meu estômago — disse Caio — está a reclamar os seus direitos, e nada temos para comer.

— Por aqui há-de haver mariscos em abundância — ajuntou o outro — mas, sem fogo para os cozinhar, de pouco servirão.

:— Ocorre-me uma ideia — sugeriu Caio, levantando-se animado. — Vejo lá uma boa parte de destroços do "Júpiter". De certo encontraremos cordas. Podemos improvisar anzóis e pescar algum peixe. Fogo sempre haveremos de conseguir! Vamos!

Correram aos alcantilados que as águas lambiam incessantemente e onde se amontoavam madeiras, objetos e pertences do navio.

Puseram-se a remexer, e, subitamente, Caio soltou um grito de alegria.

— Corra, amigo, já não precisamos, por enquanto, pescar; aqui temos coisa melhor. — E mostrava-lhe duas grandes caixas, uma das quais rachara ao cair, deixando ver através da tampa grande quantidade de convidativas conservas.

— Júpiter Olímpico! — disse o outro, com igual contentamento.

Caio pegou um pedaço de madeira revestido de ferro e que ali encontrou entre destroços, e, dando com força na parte mais frágil da caixa, fendeu-a, aparecendo carne de conserva.

— Os deuses nos protegem! Já temos o que comer.

Pegando boa porção do conteúdo e ajudando-se mutuamente, carregaram com as quantidades necessárias, encaminhando até junto dos feridos, com os quais repartiram alimentos.

Depois de haverem arrastado as caixas, deixando-as resguardadas numa cova natural, que descobriram nas penedias, sentaram-se para descansar e comer, à sua vez.

Feito isso, enquanto o companheiro meditava tristemente, Caio pôs-se a investigar a amplidão do horizonte, pois a ideia de que talvez, quando menos o esperassem, aparecesse a ponta de algum mastro, não o abandonava totalmente.

Fixou o olhar, mas, apenas conseguiu avistar alguma gaivota, ou abutre marinho alongando preguiçosamente o voo sobre as águas, talvez farejando alguma presa. À exceção dessas aves, coisa alguma quebrava a constante monotonia oceânica. Então, com triste suspiro, afastou, fatigado, a vista do horizonte e, concentrando-se em si próprio, abismou-se em amargas reflexões.

Que seria de Fúlvia e Lídia, em Roma, esperando ansiosamente pelo seu regresso?! Naquele momento, arrendia-se de as haver abandonado para ir em procura daquela fortuna, da qual, a rigor, não precisavam.

Salvara a fortuna, sim, mas talvez não a pudesse depositar nas mãos da sua Fúlvia. Sentia ainda no coração o eco da sua voz a repetir-lhe:

— Não vás, Caio; não nos abandones, deixa já essa fortuna. Para que queremos mais dinheiro? Não basta o que possuímos?

Ele, porém, que ambicionava um império para a sua Lídia, partira, apesar dos rogos e lágrimas daquelas duas criaturas, nas quais concentrava toda a sua afeição.

Agora, percebia que talvez fôsse pagar com a vida a teimosia. Por força de tão amargas reflexões, as lágrimas lhe escorriam dos olhos.

Aquele dia passou; e, quando a noite desceu o manto recamado de estrelas sobre o planeta, todos se retiraram àquela lura ou cova dos rochedos, onde tinham guardado as preciosas provisões de alimentos. E ali, envolvidos com os farrapos do velame que conseguiram apanhar, aconchegados entre si para se comunicarem o calor dos corpos, aqueles infelizes procuraram esquecer no sono a

amargura do seu tristíssimo destino.

Na hora própria, apareceu no firmamento a pálida Selena cercada de alvos véus, enviando à ilha Clauda o seu nimbo nacarino, que, em reflexos deslumbrantes e filamentos de prata, se fundia nas camadas do aquoso elemento, arrancando fugazes lampejos dos corpos lentejoulados dos habitantes marinhos.

As estrelas cintilavam, poetizando a miragem celeste, que parecia desprender serenamente ondas fluídicas, as quais lentamente desciam a inundar de esperança e consolação a alma do infeliz Caio, que, sentado no limiar da gruta, contemplava maravilhado aquela apoteose divina, penetrado da magia que dela irradiava.

— Sim — dizia, aspirando com voluptuosidade o encanto sedutor daquela noite formosa; — sinto que as horas andam flutuando em volta de mim, envolvendo-me na plástica dança da vida! Afasta-te, velho Aqueronte! Retira-te com a tua barca, pois não estou disposto a passar o Letes fatal! Quero viver! Quero ainda fruir a vida! Não importa que a indesejável Pandora desabe sobre mim o peçonhento conteúdo da sua caixa sinistra! Quero vê-las ainda e as abraçar. Permite, ó Jove! que a Aurora se detenha e venha iluminar os meus velados horizontes.

O Sol principiava a tingir de ouro e vermelho o manto do firmamento, afugentando as estrelas que, uma após outra, desapareciam, quando Caio, ainda acordado, alimentava os seus sonhos e ridentes esperanças. Pobre Caio!

Passaram-se muitos dias sem alteração. Os feridos, graças aos cuidados que receberam, sararam. As provisões esgotaram-se, e Caio via com terror os sonhos transformados em vãs quimeras.

Frequentemente, consultava a amplidão do horizonte, e o seu desânimo crescia por momentos.

Nem uma ponta de velame, o cimo sequer de um mastro conseguia avistar!

A solidão esmagadora principiava a pesar sobre eles. O desespero insinuava-se persistentemente no meio daquele grupo de sobreviventes trágica-mente esquecidos do mundo.

Alguns dos naufragos principiavam a apresentar sintomas inequívocos de alienação mental. Caio percebeu que os olhos de alguns dos companheiros animavam-se súbitamente de uma chama estranha, fulgor sinistro, voraginoso e fosforescente, que gelava o sangue nas veias.

Algumas gargalhadas secas, prolongadas e persistentes, confirmaram as suspeitas.

Os infelizes enlouqueciam! Fie via, com espanto, aumentar cada dia o número destes, e pedia aos deuses os libertassem de tamanho infortúnio.

Finalmente, acabaram-se as provisões. Caio e o companheiro, munidos de uma corda, em cuja extremidade adaptaram um toско anzol, decidiram-se tentar a experiência da pesca. Aproximaram-se de um extremo do rochedo, que avançava mar a dentro, e atiraram as cordas na água, segurando-as com a mão.

No primeiro instante, as cordas flutuaram, para logo afundar. Compreenderam, dentro em pouco, pelo peso, que alguma coisa haviam apanhado. Efetivamente, retirando as cordas da água, apareceram dois grandes peixes presos nos improvisados anzóis, contorcendo-se e deixando que as escamas brilhassem aos fortes raios do Sol.

Um grito de alegria escapou dos lábios dos dois naufragos.

Repetiram a experiência diversas vezes, sendo sempre bem sucedidos, de maneira que, instantes decorridos, possuíam um montão de peixe bastante regular. Depois, atritando rapidamente dois paus secos e muito resistentes, obtiveram a fagulha, que comunicaram a um monte de lenha já preparada, e cozinham o peixe, logo repartido entre todos os companheiros.

— Enquanto Saturno não nos negar o seu concurso, poderemos ir vivendo até esperar um salvamento — pensou Caio.

Naquele mesmo dia, deu-se um acontecimento doloroso, que Caio não conseguiu evitar, e veio reavivar suas próprias apreensões.

Havia um mês, estavam naquele isolamento, sem esperança de sair de tão triste situação.

Eram duas horas da tarde. Os raios do Sol incidiam perpendicularmente sobre as águas, provocando faiscantes deslumbramentos que perturbavam a vista. Caio, acompanhado de alguns náufragos, permanecia no interior da gruta, procurando resguardar-se do fogo solar. Os restantes achavam-se fora: alguns passeando, outros deitados entre os rochedos.

Caio, mesmo enquanto conversava com os amigos, não perdia de vista a linha do horizonte que se destacava fortemente no meio da poderosa irradiação solar. De pronto, explodiram estridentes gargalhadas e gritos de terror.

Caio precipitou-se fora da gruta, procurando saber do que se tratava.

Imediatamente teve a explicação.

Três daqueles náufragos que, havia vários dias, davam mostra de estranha agitação, talvez alucinados, acabavam de se precipitar no mar, entre gargalhadas estrepitosas.

O romano correu ao local onde, conforme lhe indicaram, haviam desaparecido os três náufragos. Inútil, porém, se tornou qualquer ação, pois os dementes suicidas não deixaram rastro.

Esperou durante certo tempo, a ver se os corpos subiam à tona, mas em vão; o abismo parecia havê-los tragado para sempre.

— Nada podemos fazer por eles. Infelizes! — disse.

E deixou-se ficar, triste e silencioso, contemplando o tranquilo cristal das águas, como se quisesse nelas penetrar e lhes exigir os corpos dos malogrados companheiros.

Os outros faziam tristes comentários do lamentável acontecimento. Um deles exclamou em alta voz:

— Quase estou tentado a imitá-los, pois é bem pouco o que podemos esperar destes inóspitos rochedos.

Ouvindo essas expressões, Caio levantou a cabeça, e, encarando-o, disse:

— Amigo, não debes falar assim! Lembra-te de que, enquanto formos animados por um sopro de vida, deve persistir a confortadora esperança de possível salvamento.

Subitamente, colocando a mão sobre os olhos, para ver melhor, fixou ansiosamente o horizonte, exclamando:

— O' deuses, que vejo?! Será possível? Sim! A ponta de um mastro no qual se ostenta uma bandeira desfraldada ao vento!

— Onde? — perguntaram todos à uma, aproximando-se com júbilo e admiração marcadas nos semblantes.

— Ali! — respondeu Caio, apontando-lhes determinado rumo do horizonte, onde se destacava um ponto escuro, encimado por alguma coisa que ondulava ao impulso do vento.

— Pois é verdade — gritaram todos, em maior alegria.

— E' um navio! E' a nossa salvação!

— Meus amigos — disse Caio —, é provável que os tripulantes dessa nave não nos possam perceber e, estando a nossa ilha fora das rotas que seguem, daqui a pouco terão desaparecido da nossa vista, e seremos forçados a abandonar a esperança de salvamento. Portanto, devemos chamar-lhes a atenção.

— Como? De que forma? — indagaram ansiosos.

— Depressa! Empilhemos toda a lenha seca que possuímos. Façamos grande fogueira, que possa ser vista ao longe.

Movimentaram-se todos prontamente, e, vendo que a salvação dependia daquele momento, multiplicaram-se para êxito da tarefa.

Em menos de cinco minutos ergueram uma pi-râmide de madeiras, à qual deitaram fogo. Imediatamente, subiram ao espaço densos rolos de fumaça, intervalados de chamas amareladas.

Seguidamente, Cedo gritou:

— Venham todos comigo!

E subindo a uma elevação vizinha, tirou do bolso um lenço, que, depois de preso a tosca haste, agitou ao alto, gritando, com toda a força dos pulmões:

— Acudam! Socorro!

Os náufragos o imitaram, e, agitando seus lenços por sobre as cabeças, atroavam os ares com os mesmos repetidos clamores de:

— Socorro! Acudam!

— Silêncio! A nave parou.. . parece girar...

Só deixaram de gritar quando Caio, erguendo o braço, lhes disse:

— Basta! Já nos viram. Aproaram em nossa direção. Põe-se novamente em movimento.. . Companheiros, estamos salvos!

— Eureka! — exclamaram .todos no meio de grandes manifestações de júbilo.

E a pirâmide continuava elevando ao Céu os seus rolos de fumaça, entremeados pelos clarões das chamas agonizantes.

Efetivamente, aquele galhardo navio de tonelagem mais ou menos semelhante ao naufragado "Júpiter", vindo de Roma, dirigia-se à Fenícia, em busca de sedas, essências e pedrarias.

E sorte haviam tido os nossos náufragos, pois, naquela hora, uma boa parte dos navegantes dormia.

Um dos grumetes, de guarda, vira flutuando fragmentos de madeira.

Contemplou-os atentamente, e, afigurando-se- -lhe poderem ser restos de algum barco naufragado, chamou um companheiro que próximo se achava, dormindo.

— Sálus! Vem ver quanta madeira espalhada sobre as ondas. Parece que houve aqui um naufrágio .

-- Pois é verdade — exclamou o companheiro, esfregando os olhos, estremunhando ainda.

— Mas, se assim foi, que terá sido feito dos náufragos ?

E, instintivamente, os dois grumetes principiaram a esquadrihar a vasta imensidade do oceano, percorrendo toda a linha do horizonte, que, sob a forte reverberação dos raios do Sol, deixava destacar nitidamente os seus mínimos detalhes.

Os olhos de Sálus detiveram-se nos alcantilados da pequena Clauda, que mal emergia fora do nível das águas, diminuída pela distância. Pareceu-lhe ver as espirais da fumaça de uma fogueira.

— Carpo — perguntou —, não te parece uma fogueira ?

— Sim — respondeu —, e acho isso esquisito.

— Jamais vi, naquela ilhota, sinais de vida. Ah! repara bem aqueles pontos lá no alto de um pico. Alguma coisa se move e como que aparece e desaparece. Que será?

— São homeijs! sim, homens que agitam panos sobre as cabeças!

— Será gente mesmo?

— Sim; até parece que com os seus gestos querem chamar nossa atenção.

Naquele momento uma lufada de vento lhes trouxe os ecos, embora muito fracos, de alguns gritos longínquos. Embora imperfeitamente e meio atenuados pela distância, chegaram afinal a seus ouvidos as exclamações de: Acudam! Socorro!

— Ouviste? Eles pedem socorro. São náufragos que só os deuses sabem há quanto tempo ali se acham. Vai chamar o capitão; é preciso auxiliar aqueles infelizes.

Carpo desapareceu pela escotilha e chegou até à câmara do comandante.

Bateu na porta; o capitão abriu-a, e, esfregando os olhos, indagou:

— Que há, rapaz?

— Senhor, temos à vista uma ilhota na qual homens pedem socorro. Desconfio que sejam náufragos.

— Vamos acima — disse o capitão, saindo e subindo a escada, seguido pelo grumete.

No convés da nave, perguntou:

— Onde estão os homens?

— Lá, senhor — respondeu o rapaz, apontando para a ilha Clauda, que se desenhava ao longe. O capitão olhou na direção indicada.

Após rápido exame, ordenou ao homem do leme:

— Dá meia volta e aproa para leste.

O piloto obedeceu, fazendo girar a nave rumo à pequena Clauda. Meia hora depois, deitava as âncoras que foram morder o fundo do mar, ficando o navio a certa distância da ilha.

Homem prático que era, o capitão não quis aproximar-se muito, pois sabia que o lugar era perigoso, pela enorme quantidade de recifes e ilhotas que nem sempre emergiam das águas.

Deu as ordens necessárias para que fôsse arriado um escaler.

Dois marinheiros embarcaram e conduziram o bote à pequena enseada natural onde se achavam os naufragos, em cujos rostos se espelhava a ansiedade.

Atracaram junto aos rochedos e um deles, o mais idoso, disse:

— Meus amigos, estais salvos: o nosso capitão vos convida a embarcar neste escaler que vos conduzirá ao navio e depois a um destino seguro.

Ouvindo aquelas palavras, todos quiseram embarcar ao mesmo tempo, possuídos da mais intensa alegria e comoção, naturais nas circunstâncias.

Caio, vendo as pequenas dimensões do escaler e a impossibilidade de irem todos de uma só vez, sob pena de soçobrar, interveio aconselhando, ainda que imperiosamente:

— Cautela, meus companheiros! O barquinho não pode conter mais de seis pessoas; portanto, embarcai seis desta vez, e o boté voltará, até nos acharmos todos a bordo da nave salvadora!

Os naufragos, vencidos pela evidência, obedeceram, e, após três viagens do bote, encontravam-se todos a bordo do navio, onde foram carinhosamente recebidos e agasalhados pelo capitão e seus subordinados. Caio contou as suas peripécias, e o capitão, que era bom homem, declarou que os conduziria novamente a Alexandria, pois esse era o porto para onde a nave rumava. Ali poderiam reclamar da companhia as importâncias das suas passagens, ou tomar outra embarcação que os levaria aos portos a que cada qual se destinava.

Alguns dias depois, chegavam a Alexandria, onde eram atendidos solícitamente. Mais tarde re-embarcavam noutro navio, que foi posto à disposição deles pelos proprietários do naufragado "Júpiter"

## CAPÍTULO XIII Sorrisos que encobrem lágrimas

Em frente da cancela de ferro da senhorial morada de Caio, acabava de parar uma liteira.

Dela desceu um cavalheiro, opulentamente vestido, o qual, havendo pago a espórtula ao condutor, se deteve, e, deixando no chão a valise que trazia, bateu palmas.

A cancela estava fechada. Era muito cedo ainda, por isso que apenas Febo principiava a apontar seus raios no horizonte.

Os habitantes do palacete com certeza dormiam ainda, pois ninguém respondeu.

Caio, pois era ele, impacientou-se e fêz nova chamada.

Abriu-se a janela de um pavilhão próximo à cancela e assomou o brônzeo rosto de um escravo.

Era o porteiro.

— Abre depressa, Astor — ordenou Caio.

O escravo empalideceu e, ajuntando as mãos, no auge da admiração, gritou:

— E' o senhor? O' deuses! E nós que principiávamos a chorá-lo, julgando-o desaparecido do mundo dos vivos!

— Pois bem podes ver que não morri; sou eu mesmo, vivo ainda! Vamos, abre!

— Senhor, que alegria! — continuou o escravo, correndo a abrir a cancela.

Caio entrou.

No mesmo instante, abria-se com estrépito a porta envidraçada, e Lídia, vestindo simples túnica, com os cabelos em desalinho, flutuando sobre os níveis ombros, desceu rapidamente os degraus e correu a precipitar-se nos braços do pai, que, tremendo pela emoção, lhe beijou as faces rosadas.

— Papai! — gritou a donzela.

— Filha! Minha Lídia querida! Como languesceste! Sofres? Sentes-te mal?

— Sofri, sim, e muito pela tua ausência! Mas, agora já não sofrerei mais. Voltaste, quando pensava que jamais te tornaria a ver; tinha medo de que houvesse partido para o Céu!

E desatou em pranto emotivo.

— Há bem poucos dias, chegou-nos a notícia — continuou entre soluços —, ainda incerta, do naufrágio; mas nós já te chorávamos, julgando tivesses perecido.

— Sossega, filhinha querida; não estás vendo que estou contigo? Naufragámos é verdade; porém, as Nereidas ouviram meus lamentos e me salvaram, quando as Parcas já se dispunham a cortar o fio da minha existência. Pedi tanto ao velho Aqueronte que me permitisse beijar teu rosto, rever-me no espelho dos teus lindos olhos, que ele, compadecido, deteve as águas do Letes, já prontas a envolver-me, e... aqui estou, filha querida! Agora, prometo jamais deixar-te. E Fúlvia, onde está?

— Ah! papazinho! Está dormindo! E' tão cedo ainda! Depois, tem estado meio adoentada.

— Também?

~ Sim, a notícia do naufrágio abateu-a muito.

— Vamos entrar...

— Sim, papai, mas deixa que primeiro vá avisá-la, pois assim de repente... poderá receber algum choque demasiado forte.

— E' verdade, vai avisá-la. Espero teu chamado.

Subiram, e, no cubículo, Caio sentou-se, enquanto Lídia desaparecia no corredor de acesso aos dormitórios.

Subitamente, ouviu-se um grito de Fúlvia, e Caio levantou-se, trêmulo de emoção.

— Papai! — gritou Lídia.

Caio precipitou-se no dormitório e apertou Fúlvia entre os braços.

— Meu Caio!

— Minha Fúlvia! Ah! Também tu sentiste a minha ausência, meu bem querido! Estás pálida e magra...

Fúlvia baixou os olhos, como se não pudesse resistir ao olhar do esposo. Este continuou:

— Agora, já estou convosco. Os deuses permitiram que eu regressasse ao lar, e jamais nos separaremos. Continuaremos nossa feliz e sossegada existência de outrora. Não podes imaginar quanto sofri! Julguei deixar o corpo naquela ilha.

— Tu não devias separar-te de nós, meu Caio — disse Fúlvia, que, ao fitá-lo novamente, sentira o coração oprimido pelos remorsos.

Ao mesmo tempo, percebia, com estranheza, que no íntimo da sua alma se vinha operando uma insólita transformação.

Viu-o confiado e amante, esposo ludibriado, escarnecido, e sentia impulsos de lhe demonstrar estima, afeto, parecendo-lhe que, desta forma, talvez pudesse diminuir a enormidade da falta.

Uma espécie de força desconhecida a atraía para ele, como se um novo sentimento desabrochasse em sua alma. E esse novo sentimento parecia apagar a intensidade do afeto que a forçara a falir.

— Pobre Caio I — dizia de si para si — tão bom, tão afetuoso! Como sou culpada! Dai-me forças, ó Deus, para que eu possa compensar minha falta!

Caio sentou-se num sofá, e Fúlvia, embora seu coração se desfizesse em lágrimas, sentou-se ao seu lado, e com um sorriso suave, pousando-lhe um braço sobre os ombros, disse ternamente:

— Conta-me teus sofrimentos na triste aventura, meu querido .

Lídia, elevando, do íntimo da alma, uma prece em ação de graças ao Todo-Poderoso, pela atitude de Fúlvia, e por tudo mais, sentou-se num almofadão, aos pés de Caio, que principiou a relatar, com todos os pormenores, a sua desastrosa viagem no "Júpiter", ->o pavoroso naufrágio e as horas de angústia e terror passadas na pequena Cláudia, até que foram salvos pelo navio que, felizmente, os conduziu à pátria.

Quanto não sofrera Fúlvia! Houve momentos em que a consciência lhe gritava: Por ti é que ele passou tantos dissabores e tormentos; e tu, perversamente, te entregavas a um amor criminoso, nos braços de outrem!

Naquele momento, ela passou pelo mais cruciante calvário, cuja dor era decerto bastante para remir uma alma culpada.

Teve que fazer inauditos esforços para não se rojar aos pés do esposo, declarar-lhe a falta e pedir perdão. Precisou empregar toda a sua força de vontade, para continuar afogando o pranto do coração com o sorriso dos lábios.

Lídia também sofria imensamente, revivendo as amarguras tragadas pelo pai, e que ele, num instante, tão bem soubera descrever.

Compreendia perfeitamente que o naufrágio fora, talvez, atraído pelas suas preces a Jesus, quando rogara que retardasse a chegada de Caio.

E ao saber das vítimas que houvera, sentiu remorsos, e considerou-se culpada do triste desfecho. Deixando correr livremente as lágrimas, vibrou mentalmente:

— Porque, Senhor, não permitiste que o desastre se desse sem vítimas a lamentar? Se assim fôsse, não sentiria agora tantos remorsos! Pobres vítimas inocentes!

Ouviu uma vibração tenuíssima dizer-lhe:

— Não te aflijas; estava escrito que assim pudessem. O que fizemos foi simplesmente apressar a realização dos seus destinos, para que se desse a demora que vos devia salvar a todos.

"T- Deus seja louvado! — pensou Lídia\* intensamente, com reconhecimento.

A vibração se perdeu nas Alturas, e ela, percebendo que o pai ia terminar a narração da triste aventura, levantou-se silenciosamente e saiu do aposento sem que ninguém em tal reparasse.

Entrou no dormitório, que ficava contíguo ao de Fúlvia, e dirigiu-se a um canto, onde estava uma escrava junto a dourado berço, o qual balançava com o pé.

No berço, entre linhos e rendas de alvura imaculada, formosa criança dormia plácida e inocente sono.

Aos passos da donzela, a escrava alertou.

— Não te assustes, Nara; sou eu que venho buscar a menina para mostrá-la a papai — explicou Lídia.

— Que dizeis? — exclamou Nara, erguendo-se num quase sobressalto.

— Sim, acaba de chegar agora mesmo.

— O\* Jove! — ajuntou a escrava, em manifesta alegria.

Lídia pegou cuidadosamente a criança, acoo- dando-a nos braços.

— Como é linda, não é verdade? — disse Nara, juntando as mãos e contemplando a pequena com enlevo.

— Fica aí; eu volto já — concluiu Lídia, saindo do quarto.

— Papai! — gritou, entrando no dormitório de Fúlvia e mostrando a menina a Caio. — Tu gostas desta minha filhinha.

— Tua filhinha? — perguntou Caio altamente surpreendido.

— Sim, minha filhinha! — afirmou Lídia, beijando as rosadas faces da criança.

— Mas... explica, que significa isso!

— Escuta, papai; durante a tua ausência, uma amiga de infância de mamãe, que se encontrava no leito de morte, nos chamou para deixar-nos este anjinho, que acabava de entrar no mundo e ia ficar sozinho, abandonado, sem amparo algum. Fomos aonde residia essa amiga de mamãe, e, depois de um mês, mais ou menos, que a cuidávamos, ela expirou, deixando-nos a filhinha, que confiava aos nossos cuidados. Suplicou, às portas da morte, que a adotássemos, pois a infeliz ia ficar sem o apoio de ninguém. Nós a tomámos sob a nossa proteção. Que te parece, papaizinho: fizemos bem, ou mal?

Fúlvia, pálida qual um cadáver, fitava atentamente o rosto de Caio.

Este respondeu prontamente:

— Fizeste muito bem. Será nossa segunda filha, tua irmã mais nova. Não é verdade, Fúlvia?

— Sim, — respondeu esta com voz fraquíssima, antes num suspiro.

Lídia saltitou de infantil alegria.

— Mas... onde está seu pai? Quem é ele?

— Não tem; morreu pouco tempo antes da mãe.

— Infeliz!

Naquele instante, ouviu-se o eco apagado de um riso sarcástico.

Flúvia empalideceu.

Caio perguntou:

— Quem ri, assim, zombeteiro?

— Algum escravo no corredor — acudiu Lídia levemente. — Então consentes, não é, papai?

— Certamente! Mas, como alimentas esse ente-zinho?

— Consegui uma ama de leite. Agora, vou deixá-la no berço.

E Lídia saiu precipitadamente. No corredor, pôde ver ainda uma sombra, que se afastava em direção do cubículum.

Depositou a criancinha nos braços da escrava, e correu, chegando a tempo de ver Zadias, que transpunha a porta do jardim.

Em dois tempos o alcançou, e, pegando-lhe do braço, disse-lhe severamente:

— Ai de ti, miserável! Porque aquela risada?

O liberto tremeu, subjugado pela ignota força

que de Lídia se desprendia. Inclinou a cabeça, sem pronunciar palavra.

Ela continuou:

— Acautela-te! Olha bem o que fazes! Deixa sair dos teus lábios uma palavra que nos possa comprometer, e serás um homem perdido para sempre. Vai cumprimentar meu pai, que acaba de chegar; toma cuidado, porém; ai de ti, repito, se desvendas o segredo, porque, primeiro que a nossa, vai nisso a tua vida.

Zadias, sem levantar a cabeça, voltou-se, entrando novamente no cubículum, enquanto Lídia, elevando olhos ao Céu, implorou:

— O\* Pai Todo Poderoso, nas tuas mãos augustas encomendo nossas almas; a Ti entrego os nossos destinos! E, se mais tarde for o meu sacrifício necessário, seja feita a Tua santa vontade!

Passaram-se alguns dias, e Caio, sentindo-se feliz novamente no lar, entre os que tanto amava, passou a frequentar o palácio de César.

Liquidou o antigo negócio de sedas e pedrarias; a quantiosa fortuna de Fúlvia viera reforçar consideravelmente os haveres que já possuía.

Retirou-se a uma vida patriarcal e sossegada, dedicando-se exclusivamente à família e às amizades que entretinha.

Tornou-se assíduo frequentador das festas de César. Nero, que o contava em o número dos amigos, convidava-o toda a vez que organizava, no Palatinado, alguma daquelas orgias que deviam servir de escândalo aos séculos vindouros.

Fúlvia e Lídia jamais haviam comparecido ao palácio imperial, de modo que Nero não as conhecia.

As reiteradas insistências de Caio, para que

Fúlvia o acompanhasse aos festins do Imperador, haviam sempre surtido mau efeito.

Ela sentia extrema repugnância por aquelas bacanais, e Caio, sempre bondoso e condescendente, acabou por não lhe forçar a vontade a esse respeito.

Quanto a ele, não deixava de assistir àquelas festas.

Passaram-se assim vários meses.

A enteada crescia em graça e beleza. Lídia lhe pusera o nome de Aurora e a trazia constantemente nos braços.

Também confessara ao pai o seu amor por Virgílio, e Caio o chamou à sua presença.

O mancebo, acompanhado de seu pai, foi solicitar do romano a mão de Lídia; mas, de comum acordo com esta, teve o máximo cuidado de esconder a sua crença.

Lídia sabia, positivamente, que, na qualidade de cristão, o noivo seria imediatamente rejeitado. Caio, amigo de César, odiava os cristãos.

Verificando que Virgílio era rico e amado por Lídia, acedeu benévolamente, e o idílio continuou sem qualquer impedimento.

Os jovens fixaram o enlace para depois de um ano. Lídia, como que obedecendo a oculta inspiração, disse precisar desse tempo para melhor se conhecerem.

A donzela apresentou ao rapaz a pequenina Aurora, dizendo:

— Virgílio, deves acostumar-te a amar este anjinho, qual se fôsse nossa própria filha, pois jamais a abandonarei.

O rapaz beijou a tenra Aurora, em sinal de tácita aquiescência.

Zadías vivia aborrecido, irado consigo mesmo. Não conseguia esquecer a insensata paixão. Fúlvia o evitava, de forma que dias e dias se passavam sem que a pudesse ver. Tornara-se intratável, irascível, descarregando a raiva nos escravos, ao menor deslize destes.

Caio, que era todo bondade, já lhe censurara tal procedimento, o que acabou por exasperá-lo ainda mais.

Na sua transtornada cabeça germinavam ideias extravagantes, quase loucas. Ora imaginava raptar Fúlvia, e transportar-se com ela para longe, muito longe. Ora, sentia-se disposto a delatar o grande segredo. Duas ou três vezes se aproximara de Caio, disposto a inteirá-lo de tudo quanto se passara; mas, talvez atuado por misteriosa força estranha, seus lábios permaneciam fechados, e o terrível segredo continuava irrevelado.

Estava, porém, iminente a grande catástrofe. Lídia o compreendia, e cada vez se tornava mais triste.

Íntimos pressentimentos lhe indicavam que estava prestes a soar a hora do sacrifício. Sentia-o por Fúlvia, não por si própria, porque de há muito estava disposta a tudo para a salvar.

Certa noite, em que Caio saíra, convidado pelo próprio Nero para assistir a uma festa báquica, das que costumava organizar no Palatinato, Fúlvia retirou-se ao dormitório, e, após as preces, deitou-se, adormecendo logo.

Havia uma hora que Lídia se encontrava no triclínium, sem poder conciliar o sono.

A um canto do dormitório, a escrava cochilava, balançando o berço onde Aurora dormia.

Lídia, vendo que não conseguia adormecer, abriu os olhos e percebeu, através dos rendados do cortinado que cobria as vidraças de uma janela, escoarem-se em nacarados filamentos os pálidos reflexos do luar.

Levantou-se, e, qual níobe formosa, abriu as vidraças, detendo-se a contemplar a magia de Selene, que brilhava no Céu. Subitamente, ouviu rumor na areia, pisada por alguém. Baixou a cabeça. O jardim achava-se esplêndidamente iluminado. Viu uma sombra passar apressada sob a janela e diri\* gir-se à portinhola dos fundos do jardim. Conheceu-a perfeitamente. Era Zeima, uma velha escrava,

à qual dedicava muita afeição e que a vira nascer, e trazido ao colo, quando criança.

— Aonde irá ela? — perguntou-se Lídia — vendo-a do outro lado do muro, avançando pressurosamente em direção a uma rua que conduzia para fora da cidade. — Meu Deus! Será que ela foge? — pensou\* — Sentiria, porque a estimo bastante! Foi quem me criou. A estas horas, assim sozinha, não pode afastar-se de casa. Ah! se o liberto percebe a sua ausência, na volta a castigará desapiadadamente! Eu o impedirei! Talvez não se demore. Vou esperá-la.

E, elevando a vista, embeveceu-se novamente na contemplação do prateado satélite.

Parecia-lhe que pela esteira luminosa desciam estrelinhas, que, ao envolvê-la nas suas cintilações, lhe infundiam coragem, novas forças, nova vida.

— Bendito, sejais, Senhor, que criastes tanta maravilha; bendito pelos séculos dos séculos, ó Eterno Criador! — orou mentalmente.

Tirou-a do seu êxtase um leve rumor, provindo da portinhola.

Olhou na direção. Era Zelma que voltava!

Atravessou rapidamente o jardim, entrando pela porta de serviço.

— Decorreram pelo menos duas horas — pensou Lídia. — Onde terá ido? Amanhã saberei.

E fechando as vidraças, depois de dirigir um olhar à pequena Aurora, que dormia placidamente, regressou ao triclínio.

Logo no dia seguinte, quando o Sol abria no horizonte o seu manto radioso, Lídia, já levantada, olhava por detrás das vidraças da janela.

Subitamente se afastou, retirando-se para o interior .

— Meu Deus! — exclamou. — A estas horas é que papai regressa?! Esse malvado tirano, com os seus desordenados festins, o desvia do santo caminho do dever.

Efetivamente, acabava de entrar no jardim a luxuosa liteira de Caio.

Lídia esperou de ouvido atento.

No pavimento do corredor, soaram os tardos passos de quem se dirigia à câmara contígua.

Quando percebeu que seu pai já se havia pro- vavelmente deitado, saiu para o jardim.

Olhou em volta, e, vendo um escravo que fazia a irrigação dos canteiros, chamou-o.

— Senhora! — respondeu, inclinando-se respeitosamente .

— Vai procurar Zeima, dize-lhe que a espero no pavilhão.

O escravo partiu e Lídia, entrando no temple- te, sentou-se no banco de mármore.

Passaram cinco minutos, e a velha entrou, indo ajoelhar-se aos seus pés e beijando a franja da sua alvíssima túnica.

— Senta-te a meu lado, Zeima. Preciso falar-te.

Obedeceu.

Lídia perguntou-lhe inopinadamente:

— Onde estiveste, minha Zeima, ontem à noite ?

A escrava inclinou a cabeça ao peito e ficou silenciosa.

— Responde, sem medo, pois bem sabes quanto te estimo. Tu saíste, estiveste fora por duas horas. Quando o fizeste, sabendo que uma escrava não pode abandonar o domicílio sem consentimento, é porque alguma razão poderosa terias para agir assim, não é? Dize, pois, aonde te conduziram os teus passos.

Zeima cobriu o rosto com as mãos e desatou a chorar.

— Porque choras? — perguntou Lídia, grandemente surpreendida.

— Porque temo ser castigada.

— Então, minha Zeima, me julgas assim tão má?

— Eu sei, minha filha, que não és capaz de me castigar; mas, se o senhor Caio souber...

— Nada saberá, pois eu lho ocultarei.

Zeima, baixando o diapasão dá voz, disse com mistério:

- Estive numa assembleia dos... cristãos!
- És cristã, então?
- Sim, Lídia, mas, por amor de Deus, que ninguém o saiba!
- Não te assustes tanto — disse a sorrir — pois eu também o sou...
- Será possível?!
- Sim, e já estive nas catacumbas, ouvindo a palavra do grande apóstolo Pedro.
- Mas... e teu pai?
- Nada sabe.
- E como foste às catacumbas?... Sozinha?
- Não; fomos eu, mamãe e Virgílio.
- São também cristãos?
- Sim.
- Bendito sejas, ó meu Deus! Mas tu, Lídia, deves cuidar que teu pai o ignore, porque vota aos cristãos ódio terrível.
- E' verdade, e isso me enche de amargura.
- Minha filha, a nossa crença se expande cada vez mais. Aqui temos vários escravos cristãos, também. Eles me auxiliaram para que, na noite passada, pudesse assistir à assembleia, e, quando cheguei e lhes contei tudo quanto ouvira, ficaram muito animados e contentes. Pobres vítimas!
- Mas onde se celebram essas assembleias?
- No arrabalde, na rua Otaviana, em casa de uns operários.
- Vai muita gente?
- Sim, o recinto está sempre cheio.
- E quando realizam essas reuniões?
- Todas as noites; mas eu só vou uma vez por semana, para que minha ausência não seja notada.
- E que fazem lá?
- Contam-nos o desenvolvimento que a doutrina vai adquirindo no mundo inteiro. Depois, um nos refere uma passagem da vida do Mestre, mostrando quanto Ele sofreu por nós. Em seguida, oramos com as próprias palavras que o Mestre ensinou aos apóstolos. Afinal, um faz o sermão, outro nos exorta a perseverar, a continuar sempre, chegando, se preciso, ao sacrifício da própria vida.
- Sim! — exclamou Lídia, juntando as mãos com enlevo. — Ele sacrificou a vida, derramou precioso sangue por nós; bem podemos dar a nossa existência por Ele!
- E\* verdade, minha filha — disse a velha, entusiasmando-se. — Quanto é grande o poder da fé! Não há assembleia a que não acudam novos adeptos. Já a casa está ficando insuficiente. São tantas e tão sublimes as consolações que recebemos da doutrina, especialmente nós, humildes escravos! Entre os assistentes há muitos nobres dissimulados sob as vestes de pobres. De começo, terminávamos as reuniões com um hino de glória ao Pai que está no Céu e a Jesus, nosso Mestre.
- E porque não o fazeis agora?
- Porque o Imperador deu ordem de nos prender e exterminar.
- Será possível?
- Sim, minha filha. Há bem poucos dias, perto das catacumbas, foi surpreendida uma porção de cristãos que se reuniram em casa da vizinhança. Seus cânticos atraíram a atenção dos sequazes de Nero, que os prenderam, encerrando-os nos cárceres do Palatinato. Dizem que ali os infelizes passam por incríveis torturas, aguardando o momento de cruel trucidamento.
- Que horror! Mas porque encarcerar e matar? Porventura o ente humano não tem direito à liberdade de pensar?
- Minha filha, é que a nossa santa doutrina vai de encontro aos seus hábitos indignos. Os costumes xnorigerados e puros do Mestre, chocam-se desastrosamente com os hábitos licenciosos do tirano e da sua corte. E depois, os grandes romanos, viciosos e corruptos, no intuito de nos

desacreditar e acabar de vez com a nossa crença, que ameaça inundar o império, estão propalando conceitos injuriosos a nosso respeito. Dizem que envenenamos as águas dos aquedutos e trucidamos as crianças.

— Jesus! — exclamou Lídia, com sincero espanto.

— Por isso, precisamos esconder-nos, ocultar a nossa crença diante dos romanos.

De pronto, Lídia prorrompeu, num impulso irrefletido de santo entusiasmo:

— Mas porque nos esconder, quando devíamos, de frente erguida, encarar a imensidade? Porque negar a nossa crença? Porventura, nosso Mestre Jesus se escondeu ou renegou da sua doutrina? Aquele que se envergonha do Mestre, mais tarde o próprio Mestre se envergonhará dele também! Orgulho-me de ser cristã, e, de hoje em diante, o declararei à face do mundo inteiro! Que me importa escarneçam de mim? Chegarei até ao sacrifício; só assim poderei seguir as pegadas luminosas do Mestre.

— Cala-te, minha Lídia — suplicou a velha, levantando-se assustada e olhando receosamente fora do pavilhão. — Se alguém te ouve, estamos perdidas!

— Zeima, queres acompanhar-me, hoje, à assembleia dos cristãos?

— Que dizes, minha Lídia?

— Sim; quero ir todos os dias, sinto saudades daquelas santas práticas. Quero beber o néctar divino que se desprende das mágicas palavras do Mestre, quero saciar-me do seu amor, do amor divino que só Ele sabe sentir e derramar sobre as míseras criaturas que somos.

— Mas... Lídia!

a Não me negues a tua companhia; tu és a minha segunda mãe, e não podes permitir que eu vá sozinha. Logo, às escondidas dos meus pais, espero-te neste pavilhão, à hora exata. Virei disfarçada de escrava. Quero preparar minha alma para o sacrifício que me espera!

E, depositando um beijo na fronte da velha escrava, saiu, dirigindo-se rapidamente aos seus aposentos.

Nessa noite, duas escravas, envoltas em amplos mantos, deixavam o solar de Caio, e, caminhando apressadamente, dirigiam seus passos à rua Pom-peia, localizada num dos arrabaldes mais pobres da cidade.

Pelo seu aspecto, deixavam perceber perfeitamente tratar-se de uma velha e uma jovem. Avançavam de preferência pelos lugares mais escuros, talvez no intuito de passarem despercebidas.

Sem se deterem, de vez em quando trocavam algumas palavras em voz baixa.

Finalmente, detiveram-se em frente de uma casa de paupérrimo aspecto.

As janelas e portas hermèticamente fechadas; as fendas, que se entrecruzavam na fachada, davam a impressão de ser um prédio sem habitantes e abandonado de há muito.

A escrava mais nova hesitou; porém, a velha, resolutamente, mostrando já se achar habituada a isso, bateu na porta.

As pancadas ecoaram no interior da casa, qual se estivesse sem moradores.

A breve intervalo, a porta foi aberta, discretamente, e a figura austera de um velho, pobrememente vestido, apareceu no escuro limiar, perguntando :

A quem procurais?

A velha avançou a mão à altura dos olhos do homem, cruzando o dedo indicador sobre o polegar.

Era a contra-senha.

— Passai — disse o velho, sorrindo amavelmente e dando passagem.

Às duas mulheres entraram. O velho fechou a porta.

Já conhecedora do lugar, a velha avançou, guiando pela mão a escrava mais nova, que parecia amedrontada.

No fim do escuro corredor, pelo qual caminhavam, havia uma porta cujos interstícios deixavam escoar filamentos de luz.

A velha empurrou e abriu a porta, deixando ver amplo salão cheio de pessoas, que se achavam ajoelhadas umas, e outras sentadas no chão de lajes. O casarão era antiquíssimo.

Cruzavam-se, pelas nuas e descoradas paredes, fendas em todas as direções.

O salão estava vagamente iluminado por duas velhas lâmpadas de azeite, que pendiam do teto.

Da multidão, vestida pobremente, elevava-se um murmúrio de preces.

- — Que calor! Que sufocação sinto aqui — disse a moça.

— Tira o manto — respondeu a velha. — Nada deves recear.

A donzela, constatando que todos se descobriam, tirou o manto da cabeça, deixando-o cair sobre os ombros e mostrando o rosto de beleza deslumbrante.

Era Lídia que, acompanhada por Zeima, cumpria o seu desejo de assistir às assembleias dos cristãos. A menina olhava tudo, admirada, estranhando a paz e a calma que se respiravam naquele ambiente de tão mísero aspecto.

— Demorarão muito em principiar?

— Não, minha filha. Quase todos estão presentes.

Lídia, após haver feito fervorosa prece, sentou-se também no chão.

Instantes depois, de uma porta que defrontava aquela pela qual haviam entrado, apareceram três homens, vestidos à moda de operários, tendo os rostos quase encobertos pelos amplos capuzes das capas.

Sentaram-se em volta de pequena mesa, em frente da multidão.

Fêz-se grande silêncio.

Um dos três se levantou, e, abrindo um manuscrito, principiou a ler.

Lídia afogou no peito uma exclamação de estupor, pois o reconheceu imeditamente.

Era Aurélio!

Olhou os outros dois, e, rápida, cobriu o rosto com o manto.

Um era Arcádio, que conhecia por havê-lo visto em sua casa, no dia em que fora procurar Aurélio, então ferido.

O outro era... Virgílio!

Lídia ficou estupefacta. Quando Aurélio terminou a leitura do manuscrito, fiel relação de uma das passagens da vida do Mestre, sentou-se, e Virgílio ergueu a voz, principiando erudita e formosa pregação.

Falou a respeito das excelências do Cristianismo. Salientou os confortos, esperanças e consolações que a alma auferia da pura doutrina do Crucificado; reafirmou as promessas do Mestre e a vinda do Grande Consolador.

Lídia sentia-se imensamente reconfortada, ouvindo as palavras de Virgílio e vendo-o compartilhar, com os humildes, daquelas santas práticas. Via o seu rosto incendiar-se no puro ardor da fé, e pairar-lhe na fronte a chama sagrada da inspiração.

Mas, uma voz interior lhe dizia que, naquela existência, ainda não caminhariam juntos, um ao lado do outro; e, tocada de tão tristes pressentimentos, um manancial de lágrimas lhe descia pelo formoso rosto.

Tudo decorreu como era de costume, e quando os assistentes se uniram, em fervorosa prece geral, Lídia, juntando a voz à de todos aqueles entes, aos quais considerava irmãos, elevou ao Todo Poderoso o grito da sua alma angustiada.

A reunião terminou.

Os três homens se levantaram, e, inclinando-se perante a multidão, exclamaram:

— A paz do Jdestre esteja convosco!

Imediatamente saíram pela mesma porta que lhes dera entrada.

A numerosa assistência abandonou o salão, dispersando-se em grupos de duas ou três pessoas, desaparecendo através das sombras da noite.

Zeima e Lídia chegaram à portinha do fundo do jardim. Esta ficara encostada; empurraram-na, entrando e atravessando o jardim. Dirigiu-se cada uma aos seus aposentos.

Lídia apenas acabava de entrar pelo lado do cubículum, quando, detrás do pavilhão, emergiu a sombra de um homem de elevada estatura.

Era Zadias, o qual, no seu gesto comum, cruzando os braços no peito, ruminou, em incontido rancor:

— Ah! Santinha! Vamos ver se desta vez consegues dominar-me e vencer! Estiveste em comunhão com esses malditos cristãos, altas horas da noite! De nada mais te valerá o me desafiases com a tua força poderosa! Caio saberá quanto se passou e quanto se passa.

O malvado liberto, que espionava constantemente, vira quando Zeima e Lídia entraram, pela manhã, no pavilhão. À escuta, ouviu toda a conversa de ambas.

À noite, hàbilmente vestido de escravo, seguiu-as, embora de longe; e, surpreendendo a contra-senha, entrou no recinto dos cristãos.

Reconheceu imediatamente Virgílio, Arcádio e Aurélio, a quem seguia, considerando-o rival.

Dirigiu-lhe um olhar de ódio; olhar terrível que traduzia a amálgama de perversos intuitos que se aninhavam em seu rancoroso coração, e disse, interiormente:

— Até que enfim, cáiste nas minhas mãos, maldito! Agora vais pagar todo o mal que me fizeste, roubando-me o amor dela! Não tenho piedade de ninguém, nem de ti, Fúlvia! O teu desprezo abriu sanguinolenta ferida em meu coração. Não quiseste ser minha; também não o serás de outro amor!

Assim monologava o satânico liberto, enquanto os confiados cristãos elevavam suas preces ao Criador.

## CAPITULO XIV Sacrifício sublime!

Passaram-se cinco dias.

Caio estreitara mais ainda a sua amizade por Nero. As orgias sucediam-se quase ininterruptamente, todas as noites.

Em uma delas, o Imperador apareceu, no salão do festim, triste e taciturno.

Um dos seus áulicos prediletos aproximou-se dele, acompanhado de Caio. Nero apertou-lhes as mãos, sorrindo; porém, foi isso um ligeiro lampejo. Novamente, o seu semblante readquiriu as tintas sombrias.

— Porque, ó divino! porque se entenebreceu o teu semblante? — perguntou Parco.

— Acabo de saber — disse Nero com acento compungido — que, apesar das minhas represálias, a onda de cristãos se amplia consideravelmente, ameaçando a segurança do meu Império.

— O' augusto César! animem as Ninfas os vossos lábios com um sorriso de alegria. Em que vos importam esses desprezíveis pigmeus? Não deveis, senhor, nem dignar-vos descer vossos olhos até eles!

— E' que a sua ousadia chega ao ponto de afrontar-nos, declarando abertamente que os nossos libertos são pervertidos. Eles chamam o Império Romano de "império dos devassos". Ameaçam-nos com a ira do seu Deus, que, segundo dizem, é um Deus que pune severamente os que transgridem as suas leis.

— E isso vos aborrece, augusto senhor?

— Sim, porque, às vezes, penso que talvez tenham razão.

— Quel? Pensais que existirá outro Deus superior ao nosso? Não digais tal. E depois, mesmo que assim fôsse, bastam-nos os deuses do nosso Olimpo. Nenhum é maior que Jove!

— Mas, ouve; tu acreditas firmemente em nossos deuses?

— Sim, augusto César!

— Não te ocorreu, jamais, a ideia de que os nossos deuses possam ser falsos e que, às vezes,

suas manifestações são bem ridículas?

— Senhor — respondeu Parco, perturbado —, para vos falar verdade, ocorreu-me essa ideia, sim, mas...

— Calai-vos, meu amigo — acudiu prontamente Caio. — Perdestes, acaso, o senso, para falar assim? Quem mais poderoso do que Júpiter? Quem mais forte do que Vulcano; mais antigo do que Saturno; mais previdente do que a nossa Cibele? Porventura, esse Deus fantástico dos miseráveis cristãos possuirá mais sabedoria do que a nossa divina Minerva? Todo imperador deve honrar a religião da sua pátria. Vós, ó César, deveis cortar as asas a esse grupo de insensatos que pretendem perturbar o nosso glorioso Império, pois que o conseguirão, se não tomardes enérgicas providências.

— Que fazer, então?

— Eliminá-los.

— Mas eu já mandei prender quantos manifestam ideias cristãs.

— Não basta. É necessário organizar diligências rigorosas pelos recantos da cidade. Tomá-los objeto de radical perseguição. Quantos sejam apanhados em tais práticas, devem ser logo encarcerados e depois publicamente imolados, para escarmento dos incautos.

Nero meditava.

— ótimo — ajuntou Parco. — O povo precisa de divertimentos, e nada melhor do que lhe oferecer espetáculos inéditos, novos. Por exemplo: os cristãos no circo, lutando com as feras!...

— Dizem bem! mas não é nova essa ideia; já me foi sugerida pelo meu favorito. Amigos, dentro de breves dias, quero oferecer-vos uma festa, aqui mesmo, e, havendo nas masmorras uma boa porção deles, vou fazer-vos uma grata surpresa.

— Salve, ó divino! — exclamaram os dois, batendo palmas.

\* \*

Lídia *conhecia* que algum fato importante devia ocorrer em sua vida; constantemente, tinha a sensação de se achar como que envolvida em algo de supernatural, misterioso, que lhe infundia um sentimento de abstração pelas coisas do mundo.

Às vezes, percebia nitidamente volitando, em seu redor, seres intangíveis, formas vagas, porém perceptíveis.

Eram fugazes visões, que desapareciam, embora não tão rapidamente que não lhes pudesse reconhecer os traços.

Seus sorrisos eram confortáveis, e ela era então tocada por um entusiasmo e fervor, que a tornavam apta a qualquer sacrifício.

— Sim — pensava animada —, é o sacrifício que de mim se aproxima! Bendito seja ele, se por ele me tornar digna do Mestre!

Agora, todas as noites assistia às assembleias dos cristãos, e a sua alma pura, bebendo avidamente os ensinamentos sublimes dos discípulos do Cristo, preparava-se para o martírio.

Morrer? Que importava? Se sofrer e morrer por Ele era o seu único anseio?

Amava Virgílio, sem dúvida alguma, amava-o com todas as forças do seu coração; amava-o, porque uma força sobrenatural a impelia a esse amor, puro e angélico; mas, o afeto que lhe dedicava empalidecia e quase se eclipsava ante o sagrado sentimento, o amor de sacrifício que sentia por Jesus.

Observava atentamente o liberto Zadias, pois percebeu que a traição teria nele o braço executor. E embora uma voz recôndita a avisasse continuamente de que a hora se aproximava, ela procurava retardar essa hora, não em causa própria, e sim temendo que os entes a quem amava fôssem atingidos pelo desespero.

Cada vez que se encontrava com o liberto, dirigia-lhe um olhar severo, e, lendo-lhe no rosto os sinistros pensamentos de que se achava animado, dizia-lhe:

— Cuidado com o que fazes... Ai de ti, Zadias, se contaminas a tua alma com o sangue inocente!

Ele se humilhava, e seguia rapidamente, pois o olhar da donzela o esmagava, mau grado seu.

Fora da sua presença, respirava e recuperava o seu 'satânico sorriso, resmungando:

— Não retrocedo, não; hei-de vingar-me de todos, embora me perca também!

Chegou a noite da grande orgia que Nero anunciara aos amigos, na qual, conforme suas próprias palavras, lhes devia dar a grande surpresa.

Caio, no desejo de atrair mais as simpatias do déspota, prometeu trabalhar ativamente na descoberta de cristãos, que depois entregaria às suas mãos.

— Aborreço — dizia constantemente — a esses miseráveis que pretendem igualar-se a nós, quando, por nossa estirpe e nobre linhagem, devemos estar sempre acima deles. A doutrina que espalham nos nivela a todos, por absolutamente iguais. Nunca poderei considerar um escravo como meu semelhante! A minha esfera é bem superior àquela em que se agitam. Talvez seja essa a razão de os escravos irem adotando a doutrina dos cristãos, pois essa não reconhece superiores, nem inferiores, nem também diferença de raças. Semelhante crença não pode arraigar-se em nosso Império; deve ser destruída pela base. A sua implantação seria a ruína, o desmoronamento do Parnaso dos nossos deuses, aos quais tantos favores devemos!

E, no ardor do seu ferrenho credo, investigava diariamente, procurando descobrir os refúgios dos inermes cristãos para, disso dando aviso a César, seu amigo, serem encarcerados.

Chegou ao ponto de questionar com os seus próprios escravos, forçando-os a denunciarem-se uns aos outros, caso houvesse entre eles algum cristão.

Zadias bem sabia da existência de vários adeptos naquela casa; mas, para os denunciar, aguardava melhor oportunidade!

Desde alguns dias, efetuava secretos preparativos. Frequentemente, encerrava-se em seu aposento, empacotando tudo quanto possuía, como se houvesse de efetuar alguma viagem.

Naquela precipitada noite, pois, Caio saiu em luxuoso traje e escrupulosamente perfumado. Subindo à sua liteira, dirigiu-se ao palácio de César.

Infeliz! Quanto se transformara depois do regresso a Roma!

Já não era o mesmo Caio de outrora, meigo, bondoso e suave. A vida licenciosa a que se entregara, em contacto íntimo com os cortesãos de Nero, chegou a contaminar-lhe o moral tão irrepreensível até então.

Fato estranho! Enquanto dava rédeas soltas à sua liberdade, restringia a alheia, e especialmente se mostrava cioso da sua honra.

Ai de Fúlvia, se chegasse a cair nos depravados costumes das damas romanas!

Este pensamento o fazia sofrer, e jurava a si próprio que jamais tal lhe perdoaria; todo o seu amor por ela se transformaria em ódio. Matá-la-ia.

Quando a liteira parou em frente dos jardins de César, desceu e entrou, vendo-se logo rodeado pelos amigos, que ali já se encontravam.

O jardim estava esplêndidamente iluminado. Feriu-lhe o olfato o cheiro acre do alcatrão.

— Que cheiro repugnante é este? — perguntou, incomodado.

— E' a surpresa de César — responderam-lhe.

— Sim — contempla esses lampadários.

Caio olhou para um dos elevados archotes que

ardiam às dezenas, enfileirados nas alamedas, e, a seu pesar, sentiu-se horrorizado.

, — Por Júpiter — exclamou — que o nosso César é verdadeiramente original!

Espetados no alto de compridas lanças, achavam-se corpos de mártires cristãos, untados de pez.

Atearam-lhes fogo, e aqueles míseros corpos ardiam, contorcendo-se em angustiosas e macabras convulsões, iluminando fartamente o vasto recinto do jardim.

Não podendo suportar o sinistro espetáculo, Caio subiu os degraus da esplêndida escadaria que conduzia aos vastos salões imperiais, já repletos de convidados.

No mesmo instante em que entrava no salão principal, todos se levantaram aos gritos de:

- Salve, ó divino!
- Salve, ó augusto!

Pela porta que dava acesso às habitações interiores, Nero acabava de entrar no recinto, acompanhado de Popeia, a formosa e satânica criatura, cujo poder era igual, ou talvez superior ao do próprio César.

A orgia transcorreu igual a todas, em escândalo e em devassidão.

Enquanto Caio fruía daquele báquico festim, esquecendo-se da dignidade que o homem deve a si próprio, Lídia, a alma pura, no recinto dos humildes cristãos, elevava suas preces ao Todo Poderoso, pedindo-lhe derramasse sua misericórdia sobre o próprio pai.

Na volta, quando entrava pelo jardim, viu luz na janela do aposento de Zadias e pensou:

— Ainda acordado? Em que estará pensando? Talvez em nos perder a todos. Seja feita a vossa vontade, ó meu Deus!

E, entrando no dormitório, deitou-se.

Zadias, encontrava-se, efetivamente, pensando na maneira de abandonar o emprego, e ao mesmo tempo pôr em execução o plano vingativo que premeditara .

Tinha tudo pronto para deixar o palacete.

Alugara uma casinha nas proximidades do bairro Latino, para a qual já transportara os objetos de valor que possuía.

Naquela hora, esperava que Caio regressasse da festa de Nero, para se despedir e dar início à vingança.

Alma perversa!

Caio não regressava; pelo menos ele não ouviu os passos dos escravos que transportavam si liteira. Cansado de esperar, aproximou-se da janela, abriu-a.

As estrelas empalideciam visivelmente, enquanto os resplendores da aurora, aparecendo no horizonte, vinham anunciar o nascer de um novo dia.

— Será possível? — murmurou — nunca regressou tão tarde. Estou vendo que, pelo menos, esta manhã nada poderei resolver, pois certamente chegará com a cabeça carregada de vapor de álcool e...

Calou, e, fechando a janela, ficou a espreitar por detrás das vidraças.

Naquele mesmo instante, entrava no jardim a liteira de Caio.

Os escravos a conduziram até junto do cubículo, em frente de cujos degraus pararam. Dois escravos carregaram o corpo exânime de Caio, que se achava completamente atordoado pelas libações.

Zadias, compreendendo do que se tratava, deitou-se no triclinio, soltando uma imprecisão.

— Por Baco! Esperarei até que esteja em condições de poder ouvir-me.

Fechou os olhos, dispondo-se a dormir.

Caio, que chegara em lastimoso estado da orgia, abriu os olhos quando o Sol tinha já percorrido muito mais de metade da sua carreira. Chamou um escravo, e ordenou que lhe preparasse o banho.

Tomou-o, depois reforçou o estômago, e já se dispunha a passar horas de intimidade com a família, no salão, onde certamente estariam, quando entrou um escravo, anunciando-lhe que Zadias pretendia falar-lhe.

— Que entre, disse Caio.

Imediatamente o liberto apareceu no aposento.

— Senta-te, Zadias; que me queres? — interrogou.

— Senhor — respondeu o liberto, sentando-se \*5" venho despedir-me, pois...

— Como! Deixas, então, o meu serviço?

— Sim, senhor; essa é a minha intenção. Estou ficando velho e desejo repousar.

— Mas tu contas com alguma coisa para te sustentares, Zadias?

— Tenho algumas economias que, embora poucas, ainda assim darão para passar o resto da vida em descanso.

— Está bem, acho justo o teu desejo... Quando desejas partir?

— Agora mesmo.

— Tão depressa?

— Sim, senhor, já arranjei, nos arrabaldes, uma casinha que responde perfeitamente às minhas necessidades. Já tenho tudo arranjado; falta só liquidar nossas contas.

Caio, embora surpreendido pelo tom peremptório do liberto, não quis pedir-lhe mais explicações, e, levantando-se, ajuntou, com seriedade:

— Vamos ao escritório.

E, seguido por ele, entrou no gabinete, sentando-se à escrivaninha.

Abriu a gaveta repleta de bolsas de seda, entre cujas malhas via-se reluzir o ouro.

Tirou uma daquelas bolsas, e, sem verificar o conteúdo, a entregou a Zadias, o qual disse, recusando-a :

— Senhor, aqui tem muito mais do que me deves.

— Não faz mal. Eu recompenso desta forma os serviços que me prestaste até agora.

O liberto fez desaparecer o dinheiro no bolso, e ficou perplexo, como se desejasse falar ainda e não tivesse coragem de o fazer. Abriu a boca, porém, como que dominado por alguma força estranha, não articulou qualquer palavra.

Caio, estranhando sobremaneira tal hesitação e percebendo que ele tinha a comunicar alguma coisa, decidiu provocar a expansão do ex-servo.

— Zadias, responde-me com franqueza: deixas o meu serviço simplesmente para repouso, ou existe alguma outra causa oculta?

Zadias, que não desejava outra coisa, senão entrar pela porta que se lhe abria, respondeu prontamente :

— Pois bem, há, sim, outro motivo que me força a abandonar a sua casa.

— Podes declará-lo?

— E' o que vou fazer. Existe na vossa família um grande segredo, que um dia ou outro há-de vir a ser descoberto, e antes que eu fique comprometido, prefiro contar-lhe tudo; é o que farei, relatando escrupulosamente a verdade. Tenho mesmo por obrigação avisá-lo, de vez que o senhor me confiou o cuidado da sua casa, quando partiu para Alexandria.

— Então, o segredo data dessa época? — perguntou Caio intrigado.

— De quando data não sei; mas, os resultados são do tempo em que o senhor esteve ausente.

— Continua.

— Antes do mais, devo recomendar-vos muita calma, pois certas notícias só muito calmamente se devem receber.

— É, então, de natureza tão grave o que vais expor?

— Sim, trata-se da sua honra...

— Quê?! — explodiu Caio, empalidecendo.

— Sossegai, senhor, e ouvi-me. Enquanto o senhor estava em Alexandria, todas as noites a vossa esposa recebia, no pavilhão do jardim, um desconhecido.

— Mentas, infame! — gritou Caio, levantando-se de um salto e aproximando-se ameaçadoramente do liberto.

— Não, senhor; não minto!

— Prova-o!

— A pequena Aurora é a prova do amor criminoso de vossa esposa.

— Mas... essa criança é filha da amiga de Fúlvia, daquela que morreu em...

— Não, senhor; vossa esposa para lá foi no intuito de dar à luz, para que ninguém em Roma

se inteirasse do caso.

— O' fúrias do Averno! Iracundas harpias do Orco! Hei-de matá-la neste mesmo momento! — gritou Caio, no paroxismo da raiva, precipitando-se no salão qual um raio, seguido pelo liberto, que pressentiu a catástrofe.

No salão se encontravam Lídia e Virgílio, sentados num sofá, absorvidos no seu idílio e acompanhados de Fúlvia, que, um pouco distante, sentada numa poltrona, se entretinha com um bordado.

Ao entrar Caio, qual furacão, soltando imprecações, os três se levantaram assustados, e Lídia, vendo aparecer por detrás do pai o lívido rosto do liberto, conheceu que a hora era chegada.

Teve um desfalecimento, mas elevou os olhos ao Alto, em muda invocação, e, imediatamente, reagiu.

Caio precipitou-se ao encontro de Fúlvia, gritando:

— Ah! perjura, maldita! Prepara-te para morrer, já que manchaste a minha honra!

Fúlvia, sentindo-se desfalecer de angústia, ficou imóvel, sem poder fazer o menor movimento. Lídia interpôs-se entre os dois.

— Papai, que é isso?

— Deixa-me, quero estrangulá-la...

E avançou as mãos que, apesar da resistência de Lídia, tocavam a nêvea garganta de Fúlvia, como que petrificada de espanto.

Virgílio avançou também alguns passos, disposto a intervir, mas deteve-se, ao ouvir a donzela prosseguir:

— Papai, sossega; acalma os teus impulsos! Qual a causa que te força a matá-la? Qual o seu pecado para assim procederes?

Caio conteve-se, subjugado pelo tom autoritário da filha, e respondeu, com a voz entrecortada pela ira:

— Qual a causa? Vais sabê-la. Enquanto eu me achava ausente, pensando unicamente em vós, suportando toda sorte de amarguras e sofrimentos, somente por vós, essa indigna profanava o nosso lar, entregando-se aos braços do amante.

Fúlvia vacilou nos pés.

— Não é verdade! — gritou Lídia.

— Como? Porventura a pequena Aurora não é fruto do seu pecado? Ah! maldita! Vais morrer nas minhas mãos!

E aproveitando um descuido de Lídia, avançou novamente para Fúlvia, que nem assim se moveu, sempre muda, queda, qual estátua de dor, com os olhos muito abertos, prestes a enlouquecer de espanto. Lídia dirigiu novamente os belos olhos ao Céu, e, imediatamente, estremeceu, como se uma corrente elétrica lhe percorresse todo o corpo.

Em sua frente brilhou a chama sagrada da inspiração.

Sua angélica figura ficou como que envolvida numa auréola brilhante.

— Papai! — gritou, quando já as mãos deste constringiam o pescoço de Fúlvia.

Ao tom da sua voz, que emitiu indefinível vibração, Caio deteve-se e deixou pender os braços.

Voltou-se, ficou atordoado.

— Não toque num só cabelo de mamãe, porque te converterias no mais abjeto dos réus. Matarias um ser inocente da culpa que lhe irrogas.

— Inocente? Por acaso Aurora não é sua filha, fruto do seu criminoso amor? — ajuntou, com escárnio.

— Não! Aurora é... minha filha! Fui eu quem lhe dei o ser! Eu, que pequei! Eu, que a tirei na lama o teu nome digno e honrado.

Fúlvia fêz um esforço sobre-humano para gritar; porém, a voz não lhe brotou dos lábios. Quis avançar; os pés não obedeceram; não conseguiu levantar um braço; ficara paralisada. O seu pade-

cimento moral era horrível!

Querer defender a filha, aquele anjo puro e sem mancha, e não poder!

Cruel sofrimento!

Virgílio, contraindo as mãos, empalideceu mortalmente .

— Que dizes? — exclamou Caio com um eco de voz.

— Sim, fomos a Gaeta para que ninguém soubesse que eu ia dar à luz. Aurora é minha filha; mamãe nunca te foi infiel!

Caio voltou-se e perguntou a Zadias, que tremia convulsivamente:

— Que dizes a isto?

O olhar do liberto encontrou-se com o de *Lídia*.

Os olhos da jovem despediram um raio eletrizante, de fascinação irresistível, e o liberto inclinou a cabeça, murmurando:

— Não sei... senhor... sim: Aurora deve ser...

— Oh! deuses, que suplício! — exclamou Caio, arrancando os cabelos com desespero. — Tu, Lídia... o meu anjo puro, contaminada pelo pecado!

Ela precipitou-se-lhe aos pés, beijando-os, e, vertendo lágrimas, implorou:

— Papai, se o teu coração é capaz de abrigar o sentimento sublime do perdão, perdoa-me; mas, se és insepável, e o castigo pode lavar a mancha que atirei sobre a tua honra, castiga-me! Mata-me! Para que me serve a vida sem honra? Espero o teu julgamento!

Explodiu em pranto inconsolável.

— Matar-te, não! Jamais porei minhas mãos sobre ti, que és minha filha... Mas, perdoar-te, nunca! Quem foi o ladrão da minha honra, diz!

— Um cristão!

— Oh! raça maldita! O nome, o seu nome, quero saber!

— Jamais o saberás, papai; antes a morte!

— Então, sai da minha presença, filha indigna; vai-te, e que a minha maldição paire sobre ti!

Fúlvia soltou um grito terrível e caiu pesadamente no tapete.

Lídia levantou-se, vacilante, aproximou-se de Virgílio, enquanto Caio corria a levantar Fúlvia, depositando-a no sofá, chamando-a suavemente, com ternura.

— Também tu me desprezas, Virgílio? — perguntou Lídia.

Ele hesitou um momento; mas, após lhe haver dirigido um olhar frio, afastou-se dela e correu em auxílio de Fúlvia.

— Meu Deus! — suplicou Lídia — dignai-vos aceitar o meu sacrifício!

Dirigiu-se, então, lentamente, à porta, e, ali, voltou-se para contemplar o grupo formado por aqueles entes que lhe eram tão caros, ao mesmo tempo que dizia:

— Adeus, mãezinha querida! Adeus papai adorado! Adeus meu amado Virgílio! Adeus a todos» até à eternidade!

Um soluço de indizível agrura afogou as suas últimas palavras.

Correu em direção ao jardim. Zadias havia desaparecido.

## CAPITULO XV No Círculo Romano

Lídia, pisando de leve a areia do jardim, atravessou-o rapidamente, e já se dispunha a transpor a portinhola do fundo, quando ouviu que a chamavam.

— Lídia!

Voltou-se, ficou parada no limiar.

Era a velha Zeima que, com os olhos debulhados em lágrimas, corria, quanto as suas cansadas

pernas lho permitiam, ao seu encontro.

— Aonde vais, minha filha?

— Não sei... Deus decidirá!

— Eu vou contigo!

— Mas... tu...

— Eu sei tudo, de começo ao fim. Tu te sacrificaste por ela, meu anjo. Teu pai te despreza, mas eu não te deixo, não! Eu vou contigo, pois tenho uma amiga que nos acolherá de braços abertos.

— Mas tu és escrava, e não podes deixar a casa do teu senhor. Se fores percebida por Zadias, estás perdida; serás castigada terrivelmente.

— Zadias não está mais aqui, minha filha, abandonou a casa para nunca mais voltar.

— Então vamos, antes que alguém te veja comigo.

— Espera, vou buscar dois mantos.

— Não é preciso, Zeima.

— Ah! minha filha, tu não podes atravessar a cidade com esse traje, sem chamar grandemente a atenção de todos.

Lídia contemplou-se e disse perplexa:

— É verdade!

Naquela ocasião, achava-se vestida com uma túnica de seda branca, com franjas de ouro e cauda comprida.

— Então, corre! vai depressa, pois, se alguém te surpreende, já não poderás acompanhar-me.

Zeima em poucos minutos atravessou novamente o jardim, entrando pela porta de serviço, enquanto Lídia saía, encostando-se ao muro quanto pôde.

A velha voltou quase imediatamente, e atirou um dos mantos aos ombros da donzela, protegendo-se com o outro.

Logo, braço dado, afastaram-se depressa, dirigindo-se para fora da cidade, ao mesmo bairro onde se achava localizado o retiro dos cristãos, frequentado por elas.

Chegaram a uma rua de paupérrimo aspecto, e bateram à porta de humílima casa de operários.

A porta abriu-se, e assomou o rosto de uma mulher já idosa.

Lídia conheceu-a logo. Era uma das cristãs que frequentavam as assembleias. Zeima falou-lhe algumas palavras ao ouvido.

— Oh, sim! — respondeu a cristã. — Nossa doutrina manda recolher os desamparados. Como sabes, Zeima, somos pobres; vivemos do trabalho de meu marido e dos meus dois filhos; mas, um prato de comida, e um cantinho da nossa casa, sempre tereis. Entrai, pois, minhas irmãs em Jesus. Nós repartiremos convosco a nossa pobreza.

E abraçando Lídia, que chorava comovida, vendo a generosidade daquele coração, ajuntou:

— Entra, minha filha, eu serei tua mãe!

As três entraram, e a porta foi fechada.

\*

\*

Fúlvia despertou do desmaio, mas em estado lastimável.

Os olhos rolavam vagamente em torno, sem reconhecer ninguém. Às vezes, a vista tomava fixidez espantosa, e como se a alma estivesse absorvida por uma ideia única, pronunciava em voz baixa estas palavras, que eram sempre as mesmas:

— Coitada da minha filha, pura qual um anjo!

Caio desesperava ao ver que, apesar dos seus esforços, não conseguia pôr em ordem aquela mente perturbada, da qual parecia haver fugido a inteligência.

Virgílio, com a morte na alma, com o coração despedaçado pela mais intensa dor, julgando com-

pletamente inútil a sua permanência naquele lar, onde acabava de presenciar a derrocada de todas as suas ilusões, despediu-se de Caio, que bem pouca atenção lhe prestou, e saiu.

Ao atravessar a pequena porta do fundo do jardim, voltou-se a contemplar com tristeza aqueles canteiros de flores, cuja poética perspectiva tanto contribuíra para embelezar o idílio que durante aqueles meses o fizeram tão venturoso.

— Enganei-me! — murmurou. — Se não ouvisse dos seus próprios lábios a terrível confissão, jamais o acreditaria! Não era o anjo puro que tanto amava e já aparecia nos meus sonhos! Triste de mim! Mesmo sabendo-a contaminada pela mancha do pecado, sinto que ainda a amo!

Uma lágrima de dor lhe deslizou pelo pálido rosto. Soltou um suspiro de angústia e dirigiu-se, lento, a caminho do seu lar, onde se recolheu ao leito, presa de intensa febre.

Naquela noite, não compareceu à reunião dos cristãos, e os seus dois amigos, Arcádio e Aurélio, sozinhos, tomaram conta dos trabalhos. Estranhando, porém, sobremaneira tal ausência, e temendo estivesse doente, decidiram visitá-lo.

Logo no dia seguinte, apenas a aurora abria no firmamento o seu brilhante leque de cores maravilhosas, os dois amigos batiam à porta de Virgílio .

O pai, muito aflito, saiu a recebê-los, narrando que o filho havia passado a noite inteira num constante delírio.

Os dois amigos entraram, e Virgílio, cuja febre diminuía, os recebeu carinhosamente, pretendendo levantar-se do leito, ao que os dois se opuseram.

— Que é isso meu caro? — perguntou Aurélio. — Sofres? Como sabes, somos amigos. Podes confiar-nos teus pesares. Talvez isso te aliviasse!

— Minha dor é moral, e essa espécie de dor jamais pode ser aliviada.

— Enganas-te, meu Virgílio; justamente a dor moral acha sempre um conforto, quando depositada num coração amigo. Eu mesmo sou uma prova disso, pois sofri, e sofro ainda, de uma ferida moral, e desde o dia em que me confiei ao bom Arcádio, minha dor permaneceu como que adormecida, tanto conforto veio proporcionar-me a estima deste generoso amigo! Deposita em nosso coração sincero os teus sofrimentos, e te sentirás reconfortado!

Respondendo, Virgílio passou a mão pelos olhos, como se quisesse afastar de si alguma visão melancólica, e disse com infinita tristeza:

— Eu amava uma jovem, formosa qual um anjo, que conseguira prender na fascinação dos seus encantos toda a minha alma, que vivia alimentando-se de suaves esperanças e celestes ilusões. Mas, acabo de saber que o anjo perdera as asas, que ficaram contaminadas do lodo da infâmia. Tivera já um filho, filho do pecado!

— Não será uma calúnia infligida à tua amada ?

— Não! Á terrível realidade eu a ouvi dos seus próprios lábios!

Os dois amigos calaram-se, sentindo-se penalizados ante as lágrimas do jovem Virgílio.

Chorava com desespero.

Para dizer alguma coisa, Aurélio perguntou:

— Não será alguma criatura pagã?

— Perante o mundo é pagã, sim; mas, no íntimo, ela e sua mãe são perfeitas cristãs. Tu as deves conhecer, pois, embora sem vos terem amizade, há tempos, certa noite, as acompanhámos a uma reunião dos cristãos, nas catacumbas.

Um estremecimento percorreu o corpo de Aurélio, que inquiriu com precipitação:

— O nome: poderemos saber o nome?

— Lídia Pompei!

— Deus do Céu! E tu, Virgílio, acreditaste em semelhante calúnia? Que fizeste, ó Virgílio? Lídia é pura quanto os anjos aconchegados ao trono do Senhor.

— Mas... se ela própria se confessa culpada?

— Quando? Onde? Conta-nos isso, por Deus, pois em tudo isso existe uma horrível mistificação. Virgílio lhes referiu os tristes episódios que presenciara em casa de Caio.

Quando terminou, Aurélio, pálido qual defunto, exclamou, com voz entrecortada de raiva:

— Ah! maldito libertos! Ele, somente ele, é o culpado dessa tremenda desgraça! Ele há-de me cair nas mãos, e, então, pagará tamanha infâmia.

Dirigindo-se a Virgílio, ajuntou:

— Em nome do Todo Poderoso, que vê em nossos corações, ouve minhas palavras. Digo-te, novamente, que Lídia é sempre o anjo puro; sacrificou-se, atraindo para si a mancha de uma falta que não praticou.

— Seria, então Fúlvia a culpada?

— Sim — respondeu Aurélio sufocado pela dor.

— Prova-me as tuas afirmações.

j— Eu sou aquele amante de Fúlvia, o verdadeiro pai da pequena Aurora; juro-te por Deus!

Virgílio quedou-se esmagado ao peso dessa declaração. Subitamente, juntando as mãos, num aranco de desespero, exclamou:

— O' Lídia, meu anjo puro, consumaste o mais sublime dos sacrifícios! E pensar que eu te desprezei!

Desatou em amargo pranto de remorso.

— Não chores — disse, então, Arcádio. — Não devemos perder tempo em inúteis exclamações. Vamos revolver Roma inteira, até encontrá-la.

Seguidamente, os dois amigos se levantaram, e, após marcarem encontro para essa mesma noite, na assembleia dos cristãos, separaram-se.

Imediatamente procuraram a moça pelos lugares onde sabiam haver maior número de cristãos, porém inutilmente.

Lídia não foi encontrada, nem sequer puderam avistá-la.

— Talvez apareça hoje de noite na assembleia — lembrou Arcádio.

— É verdade. Se vier, não me passará incógnita.

Chegou a hora da reunião. A sala estava repleta de crentes. Da multidão elevava-se um forte murmúrio de preces. Sabia-se que Nero dera ordens para tenaz perseguição e captura.

Conheciam o fato das tochas humanas, untadas de alcatrão, que haviam iluminado o jardim durante a última orgia, e a sua fé, longe de esmorecer, mais se acendeu.

Mesmo sabendo que talvez se encaminhassem para a morte, não deixariam de acudir todos naquela noite, na ânsia de fundirem suas preces ao Altíssimo e prepararem a alma para um possível sacrifício.

Dizia-se que, desde alguns dias, as feras do circo atroavam os ares com os seus rugidos. Estavam famintas!

Sussurrava-se que Nero queria divertir o povo, para atrair as suas simpatias, e, nas suas conversas com os palacianos, associava as feras do circo com o nome dos cristãos.

Pairava na atmosfera romana um sopro macabro e sangrento. Aqueles entes entreolhavam-se, pálidos e taciturnos, como se tristes pressentimentos lhes agitassem o íntimo.

E apesar desse triste pressentimento e da atmosfera de sacrifício que pairava no recinto, misturavam as suas preces, elevando a Deus a emanção espiritual das suas almas simples.

Quem perscrutasse atentamente aquela multidão, teria podido ver perfeitamente que não era tão homogênea quanto, num relance de olhos, parecia.

Muitos daqueles "cristãos", por debaixo das carapuças que lhes cobriam as cabeças, dirigiam-se olhares de inteligência.

Lídia, Zeima e a velha amiga, em cuja casa se refugiaram, encontravam-se lá também.

Lídia tinha o rosto quase totalmente coberto pelo manto, de maneira que não eram visíveis as suas

belas feições.

Sentia-se inquieta, notando os olhares que permutavam aqueles "cristãos", cujos rostos meio encobertos nada mostravam de sinceros.

A porta do fundo abriu, e os três amigos apareceram. Após uma inclinação de cabeça, murmurando o costumado "Paz seja convosco", foram ocupar os seus lugares.

Aurélio levantou-se, e, desdobrando o pergaminho, principiou, em alta voz, a ler uma das passagens da vida do Mestre.

Virgílio, após dirigir um olhar de indiferença à multidão, concentrou-se, como absorvido nas suas recordações.

Arcádio passeava os olhos pelos fieis, detendo-se naqueles cujos rostos não podia ver, por se acharem velados com os mantos.

Lídia, diante da insistência daquele olhar inquiridor, sentiu um estremecimento percorrer-lhe o corpo e, como se adivinhasse o pensamento de Arcádio, isto é, como pressentindo que era ela a quem procurava, puxou sobre a fronte a ponta do manto, deixando uma abertura apenas, para poder vigiar os movimentos e sinais que entre si trocavam os esquisitos companheiros.

Chegava Aurélio já ao fim da leitura, quando Lídia viu, com espanto, que um dos presentes mais próximos se inclinou para o lado do seu vizinho, a cujo ouvido murmurou algumas palavras misteriosas, que ela não pôde compreender.

Aquele homem, ao inclinar-se ao ouvido do contíguo, deixou escorregar um pouco a carapuça que lhe cobria a cabeça.

Foi pouco, mas o bastante para que Lídia pudesse ver brilhar, mesmo à luz mortiça das lâmpadas, o capacete metálico dos pretorianos de Nero.

A donzela levantou-se, como que impelida por algum aviso, e gritou:

— Foge, meu amado Virgílio; aqui estão os guardas do Imperador!

Seguiu-se um tumulto indescritível.

Todos gritavam, procurando fugir pela porta da saída; mas, esta, estava fechada!

Virgílio deu meia volta e desapareceu pela do fundo. Seus dois companheiros quiseram imitá-lo, mas encontraram-se com um soldado que, não podendo impedir a fuga de Virgílio, lhes cortou a retirada.

Os mantos e carapuças caíram e uma dúzia de homens armados, em cujas cabeças reluziam os capacetes da milícia de Nero, apareceu no meio da assustada multidão de cristãos, que se inclinaram ao grito de:

— Todos presos em nome de César!

Lídia, cujo formoso rosto brilhava já aureolado pelo halo santo do martírio, exclamou em alta voz:

— Meus irmãozinhos, sejamos dignos da nossa fé! Saibamos morrer, gloriosamente, em honra de Jesus-Cristo!

— Cala-te, insensata! — respondeu-lhe um soldado manietando-a prontamente.

Os cristãos elevaram suas vozes em hinos de glória a\* Jesus, enquanto os esbirros os atavam, a cordas, apertando enraivecidos os nós, tão bárbaramente, que muitos ficaram com os pulsos sangrando.

Imediatamente o capitão dos assalariados de Nero, abrindo a porta da rua, gritou:

— Em marcha!

Os inermes cristãos, empurrados brutalmente por aquelas feras humanas, puseram-se a caminho dos cárceres do palácio de César.

Encerrados nas masmorras subterrâneas, passaram aquela noite.

Ao amanhecer, foram transportados ao circo romano. A multidão de povo, sempre ignorante e perversa, ao vê-los passar enfileirados, enchiam-nos de improperios, gritando:

— Ide, malditos, fazer companhia às feras, que vos esperam para um bom repasto! Havemos de

ver se o vosso ridículo deus vos liberta das garras dos leões!

E coroavam os ímpios insultos com estrepitosas gargalhadas.

Os cristãos, sem se perturbarem com o escárnio do poviléu, avançavam no seu penoso calvário, e, apesar da fraqueza e cansaço, caminhavam com o rosto sorridente e a fronte erguida para o Céu.

Ao chegarem ao Circo, os soldados os empurravam a um espaçoso, porém escuro e húmido recinto, fechando logo as portas de ferro.

Instantes depois, os muros do sinistro compartimento parecia estremecerem ao som do hino amoroso que os indefesos cristãos elevavam ao Criador, hino acompanhado pelos rugidos horrendos dos famintos leões, farejando a carne humana que o devasso Nero lhes destinava.

Poucos dias depois, multidão imensa de povo romano acotovelava-se às portas do Circo, esperando a hora da entrada.

De manhã, cedo, os pregoeiros percorreram a cidade, anunciando que o imperador queria obsequiá-los com uma grande festa.

Pouco depois das três horas da tarde, chegava o brilhante séquito que acompanhava os imperadores.

O povo os acolheu aos gritos estridentes de:

— Salve, ó divino!

— Salve, ó César!

O réprobo Nero, acompanhado da ignóbil Po-peia e dos áulicos, penetrando no Circo, foi ocupar o camarote imperial.

Seguidamente, foram abertas as portas do vasto anfiteatro, e o povo em massa precipitou-se dentro. Todos se atropelavam, querendo cada um ser dos primeiros a entrar, para escolha dos melhores postos.

Apesar da resistência dos archeiros, houve feridos e contusos.

Finalmente, restabelecida a ordem, o vasto anfiteatro, completamente cheio, oferecia deslumbrante aspecto.

Podia-se dizer que ali estava a síntese da Roma inteira.

Encontravam-se reunidas, em quase absoluta promiscuidade, todas as classes sociais.

Os olhares convergiam para a frente do camarote imperial, que, apesar de règeiamente ornamentada, aparecia deserta.

O César e seu brilhante acompanhamento haviam ido para o camarim do fundo.

O povo fremia de impaciência, contemplando a brilhante arena do Circo, que, horas depois, devia tingir-se de sangue humano.

Finalmente, os clarins deixaram ouvir sons estridentes e os acordes do hino dos deuses.

Nero surgiu à frente, no camarote.

O povo explodiu em atroantes gritos:

— Salve, ó divino!

— Salve, ó César!

Ecoaram pelo vasto recinto estrepitosos e prolongados aplausos.

Nero aproximou-se bem da balaustrada de mármore, e, sorrindo hipocritamente, cumprimentou o povo.

O tirano, vestindo túnica riquíssima de cor ametista, recamada de legítimas pérolas do Oriente, trazendo a mesquinha fronte cingida pela régia coroa de ouro, na qual cintilavam esplêndidas esmeraldas e diamantes, sorrindo com satisfação, inclinou-se perante aquela gente que sem sinceridade lhe tributava honras, qual se fôsse ele um deus.

Aquele coração insensível, endurecido qual rochedo de granito; aquela alma poluída pelo lodo da devassidão e ignomínia, ignorava que era fortemente odiado pelo povo romano.

Infeliz Nero! Não percebia, na sua vaidade, que tais demonstrações provinham do medo, pois a

sua corrupção e perversidade eram sobejamente conhecidas de todos.

Sentou-se ao lado de Popeia, a criatura satânica que, sob a máscara de angélico rosto, escondia uma alma sombria, galvanizada no pecado.

O imperador deu o sinal, e imediatamente principiaram os jogos olímpicos.

Vários atletas se apresentaram na arena, e, depois dos cumprimentos a César e ao povo, atiraram-se com fúria uns contra os outros.

Seguiram-se instantes de luta encarniçada, luta de morte, em que cada lutador procurava eliminar o rival.

Momentos depois, a luta terminava, e os vencedores, com o pé sobre os corpos ensanguentados dos vencidos exânimes na areia, recebiam, sorrindo orgulhosamente, a calorosa manifestação de entusiasmo da imensa multidão que enchia o vasto circo, vibrando sob a tempestade dos gritos e aplausos.

Os vencedores abandonaram o circo; os corpos dos vencidos foram retirados da areia, logo renovada.

Seguiu-se longo intervalo, pois a primeira parte da festa terminara.

O povo principiou a impacientar-se, manifestando seu desagrado com demonstrações de aborrecimento .

Então, Nero, com indefinível sorriso nos lábios, estirou o braço, e imediatamente as portas do cárcere se abriram, sendo precipitada na arena do circo a leva de seres humanos, violentamente empurrados pelos guardas.

Os tristes seres, saindo da semitreva, tiveram um instante de deslumbramento e fixavam os olhos espantados na imensa turba que se agitava nas arquibancadas .

Logo, foram avançando para o centro do circo, e, voltando os olhos para o velarium, uns de pé, outros de joelhos, principiaram a entoar hinos a Jesus.

Desditosos! Ali havia mulheres, velhos e crianças, com o rosto desfigurado pelas privações, e todos pobremente vestidos.

A multidão, ao vê-los, eclodiu em ensurdecadora vozeria, gritando:

— Os cristãos! Os cristãos!

Os tribunos e palatinos contemplavam silenciosamente aquele triste espetáculo; bem adivinhavam que em breve alguma coisa de terrível ia ocorrer.

Os cristãos, sem afastar os olhos do velarium, continuavam os hinos a Jesus, alheados de tudo quanto se passava em redor.

Nos seus pálidos rostos brilhava a chama sagrada da inspiração.

Súbitamente, grande silêncio se fêz, silêncio completo, tão profundo que se poderia perceber o mais tênue rumor.

De todos os peitos irrompeu uma exclamação de espanto, os olhares convergiram a um mesmo ponto.

Nero, que já se dispunha a estirar novamente o braço, para dar a ordem fatal, deteve-se brusco, para contemplar, altamente surpreendido, algo que se passava na arena.

Nos seus olhos brilhou tábida chama, impudica, enquanto os lábios moveram um satânico sorriso.

Na porta de entrada, Lídia Pompei acabava de aparecer.

Erguendo altivamente a formosa cabeça, arrastando a comprida cauda da sua túnica franjada de ouro, pela areia ainda embebida de sangue, a formosa donzela foi avançando lentamente, até reunir-se ao grupo heróico que os seus irmãos em crença formavam no próprio centro do anfiteatro.

Ali, erguendo ao Céu os seus esplêndidos olhos de um azul puríssimo e cruzando as mãos sobre o peito virginal, juntou linda voz ao hino dos cristãos-

Que bela estava naquela atitude!

As suas formas esculturais de estátua grega, o seu rosto angélico, esplêndidamente belo, desper-

taram no seio da multidão os mais desencontrados sentimentos.

O ar nobre e altamente distinto que se desprendia da sua formosa figura, atraíu as simpatias dos tribunos e palatinos.

Alguns principiaram a murmurar:

— E' Lídia, a nobre filha dos Pompei.

E alguns dentre eles, os mais ousados talvez, envolveram a desprezível figura de Nero com os seus olhares ameaçadores.

O aparecimento da gentil donzela arrancou dois gritos que partiram do lado dos camarotes próximos ao camarim imperial.

Num desses, encontrava-se Caio, acompanhado de Fúlvia e Zadias.

Caio fora convidado ao espetáculo festivo pelo próprio Nero, e, para distrair Fúlvia, a ver se conseguia tirá-la do estado de marasmo em que ficara, acudira ao convite, bem longe de imaginar que, entre a turba de cristãos que lhe eram tão odiosos e cujo sacrifício ia presenciar, poderia encontrar a sua própria filha.

Ao entrar no circo, encontrou Zadias, a quem convidou a acompanhá-lo.

Este aceitou, e orgulhosamente ficou a seu lado, no camarote que César destinara ao amigo.

Fúlvia, na sua inconsciência, ali permanecia, contemplando tudo com olhares vagos, alheia à admiração que a sua beleza despertava ainda entre os palatinos.

Mas, ao ver Lídia aparecer na arena e juntar-se aos cristãos, a sua razão adormecida sofreu natural reação, e emitiu um grito, que ecoou dolorosamente pelo recinto.

Caio, apesar de sentir o coração de pai dilacerado, afogou o sentimento, antepondo-lhe o preconceito de crença, e, comprimindo o braço de Fúlvia, disse-lhe com voz surda:

— Cala-te! Ela se tomou cristã, após manchar a minha honra; morra, pois, entre os malditos!

Zadias sorriu triunfante, pensando, com infernal júbilo:

— Venci-te para sempre!

Fúlvia contemplava a donzela com enlevo.

Toda a sua vida se absorvera na contemplação da filha adorada. Seu peito arfava dolorosamente. Parecia próxima a cair num torpor nervoso.

Outro grito partira dos lábios de um jovem que se achava junto ao camarote de Caio, devorando com os olhos, plenos de ódio, a Zadias.

Era Virgílio, que acudira ao circo para dar o último adeus aos queridos amigos Aurélio e Arcádio, que se achavam confundidos na massa dos cristãos, pois, como se sabe, haviam sido presos juntamente com os componentes da assembleia.

O que jamais poderia ter suposto era que Lídia também fôsse aprisionada.

Ao penetrar no circo, viu Zadias juntamente com Caio e Fúlvia, num camarote. Ao divisar aquele que tão abruptamente cortara a sua felicidade futura, não pôde conter-se, e procurou aproximar-se do camarote, o que conseguiu, não sem grandes dificuldades. Resolveu não o perder de vista, e tão atento estava, cuidando os seus menores movimentos com o coração cheio de ódio e vingança, que não reparou na arena.

O grito de Fúlvia e o seu olhar fito despertaram-lhe a atenção, e, seguindo o rumo daquele olhar de Fúlvia, deu com a formosa figura de Lídia, de pé, no meio dos cristãos.

Seus lábios abriram-se e soltou o segundo grito, que também ecoou dolorosamente no vasto recinto.

Lídia, sentindo que o eco daqueles dois gritos lhe penetrava o coração, fixou o olhar no camarote, e, ao ver Fúlvia, seus lábios se entreabriram em suave e triste sorriso.

Junto ao camarote, viu Virgílio, e levou as mãos ao coração, sentindo que este se oprimia de angústia.

— Perdoa-me, Lídia, meu anjo; sei que és inocente!.

Estas palavras de Virgílio chegaram aos seus ouvidos, penetrando-lhe no coração, qual bálsamo divino.

Elevou os olhos ao Céu em reconhecimento pelo conforto que, no instante tão próximo do final de seu martírio, lhe era permitido, isto é, ver aquela pela qual se sacrificara e sentir-se perdoada e querida pelo ente a quem seu coração escolhera, e cujo afeto remontava a longínquas, passadas eras

---

Virgílio, e assim Fúlvia, esqueceu-se do lugar em que estava, para se absorver na contemplação daquele ser pelo qual daria até a última gota do seu sangue.

Após a confirmação da sua completa inocência, tornava a encontrá-la, mas em tristes e irremediáveis circunstâncias: entre cristãos sentenciados à mais horrível das mortes!

Faltavam poucos minutos para que aquele anjo puro caísse nas garras dos leões!

Perante tão desconsoladoras perspectivas, o jovem sentia-se passar por morte cem vezes pior do que aquela que aguardava a sua amada.

Lídia murmurava uma prece ao Altíssimo em favor dos seus entes amados, que ia deixar entregues a si próprios, naquele triste vale de amarguras.

Dos seus olhos desprenderam-se duas cristalinas lágrimas, que, quais puríssimos diamantes, foram perder-se em cintilações, nas alvuras da sua túnica.

Fêz-se completo e profundo silêncio.

Todos os ânimos pareciam estrangidos.

Esperava-se a ordem fatal de César.

Subitamente, Nero, que devorava com os olhos a gentil criatura, inclinou-se para o lado do servo favorito, segredando-lhe misteriosamente algumas palavras.

O escravo saiu da tribuna imperial, e apareceu na arena. Aproximou-se de Lídia, dizendo-lhe:

— Senhora, vossa beleza helénica caiu na graça de César, que vos concede o perdão, e ordenou-me acompanhar-vos ao palácio. Dignai-vos, pois, seguir-me.

Lídia, ao ouvir aquelas palavras, baixou os olhos para fixar o escravo.

O seu marmóreo rosto havia enrubescido de indignação e vergonha que lhe causava a indigna proposta; e, então, respondeu com firmeza:

— Podeis declarar ao vosso amo, que Lídia Pompei prefere morrer mártir a ser concubina de um devasso!

O escravo correu a dar a resposta de Lídia a Nero, que, encolerizado pela afronta, estendeu o braço.

Imediatamente, ouviu-se o ranger da férrea porta e apareceu na arena uma dúzia de esfaimados leões, que se precipitaram no meio de espantosos rugidos sobre os indefesos cristãos.

A multidão desatou novamente em algazarra infernal.

Os tribunos e palatinos voltaram a cabeça horrorizados com aquele terrível espetáculo.

Foi uma verdadeira carnificina humana!

Lídia continuava a oferecer ao Criador a fragrância da sua alma puríssima. Uma das feras se aproximara, e chegara mesmo a rasgar-lhe a finíssima cauda da túnica; porém, como que recuava... Aproximou-se outra vez, afastando-se novamente e deixando-se finalmente ficar a pouca distância, a contemplar, com olhos ávidos, a presa.

A donzela aparecia visivelmente envolvida numa aura que a circundava completamente.

Ouvindo os tristes gemidos dos seus irmãos, baixou a cabeça e, ao ver que estava sozinha, de pé, no meio daqueles montículos de restos ensanguentados, percebendo a fera, que a contemplava de olhos fosforescentes, elevou novamente a vista, exclamando:

— Meu Deus! Porque hei-de ser poupada? Serei, talvez, menos digna do que todos estes queridos irmãozinhos ?

Sem afastar a vista do velarium, estendendo os braços, avançou corajosamente ao encontro do

leão, que, ao vê-la aproximar-se daquela forma, encolheu-se todo, e, dando um salto, precipitou-se sobre ela, enterrando dentes e garras naquelas carnes puríssimas, das quais jorrou, abundante, o precioso licor da vida.

Esta cena causou geral indignação e escândalo nos tribunos e palatinos, que, conhecendo sobejamente a nobre procedência de Lídia, sentiram-se condoídos em seus corações, ao presenciar-lhe o fim heróico.

Enquanto na arena Lídia caía estraçalhada, sob as garras da fera terrível, no camarote de Caio se desenrolava cena estranha, prelúdio de subsequente tragédia.

Fúlvia soltou outro grito de angústia, e levantou-se, disposta a precipitar-se na arena.

Caio segurou-a fortemente, e, temendo que a cena acabasse levando-a ao abismo da loucura, implorou carinhosamente:

— Sossega, minha Fúlvia. Eu não sabia que nossa filha estivesse entre os cristãos... Caso contrário, não teríamos presenciado a sua morte.

Fúlvia que, ante a consumação do sacrifício daquele anjo, recuperara o raciocínio, desvencilhou-se dos braços de Caio e distanciou-se, exclamando com TOZ sombria:

— Para trás! És um monstro! Eu sou culpada; mas tu és pior ainda do que eu! Sacrificaste a própria filha! Para trás! Causas-me horror!

— Que dizes? Culpada tu?

— Sim, nossa Lídia era inocente, pura, um anjo do Céu!

— Que dizes?

— Aurora é minha filha! Tive-a do meu amante, que acaba de perecer aí em baixo entre os cristãos, junto de minha filha!

— Mentas!

— Olha lá embaixo. E' Aurélio!

E apontava-lhe um corpo horrivelmente mutilado, cujos olhos, dir-se-ia, contemplavam Fúlvia num último olhar de adoração.

— Mentas, repito! — insistiu Caio com um rugido de raiva, segurando-a pelos pulsos, dirigindo-lhe um olhar ameaçador.

— Não minto não! — retorquiu Fúlvia, corajosamente. — Enganei-te completamente; sou cristã também, e odeio os teus falsos deuses! Mata-me, livra-me da tua presença, pois eu te desprezo, parricida!

Ele teve ímpetos de a estrangular ali mesmo; acalmou-se, porém, subitamente. Olhou em torno de si. Ninguém reparara naquela terrível cena. Todos os olhares estavam fixos no espetáculo das feras.

Zadias desaparecera.

— Vamos — disse, segurando-a pela mão e com aterradora calma.

— Não quero! Aonde me conduzes?

— ã minha casa!

— Não; quero morrer aqui, junto de minha Lídia.

— Em casa morrerás! E' bastante o que já fizeste, vil criatura! Não quero que ninguém conheça a mancha atirada à minha honra!

Após um momento de hesitação, Fúlvia submeteu-se, murmurando:

— Aqui ou ali, é o mesmo, contanto que morra!

E, deixando-se conduzir, saiu do camarote. No

corredor, depararam um ajuntamento que lhes interceptava a passagem.

— Que aconteceu? — perguntou Caio, exasperado, pela detença forçada.

— Mataram um homem! — respondeu-lhe um rapaz.

Caio inclinou-se para o corpo de um homem que se achava estirado no solo, tendo, à altura do coração, espetado um punhal.

Era Zadias!

Voltou a cabeça para o lado, num gesto de indiferença, e, sem deixar a mão de Fúlvia, arrastou-a por entre a gente apinhada, até junto da liteira, na qual subiram.

Esta seguiu direção de casa.

Virgílio havia percebido quanto se passara no camarote de Caio. Ouviu mesmo a confissão de Fúlvia ao esposo.

Viu a raiva apossar-se de Caio, e adivinhou a tragédia conseqüente.

Viu também Zadias levantar-se e procurar precipitadamente a saída do local.

— Chegou a hora da minha vingança! — pensou.

E precipitou-se no corredor, ao qual davam acesso as portas dos camarotes. Chegou a tempo de cortar a retirada do liberto, que vinha correndo, e, pegando-o por um braço, ao mesmo tempo que brandia na mão direita um punhal, gritou-lhe, com acento ameaçador:

— Morre, infame, traidor! Vai habitar nos antros sinistros que as Parcas te reservam, ó alma condenada! — E, de um só golpe, lhe enterrava a lâmina no peito, atravessando-lhe o coração.

Zadias, surpreendido, não teve tempo de se defender: tombou, proferindo horrível blasfêmia e contorcendo-se nos espasmos da agonia.

Virgílio correu até às arquibancadas e, apoiando as mãos na balaustrada, deu impulso ao corpo, precipitando-se na arena, em meio dos despojos dos cristãos.

Quase no mesmo instante, morria, despedaçado pelas garras de um leão, que a ele se atirou.

A liteira de Caio chegava a penates.

O romano desceu, e Fúlvia fez outro tanto. Ambos entraram.

— Espera aí! — ordenou Caio com voz soturna, penetrando no dormitório.

Abriu rapidamente uma armação envidraçada. Tomando um vidrinho, destampou-o, vindo esvaziar o conteúdo num copo com água, deixando-o ficar sobre o mármore da mesinha junto ao triclinium de Fúlvia.

Chamou-a. Ela apareceu no dormitório, indo sentar-se no triclinium.

— E o castigo? — perguntou.

— Vais tê-lo.

— Homem estranho! — murmurou.

E, sentindo a garganta seca, olhou para a mesinha onde viu o copo. Pegando-o, bebeu a água sem pausa.

Imediatamente, ergueu a cabeça, e fitando o rosto do marido, soltou um grito de espanto.

O semblante de Caio parecia animado por um sorriso terrível.

Fúlvia olhou o copo, e disse:

— Meu Deus! essa água. . .

— Estava envenenada!

Fúlvia emitiu um segundo grito. Correu a um canto do aposento, onde estava o berço no qual a pequena Aurora dormia o sono da inocência.

Deixou-se cair de joelhos, e, cruzando as mãos ao peito, a olhar para o Alto, exclamou:

— Vou morrer! Dignai-vos, meu Deus, acolher minha pobre alma e proteger este anjinho, sem culpa dos pecados paternos! Perdoai-me, Senhor, perdoai-me!

Não pôde continuar. Rolou no tapete, em estertores de morte.

Após algumas convulsões, o corpo ficou imóvel, massa inerte.

Caio aproximou-se, e, depois de contemplar aquele rosto que a morte ensombrou, murmurou por entre soluços:

— Morreste, odiando-me! Recebeste a morte das minhas próprias mãos... e, todavia, amo-te!

E, ocultando o rosto com as mãos, desatou em amargo pranto.

No dia seguinte, o corpo de Fúlvia, por entre pompas fúnebres, saía do palacete, acompanhado por

numeroso séquito, rumo ao túmulo.

Ninguém desconfiou dos dramáticos acontecimentos desenrolados naquela morada, e, se alguém conseguiu desvendar alguma coisa, guardou consigo o segredo.

Dias depois, Caio confiou a pequena Aurora a uma fiel escrava, dando-lhe ao mesmo tempo verdadeira fortuna, para que a criasse em abundância e conforto.

Vendeu o palacete, e tudo quanto nele havia, e distribuiu aos pobres de Roma avultadíssimas quantias.

Depois, desapareceu de todos.

Algum tempo mais tarde, podia ver-se, vagando pelas ruas e praças de Roma, um homem, apoiando-se num bordão, andando com dificuldade, o rosto emagrecido, desfigurado mais pelos sofrimentos morais do que pelas privações.

Um dia, foi encontrado morto, junto da casa onde outrora vivera feliz e opulento.

Pobre Caio!

Quando os escravos da luxuosa vivenda o encontraram e, obedecendo a ordens dos seus donos, correram a levantá-lo, notaram, com surpresa, que, junto dos seus lábios, se achava o glorioso signo da Redenção.

No derradeiro instante de sua existência, reconciliara-se com Jesus, a quem tanto havia desprezado !

Conclusão

Era um espaço brilhante, inundado por célicos reflexos de uma luz divina, maravilhosa, cheio de estrelas multicores e das mais variadas dimensões.

Por momentos, daquelas estrelas emergiam os indecisos contornos de rostos maravilhosos, de beleza angelical, para, apagando-se novamente, se confundirem no luminoso conjunto.

Subitamente, novas estrelas foram subindo das mais baixas atmosferas, a confundirem-se na aglomeração das cintilantes rutilâncias.

Uma das últimas que subiu, passou pela transformação, esboçando as vagas linhas de um rosto de rara formosura.

— Meu Deus! quanto ele está demorando! — disse.

E olhando uma forma que vinha subindo, ajuntou, soltando um triste suspiro:

— Até que enfim! Aí vem!

A forma deteve-sc precisamente aos seus pés. Era um jovem todo ensanguentado que projetava escura mancha naquele espaço brilhante.

— Virgílio!

O moço abriu os olhos. Levantou-se, e, alongando os braços, exclamou com enlevo:

— És tu, Lídia?

— Sim, sou eu, amado Virgílio! Novamente nos encontramos; mas, bem podes ver, meu irmãozinho, ainda não singraremos juntos por estes Espaços.

O jovem contemplou-se, e, com espanto, exclamou :

— Sangue! Sangue!

— Sim, meu amado, sangue que derramaste!

— Mas eu o matei para te vingar!

— Deus disse: "Não matarás", e Jesus, no alto da cruz, modelou a sua vingança nestas palavras: "Perdoai-lhes, meu Pai, pois não sabem o que fazem. "

— E\* verdade! Fali de novo! — disse o mancebo desfeito em pranto.

— Sossega, meu bem-amado, pois nem tudo está perdido.

— Que fazer agora? Como proceder para me aproximar de ti?

— Revestir novamente a matéria. Tentar novas experiências. Eu sei que cairás novamente; mas sempre te ajudarei a levantar. Serei o teu anjo guardião em novas existências pelas quais deves

passar. Poderia elevar-me a outros mundos privilegiados, mas não o farei; permanecerei nestas atmosferas a fim de livremente poder acudir-te, quando o meu auxílio te for necessário. E, quando a tua alma estiver preparada para receber a luz da Revelação, que deverá tornar-te digno destas Alturas, então descerei à humanidade, embora por pouco tempo. Será, porém, o necessário para te preparar o santo caminho. Encarnarei no teu próprio ambiente, para que os laços familiares mais aproximem as nossas almas já de longas eras ligadas pela atração de um puro e santo amor.

— Tu me animas, ó minha Lídia; quero, sim, tornar-me digno de ti! Volto ao planeta, para ver se consigo desta vez ser mais feliz. Mas, não me deixes, minha irmãzinha; não me abandones...

— Abandonar-te, jamais! Serei a estrela que te indicará o Norte; serei o teu amparo, o teu alicerce espiritual.

— Obrigado! ó meu bom anjo! Vou novamente encarnar na Terra; quero ser forte, quero ser grande, quero ser filho de Deus! Dá-me um abraço, minha irmãzinha? Posso merecer esta graça, Lídia?

— Sim, meu Virgílio! Vem a meus braços; selemos assim o nosso amor! Desce agora ao triste planeta, reveste a tua alma de nova matéria; trabalha, luta, reforma-te, aprende, pois só assim se alcança a almejada Perfeição.



# APÊNDICE

# ALDA



ÚLTIMA ENCARNAÇÃO DE

LÍDIA POMPH

## Prefácio da 2- edição

*Quando Lídia, ao partir para o "Mundo Crista- Uno", me disse que deixava a cargo do nosso grande protetor, Adriano de Mendoza, psicografar o romance de sua remota existência, supus que ela deixara as suas memórias já escritas, e que o trabalho seria apenas de transportá-las ao papel por meio do médium.*

*Foi uma interpretação errônea da minha parte, dando a autoria do romance ao meu "Anjo da Guarda", quando todo o enredo do emocionante romance foi habilmente reproduzido pelo nosso caro diretor espiritual, Adriano de Mendoza.*

*Só depois de o livro publicado é que tive ciência desse fato, por um trecho da preleção do verdadeiro autor, em 7 de Maio de 1929, na memorável sessão em que foi lançado o presente romance. Esse período é assim concebido:*

*"Ela não partiu sem ter deixado de se despedir de todos vós, deixando ao ente que tanto a atraia, como lembrança, as suas memórias, e, sendo uma alma sublime, sensível, delicada, renunciara a psicografá-las por si própria, desde que, na sua ingenuidade, considerava que talvez viesse fazer uma apologia de si mesma nessas memórias, e, então, deixou-me o encargo de o fazer "*

*Assim, pois, fica retificado o meu engano, "A César o que é de César". O valor deste livro está plenamente demonstrado péla rapidez com que foi esgotada a primeira edição.*

## Alda

Felizes aqueles que crêm sem ver.

Minha irmã Alda desencarnou aos quatro anos, vitima de um acidente. Meu pai tinha por hábito mandar fazer café, logo que chegasse uma visita. Nesse dia, minha mãe estava ausente e a pequenina Alda quis fazer-se de "gente grande"; mas, como não alcançava ao fogão, fêz uma fogueira no ladrilho e, ao passar de um lado para outro, a camisola incendiou-se. Ao termo de dez dias, falecia devido a queimaduras graves no ventre.

Quando me iniciei no Espiritismo, guiado pelo Dr. Bezerra de Menezes, minha irmã incorporava-se ao médium Artur, e era de uma eloquência que me surpreendia, pois eu ainda não estava bem instruído das leis que regem a evolução dos Espíritos.

Pouco depois, Espíritos desejosos do meu desenvolvimento trouxeram para o nosso recinto o médium Surinach, que é dotado de múltiplas me- diunidades.

Desenvolvendo-se na mecânica com uma estreia brilhante, que foi grafar o romance "Zoráida", principiou logo depois a desenhar os retratos dos nossos protetores e de algumas personagens de romances. Entre esses retratos veio o de Alda; ao reparar nele, minha irmã perguntou por escrito;

— Gostaste?

Respondi:

— Não, pois esperava ver o retrato de uma criança e vejo um de moça aparentando 18 anos.

Ela replicou:

— Esse é o retrato de quando fui Lídia Pom-pei, filha de uma família nobre, residente em Roma, isto na minha encarnação anterior.

Fiquei satisfeito e pedi que escrevesse a sua história, o que ela fêz, mas sem tempo de psicografá-la (deixando esse trabalho a cargo do nosso bondoso Adriano, que desempenhou o seu compromisso, escrevendo o romance em 60 sessões ou etapas, sendo a primeira a 17 de Maio de 1927 e a última a 17 de Julho de 1928).

E\* uma verdadeira maravilha! É uma felicidade inaudita, que vem sensibilizar todas as minhas fibras emotivas. Ter que editar um romance do qual fiz parte há perto de dois mil anos! Quase ninguém acredita, mas... eu creio. E será quanto basta? Não, certamente.

Hão-de perdoar que o meu nome seja tão repetido. Até hoje o tenho ocultado, mas as revelações me forçam a sair da obscuridade. Quem se aborrecer com isto, não deve ler o resto...

Alda nasceu e desencarnou na cidade de Vassouras, Estado do Rio de Janeiro, isto há 6 decênios, aproximadamente. Teve uma existência muito curta, parecendo mesmo que foi apenas para cumprir sua promessa de reencarnar na minha família, e também para completar o tempo de sua passagem neste planeta, onde só teve martírios e sofrimentos .

O verdadeiro retrato de Alda é o que está no começo deste apêndice, sentada ao colo do nosso tio Cândido. Coisa esquisita! Porque minhas tias guardaram esse retrato durante 12 lustros para só mo entregarem há pouco tempo? Não parece que estava destinado a esta reprodução? O menino parecido com Garibaldi, sou eu.

O retrato de Lídia, que está no princípio desta história, não é reprodução fiel, porque Lídia, radiante de beleza, tem cabelos de ouro e olhos azuis, e estes detalhes não podem' ser reproduzidos em tintas pretas.

Fiquei muito emocionado quando, pela primeira vez, ela conversou comigo. O médium Surinach saiu da corrente, deu volta à mesa e veio postar-se atrás de mim, dando esta primeira comunicação: "Irmãozinho querido, luz, paz e amor. Oh! felicidade ! Finalmente, consegui corporizar-me para te dizer: querido irmão Amauri, eis-me perto de ti. Não tiveste uma intuição? Eu sou Alda. Irmãozinho, caminha pressuroso pela senda encantadora! Choras? Bendito seja o orvalho dessas lágrimas confortadoras, que, ao caírem no coração, derramam nele o bálsamo de suave consolação!

"Avante, irmão querido, segue sempre este nobre destino, pois são os anjos do Espaço que te guiam por este florescente caminho. Não vêes, irmãozinho querido, nesse longínquo horizonte difundir-se uma luz suave? É a luz da eternidade, da qual poderás fruir, no dia em que deixares esse invólucro material. Eu te espero, irmão querido, espero naquelas Alturas onde as almas nobres e purificadas gozam inefáveis doçuras. Lá, a vida feliz suavemente desliza por entre uma senda de flores, e essas almas se compreendem, fundem seus castos amores. Até breve, caro irmão. Paz a ti e a todos os presentes."

Já em Abril de 1926, nosso protetor Adriano fêz uma referência ao romance de Lídia, do qual reproduziu algumas passagens. Transcrevo esse relato porque encerra bons conselhos. Tem o título de

## Mártires do Cristianismo

"Eu quisera abandonar isso, porém, não posso. Bem quisera desprender-me desse meu hábito, mas

não' possui a força necessária para fazê-lo.

Estas são, caros amigos, as palavras que frequentemente ouvimos. Palavras que nos demonstram a fraquíssima força de vontade de todos quantos as proferem.

Para que vejais, caros amigos, o poder da força de vontade, quando impelida pelo desejo veemente de nos elevarmos acima das paixões humanas, farei, a largos traços, o relato do episódio trágico e final de uma das existências de uma alma que, embora animada num corpo frágil por natureza, teve a força suficiente para, desprezando as falsas glórias do mundo, abraçar amorosamente a palma do martírio, atingindo por esta forma alta perfeição.

Caros amigos, o vasto circo romano acaba de abrir suas portas, entrando impetuosamente a multidão imensa, que estacionava fora, ávida de presenciar o espetáculo que Nero anunciara.

Num instante o grandioso anfiteatro estava repleto de povo.

Nas arquibancadas, podiam ver-se os tribunos, cônsules e altos dignitários do palácio, e damas que, com grande escândalo e impudicícia, ostentavam seus corpos apenas velados pela finíssima gaze das suas túnicas orientais, surpreendentes de pedrarias.

Num dado momento, todos se ergueram, e, des- tacando-se da tempestade de aplausos, ecoaram no recinto as aclamações de:

- Salve, ó Divino!
- Salve, Augusto!
- Salve, ó César!

Nero acabava de aparecer na tribuna régia, acompanhado da Imperatriz. O tirano, que vestia túnica de cor ametista e trazia a fronte cingida pela coroa de ouro, onde cintilavam esplêndidas esmeraldas, sorrindo com satisfação, inclinou-se perante aquele povo que lhe tributava honras qual se fôsse ele um deus.

Aquele coração insensível, aquela alma poluída pelo lodo da devassidão e ignomínia, não sabia que era profundamente odiado pelo povo romano.

Infeliz Nero! Não percebia que aquelas demonstrações eram unicamente o fruto do medo, pois a sua malvadez e perversidade eram sobejamente conhecidas de todos.

New sentou-se ao lado de Popeia, criatura satânica que, sob um rosto de anjo, escondia alma trevosa e endurecida no pecado.

Perante a impaciência do povo, o déspota estirou o braço, e imediatamente as portas do cubículo se abriram, sendo precipitada na arena do circo uma leva de seres humanos violentamente empurrados pels guardas. Aquelas inermes vítimas foram avançando até ao centro da arena, e, fixando os olhos no velarium, uns de pé, outros ajoelhados, principiaram a entoar hinos a Jesus.

Infelizes! Ali havia mulheres, velhos e crianças, com os rostos desfigurados pelas privações, todos pobrememente vestidos. A multidão encetou ensurdecadora vozeria, gritando:

- Os cristãos! Os cristãos!

Os tribunos e paladinos contemplavam silenciosamente o triste espetáculo, bem adivinhando que em breve alguma coisa de terrível ia ocorrer.

Os cristãos, sem afastar os olhos do velarium, continuavam seus hinos a Jesus, alheios a quantos permaneciam em volta deles.

Nos seus rostos resplandecia a chama da Inspiração .

Subitamente, houve grande silêncio, silêncio tão profundo, que se podia perceber o mais leve rumor.

De todos os peitos irrompeu uma exclamação de espanto, e todos os olhares foram dirigidos a um mesmo ponto.

Nero, que já se dispunha a estirar novamente o braço para a ordem fatal, deteve-se a contemplar, altamente surpreendido, algo que acontecia na arena.

Nos seus olhos brilhava uma chama impudica, enquanto os lábios esboçavam satânico sorriso.

Na porta do cubículo acabava de aparecer Lídia Pompei. Erguendo altivamente a formosa cabeça,

a comprida cauda, da túnica, franjada de ouro, arrastando na areia embebida do sangue das últimas vítimas ali perecidas, a formosa donzela fora avançando lentamente, até reunir-se ao impressionante grupo que seus irmãos em crença formavam no centro do anfiteatro. Ali, erguendo ao céu os esplendorosos olhos e cruzando as mãos, juntou sua voz ao hino dos cristãos.

Que bela estava naquela atitude! As suas formas esculturais de estátua grega, o seu rosto an-gélico esplêndidamente belo, despertaram no seio da multidão os mais descontraídos sentimentos. O encanto nobre e altamente distinto que se desprendia da sua formosa figura, atraiu a simpatia dos tribunos e palacianos. Alguns murmuraram:

— E' Lídia, a nobre filha dos Pompei.

E alguns dentre eles, os mais ousados talvez, envolveram a figura de Nero com olhares ameaçadores .

Súbitamente, o tirano, que parecia devorar com os olhos a gentil criatura, inclinou-se para o servo favorito, segredando-lhe misteriosamente ao ouvido algumas palavras.

O escravo saiu da tribuna e apareceu na arena; e, aproximando-se de Lídia, lhe murmurou:

— Senhora, vossa beleza helénica caiu em graça de César, que vos concede perdão, e ordenou-me vos acompanhasse ao palácio. Dignai-vos, pois, se- guir-me.

Lídia, ao ouvir aquelas palavras, baixou os olhos, fitando o escravo. O seu marmóreo semblante ruborizara, pela indignação e vergonha que lhe . causara a indigna proposta, e, então, respondeu com firmeza:

— Podeis declarar ao vosso amo que Lídia Pompei prefere morrer mártir a ser a concubina de um devasso.

O escravo transmitiu a resposta de Lídia a Nero, e este, encolerizado, estendeu o braço.

Imediatamente ouviu-se o ranger da férrea porta, e entrou na arena uma dúzia de esfaimados leões, que se precipitaram, em espantosos rugidos, sobre os indefesos cristãos.

A multidão estrugiu novamente em infernal gritaria.

Os tribunos e paladinos voltaram o rosto, para não contemplar o terrível espetáculo.

Foi uma verdadeira carnificina humana!

Lídia continuava oferecendo ao Criador a vibração da sua alma puríssima.

Uma das feras aproximara-se e chegara a ras- gar-lhe a cauda da túnica; mas, como que espantada por alguma força sobrenatural, recuava... Aproximou-se outra vez, afastando-se novamente, deixando-se ficar, a pouca distância, a contemplá-la com olhos ávidos.

A donzela, ouvindo os tristes gemidos dos seus irmãos, baixou a cabeça, e, ao ver-se sozinha, de pé, no meio daqueles destroços de corpos ensanguentados, percebendo a fera, que a contemplava com olhos fosforescentes, elevou novamente a vista, exclamando:

— Meu Deus! Porque hei-de ser poupada? Serei talvez menos digna do que esses queridos irmãosinhos?

E, sem afastar a vista do velarium, estendidos os braços, avançou corajosamente ao encontro da fera que, ao vê-la aproximar-se daquela forma, en- colheu-se toda, e, dando um salto, precipitou-se sobre ela, enterrando dentes e garras naquelas carnes puríssimas, das quais jorrou abundantemente o precioso licor da vida.

Esta cena ocorreu no meio de geral indignação e escândalo dos tribunos e paladinos, que, conhecendo sobejamente a nobre procedência de Lídia, sentiram-se condoídos em seus corações, ao presenciar tão heróico fim.

Meus caros amigos, a breve narrativa que aca- - bo de fazer-vos tem o intuito de demonstrar quanto a vontade, querendo, será auxiliada pelo desejo sincero de chegar a uma certa perfeição. E considerai, meus amigos, que unicamente conheceis uma ínfima parte das memórias daquele ser privilegiado. Algum dia, sabereis que, naquele sacrifício, se achava envolvido outro sacrifício, muito maior, mais nobre, mais sublime ainda, pois que ela atirava sobre si própria a mancha de uma ação não

cometida.

Sabia que, pronunciando uma palavra, se transformaria na mais feliz, na mais venturosa de todas as criaturas; sacrificava-se a um ser a quem adorava. Decidiu, pois, salvar aquela a quem amava, e palavra não lhe saiu dos lábios, morrendo duas vezes mártir. Mártir do seu amor à Humanidade e mártir do seu amor ao Cristo.

Procurai, pois, caros amigos, desprender-vos das imperfeições, e o conseguireis, se souberdes cultivar, desenvolver um desejo sincero de elevação acima das misérias humanas; e o conseguireis, se chegardes a convencer-vos de que, para atingir a perfeição, precisamos da dor e do sofrimento; e o conseguireis ainda, se vos compenetrardes de que todo o tempo que passamos imergidos na condição humana, representa bem pouca coisa, comparado com a própria eternidade.

Deixai, pois, caros amigos, que os vossos corações sejam sempre envolvidos naquela aura sagrada que outrora animava os mártires do Cristianismo.

Sacrificai-vos pelo bem dos vossos semelhantes. Procurai fazer-vos sempre bem dignos do santo nome de cristãos. E aos cépticos e materialistas, que além da matéria nada percebem, procurai demonstrar que, se se apresentar ocasião, sabereis morrer com o sorriso nos lábios, mártires do vosso amor à Humanidade, mártires do vosso amor ao Cristo."

\*

\* \*

Em 19 de Janeiro de 1926, Alda me fêz esta despedida, por escrito:

"Lamento que a vidente da qual te utilizas não esteja mais desenvolvida, pois dificilmente poderá ver-me, visto a sua potência visual alcançar apenas as baixas atmosferas.

Desde que esta será a última vez que obterás comunicações minhas, nesta existência, vou expandir-me.

Saberás, meu irmãozinho, que eu não posso sentir pelos seres de tua família o mesmo afeto que nutro por ti, especialmente por minha irmã Alda (tenho outra irmã que tomou o mesmo nome) a quem não conheci na matéria, pois, quando ela encarnou no teu ambiente, eu me encontrava no Espaço.

Contigo é outro o caso, meu irmãozinho querido, pois deves saber que o nosso afeto vem de longínquas existências. E' de remotas eras que venho seguindo os teus passos.

Já sabes, conforme te disse em outra oportunidade, que a minha última reencarnação foi para *completar o tempo que me faltava* para terminar a anterior, que me foi tirada antes do tempo, segundo saberás mais tarde.

Agora, bem podia haver encarnado noutra lar, e se o fiz naquele em que estavas, foi pela razão seguinte: quando apareci no Espaço com o nome de Lídia Pompei, soube que estavas novamente na Terra; e como vi que esta tua existência era marcada para receberes a luz, que devia encher a tua alma e inclinar-te pela senda florescente da Verdade, decidi tomar corpo no teu lar, pois bem sabia que, mais tarde, ao aparecer no teu caminho, para ser a guiadora dos teus passos na senda santa da Verdade, teria mais força atrativa, usando o nome de Alda Fonseca, e não aquele de Lídia Pompei.

Compreendes, meu irmãozinho? Esta é a razão por que não sinto a mesma intimidade de afetos pelas pessoas da família, qual a que sinto por ti. "

•

Na sessão solene feita para suas despedidas, a mesa ficou repleta de flores, pois todos os assistentes gostavam muito das preleções de Alda e quiseram prestar-lhe delicada homenagem.

O médium, por demais sensitivo, reproduziu esta última preleção, com voz visivelmente tristonha

:

— Dai-me forças, Santo Deus, para poder afastar-me deste ambiente tão querido.

Meus queridos irmãozinhos, o grande amigo Adriano vos disse certa ocasião: "O Universo é uma corrente suspensa na imensidade, cujas pontas são seguras pelas mãos do Criador."

Quanta sublime verdade contida nestas admiráveis palavras!

Irmãozinhos, deveis, saber que todos fazemos parte de uma engrenagem infinita, disposta pelas mãos augustas do Criador, e, quando vemos que um dos elos dessa corrente misteriosa se acha enfraquecido, estamos sempre dispostos a reforçá-lo, para que a criação possa reinar sempre em harmonia perfeitamente equilibrada.

Por isso, irmãozinhos queridos, hoje desço a este recinto para despedir-me de todos, pois sou chamada a um outro mundo, que o olhar humano não pode perceber, tão grande é a distância que dele vos separa!

Irei tomar matéria, mas tão leve, tão diáfana, que se tornaria completamente invisível às vossas vistas.

Lá, a existência desliza suave, e as sombras do pensamento são a imagem daqueles que lá vivem. São tão sublimes, tão excelsas, que transformam aquele mundo longínquo num verdadeiro paraíso de delícias.

Ausento-me, pois, irmãozinhos queridos; jamais, porém, penseis que me esqueça de vós. Nos momentos de repouso, também saberei elevar-me nas atmosferas daquele mundo afastado, espalharei sobre vós ondas de simpatia.

Peço-vos, irmãozinhos queridos, jamais vos esqueçais de mim. Rogo, também, sigam os conselhos que vos venho dando, principalmente quanto a se afastarem do egoísmo, que é sentimento indigno, petrificador dos corações.

Ao contrário, sede caridosos, e nunca ambiciosos; não entesoureis riquezas, pois, para que serviria amontoar riquezas, se estas não têm entrada no reino de Deus?

Consolai os aflitos; enxugai o pranto dos que sofrem; assim procedendo, irmãozinhos queridos, conseguireis ganhar os imensos tesouros do Céu.

Triste de quem pensa unicamente em elevar pirâmides de ouro! Infeliz, pois não sabe que essa pirâmide deve ruir e precipitá-lo na mina. Desdenhai dos falsos gozos mundanos; vêde que, para fruir uma felicidade precária, podereis comprometer o êxito de uma existência inteira.

Recebei sempre com agrado as provações que vos forem destinadas; não importa sejam árduas e magoem vossos corações.

A existência humana é breve qual sombra que se apaga ao sopro gélido da morte. Mas, se for bem empregada, formosa e sempre fúlgida, resplandecerá no Infinito!

Sede sempre misericordiosos. Triste de quem se torna insensível ante os sofrimentos alheios! Triste, porque mais tarde, ao achar-se nas trevas, sem luz que o ilumine, baterá em todos os corações e estes permanecerão surdos aos seus gemidos; não encontrará um só que o ilumine.

Amai-vos todos, irmãos, amai-vos sempre, e segui os conselhos que neste momento estou dando. Assim atingireis a perfeição, e, ao desprender-vos da matéria, remontando aos espaços infinitos, podereis juntar vossas preces aos cânticos de glória que do Universo inteiro se elevam ao Criador.

Flores queridas, quero envolver-vos todas nos fluidos do meu amor, para que estes irmãozinhos diletos guardem alguma lembrança minha.

(Dirigindo-se ao seu irmão material):

— Não quero que te aflijas, irmãozinho querido. Sossega tua alma, tua aflição me causaria tristeza e diminuiria a minha glória.

Não penses que nossa separação seja coisa tão demorada; o tempo que passamos mergulhados na Humanidade representa menos de um segundo no grande relógio da Eternidade.

Pensa, unicamente, no dia feliz em que nos encontraremos no Espaço. Então, aprenderás certas coisas que tua alma, enleada nos liames da matéria, ainda não pode compreender. E, quando envolvido nos brilhantes reflexos daquelas esferas do Além, verás quanto é imensa, pura e santa a chama do Amor.

Senhor, peço-vos de novo envolver estes irmãos na vossa aura divina, para que possam terminar com êxito a sua triste missão na Terra, e vencer todos os obstáculos até galgarem essa grande

morada da Espiritualidade.

Adeus irmãozinhos queridos, até à Eternidade-"

Terminada essa comovedora oração, saiu da corrente e foi despedir-se de todos, dizendo, a cada um de per si, uma frase amorosa e consoladora.

Em seguida, fundiu as flores levadas pelos assistentes em última lembrança.

\* \*

Querendo dar neste Apêndice os mais proveitosos esclarecimentos para os neófitos, fiz várias consultas ao nosso bom diretor espiritual, Adriano, e ele, sempre bem disposto, fomeceu-me os ensinamentos que seguem:

## I

Caro Adriano, Alda já era um anjo antes de encarnar em minha família; teve aquela morte horrível no anfiteatro de Roma, trucidada pelos leões, e porque ainda veio ter um fim tão doloroso, morrendo queimada? Precisava o brilhante de mais uma lapidação?

Resposta:

"O brilhante não precisava de lapidação. Ele próprio, terminado o seu desejo de encarnar em vosso lar por causa do que já sabeis, para melhor insinuar-se em vós, que melhor lhe obedeceríeis, escolheu ser vossa irmã carnal; realizado esse desejo, ela própria provocou o seu destino, doloroso para vós, não para ela, cuja alma nada sentia, a não ser a emoção sublime que vos atrai, já de tão remotas eras. Naquele momento, a matéria não deixava sentir sensação dolorosa alguma em sua alma pura, que se elevava com alegria aos brilhantes espaços a ela propícios."

## II

Caro Adriano, quero fechar com *chave de ouro* a minha pequena contribuição em prol do Espiritismo. .. Assim, pretendo *estender-me* no romance de minha irmã; mas, sem o vosso auxílio, sinto-me fraco. Por isso, peço dizer-me:

Fui tão mau nas minhas encarnações anteriores, que ainda estou peregrinando neste "*mare magnum*" de *podridões*, desde o tempo de Nero? Não tive outras encarnações nesse interregno, desde o tempo em que me chamei Virgílio? Não fui, numa dessas encarnações, juiz em França? Lídia Pompei não teve outras encarnações até chegar a Alda Fonseca ?

Resposta:

"Precisamente mau, não fostes, meu caro amigo; mas, diversas vezes caístes e fostes forçado a usar de novas etapas para reerguimento. Sirva, porém, de conforto o saberdes que, na senda em que vos encontras, nova queda é mais difícil, pois agora avança bem guiado e melhor acompanhado do que outrora.

Tivestes diversas encarnações após o tempo de Virgílio, encarnações que foram bem proveitosas à vossa alma, pois sensibilizaram o vosso coração, a ponto de ornamentá-lo com os sentimentos generosos, próprios de uma alma bem preparada.

Postes juiz, sim, e justamente essa a causa da atração que a grande Jeanne d'Arc sente por vós. Fostes um dos poucos que, ao rever o célebre processo da sua condenação à fogueira, soube verificar a inocência daquele anjo, sempre convencido de haver vindo predestinada do Alto.

Lídia não teve outras encarnações até chegar a ser Alda, pois tinha-se constituído em vosso anjo guardião, e, despida da matéria, podia melhormente aproximar-se de vós e auxiliar-vos."

## III

Lídia Pompei esteve quase 19 séculos no Espaço; fazendo quê? Guiando-me? Parece que não, porque fui muito desviado do bom caminho. Esperando-me? Também não, porque me deixou no

momento mais feliz da minha vida, e a mim coube procurá-la; mas, quantos séculos devi e devo perambular para àtingi-la? Que fazia, durante todo esse tempo?

Estas informações são para o *apêndice* do seu romance; por isso espero informações bem claras para que as possa incluir no livro.

Resposta:

— "Caro Amauri, o anjo que responde ao nome de Lídia esteve durante tanto tempo no Espaço infinito justamente velando por ti.

Em cada uma das tuas encarnações, ela se constituía teu anjo guardião, e, sem os seus cuidados, sem os seus desvelos, pelo teu único e próprio esforço não terias chegado ao ponto em que te encontras.

Quando abandonavas a matéria, tu a encontravas sempre no Espaço; e, ao veres a distância que te separava ainda, novamente descias ao ambiente anterior, confortado com as consolações que dela recebias.

Falias novamente; e que outra coisa podia ela fazer senão esperar-te, esperar sempre?

E os momentos em que se via livre dos cuidados que o seu santo amor te dispensava, empregava-os em trazer conforto a outras almas encarnadas, iguais a ti, que se agitavam em outros ambientes. A alma elevada jàmais permanece na inatividade!

Não deves perambular muito, para dela te aproximares.

Lembra-te de que quando a um ente encarnado são *permitidas certas revelações*, é porque delas se tornou digno, e não está longe o termo de uma qualquer missão.

Sim, ela te guiava, durante estes séculos, pela senda do amor e do bem. Não era sempre que obedecias à sua influência, delicada e sutil. Eis a razão das tuas quedas, que teriam sido ainda mais numerosas, se ela não te acudisse.

Chegou o momento em que a tua alma devia receber o batismo da graça da Nova Revelação; ser fecundada com a cintila das santas inspirações, e, para ter mais força de persuasão, ela encarnou no teu ambiente, na pessoa de Alda.

O resto bem o sabes; ao aparecer-te um pouco mais tarde, sob a forma de irmã carnal, foi justamente para melhor insinuar-se no teu coração, que por ela transbordava de amor fraternal, e desta forma acabar de inclinar-te para a senda santa que hoje trilhas."

## IV

Caro Adriano: Para estudo meu e de meus companheiros, peço explicares o seguinte, se não for indiscrição: Zoráida, na última encarnação, chamou-se *Adalgisa* e atualmente adota aquele nome.

Alda, na penúltima encarnação, chamou-se Lídia e adota o nome da última encarnação, apresentando o perispírito de Lídia... Como se explica isso?

A resposta veio em plena sessão, sendo taqui-grafada pela nossa prestimosa taquígrafa Srta. Elvira Arantes:

— "Caro amigo Amauri: Aproveitei este momento para dar os esclarecimentos solicitados. Agi assim, porque podem servir também de ensinamento para quantos se acham neste momento comungando contigo.

Caros amigos: — Conforme todo crente em nossa doutrina deve saber, vós também sabereis que o ente encarnado é composto de três elementos completamente diferentes: a alma, o perispírito e o corpo, ou matéria.

A alma, que é o princípio inteligente, ou seja a cintila dimanada da Entidade Divina, acha-se revestida do perispírito, que é um corpo mais ou menos etéreo, mais ou menos rarefeito, mas sempre formado de matéria, e, conforme a alma seja mais elevada, mais pura, tanto mais rarefeito, tanto mais transparente e ligeiro será o perispírito.

O perispírito é o elemento que une, por assim dizer, a alma ao corpo; é o intermediário entre um

e outro.

A alma não poderia, de forma alguma, transmitir a vontade ou fazer-se obedecer pelos órgãos materiais, senão pelo perispírito, que é, por assim dizer, o fio condutor do pensamento e da alma.

Dizem caros amigos, elementos espíritas, isto é, crentes de nossa doutrina, que o perispírito guarda sempre a última forma que a alma revestiu durante a encarnação terrena.

Essa é, por assim dizer, a explicação verdadeira; mas, para falar com exata propriedade, o perispírito não *guarda forma alguma*.

O perispírito é capaz, peja vontade da alma, de revestir tantas formas quantas deseje. Portanto, à alma nunca será difícil apresentar-se num ambiente, revestindo, apresentando a forma de uma encarnação, e até no próprio ambiente, se assim lhe aprouver, descer apresentando a forma de uma existência longínqua da outra que apresentara primeiro.

Elis a razão por que, muitas vezes, acontece que, para os principiantes, para aqueles que não têm ainda a fé consolidada, esses fatos apresentam matéria de dúvida. Assim não devia ser, no entanto; pois, quem conhece as leis dos fluidos, sabe que a matéria obedece sempre à alma.

E' bem verdade que, em alguns casos, a alma se deixa dominar pela matéria; mas, isso é pela sua própria vontade, porque acha prazer nessa obediência; mas a lei que rege os destinos da alma é sempre o domínio desta sobre a matéria.

O perispírito obedece e obedecerá sempre à vontade e desejo do próprio Espírito, e quanto mais elevada, quanto mais pura for a alma, também o perispírito será mais puro, mais etéreo, mais diáfano e obediente ao impulso da alma.

Pergunta-se, às vezes, porque certas almas parecem sentir, descendo ao ambiente humano, predileção por certa existência anterior à última.

E' um fato naturalíssimo, e justamente esse fato costuma ocorrer com almas elevadíssimas, qual, por exemplo, a de tua caríssima Zoráida de Monte Branco.

Ela, desde aquela noite tão venturosa em que se iniciou neste ambiente, tão nosso querido, apresentou-se sob a forma da estremecida Zoráida, quando a sua última encarnação não foi essa, nem também a sua última encarnação na Terra, como supões, caro Amauri. A sua última encarnação foi apenas de dois meses, num ser que se achava em ambiente que ela vinha preparando para poder manifestar-se; cumprido esse desejo, sua existência findou. Foi tão breve que, por assim dizer, não lhe confere importância alguma.

As almas elevadas, que atingiram mais ou menos uma certa perfeição, portam-se de maneira diversa dos entes humanos. A Criatura humana sempre acha mais satisfação, mais prazer em lembrar-se daquelas ações que a podem realçar às vistas dos outros, e às de si própria, procurando deixar apagadas, nas dobras do esquecimento, aqueles feitos que não a favorecem. Entretanto, com as almas elevadas, ocorre justamente o contrário. A vossa caríssima protetora Zoráida sempre sente mais inclinação para evocar a existência em que revestiu essa forma de Zoráida, por isso que ela lhe aponta sempre faltas: orgulho, altivez, soberbia, que a perderam em tal encarnação; e, no entanto, procura sempre deixar esquecidas as cenas da vida em que, sob o nome de Adalgisa, se elevou às alturas em que atualmente se encontra, graças ao sublime sacrifício que foi capaz de realizar.

Eis o motivo por que se apresenta com o nome de Zoráida, e tem sempre mais atração por este nome do que pelo outro. Mas, não é só esta a razão por que procede dessa forma. Há outra, que continuo a explicar:

Todos vós sabeis que a nossa alma desce ao elemento humano, ao plano terreno, atraída unicamente pelo afeto sublime, pelo sentimento do amor.

Zoráida foi atraída a esse ambiente, porque, desde aqueles tempos, se encontravam aí reunidos, formando uma bela combinação, vários entes que fizeram parte daquela existência em que ela fora

*Condessa de Monte Branco*<sup>4</sup>.

Foi por essa força de atração que, das radiosas alturas onde se encontra, se viu forçada a descer. Era natural que, ao baixar dessas atmosferas até este recinto tão caro, fôsse revestindo, qual o fazem todos os Espíritos, a forma humana, pois essa é a lei natural a que obedecem todas as almas ao penetrar no ambiente do qual outrora fizeram parte.

Ela, conscientemente, evocava, quando descia, aquelas eras passadas e, vendo os entes que formavam parte de suas amizades, sentia-se novamente Condessa de Monte Branco, e, todas as vezes que aqui retornava, encontrando aquelas almas com que convivera, isto acontecia.

O próprio caro Amauri também se achava nesse número, e eis a razão por que ela se conservava Condessa de Monte Branco.

Esse é o fato verdadeiramente natural.

A alma, ao apresentar-se no ambiente humano, precisa de um conjunto que mais ou menos a possa tornar visível, tangível, e então fácil se toma aí condensar a matéria rarefeita e diáfana do seu perispírito e *dar-lhe a forma que julgar mais conveniente*.

Elis a razão por que certas almas extraviadas, almas perversas, se apresentam às vezes, à visibilidade dos médiuns, sob aspectos horripilantes, formas satânicas, aparências que as almas imperfeitas estão longe de possuir. E isso o fazem apenas para ferir a sensibilidade daqueles que as contemplam; para amedrontar e causar pavor, forçam o perispírito a tomar conformações fantásticas, tipos que não existem.

Creio, assim, que tereis compreendido perfeitamente a razão de Zoráida manifestar-se neste ambiente, adquirindo a forma daquela etapa, na qual fora Condessa de Monte Branco.

Em outro ambiente, onde revive remotas eras, uma existência na qual respondia ao nome de Zulima, tem-se ela manifestado diversas vezes, revestindo a forma da bela árabe, que tanto infortúnio causou, devido à sua maravilhosa beleza.

Quanto aos esclarecimentos solicitados a respeito de vossa irmã Alda, lendo a última passagem das memórias que há pouco foram terminadas, meditando profundamente naquelas páginas, deveis ter compreendido, caro amigo, a razão dos afetos que tanta estranheza vos causaram, e a outros.

Reparai bem no seu último encontro no Espaço com o seu irmão, ou, para melhor dizer, com aquele que nesse encontro revestiu a personalidade de Virgílio, o ente a quem tanto amara.

Lembrai-vos de suas palavras, quando lhe diz: "Volta novamente à Terra, pois bem podes ver, irmãozinho querido, que ainda não podemos caminhar juntos por estes espaços. Eu serei o teu anjo guardião, sempre pronto a descer para te auxiliar e preservar de qualquer perigo. E quando eu vir no relógio da eternidade marcar a hora aprazada, então novamente revestirei a matéria e encarnarei no teu próprio lar."

Essa existência para ela passa quase despercebida, pois o seu intuito era reencarnar em vosso ambiente familiar, constituindo-se vossa irmã carnal. Ela sabia que, nessa existência, estáveis destinado a receber a luz divina da inspiração, a luz da nossa doutrina, que tantos benefícios devia causar-vos.

Sabia que, descendo, manifestando-se neste ambiente tão caro para ela, com o nome de Lídia Pompei, não teria a força que teve, fazendo-o com o nome de vossa própria irmã carnal. Aida Fonseca, pois vós não poderíeis de forma alguma (e é isso muito natural) sentir as vibrações de uma Lídia, o que era obstado pelo véu de existências anteriores, que cai sobre a lembrança de todas as almas encarnadas; mas, as vibrações seriam por vós sentidas mais de perto, mais harmoniosas e convincentes, sabendo que quem vos iniciava na senda espírita, quem impulsionava os vossos passos pelo caminho do progresso e perfeição era a vossa irmã, Aida Fonseca, que compartilhara dos vossos jogos da infância.

<sup>4</sup> (1) *Esses* entes eram os irmãos Charles Corbert e Pelágio de Arruda. Ignoramos se havia mais alguns

Eis a razão por que ela tem somente em mira essa existência. Toda vez que baixava a este ambiente, sentia-se Lídia Pompei, pois através de sua perfeição era a existência que lhe tinha deixado a lembrança mais dolorosa, existência na qual realizara o mais sublime dos sacrifícios, de vez que, sendo pura e inocente, atraiu a si uma nódoa, unicamente no intuito de salvar da maledicência, e da punição, um ente muito caro.

O fato de o Espírito variar em suas manifestações é simplíssimo. O mesmo Espírito, quanto mais elevado for, ao manifestar-se por médiuns diferentes, jamais poderá expressar-se de modo idêntico, com um e com outro.

Deveis saber que as almas elevadas e sublimes, desprendidas completamente das escórias da matéria, para se manifestarem, agem de maneiras diversas das almas atrasadas, ou sofredoras. Estas, possuindo o seu perispírito quase material, vêem-se obrigadas, pela falta de força, a aproximar-se, a insinuar-se no médium. Às vezes, a sua aura assemelha-se à aura do médium, e, por essa circunstância (quase afim), julgam falar com o seu próprio corpo, quando o fazem pelo corpo do médium.

As almas evolidas, purificadas, não raro dão a comunicação *bem distantes do corpo do médium*, e quanto mais elevada a alma, será maior a distância; isso, porém, não obsta a que se aproximem para distribuir passes aos assistentes, momentos em que são forçadas a insinuar-se mais na aura do médium. Mas, nas comunicações usuais, muitas vezes o *Espírito se acha bem distante*; basta só o cordão fluídico, basta só insinuar-se nas células cerebrais do médium, que é, no caso, a parte principal.

As células do cérebro humano são reservatórios de ideias, conceitos, palavras e frases ali armazenadas pela educação intelectual do médium, ou conservadas do labor de existências anteriores. O Espírito comunicante, ao escolher as frases, os vocábulos, as expressões, sendo uma alma elevada, procurará os conceitos, ideias e palavras que tiverem mais afinidades com a sua maneira de se expressar quando estava na Terra. Portanto, se o aparelho que ele atuar for um médium de ideias pobres, apesar da força prodigiosa, apesar do grau de elevação da alma que nele atua, não poderá manifestar-se qual o conseguiria através de um cérebro rico de frases, de expressões e ideias aprimoradas.

Um exemplo, caros amigos, vou dar-vos: Procurai um grande compositor de música, um desses artistas que transportam a um instrumento todos os sentimentos afetivos de sua alma, todas as vibrações da sua inspiração.

Se o instrumento que lhe destinam for imperfeito, rústico, pobre de sonoridade e de efeitos melódicos, será em vão, será inútil que ele se esforce, que trabalhe; as concepções, as suas composições forçosamente não darão os resultados desejados.

Dêem-lhe, entretanto, um instrumento aperfeiçoado, rico de sonoridade, impecável em harmonia, e então, caros amigos, preparai-vos para ouvir as inspirações melódicas, as vibrações celestiais mesmo, que conseguirá o artista tirar do instrumento que lhe destinais. Esse exemplo é o que mais se aproxima do assunto de que tratamos. Eis a razão por que podemos por um aparelho expressar-nos com maior suavidade, mais beleza de sentimentos e fecundidade de expressões, do que por um outro.

A prova a tendes em que Alda, essa alma sublime, toda bondade, pureza e amor, manifestou-se a primeira vez pelo vosso médium Artur, porém, insinuou-se apenas no aparelho do vosso médium. Qual a razão da preferência? Porque encontrava mais afinidade, -mais fluidos a tirar dele.

Dizer que Lídia Pompei, ou seja a vossa Alda, se manifestou desde a data memorável em que se despediu de vós para subir àquele mundo superior, dizer que, desde aquela data, ela se manifestou em outro ambiente, terreno, é falso, completamente falso.

Deveis, caro Amauri, levar em conta as minhas palavras anteriores, quando afirmei que somos atraídos a este ambiente pelos sentimentos de amor. Deixaria ela de se manifestar aqui, quando sabeis muito bem os laços de amor puro e sacrossanto que vos unem?

Desde aquela data em que subiu ao mundo cristalino onde se acha, ela se manifestou unicamente neste ambiente, pela maneira que conheceis, e, enquanto se encontrar naquele mundo superior, não lhe é possível fazê-lo de outra forma.

Ela é uma alma bastante elevada, e não será por simples capricho de qualquer médium que poderá descer ao convívio humano e manifestar-se justamente num ambiente contaminado.

Portanto, julgo terdes ficado convencidos, vós e todos, dos ensinamentos que, com a permissão do Todo Poderoso, julguei dever dar-vos. Que eles vos sirvam para o futuro, para que jamais a dúvida se aposses de vossa alma, mesmo porque não há razão para isso. "

## Reencarnações

Felizes aqueles que crêem sem exigir provas.. .

A lei das reencarnações cada vez se manifesta mais exuberante! Ultimamente, entrámos no conhecimento de várias existências de seres encarnados e desencarnados; isso é o prenúncio de grandes demonstrações, que aguardamos com certa impaciência, embora pouco adiantando, pois só temos direito de conhecer aquilo que merecemos, e isso em tempo oportuno.

Zoráida de Monte Branco, ou simplesmente a nossa querida Zoráida, foi Adalgisa, um anjo de bondade, bem descrito no romance que traz o nome dessa nossa protetora. Antes disso, foi Zulima, uma encantadora árabe, cuja história já foi contada pela nossa jovem colaboradora do Além — Darcília, em os números 62 e 95 de "O Espírita Cristão". Teve mais uma encarnação de poucos meses. E' provável, quase certo mesmo, que tivesse mais algumas.

De minha irmã Alda só conhecemos a longínqua encarnação de Lídia Pompei, que vem do tempo de Nero.

Nessa época, eu fui o Virgílio, um dos protagonistas do romance de Lídia.

Antes disso, *confabulámos* no Espaço; já vínhamos, portanto, de uma encarnação anterior!

No tempo de Jeanne d'Are, fui juiz em França. Fui um dos poucos que não encontraram motivos para sua condenação. Daí se origina a proteção que esse grande Espírito me tem dispensado.

Em um romance que está em preparo, sob o título de *Na Época do Terror*, fui o Barão de Lis, segundo participação por escrito de sua autora, nossa querida Zoráida. Isso, no tempo da Bastilha, onde fui devorado pelos ratos. Que belo destino!...

Em uma das existências de Zoráida, fui seu conhecido — o Capitão Alonso — um grande estróina, que a raptou, quando fazia ela parte de um harém onde brilhava pela beleza. Foi no tempo da Rainha Isabel, a Católica, de Espanha, e se chamava Zulima... Assassinou-me, por ciúme, suicidando-se em seguida.

O irmão Raul Sacchi, por intervenção do médium Surinach, veio a saber que foi Pólux, no tempo de Tibério. O seu romance já está impresso sob o título de *Fogo Divino*.

Na sessão de 6 de Novembro de 1928, Berta de Ruan participou que seu protegido Alarico de Anteguera já estava encarnado na Itália.

Nosso irmão Luís Gogliano foi o Ali-Ali do romance *Sombras do Passado*, e o nosso anjinho DarcUia foi a Kaby.

O Espírito de meu pai — Antônio Augusto Pereira da Fonseca — está encarnado em minha netinha Ivonne Esberard. De sorte que sou avô de meu pai...

O Dr. Pedro de Monte Ablas, Juiz Federal, tem o Espírito de Alfred Dupont, um emérito jogador de bilhar em Paris. Conservou reminiscências dessa longínqua existência, pois é um *taco* de primeira ordem.

A inspirada poetisa, D. Rosália Sandoval, é portadora do Espírito da célebre Mme. Stael, ainda hoje citada por vários escritores.

Meu filho Sílvio tem encarnado o Espírito de Antônio de Souza Brandão, um maestro compositor de músicas, desencarnado há mais de meio século. Guarda reminiscências de sua penúltima

encarnação: compõe e toca piano sem ter aprendido música.

Aurélio, um dos personagens do romance *IÁ- dia*, baixou em nossa reunião de 19 de Maio, ainda grande sofredor. Já com outro nome, tornou-se gladiador, fazendo dezoito vítimas, e perecendo na décima-nona luta.

Esteve nas trevas 18 séculos! Na sessão seguinte, veio despedir-se, por ter de encarnar novamente, daJL a 16 dias, na Hungria.

## Colaboração

Nossas resplandecentes protetoras Zoráida e Darcília também quiseram colaborar neste Apêndice. Suas palavras trazem muita instrução, além de um consolo e uma esperança que nossas almas prisioneiras não podem ainda bem aquilatar.

Eis a co-participação de Zoráida:

"Nestes Espaços brilhantes flutuam falanges resplandecentes, almas que são atraídas pelos mais puros e santos afetos.

Conheci Lídia e logo a amei. E porque não a amar, se é um anjo de luz?

Incorporou-se à minha falange, que atuava, como bem sabeis, no vosso meio.

Ela assim o fêz, meu caríssimo amigo, porque se aproximava a hora da sua entrada no mundo superior em que atualmente se encontra, e queria, antes de partir, reavivar as vossas lembranças, tornar-vos conhecedor dos laços indestrutíveis, que a ela vos ligam desde as mais remotas eras, para .que esse conhecimento fôsse o incentivo que vos impelisse a não abandonar a senda para a qual, com tanto esforço, ela própria vos inclinou.

Ao ver o seu nobre anseio e os delicados sentimentos que ornamentam sua bela alma, arvorei- -me em sua mestra, toda vez que ela precisava de alguém que a iniciasse na tarefa de comunicar-se convosco, ainda preso nesse mísero planeta.

Não sabeis quanto é difícil e espinhosa a missão de uma alma suave e pura, que deseja infiltrar os sentimentos sublimes, que ela própria possui, no coração daqueles que ama, mas que ainda se encontram engolfados na Humanidade terrena.

E que seria, então, dessa pobre Humanidade, sem o auxílio poderoso dessas almas luminosas que a protegem, que a envolvem na sua luz benfeitora, nos eflúvios suaves do seu amor puríssimo, que dirigem seus passos vacilantes e incertos pela senda da perfeição? Que seria de vós, meu caríssimo amigo, sem o amparo desse anjo que tão abnegadamente se deteve na sua trajetória através do infinito, com o louvável desejo de algum dia, juntos, poderdes caminhar pelos espaços em obediência à lei sublime da harmonia universal?

Bem soube ela cumprir a missão que se impusera e melhor aproveitar os meus pobres ensinamentos.

Continuai, pois, caríssimo amigo, avançando intrêpidamente pela senda florescente, para a qual, repito, com tanto esforço ela própria vos inclinou.

Lutai sempre, meu amigo, contra as mundanas paixões, contra as vaidades efêmeras do mundo de expiação.

Lembrai-vos de que esse anjo de pureza imaculada vos disse, não uma, porém, muitas vezes: para a alma atingir o templo sacro da pureza e da perfeição, é-lhe necessário primeiro revestir-se da aura harmoniosa do amor e na frente sustentar da Ciência a chama sublime.

Eis a colaboração do nosso anjinho Darcília:

"Que o Todo Poderoso derrame sobre ti, meu papaizinho, o seu orvalho de divino amor. Conforme prometi, aí vai a minha pequenina revelação.

Nestes espaços, as almas reúnem-se conforme seu grau de elevação, ou pelas afinidades, ou pela atração que sentem umas pelas outras.

Assim, pois, formam grandes bandos ou falanges mais ou menos brilhantes. Eu, papaizinho, fazia

parte de uma que frequentava um ambiente do Rio.

Papaizinho sabe que eu sinto também atração pelo titiozinho, e um dia este me invocou em um ambiente frequentado pelo médium que te auxilia.

Desci e fiquei maravilhada ao ver os protetores, essas radiosas criaturas que volitam em volta do nosso médium.

Tive desejos de fazer parte dessa brilhante falange. Seduzida pelo sorriso amoroso da angelical Zoráida, aproximei-me dela solicitando-lhe se dignasse admitir-me a seu lado.

Acolheu-me com carinho, apesar da minha inferioridade, e tornou-se minha mestra.

Ela foi e é aquela que me inicia nas sublimidades dessa vida tão cheia de maravilhas e seduções. Eu já não a deixarei, pois a ela devo os meus pequeninos progressos, progressos que já satisfazem muito aos meus desejos de evolução.

Minha mestra falou-me, certo dia, de uma discípula que tivera antes de mim, um verdadeiro anjo de luz. Tão elevadamente me falou a seu respeito, que eu quis conhecê-la.

Imediatamente, minha mestra transportou-me até às atmosferas que a minha evolução permitia atingir.

Lá parámos; então, minha mestra invocou:

— Alda, anjo de luz, vem a mim!

Meu Deus! que maravilhosa e sorridente criatura vi aproximar-se de nós. Toda ela era beleza e irradiação! Minha mestra apresentou-me, e ela, meigamente, abraçou-me, e, pela nossa linguagem, que é a do pensamento, falou-me com sublimidade, com uma elevação e pureza de conceitos que eu jamais desconfiara pudesse assim exprimir-se alguém.

Que grande e santo amor dimanava das frases daquela celeste criatura!

Lamento, papaizinho, que a vossa linguagem seja tão pobre de palavras, tão baldada de expressões! Renuncio mesmo a repetir-te o que ela me disse, pois perderia toda a grandiosidade e magnificência.

Breve foi nossa entrevista, pois, conforme o papaizinho já sabe, ela se acha cumprindo missão naquele mundo afastado de vós, mundo que irradia qual um diamante ferido pelos raios do Sol.

Quando se afastou, senti um pouco de tristeza. Sentia-me tão bem perto dela! E depois, com a demonstração do seu puro amor, parecia que reviviam, no meu "eu", antigas reminiscências.

Desde aquela ocasião, tenho-a visto mais vezes; frequentemente suplico à minha querida mestra acompanhar-me às mais elevadas atmosferas que eu possa atingir, para revê-la e gozar do seu afeto. Ela me ama, apesar da distância que entre nós medeia, e me encoraja sempre a avançar para poder aproximar-me dela.

Considera-te feliz, papaizinho, em gozar do amor daquele anjo de pureza.

Ela me disse muitas vezes que não te deixasse sozinho; que te acompanhasse sempre; eis a razão de eu descer sempre aos ambientes onde o papaizinho está.

Cumpro a recomendação da celeste Alda com muito gosto, pois também o papaizinho me atrai bastante.

Papaizinho, ama muito o Papai do Céu, não esqueças que a Ele devemos tudo quanto somos e quanto podemos ser. Ama também muito a Alda, a celeste criatura que outrora se chamou Lídia Pom-pei, e que nos espaços te espera com afeto santo. Ama também a pequenina

*Darcília-*

(Este anjinho trata-me de papaizinho, porque, realmente, foi minha filha em Cartágena, há pouco mais de dois séculos. Chamava-se Carmela... Sua última encarnação foi em Sertãozinho, no Estado de São Paulo, onde se chamou Darcília.)

## No mundo cristalino

O amor das almas deve ser um sentimento sublime, divino, que a inteligência humana não está

ainda habilitada a compreender.

Analise esse amor de Alda... Há mais de vinte séculos ainda perdura cada vez mais puro, cada vez mais atraente!

Para o Espírito, vinte séculos nada representam; mas, para os materializados, sempre significam fabuloso número!

Talvez seja esta a primeira vez que essas comunicações planetárias sejam praticadas. Aquele inglês que transmitiu um *rádio* para o planeta Marte, não percebeu que, mesmo lá chegando, a sua mensagem não seria compreendida, pois cada planeta tem a sua linguagem particular. Aqui mesmo, na Terra, quem, sem estudos especiais, poderá entender um turco, um alemão ou um japonês expressando-se cada um no seu idioma nacional?

Aqui ficam estas mensagens para estudo dos bem intencionados e para a crítica sempre mordaz dos cépticos e ignorantes.

## I

Depois de mediunizado e em estado de perfeita sonâmbulo, o médium descreve a sua elevação, em dedobrimento espiritual, a um outro mundo, monologando assim:

— Sim... Vou subindo... subindo sempre!... Meu Deus!... Jamais subi tão alto!... Que vejo? Uma esfera!... Como brilha!... E' um mundo!... Vejo uma rua... As suas casas parecem de cristal, tão brilhantes são!... Que sol!... Um ponto brilhante vai subindo até àquelas atmosferas que envolvem aquele mundo!... E' uma estrela!... Ah! toma forma!... E' um anjo... Já o vi outras vezes ... Onde ? Seria lá em baixo ?... Havia muito que não o via... Não! fazia pouco... Não sei se fazia muito ou pouco, pois nestas alturas se perde a noção do tempo... Eleva os braços para o alto... De sua frente emerge uma esfera brilhante... A esfera dá voltas vertiginosamente. Ela a pega e a atira na minha direção... Meu Deus! A esfera estala!... E as partículas fosforescentes e brilhantes vêm ao meu encontro... Ah!... são ondas luminosas... Já me sinto envolvido por elas... Ouço vibrações... palavras... dizem-me que as repita ... Sim... Obedecerei:

"Luz e progresso, paz e amor é quanto a todos desejo. — Alda.

Desde as atmosferas radiosas deste mundo tão afastado, irradio sobre todos vós, meus irmõzinhos queridos, aquelas ondas que vão emergindo do meu próprio pensamento. São ondas de simpatia, eflúvios do meu puro amor, sinceras demonstrações de que, apesar de me encontrar bem longe, ainda me lembro de vós, ainda minha alma estremece ao relembrar aqueles momentos que convosco compartilhava nesse ambiente querido.

Ah! Neste mundo superior tudo é sublime. Tudo elevado! Não precisamos do trabalho ingrato para ganhar o alimento do corpo; sustentamo-nos uns aos outros com eflúvios do nosso amor. Os edifícios em que moramos são todos formados pela nossa vontade, por isso são belos e sempre se transformam conforme o nosso desejo. Aqui não temos infância, nem passamos pela velhice. Saímos melhores do que entramos, porém gozando sempre eterna mocidade. Aqui não existe a noite escura, nem sombra, nem treva, nem luz difusa; este mundo é sempre envolvido na luz brilhante de um sol duplo, acompanhado de imensas estrelas. Nossos vestidos são sempre brancos, fluídicos, flutuantes. Quanto mais puras são nossas almas, mais eles se fazem etéreos e resplendentes. Não temos morte, e, quando deixamos este mundo, despedimo-nos dos entes caros, sem dor, nem mágoa, nem aflições, porque temos certeza de nos encontrar em algum outro paraíso encantado, sempre em procura da perfeição, que se resume em silêncio e amor. Às vezes, quando deslizando pela polida e cristalizada super\* fície dos caminhos que cortam artisticamente a campina toda alva, sento-me um instante sobre a relva prateada, que cintila os suaves reflexos da minha irradiação. Ali, sozinha, entrego-me a profunda meditação.

Sob a força evocativa do próprio pensamento, vai passando à minha frente a ideal fantasmagoria das minhas anteriores existências.

Diante de mim, passam aqueles quadros fugitivos em que tomei parte bem ativa, plena de imensa alegria, vendo que as minhas pegadas vão adquirindo insólito brilho.

Chega, finalmente, uma cena, repetida várias vezes, em que me vejo a mim própria num recinto adorado, rodeada de seres queridos, aos quais me sinto ligada pelos laços de uma intensa e atraente\* simpatia. Eles não me podem ver; porém, ouvem minhas palavras que, buscadas na puríssima e santa doutrina do Mestre, os vão impelindo suavemente pela senda da verdade e do amor. Em face de quadro tão belo, minha alma toda estreméce, e dos meus olhos desce lágrima cristalina, que vai brilhar na corola de preciosa flor, que, sob a força do meu desejo, vem surgindo junto a meus pés. Qual relicário sagrado, a flor fecha a corola, guardando no âmago aquela lágrima germinada pela vossa saudosa recordação.

Quem me dera, irmãozinhos queridos, ter-vos sempre bem perto de mim, para juntos podermos deslizar pela brilhante superfície deste mundo encantado, onde tudo é suavidade, púeza e amor.

Sede bons, queridos irmãos; sede sincera e profundamente humildes e resignados em todas as vossas provações.

Precipitai-vos corajosamente na chama do sacrifício, e dela saireis puros e dignos de habitar esta excelsa morada onde com amor vos espero."

O médium parece regressar, monologando:

"Meu Deus! Desapareceu! Afasta-se tudo... Vou descendo... descendo... Ah! não! Não quero! Aquela treva me assusta!"

NOTA — Querendo • saber o nome do planeta aonde foi a querida Alda, perguntamo-lo ao nosso diretor espiritual, e nos respondeu:

"Esse mundo não foi ainda registado na astronomia terrestre. Também o nome pelo qual é chamado pelos seus felizes habitantes não posso dizê-lo, porque não tem equivalente na vossa empobrecida linguagem. Todavia, se o quiserem, podem cognominá-lo Mundo Cristalino, pois esta é a definição que mais se lhe aproxima. — Adriano."

O médium monologando:

"Sim, vou subindo í... Que, imensidade!... A Cidade de Cristall!... Sim, é ela mesmo!... que irradiação!... Meu Deus! Que vibrações!

(Recebendo a mensagem):

"Luz e progresso! Paz e amor! é quanto a todos vos desejo, eu — Alda.

Neste momento supremo em que, pela segunda vez, irradio sobre vós, desde as brilhantes atmosferas desse longínquo mundo, sinto imensa alegria impregnada de alguma tristeza.

Sim, tristeza, motivada pelas vossas vacilações.

Quando pergunto aos guias, mensageiros infatigáveis que vão percorrendo de um mundo a outro:

— Como estão passando os meus irmãozinhos da Terra?

Eles respondem:

— Vacilando entre dúvidas, envolvidos nos véus densos da incerteza, e alguém dentre eles tão desanimado, que talvez se sinta impelido a deixar a senda bendita.

Ah! como sofro, então! A ser possível deixar este meu querido paraíso, e voando em asas do meu desejo, chegaria até vós, meus irmãozinhos queridos, para, como outrora, animar-vos, sustentar vossas forças, alimentar vossa fé.

Será possível, irmãozinhos, que vossa coragem venha a faltar?

Esquecereis, porventura, aqueles humildes conselhos que, com santo amor, eu vos dava?

Ah! Não quero acreditá-lo, pois tal ideia me deixaria sofrer. Quero, meus irmãozinhos, que, conforme me lembro de vós, minha lembrança também jamais se apague da vossa mente.

Lembra-vos sempre das minhas palavras, que vão sendo o fiel reflexo do puríssimo amor que minha pobre alma sente por todos vós. Jamais desanimareis; pelo contrário, avançareis sempre com firmeza por essa trilha que, embora espinhosa, é sempre iluminada pela luz do Alto.

Por acaso, ao caminhardes nela não sentis vossos corações embelezados pelas celestes vibrações e harmonias que vos chegam do Infinito?

Tu especialmente, tu, meu irmãozinho querido (ao nosso redator que foi irmão material desse anjo), não recuarás vergonhosamente, inutilizando por essa forma os imensos sacrifícios que tive de fazer para aproximar-me de ti. Sei que te achas lutando com grandes dificuldades. Chegam a ridicularizar-te, teus próprios familiares impelem-te a abandonar as práticas desta nossa pura doutrina; porém, não importa. Sem deixar de envolvê-los no teu carinho e amor, continuarás trilhando na mesma senda, na qual foste iniciado e onde nos encontramos tantas vezes. E pensas que o nosso encontro foi casual? Oh! não! Foi premeditado e de antemão estabelecido por mim, que desde várias existências venho envolvendo-te com os reflexos do meu purificado amor.

Avançai, pois, meus amiguinhos queridos, sem jamais perderdes a esperança. Que importa constantemente venham desabar sobre vós amarguras de toda espécie? Procurai tudo suportar com exata resignação. Não afasteis de vós o cálice amargo da dor. Abraçai com santo amor a cruz dos vossos sofrimentos, pois a dor e o sofrimento, quando bem recebidos e suportados com verdadeira resignação, possuem a propriedade de purificar as almas que, a cada novo choque doloroso, se vão desprendendo da ganga de suas imperfeições, sensibilizando-se e elevando-se a alturas inconcebíveis, tornando-se por esta forma dignas de fazer parte das felizes humanidades, de algum desses mundos superiores que, quais enormes diamantes e esmeraldas colossais, giram rapidamente na imensidade do Espaço, descrevendo brilhante trajetória em volta do foco excelso do qual dimanam Ciência e Amor, formas divinas da Perfeição."

(O médium monologando) :

"Ah! Sumiu-se tudo! Que tristeza ter de voltar ali... pobre corpo! Não quero... E' penoso... é muito triste... Sim, não chegou ainda a hora!..."

NOTA — Muita gente acha que isto é misticismo ou história da Carochinha: não importa, vão pensando o que a ignorância ou a maldade sugerir; mas, os tempos são chegados, e estas manifestações, tidas como fantásticas, hão-de impor-se pela sua continuação e pelo seu exame imparcial, isento de maldade.

### III

(O médium monologando: Seu Espirito se desprende e vai subindo):

"Que alegria! Vós, Humberto?... Eu sei que também vos amo... que astro tão formoso, resplandecente. .. que alma tão nobre, alma formosa!... Que irradiação se desprende dela!... Ela vem!... Vejo í Que sorriso meigo I Humberto, acompanho-vos, sim ? Oh! a estrela!... Que cores admiráveis í... Como sois formosa I Que harmonia de vibrações!"

(Começa a receber a mensagem):

"Paz e amor é quanto a todos desejo, eu, Alda.

Meus queridos irmãozinhos, sejam estas vibrações que vos trago do mundo cristalino e que minha alma espalha, o orvalho celeste e divino que neste momento deixo cair em vossos corações, para que, ao infiltrar-se neles, venha fecundar o gérmen suave do amor e dos mais nobres e puros sentimentos.

Oh! Vós todos, meus irmãozinhos, vós todos que formais parte dessa pequena assembleia, a vós rogo encarecidamente não desanimardes. Elevai vossa alma, deixai que do íntimo dela se eleve para o Alto a viva chama da fé, e recebereis constantemente as luzes formosas do Consolador.

Fugi, irmãozinhos queridos, das roupagens lentejouladas e dos adereços faiscantes; fugi da soberbia e da vaidade, falsos ídolos de perdição, e percebereis as miragens celestes, e sereis envolvidos constantemente nas diamantinas irradiações do Infinito.

Não abandoneis o pequenino e sacro templo da fraternidade universal, que com tanto custo elevastes, sempre auxiliados por nós.

Não deixeis de cultivar amorosamente a preciosa árvore da caridade, que tão brilhantes frutos

vos tem dado. Frequentemente sois abandonados pelos vossos próprios companheiros, que vos deixam preocupados com os preconceitos materiais. Não importa; os poucos que permanecem aqui, continuem nas santas aspirações. Continuai a unir-vos em nome do Todo Poderoso, para meditardes atentamente nas palavras profundas que ouvís, palavras que são a trama sublime, delicada e refulgente da Verdade.

Deixai, pois, que do íntimo das arcas de vossos corações se transborde generosamente o amor — sol que aquece e ilumina o progresso do mundo, e fazei com que os seus raios venham espalhar-se tanto nos vales floridos quanto nos pântanos... pois se ali matizam encantadoramente as belas folhagens e as corolas das flores, aqui trazem a perfeição e a vida.

Lembraí-vos daquelas sublimes palavras do Divino Mestre que vos dizem: "Tudo quanto fizerdes ao mais pequenino dentre os homens, vossos irmãos, é a mim próprio que o fareis; tudo quanto a eles deixardes de fazer, é a mim que o recusareis." O` meus irmãozinhos, as lágrimas que secardes, as dores que \* aliviardes, serão transmutadas em célicas harmonias, que vos acompanharão infinitamente na escala da Perfeição. "Aquele que não ama, também não vive"; permanece apenas na morte, pois a treva em que se acha envolvido é tão sinistra e tão densa, que já não permite possam ter acesso nela os formosos raios do sol do Amor.

"Quem não amou neste mundo, não viveu", assim no-lo diz Jesus, o Mestre Divino, com aquelas outras suas celestes palavras: "Eu vim para dar vida ao mundo".

Meus irmãozinhos queridos: nada há mais doce, mais suave, mais amplo, grandioso e sublime sobre a Terra, do que o sentimento do amor divino, pois ele tem a sua origem no próprio Deus — manancial perene do santo, excelso e puro amor. Esforçai-vos, pois, para que na pira de vossos corações possa constantemente ser queimado esse puríssimo, sagrado e temo sentimento, sublime chave de ouro que abre as portas do Paraíso aos trabalhadores da santa seara do Senhor."

Cessaram as vibrações. Humberto, é preciso separarmo-nos. Como é triste e pequena a vossa Terra comparada com esta imensidade!

NOTA — Esta é a terceira comunicação desta natureza; mas, como a descrença é grande, nosso diretor espiritual achou conveniente dar uma explicação, que, apesar de muito clara, será escura ainda para muita gente. Mas, não importa; gravado aí fica esse raro acontecimento. Raro, sim, porque julgamos que os fatos antecedentes, as ligações materiais anteriores, muito concorrem para a sua realização. Expliquemos: Alda foi irmã material de nosso redator, e por muito tempo, em espírito, trabalhou em nossas sessões, conforme o jornal "Espirita Cristão" dá testemunho; seu médium era este mesmo de agora; além disso, Alda fazia parte da falange que nos encaminha ainda hoje. Mas... leiam, meditem e procurem compreender as explicações seguintes:

"Paz, meus amigos, vos desejo, eu — Adriano de Mendoza.

Neste momento, desço a èsclárecer-vós a respeito desta manifestação.

Em primeiro lugar, digo-vos: sentimo-nos contentes todas as vezes que guardais nossos preceitos, e as manifestações surtem efeito, sem inconveniente algum:

Dou-vos agora algumas explicações, pois, se bem que na maior parte sois daqueles que têm fé depositada no íntimo, há também cépticos, que estão sempre dispostos a ver em tudo o erro, e duvidam destas manifestações, baseados no fato de que, em outros planetas, a linguagem é diversa da vossa. Profunda verdade, decerto. Cada planeta que gira na imensidade, tem uma linguagem diversa; mas, apesar disso, essa criatura angélica, Alda, transmitiu 'hoje suas impressões!

Certamente, caros amigos, não foi ela quem, diretamente, vos ditou as palavras, seus pensamentos. Foi o Espírito do próprio médium, impulsionado por nós.

Como? Perguntam, talvez. O Espírito do médium, sendo habitante do planeta Terra, pode compreender, para nos transmitir, a linguagem de um habitante de mundo tão diferente do nosso sistema?

Para muitos- é um mistério, mas eu vou esclarecer-vos.

Caros amigos: Sabeis que o Espirito, afastando-se do corpo, já não precisa mais expressar-se em linguagem falada, na linguagem vulgar da Terra, ou seja, dos mundos.

Ao encontrar-se livre do corpo, sua linguagem é o pensamento, linguagem universal de todas as almas. Agora, digo-vos isto: nós sonambulizamos o médium. O seu Espirito nos acompanha. Vamo-nos elevando até às atmosferas mais elevadas que circundam o vosso planeta; de lá, não poderia ele passar, pois assim não o permite o cordão fluidico que o une ao corpo, cordão, que é formado de matéria peculiar ao planeta. Se nós o afastássemos da última atmosfera que rodeia o vosso globo, o cordão se romperia e a vida do médium seria cortada. Portanto, ele fica no último degrau, esperando paciente, acompanhado por nós.

Isto fazemos quando sentimos em nosso intimo as vibrações daquela alma tão pura, encarnada naquele mundo cristalino, tão afastado de nós. Percebemos, por suas vibrações, que ela tem desejo de transmitir suas vontades ou impressões aos seres queridos na Terra. Portanto, pela sincera amizade que nos prende a ela, pelo amor profundo que vos devotamos, descemos junto de vós, e, como vos disse, ela por sua própria força, aproveitando um momento de descanso material (embora seu corpo seja formado de matéria rarefeita, quase fluidica, também precisa de um certo descanso), aproveitando esse instante, atinge a atmosfera mais distanciada do mundo cristalino em que vive. A ela é mais fácil, pois sua matéria é menos densa e mais transparente, mais rarefeita, e pode facilmente dar satisfação à sua vontade; sua alma, quando se acha já no limite que não pode transpor, pois ainda se acha submetida à influência do seu planeta, ali pára e deixa-se ver ao médium. Este, visto achar-se num plano inferior por causa de suas imperfeições, não pode chegar ainda à graduação espiritual daquele ser puro e radioso. Apesar dessa diferença, ela se deixa ver, e ele a percebe, pois já se conheceram aqui na Terra; sentem-se, portanto, atraídos e ligados. Então, ela, que já naquele momento não obedece às influências do planeta, expõe suas impressões e pensamentos, usando a linguagem das almas — o pensamento. O médium, como já vos disse, encontra-se num plano diverso; entretanto, está nas mesmas condições momentâneas que ela; compreende sua linguagem e transmite as vibrações de seu cérebro, que descem pelo cérebro do médium, traduzidas em palavras de sua linguagem, pois que o cérebro do médium se encontra adequado à influência do planeta. Se eles se encontrassem noutro planeta, o seu órgão vocal se expressaria de acordo com a linguagem daquele planeta.

Tudo se explica facilmente.

Os cépticos, que se julgam ainda bastante sábios para não aceitarem coisa alguma que não esteja de acordo com os seus falsos sistemas, esses poderão permanecer na descrença. Eu procurei convencê-los; se não o consegui, pior para eles, que, apesar da luz, querem voluntariamente permanecer cegos ao sol esplêndido e formoso da Verdade.

Eis tudo, meus caros amigos; agora podeis retirar-vos aos vossos lares, 'satisfeitos, pois fizestes o vosso dever. Que tudo quanto aqui se passou possa ficar gravado em vossas consciências, para que vos sirva de estímulo, na avançada pela senda do Progresso."

## IV

(O médium monologando):

Oh, delícia! Oh, essas atmosferas não têm mais ar! Que transparência! Oh! quanta luz! Que aglomeração de mundos! Não vejo mais a Terra!... Como está pequenina, como está longe! Oh! é ela, a estrela! Já conheço essas vibrações, sim!"

Começa a mensagem:

"Luz e progresso, paz e amor, é quanto a todos desejo, meus irmãozinhos queridos, eu — Alda, Meu irmãozinho que ainda te encontras no triste exílio de expiação não podes abandonar a senda santa. Tudo fantasia!... dizem os cépticos, tudo engano! Tudo falsidade! O\* irmãozinho, que te importam os preconceitos, tristemente infundados?"

Fantasia! Jamais! Tudo é força do pensamento.

Tudo mentira! Nunca! A mentira seria verdade.

Sempre avançando, meu irmãozinho, sem te preocupares com os preconceitos de tantos cépticos e materialistas, que tão longe se acham das atmosferas do "cristalino" onde me encontro.

Eu que venho, qual outrora, compartilhar contigo do amado ambiente, quanta saudade, quanta alegria na minha alma ao ver, meu irmãozinho, que continuas imperturbavelmente na minha senda. Se assim não fôsse, poderias jamais sentir os ecos dos meus afagos, dos meus entusiasmos, das expansões de minha alma? -

Naquele encontro que tivemos, há vinte séculos, não te lembras do que te disse? -- Sim, tu te lembras; cumpre meu desejo, obedece às minhas palavras, e hás-de ver que não está longe a grande data de nos revermos.

Quão sublime, quão santa é a caridade! Pratica-a sempre, e tua alma se tornará digna de caminhar junto com a minha por esses pãramos do Infinito, onde não chega a malvadez humana, onde as almas todas se amam. com sentimentos indefinidos, todas se fundem na irradiação do Todo Poderoso.

Tu, ainda preso no triste exílio de expiação; eu, também retida no *Cristalino*, porém sem dores, nem provações.

No entanto, embora seja esse mundo um pequeno reflexo do paraíso, sempre espero com ansiedade o feliz momento de nos encontrarmos.

Lembra-te sempre dos meus conselhos, jamais abandones a senda santa.

Adeus, irmãozinho. Adeus? — Não! para almas que tanto se amam o adeus não existe.

Percebo sempre teu pensamento flutuando em volta de mim, formando um ambiente tão belo e suave, que traz à minha alma santas consolações.

Meu pensamento está sempre contigo, e mais de uma vez o terás pressentido. Até breve, irmãozinho. Que a paz divina esteja contigo. Meus irmãos, que o Pai de bondade vos abençoe para que possais sempre trilhar a senda santa da perfeição."

(O médium conclui monologando);

"Oh! some-se, mas eu hei-de esforçar-me para que retorne. Não vou... Coisa horrível, agora. Depois de cascatas de luz, que peso apavorante!"

V

(O médium monologando):

"Oh! sim, que felicidade! O' Irene, eu subo, subo convosco, sempre com prazer; em baixo, em baixo sempre atração. Irene!

Ah! o mundo! Que esplêndido! Que coisa maravilhosa! Ah! diverso de outra vez! Parece que ele se aproxima. Como é belo; eu sei, meu protetor. Que coisa maravilhosa! Que luz tão brilhante! Parece formada pelo cristal. Mas, desta vez, são duas! Uma não conheço. Outra, sim, é ela. E aquela não posso precisar se conheço desta vida de sonho, ou se conheço daquele sonho da vida material. .. Ah! sim, eu transmito, já que assim o quereis . "

Começa a mensagem:

"Luz, progresso, paz e amor é quanto a todos desejo, irmãozinhos queridos, eu, **Alda**.

Meu irmãozinho Amauri: Tua alma se impressionou pelo conhecimento daquelas duas existências, naquelas eras remotas. Mas, essa impressão, meu irmãozinho, deve ser uma impressão agradável, pois que tua alma já evoluiu bastante para tirar proveito desta existência atual.

Se não fôsse a evolução que tanto almejas, não terias tido conhecimento daquelas existências passadas. Esse conhecimento vem a ser justa recompensa aos esforços que fizeste para te regenerares e, ao mesmo tempo, foi permitido, pelo Todo Poderoso, que assim te fôssem dadas as memórias do que ambos passámos, naquelas afastadas existências, para que te sirvam de estímulo em prosseguir, sempre firme nos propósitos de terminares dignamente a tua atual missão.

Conseguirás, sim, irmãozinho, pois, eu, destas atmosferas brilhantes que envolvem este mundo de cristal, irradio constantemente, sobre ti, forças de minha própria alma, que bem sabes quanto ie ama, quanto é atraída por ti. Não abandones esta senda na qual tanta luz te foi dada. Nela recebeste, querido irmãozinho, o batismo da graça que te devia fazer digno de te conservares firme sempre no teu posto. E jamais me separarei de ti!

Agora, a imensidade nos separa; mas não totalmente, pois eu constantemente sinto perturbadas as ondas radiosas que me envolvem, perturbadas, sim, irmãozinho, pela força do teu próprio pensamento.

Constantemente também irradio vibrações de harmoniosa simpatia sobre ti, meu irmãozinho tão querido, para que jamais te esqueças de mim.

Esforça-te em seguir sempre avante, pela senda na qual o Todo Poderoso permitiu que, um dia, nos pudéssemos encontrar.

Que te importam os preconceitos dos cépticos e materialistas, desses que fazem escárnio da tua crença? Que importa isso, se sabes que conservas no teu íntimo um tesouro valioso, sublime e grande, que é o amor desta que por ti vela deste mundo cristalino e superior?

Paz a todos, irmãozinhos bem-amados, paz a ti, irmãozinho Amauri.

Que o Todo Poderoso, em sua misericórdia, derrame suas graças sobre ti."

NOTA — A outra a que o médium se refere, é Marta de Calatrava, personagem das "Memórias de uma Alma", que também deu sua comunicação na mesma noite.

## Um recado do outro mundo

Até há bem pouco tempo, recebíamos comunicações de outro planeta, por intermédio do nosso médium, em estado sonambúlico; agora, porém, recebemos recados escritos por intermédio do nosso anjinho Darcília. Eis um deles:

"Papaizinho, sabe? Venho de lá, das atmosferas mais elevadas, onde minha mestra invocou aquela alma tão angélica, que foi sua antiga discípula e é minha amiguinha querida.

Sabe o papaizinho a mensagem que ela me deu? Pois é esta:

O papaizinho amará sempre a Jesus, o Mestre Divino, da mesma forma que ela o amou e ainda o ama. Disse para o papaizinho lembrar-se d'Ele, sempre com santo amor.

Disse mais, ainda, que, quando as suas memórias estiverem concluídas e forem dadas a conhecer à pobre Humanidade, o papaizinho deve celebrar uma sessão festiva. Então, ela, com a permissão de Deus, se desprenderá um pouco daquele mundo, para se aproximar do papaizinho, embora instantaneamente, para te proporcionar um pequeno conforto.

O recadinho está dado; já cumpri o prometido. Ah! papaizinho, quanto ela é formosa e brilhante! Adeusinho. — *Dar cila*. (Este recado é de Alda, ou seja — Lídia)-"

Estas comunicações são transcritas do jornal "O Espírita Cristão".

Irene e Humberto foram nossos companheiros de trabalho: e, agora, já do Alto, estão sempre a auxiliar-nos.

\*

# \*

Esperar por um ente querido vinte séculos é quase inacreditável! E esperar porquê? Porque essa alma andou divagando por este mundo de provações, sem saber que alguém a esperava. .. E' claro que, se soubesse, procuraria portar-se melhor, caminhando sempre pela boa senda, para encurtar a viagem, aproximando-se mais depressa daquela que, resignadamente, aguarda o dia tão almejado de uma união na Eternidade!

Agora, Alda, não tens muito a esperar. Bem sei que a minha viagem já está determinada. E com que satisfação eu partirei, sabendo que os meus sessenta e quatro anos de idade, de lutas e reveses incessantes, atenuaram um pouco as minhas faltas, saldaram muitas das minhas contas!

Uma dúvida, porém, me assalta. Será que estarei, de fato, bem limpo para aproximar-me de um

anjo de radiante pureza?

Há vinte séculos, encarnado em Virgílio, eu já trabalhava em prol do Cristianismo, do qual fui vítima juntamente com Lídia. Agora, já no fim da minha existência terrena, vim confirmar a minha crença de espírita cristão. Que continuidade interessante! Mas... não se pense que tenho seguido à risca as pegadas luminosas do nosso Mestre Divino... Quão longe estou de merecer o nome de espírita! A doutrina espírita é de uma pureza tal, exige tantos requisitos essenciais, que poucos se podem dizer espíritas, e poucos serão os que se animam a *mudar de crenças*, com receio de perder as regalias das coisas materiais! O Espiritismo é muito difícil de praticar, tal qual deve ser praticado; requer muito estudo, muita perseverança, muita fé e muita... HONESTIDADE.

O Espiritismo alastra-se de maneira prodigiosa; mas... de que forma? Não sou leigo, de todo; estudo-o praticamente há quase dois lustros, e... não sei nada! Imagine-se agora... o que vai por esse mundo fora! Os Centros se multiplicam diària- mente; já está difícil a escolha dos nomes, mas os *doutos* não se animam a tomar a direção deles.

Como deixar as propinas dos negócios ou da... política, que é atualmente o espírito dominante do Brasil e do mundo? Os humildes, os leigos, os ignorantes são forçados a arcar com um peso superior às suas forças. Faço parte destes, mas a minha bagagem aí fica. Se o produto dos meus esforços não foi muito brilhante, valha-me a boa intenção, que nunca me faltou.

Fui italiano no tempo de Nero; francês, na época de Jeanne d'Arc; espanhol numa das encarnações de Zoráida. Quem mais teria sido? Ignoro! Sei, apenas, que sempre acreditei em Deus, em Jesus, na imortalidade da alma, e, portanto, no Espiritismo, que é reflexo luminoso e imperecível dessa maravilhosa Trindade!

Estudem, meus irmãos, estudem sempre, aprofundem o seu saber na ciência espírita, não tanto pela leitura, mas pela prática, que é o melhor mestre, para que não sintam as dificuldades que a minha ignorância tem encontrado.

Ammri Fonseca